

a Peculiar Tristeza Guardada num Bolo de Limão

Aimee Bender

ROSE EDELSTEIN
TEM UM TALENTO INCOMUM:
ELA SENTE O SABOR
DOS SENTIMENTOS DAS PESSOAS
QUE PREPARAM SUA COMIDA





Copyright

Esta obra foi postada pela equipe [Le Livros](http://LeLivros.com) para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura a àqueles que não podem comprá-la. Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade são marcas da distribuição, portanto distribua este livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras. Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nosso site:

[Le Livros](http://LeLivros.com)

<http://LeLivros.com>



Ficha Técnica

Copyright © 2013, Aimee Bender

Tradução para a língua portuguesa: Copyright © 2013, Texto Editores Ltda.

Título original: The Particular Sadness of Lemon Cake

Diretor editorial: Pascoal Soto

Editora executiva: Tainã Bispo

Editora assistente: Ana Carolina Gasonato

Produção editorial: Fernanda S. Ohosaku, Renata Alves e Maitê Zickuhr

Coordenação externa: Taís Gasparetti

Tradução: Paulo Polzonoff

Preparação de textos: Danielle Freddo

Revisão de textos: Bete Abreu e Taís Gasparetti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bender, Aimee

A peculiar tristeza guardada num bolo de limão / Aimee Bender; tradução de Paulo Polzonoff. – São Paulo : LeYa, 2013.

ISBN 9788580447866

Título original: The Particular Sadness of Lemon Cake

1. Literatura americana - Romance I. Título II. Polzonoff, Paulo

13-0207 CDD 813

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura americana - Romance 813

2013

Todos os direitos desta edição reservados a

TEXTO EDITORES LTDA

[Uma editora do Grupo Leya]

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 — Pacaembu — São Paulo — SP — Brasil

www.leya.com.br

Para Mir

Comidas são todas aquelas substâncias que, submetidas à ação do estômago, podem ser degustadas ou transformadas em vida pela digestão, e que podem, assim, reparar as perdas que os seres humanos sofrem ao longo do ato de viverem.

(A fisiologia do gosto, Brillat-Savarin)

Aconteceu pela primeira vez numa terça-feira à tarde, num dia quente de primavera, nos campos próximos a Hollywood, com uma brisa leve soprando a leste, vinda do oceano e agitando as pétalas com olhos negros dos amores-perfeitos recém-plantados em nossas floreiras.

Minha mãe estava em casa, assando um bolo para mim, quando surgiu correndo pela calçada. Ela abriu a porta da frente antes que eu pudesse bater.

– Que tal uma aulinha? – perguntou ela, encostando-se no batente da porta. Ela me puxou para me dar um abraço de boas-vindas, me apertando forte ao encontro de um de seus aventais que era o meu preferido, o de algodão cru enfeitado com desenhos de ramos de cerejas vermelhas entrelaçados.

No balcão da cozinha, ela já havia organizado todos os ingredientes: um pacote de farinha, a caixa de açúcar, dois ovos marrons que se apoiavam na ranhura entre os azulejos. Uma barra amarela de manteiga começava a derreter nas beiradas. Uma tigela rasa de vidro com raspas de limão. Eu passeei pela fileira de ingredientes. Era a semana do meu nono aniversário, e tinha sido um dia longo na escola, cheio de aulas discursivas – o que eu odiava – e gritos no pátio sobre placares. A cozinha iluminada pelo sol e minha mãe de olhos cálidos eram braços abertos de boas-vindas. Enfieei um dedo no saquinho com cristais de açúcar mascavo e murmurei: “Sim, por favor, sim”.

Ela disse que tínhamos cerca de uma hora para prepararmos tudo, por isso peguei logo uma folha do meu caderno.

– Posso ajudar? – pedi, espalhando lápis e folhas de papel sobre o piso de vinil.

– Não – respondeu mamãe, misturando a farinha e o fermento.

• • •

Meu aniversário é em março, e naquele ano caiu durante uma semana de primavera especialmente ensolarada, animada e tranquila nas ruas residenciais estreitas onde morávamos, a uns poucos quarteirões ao sul da Sunset. O jasmim, cujas flores se abriam à noite e que trepava no portão da frente do nosso vizinho, exalava seu perfume inebriante ao anoitecer e, ao norte, as colinas se amontoavam elegantemente sobre o horizonte, as casas espalhadas pelas encostas. Em pouco tempo o horário de verão começaria e, até mesmo quando fossem quase nove horas, eu associava meu aniversário com o primeiro sinal do verão, com a sensação das salas de aula com as janelas todas abertas e roupas leves e, dali a poucos meses, nada de lições de casa. Meu cabelo ficava mais claro na primavera, de castanho-claro para quase loiro, parecido com a cor das pontas do rabo de cavalo de minha mãe. Nos jardins da vizinhança, os agapantos começavam a pôr para fora seus caules compridos e verdes e a se abrir em tons de azul e roxo-claro.

Mamãe estava mexendo os ovos e, logo em seguida, passou a peneirar a farinha. Ela havia preparado uma tigela de cobertura de chocolate, que deixara ao lado, e outra com granulados coloridos.

Fazer bolo difícil como esse não era trabalho para uma tarde comum; minha mãe não cozinhava com tanta frequência, mas sempre gostou muito de qualquer coisa tátil, e esse bolo era apenas uma, numa longa e recente linhagem de experiências com atividades manuais. Nos últimos seis meses, ela cultivou

morangos, fez guardanapos de crochê com pontos tradicionais e, num surto de motivação, instalou uma porta de carvalho no quarto do meu irmão, com a ajuda de um pedreiro. Ela trabalhava como auxiliar administrativa num escritório, mas não gostava de copiadoras, sapatos de salto alto e computadores. Então, quando meu pai terminou de pagar o empréstimo que tomara para concluir a faculdade de Direito, ela lhe perguntou se podia tirar umas férias para aprender a fazer algo com as mãos.

– Minhas mãos... – ela lhe disse no corredor, apertando seu corpo contra o dele. – Minhas mãos nunca tiveram aula de nada.

– De nada? – ele perguntou, segurando aquelas mãos com força.

Ela riu baixinho.

– Nada *prático* – disse.

Eles estavam bem no meio do caminho, no corredor, enquanto eu corria de um cômodo para outro com um leopardo de plástico.

– Licença – eu disse.

Ele sentiu o perfume doce dos cabelos espessos dela. Meu pai geralmente concordava com os pedidos dela porque, gravada na sua postura ereta e séria, estava a palavra “provedor”, e ele a amava do mesmo modo que o coração de um admirador de aves dispara quando ouve o canto do colhereiro-rosa, uma ave de penas rosadas, com seu piado alegre vindo do mangue. “Confere”, diria o admirador de pássaros.

– Claro – disse meu pai, batendo com uma das mãos cheia de cartas nas costas dela.

– Arrá! – disse o leopardo, voltando para a toca.

* * *

Na mesa da cozinha, eu folheava meu caderno e me deleitava com os estalidos do forno aquecido. Se eu sentia alguma coisa errada, era só algo como o sol se escondendo rapidamente atrás de uma nuvem para brilhar intensamente depois de alguns segundos. Eu sabia vagamente que meus pais haviam brigado na noite anterior, mas pais brigam o tempo todo, em casa e na TV. Além disso, eu ainda estava ocupada me lembrando do péssimo convite do almoço, feito por Eddie Oakley, aquele com sardas e que nunca convidava direito. Li as palavras do meu caderno de ortografia: dom, dobra, nó; fazer estrela, carrinho de mão, dar pinote. No balcão, mamãe despejava a massa amarela grossa numa assadeira untada e alisava a parte de cima com uma espátula de plástico. Depois, verificou a temperatura do forno e tirou uma mecha de cabelo suado que lhe caía sobre a testa com o ossinho do pulso.

– Aqui vamos nós – disse, colocando a assadeira dentro do forno.

Quando levantei os olhos, ela estava esfregando as pálpebras com os dedos. Ela me jogou um beijo e disse que iria se deitar um pouco.

– Tudo bem – concordei.

Dois passarinhos brigavam do lado de fora. No meu caderno de exercícios, pintei de vermelho os cadarços dos tênis da pessoa que fazia estrela e seu rosto com uma cor alaranjada. Desejei jogar a bola com mais força na quadra para que fosse bem na direção de Eddie Oakley. Desenhei algumas maçãs no carrinho de mão.

A cozinha se encheu com um cheiro de manteiga quente, açúcar, limão e ovos. Às cinco, o *timer* apitou e eu tirei o bolo do forno e o coloquei em cima do fogão. A casa estava quieta. A tigela de cobertura estava bem ali, em cima do balcão, pronta para ser usada. Os bolos ficam melhores quando cobertos logo que saem do forno, e eu realmente não conseguia esperar, por isso virei a assadeira de lado, procurei pela parte menos óbvia e peguei um pedacinho quente e macio, de um amarelo intenso. Cobri-o inteiro com chocolate e coloquei tudo de uma só vez na minha boca.

Depois que a minha mãe pediu demissão, ela passou aqueles seis meses embelezando a casa. Cada semana era um projeto diferente. Primeiro, ela plantou os morangos no jardim dos fundos, prendendo os ramos na cerca até que os frutinhos vermelhos surgiram, formando fileiras onduladas. E então se encolheu no sofá com pilhas de rendas antigas, escolhendo sua melhor toalha para colocar na mesa, sob uma tigela de morangos recém-colhidos. Depois ela fez um creme para derramar sobre os morangos colhidos e juntou tudo na vasilha de cerâmica que havia feito na faculdade. Era uma tigela vermelha e branca, delicada e elegante, mas mamãe sempre recebia mal os elogios. Depois que a produção de morangos diminuiu, no outono, ela queria fazer algo mais rude, por isso chamou uma amiga que conhecia um pedreiro e o contratou sob a premissa de que poderia ajudá-lo enquanto eles instalavam uma porta lateral no quarto do meu irmão, para quando quisesse ir para a rua.

– Mas ele odeia sair! – eu disse, seguindo-os até o quarto de Joseph, onde tirariam as medidas para a porta. – Por que eu não posso ter uma porta?

– Você é nova demais para ter uma porta – disse mamãe.

Meu irmão segurava sua mochila na altura do peito, observando, e concordou com um ligeiro sinal quando mamãe lhe perguntou se ali estava bom.

– Quanto tempo isso vai demorar? – perguntou.

– Só vamos trabalhar nisso enquanto você estiver na escola – disse mamãe, pegando uma folha de caderno com uma lista de materiais necessários para a obra.

Foram necessárias três semanas de serragem, lixamento, destruição e reforma – minha mãe usando calças *jeans*, seu rabo de cavalo escondido sob o colarinho de sua blusa e o pedreiro dando longas explicações sobre como tirar as medidas. Joseph dormiu sob um cobertor adicional enquanto a parede permanecia aberta, já que ele preferia dormir na sua própria cama. Eles trabalharam dia após dia, até que a peça de madeira foi finalmente encaixada, a janelinha no alto, instalada e a maçaneta, fixada. Cortininhas vermelhas e animadas pendiam semiabertas nas laterais. Mamãe mostrou a porta para Joseph assim que voltamos da escola.

– *Tchanan!* – disse, puxando-o pela cintura e se curvando.

Ele pôs a mão na maçaneta, saiu pela porta e depois deu a volta, entrando em casa pela porta da frente e seguindo até a cozinha para comer seu cereal.

– Parece boa! – gritou ele da cozinha.

Mamãe e eu abrimos e fechamos a porta umas cinquenta vezes, trancando-a e fechando as cortinas; destrancando-a e abrindo as cortinas. Quando papai chegou em casa, na hora de sempre e com seus 1,82 metro quase o obrigando a abaixar a cabeça quando passava pelas portas, ele fez algumas ligações no quarto e, quando mamãe o chamou para ver a obra final, ele disse que havia ficado legal, muito benfeita, e depois cruzou os braços.

– O quê? – perguntou mamãe.

– Nada.

– Tem uma fechadura – eu disse, apontando.

– Que engraçado – disse papai, coçando o nariz. – Todo esse trabalho para

uma porta num quarto que apenas um de nós usa.

– Você pode usá-la – disse Joseph, da cozinha.

– No caso de um incêndio – eu disse.

– Nós lixamos tanto – contou mamãe, passando os dedos pelos calos recém-criados nas palmas de suas mãos.

– Muito delicada – disse papai, tocando a cortina.

Depois do jantar, enquanto papai concluía o restante do seu trabalho no quarto, mamãe se deitou no tapete da sala de estar, diante da lareira de tijolos vermelhos e, apesar de ainda estar quente lá fora, quase vinte graus, ela acendeu o fogo usando um velho pedaço de lenha que encontrara na garagem.

– Venha se sentar, Rose – ela me chamou.

E ficamos ali, juntinhas, sem conseguir tirar os olhos das chamas crepitantes que queimavam a lenha, reduzindo-a a cinzas. Eu tive pesadelos naquela noite, porque dizem que é mais comum ter pesadelos quando a casa está quente demais. Sonhei que estávamos mergulhando em rios congelados.

* * *

Meu bolo de aniversário foi o último projeto da mamãe porque não era feito de uma mistura de caixinha, e sim do zero – a farinha, o fermento e com sabor de limão, porque eu havia pedido isso ao completar oito anos, quando já havia desenvolvido certa predileção pela acidez. Procuramos juntas em vários livros de receitas até que encontrássemos o bolo certo, o cheiro na cozinha insuportavelmente agradável. Só para deixar claro: o pedaço que comi estava delicioso. A massa quentinha, leve e cítrica, envolta numa camada espessa de chocolate.

Mas lá fora escurecia e, enquanto eu saboreava aquele primeiro pedaço, quando aquela primeira impressão desapareceu, senti uma mudança sutil por dentro, uma reação inesperada. Foi como se um sensor, instalado bem no fundo, dentro de mim, erguesse sua antena para vasculhar ao redor, chamando a atenção da minha boca para alguma coisa nova. Porque a qualidade dos ingredientes – o bom chocolate e os limões frescos – parecia cobrir algo maior e mais sombrio, e o sabor do que estava escondido estava começando a sobressair naquele pedaço. Eu podia sentir claramente o sabor do chocolate, mas nos recantos da boca, e, como se estivesse se expandindo e abrindo, parecia que ela também se enchia com o sabor da pequenez, da sensação de encolhimento, de irritação, um sabor de distanciamento que eu de algum modo sabia que estava ligado à minha mãe. Era um sabor confuso do raciocínio dela, em espiral, quase como se eu pudesse sentir o sabor do ranger de seus dentes que dava origem à enxaqueca que a obrigava a tomar tantas aspirinas quantas fossem necessárias, todo um estoque de aspirinas no criado-mudo, como algo que faltasse no que ela dissera: “Vou só me deitar um pouco...”. Não era um gosto ruim, mas havia uma espécie de ausência da perfeição dos sabores, o que fazia com que o bolo parecesse oco, como se o limão e o chocolate estivessem apenas envolvendo o vazio. As mãos habilidosas de minha mãe fizeram o bolo e sua mente soubera como equilibrar os ingredientes, mas ela não estava lá, quero dizer, no bolo. Isso me assustou tanto que eu peguei uma faca de uma gaveta e cortei uma grande fatia, estragando o formato redondo, porque eu tinha de provar novamente

aquele segundo pedaço. Coloquei-o, então, num prato com flores rosas e peguei um guardanapo do porta-guardanapos. Meu coração batia acelerado. Eddie Oakley virou um probleminha desprezível. Eu esperava que tivesse imaginado tudo aquilo – “talvez fosse um limão estragado ou o açúcar estivesse velho demais” –, mas eu sabia, por mais que pensasse o contrário, que o que eu havia saboreado não tinha nada a ver com os ingredientes. Acendi a luz e levei o prato para o outro cômodo, até minha poltrona preferida, aquela com uma estampa de listras alaranjadas, e a cada pedaço eu pensava “hummm, tão bom, o melhor, hummm”, mas em cada pedaço: ausência, desejo, confusão, vazios. Esse bolo que minha mãe assara só para mim, sua filha, a quem ela amava tanto, por quem eu a via cerrar os punhos para segurar o choro quando, às vezes, eu voltava da escola, e a quem ela abraçava como se o abraço fosse pouco em comparação ao que ela queria me dar.

Comi a fatia toda, desesperada para provar a mim mesma que eu estava errada.

* * *

Quando mamãe levantou, depois das seis, ela entrou na cozinha, viu o pedaço faltando no bolo e me encontrou caída aos pés da poltrona de listras alaranjadas. Ela se ajoelhou e, com carinho, afastou uma mecha de cabelo que caía sobre a minha testa.

– Rose – disse ela. – Querida, você está bem?

Abri um pouco os olhos, sentindo as pálpebras mais pesadas, como se existissem pesinhos de chumbo, daqueles de pescar, presos a cada cílio.

– Eu comi uma fatia do bolo – eu disse.

Ela sorriu para mim. Eu ainda podia perceber a enxaqueca nela, pulsando em sua sobrancelha esquerda, mas o sorriso era sincero.

– Tudo bem – disse ela, esfregando a parte de baixo dos olhos. – Como é que ficou?

– Bom – eu disse, mas minha voz era hesitante.

Ela foi até a cozinha, pegou um pedaço e se sentou ao meu lado, no chão, cruzando as pernas. Seu rosto estava todo marcado pela soneca.

– Hummm – disse ela, comendo um pedacinho. – Você acha que está doce demais?

Eu podia sentir a montanha crescendo em minha garganta, uma dor se espalhando por todo o meu pescoço.

– O que está havendo, meu amor? – ela perguntou.

– Não sei.

– Joe já voltou da escola?

– Ainda não.

– O que há de errado? Você está chorando? Aconteceu alguma coisa na escola?

– Você e o papai brigaram?

– Na verdade, não – disse ela, limpando a boca com o guardanapo. – Foi só uma discussão. Você não precisa se preocupar com isso.

– Você está bem? – perguntei.

– Eu?

– Está? – perguntei, sentando melhor.

Ela deu de ombros.

– Claro – disse. – Eu só precisava de um cochilo. Por quê?

Fiz que não com a cabeça.

– Eu achei...

Ela arregalou os olhos, me encorajando.

– ...Tem sabor de *vazio* – eu disse.

– O bolo? – perguntou ela, rindo um pouco, surpresa. – Está tão ruim assim? Será que eu esqueci algum ingrediente?

– Não – eu disse. – Não está ruim. É como se você estivesse distante. Você está se sentindo bem?

Eu continuava balançando a cabeça. As palavras, palavras estúpidas, não faziam sentido.

– Eu estou aqui – disse ela, alegremente. – E estou bem. Mais alguma coisa?

Ela me estendeu o garfo todo cheio de alegria e chocolate, mas era impossível comer aquilo. Eu engoli e, com esforço, o pedaço conseguiu contornar a montanha que eu sentia na garganta.

– Acho que eu não deveria ter comido o bolo antes do jantar – eu disse.

Foi só então – e somente por um segundo – que ela me olhou com estranheza.

– Você é uma criança curiosa – disse. Ela limpou os dedos no guardanapo e se pôs em pé. – Bem, que tal começarmos?

– O jantar? – perguntei.

– Frango – disse ela, consultando o relógio. – Já está tarde!

Eu a segui até a cozinha. Joseph chegou cerca de dez minutos mais tarde, o estrondo de sua mochila batendo no chão era como se fosse uma bigorna caindo do telhado. Ele estava vermelho por causa da caminhada de volta para casa, olhos acinzentados, cabelos escuros molhados de suor e a vermelhidão no seu rosto e o brilho em seus olhos faziam com que parecesse que ele queria nos contar tudo sobre o seu dia, as piadas, brincadeiras e zombarias. Em vez disso, ele lavou as mãos na pia da cozinha, em silêncio. Joseph parecia usar o ar ao seu redor como um disfarce.

Mamãe o abraçou como se ele estivesse ausente por um ano, recebendo de volta uns tapinhas no ombro como se ela fosse um cachorrinho. Juntos, nós três cortamos os ingredientes e limpamos, enquanto mamãe preparava peito de frango à milanesa com ervilhas e arroz. Joseph borrifou água sanitária diluída sobre a tábua de corte na pia. O óleo estalava na frigideira. Tentei me obrigar a pensar na escola, mas a ansiedade se apoderou de mim em meio aos preparos para o jantar. Enquanto observava minha mãe passar o frango na farinha de rosca, pensava: “E se aquele gosto estiver no frango também? E no arroz?”.

Às seis e quarenta e cinco, meu pai estacionou seu carro. Ele abriu a porta, todo alegre, gritando “cheguei!” como sempre fazia. Ele gritou isso para a sala vazia. No fim do dia, seu cabelo, escuro e espesso, estava todo despenteado, como se tivesse absorvido o impacto de todos os problemas profissionais que ele tinha em suas mãos.

Ele parou na porta da cozinha, mas todos nós estávamos ocupados demais para cumprimentá-lo.

– Vejam só o trabalho em equipe! – ele disse.

– Oi, papai – eu disse, acenando-lhe com a faca. Ele sempre parecia um convidado para mim. – Seja bem-vindo em casa.

– É bom estar em casa – ele disse.

Mamãe tirou os olhos da frigideira e fez que sim com a cabeça. Parecia que papai estava querendo entrar e beijá-la, mas não tinha certeza se isso daria certo, por isso apenas largou sua pasta contra a parede do armário, desapareceu pelo corredor para se trocar e se juntou a nós quando nos sentamos ao redor da comida fumegante, já nas travessas e tigelas. Joseph começou se servindo e, bem devagar, eu coloquei tudo no meu prato, em porções iguais. Metade de um peito de frango. Sete ervilhas. Duas colheradas de arroz.

Lá fora já estava escuro. Na rua, os postes zuniam com suas lâmpadas fluorescentes ligeiramente azuladas.

O sabor do jantar estava um pouco melhor do que o do bolo, mas não muito. Eu me encolhi na cadeira. Retorci a boca.

– O que houve? – perguntou mamãe.

– Não sei – respondi, tomando cuidado para não magoá-la. – O frango está esquisito.

Mamãe mastigou pensativamente.

– A farinha de rosca? – perguntou. – Será que eu botei alecrim demais?

– Ah, está ótimo – disse Joseph, que comia sem tirar os olhos do prato para que ninguém pudesse fazer contato visual e realmente conversar com ele.

Enquanto comíamos, meu irmão falou um pouco sobre o programa extracurricular de Astronomia da escola e como um cosmólogo da Universidade da Califórnia em breve os visitaria para explicar a aceleração do Universo.

– Agora mesmo – disse Joseph – ele está ficando cada vez mais rápido.

Ele indicou isso com seu garfo e um grão de arroz voou por sobre a mesa. Papai contou uma história sobre o cachorro da secretária. Mamãe cortou seu frango em pedaços.

Depois do jantar, ela trouxe o bolo finalizado, já com a cobertura, e semifatiado, num prato amarelo de porcelana, e fez um pouco de floreio com as mãos.

– A sobremesa! – disse.

Joseph bateu palmas e papai murmurou alguma coisa. E eu, como não sabia o que fazer, me obriguei a comer outra fatia, limpando minhas lágrimas com o guardanapo.

– Desculpe – disse. – Desculpe. Será que estou doente?

Eu observei os pratos de cada um deles cuidadosamente, mas a fatia do papai desaparecera como um raio e até mesmo Joseph, que nunca gostou muito de comida e sempre falava que seu sonho era que houvesse um comprimido para o café da manhã, outro para o almoço e outro para o jantar, disse que mamãe deveria se inscrever num concurso ou coisa parecida.

– Você é a única pessoa que eu conheço que consegue fazer portas e assar bolos e organizar os arquivos do computador – disse, levantando os olhos por uns

dois segundos.

– A Rose achou que eu esqueci alguma coisa – disse mamãe.

– Eu não disse isso – respondi, segurando com força meu prato e sentindo o bolo viscoso e ruim na minha boca.

– De jeito nenhum – disse Joe. – Está perfeito.

– Obrigada – disse mamãe, um pouco envergonhada.

– Todos sentimos os sabores de um jeito diferente, querida – disse ela, acariciando meus cabelos.

– Não foi isso o que eu quis dizer – eu disse. – Mamãe...

– De qualquer modo, este será o último bolo durante algum tempo. Vou começar num trabalho de meio período amanhã – disse mamãe. – Numa marcenaria em Silver Lake.

– É a primeira vez que ouço isso – disse papai, limpando a boca. – O que você vai consertar, mais portas?

– Eu disse marcenaria – respondeu mamãe. – Não pau para toda a obra. Vou criar mesas e cadeiras.

– Vocês me dão licença? – pedi.

– Claro. Vou vê-la num minuto – disse mamãe.

Tomei um banho e fui para a cama. Senti a aproximação dela mais tarde, quando já estava cochilando. Ela em pé, ao lado da minha cama. A sensação do vulto de uma pessoa quando se está de olhos fechados.

– Bons sonhos, Rose, meu amor – ela sussurrou.

Eu me apeguei a essas palavras como se elas fossem uma linha de ouro que eu podia seguir na escuridão. Segurando-as com força, dormi.

Minha família morava num dos muitos bairros centrais de Los Angeles, a quinze minutos de várias autoestradas que se entrecruzavam e espremido entre Santa Monica Boulevard e Melrose. Nossa vizinhança, cercada por mercearias russas ao norte e pelas famosas lojas de descontos ao sul, era na maior parte residencial, entre famílias, imigrantes do Leste Europeu e roteiristas que viviam em grandes complexos de apartamentos do outro lado da rua e enfrentavam dificuldades para vender um roteiro. Quando eu caminhava de volta para casa, vindo da escola, via-os em pé nas sacadas, fumando cigarros, e até já sabia quando algum deles havia conseguido trabalho: os caminhões de mudança apareciam. Era isso ou algum deles havia consumido todas as economias.

Nosso quarteirão específico em Willoughby era tranquilo à noite, mas, pela manhã, acordava-se com o zumbido dos aspiradores de folhas, quando os vizinhos se ocupavam com suas máquinas e a limpeza das entradas de suas casas. Eu acordei ao som de um alvoroço matinal na cozinha. Meu pai foi o primeiro a acordar e, às sete e quinze, já estava lavando sua xícara de café na pia da cozinha, espalhando água por todos os lados e cantarolando baixinho. Ele cantarolava músicas que eu jamais ouvira, exalando um entusiasmo matinal que se esgotava e se transformava num simples desejo de assistir à TV quando eu o via novamente, às sete da noite.

Quando ele saía para seu escritório no centro da cidade, sempre dava uma batidinha na buzina. *Bibi!* Ele jamais avisou que faria isso nem nunca perguntou nada sobre isso, mas eu estava esperando, enfiada em minha cama. Quando ouvi a buzina, levantei-me.

– Bom dia.

Meu estômago parecia bem.

* * *

Depois do café da manhã, uma simples e nada ameaçadora barra de cereais, servi um copo d'água para minha mãe e, na ponta dos pés, segui até seu quarto, colocando-o com cuidado sobre o criado-mudo.

– Aqui está – sussurrei.

– Obrigada – ela disse, com olhos semicerrados e os cabelos espalhados num turbilhão espesso sobre o travesseiro.

O quarto tinha um cheiro cálido, de sono profundo e seda. Ela me puxou e me deu um beijo no rosto.

– Seu almoço está na geladeira – murmurou, virando-se para o outro lado.

Sem fazer barulho, saí do quarto. Joseph e eu pegamos nossas coisas e caminhamos em fila indiana de Willoughby até Fairfax. O céu era de um azul bem escuro. Eu chutava pedrinhas enquanto caminhava, pensando que aquela coisa toda da comida do dia anterior não passou de um azar passageiro, e eu tinha um bom dia planejado pela frente, com o estudo dos vaga-lumes e, talvez, um pouco de desenho com giz de cera. Eddie Oakley estava recuperando grande parte do terreno que já ocupava na seção de coisas indignas da minha mente. A manhã já estava esquentando – o noticiário avisara que uma semana surpreendentemente quente de primavera estava a caminho, com temperaturas chegando aos trinta graus.

No ponto do ônibus, ficamos um pouco separados. Eu me mantinha distante

porque era um incômodo para Joseph ter uma espécie de irmã-carrapato, mas, enquanto esperávamos, ele deu alguns passos para trás até que estivesse bem ao meu lado. Eu prendi a respiração.

– Olhe – disse ele, apontando.

No céu, bem longe, um pedacinho da lua pairava sobre uma fileira de árvores.

– Está vendo ali perto? – perguntou ele.

Pisquei os olhos.

– O quê?

– O pontinho à direita – disse ele.

Eu podia ver, se olhasse com muito cuidado: um pontinho de luz, ainda visível no céu da manhã.

– Júpiter – disse ele.

– O grandão? – perguntei e, por um instante, ele não franziu a testa.

– Esse mesmo – disse.

– O que ele está fazendo?

– Só nos visitando – disse. – Só por hoje.

Fiquei olhando para o pontinho até o ônibus chegar, rezando para ele como se fosse um deus e, antes que Joseph se afastasse, segurei-o pela manga para agradecer. Tomei cuidado para tocar numa parte que não fizesse realmente contato com seu braço, para que ele não se livrasse de mim, irritado.

Dentro do ônibus, ele se sentou nas fileiras da frente, enquanto eu me acomodei atrás de uma menina que cantava uma balada *pop* de cabeça baixa. Ao redor, a garotada estourava bolas de chiclete e gritava piadas, mas Joseph se mantinha imóvel, como se tudo aquilo fosse besteira para ele. Meu irmão mais velho. O que eu via em seu perfil era clássico: o nariz reto, olhos fundos, cílios negros e cabelos ondulados castanho-claros. Mamãe certa vez disse que ele era lindo, o que me surpreendeu, porque ele não era lindo, mas, ainda assim, quando eu olhava para o rosto dele, podia ver como cada traço era bem delineado.

Fiquei sentada em silêncio, observando a janela cheia de mariposas esmagadas e procurando por Júpiter enquanto rumávamos para o sul. Atrás de nós, os carros menores passavam zunindo em direção a Fairfax. Num sinal vermelho, eu fiz um sinal de cabeça para uma mulher mais velha que dirigia com bobos nos cabelos. Acenei para um cara numa moto que me respondeu com um sinal de roqueiro. Olhei para Joseph, que estava à minha frente e de costas, querendo lhe mostrar aquilo. Ele lia um livro. Eu me imaginei lhe cantando. Ele riu e olhou.

Chegamos sem incidentes, e eu consegui que quatro pessoas me cumprimentassem de volta. Joseph desceu do ônibus e seguiu rumo à calçada que levava até o ginásio. Eu atravessei o parquinho de piso asfaltado até a terceira série.¹

Problemas de matemática, leitura, brincadeiras no tapete, projeto de arte com desenhos do céu com tinta pastel. Intervalo. Jogo de bola. Dois pontos. Caixinha de leite. História, ortografia. Sinal do almoço.

Passei o intervalo do almoço aos pés do bebedouro, que estava meio entupido com chicletes, bebendo um gole após o outro da água de gosto metálico que passava pelos canos velhos do encanamento construído na década de 1920, enchendo a boca de ferrugem e flúor, tentando tirar o gosto do sanduíche de pasta de amendoim da minha boca.

1 O sistema educacional estadunidense é diferente do brasileiro.

Desde quando ainda era criança, minha mãe dormia até mais tarde porque não dormia bem à noite. Ela havia me contado certa vez, quando lhe levei um copo d'água pela manhã.

– Eu esperava até que me sentisse com sono – disse-me, enquanto eu me acomodava na beirada da cama. – E eu esperava e esperava e esperava, porque queria ver como acontecia, como se o sono fosse a fada dos dentes.

– Não dá para ver o sono chegando – eu disse, girando o copo sobre o descanso de cortiça.

Ela sorriu com os olhos semicerrados.

– Garota esperta – disse.

Eu podia ouvi-la, às vezes, quando acordava para me ajeitar na cama no meio da noite. Às duas da manhã, não era incomum ouvir o interruptor acendendo as luzes da cozinha e o zunido da chaleira esquentando a água. No final do corredor, a luz fraca iluminava debilmente a parede do meu quarto. Os sons eram gostosos – uma lembrança da presença da minha mãe, uma sensação de atividade, mesmo sabendo que, pela manhã, isso significaria uma mãe de aparência cansada, com os olhos perdidos em busca de descanso.

De vez em quando, eu me esgueirava para fora da cama no meio na noite para encontrá-la na poltrona estampada com listras alaranjadas, com uma manta lhe cobrindo os joelhos. Às cinco ou seis da manhã, eu subia em seu colo e ela acariciava meus cabelos, como se eu fosse uma gata. Nunca conversávamos, e eu dormia rapidamente em seus braços, na esperança de que meu peso e meu sono de algum modo lhe dessem sono. Eu sempre acordava na minha cama, por isso nunca fiquei sabendo se ela voltou para seu quarto ou se ficou lá a noite toda, olhando para as dobras das cortinas que cobriam as janelas.

* * *

Moramos nessa casa durante toda a minha vida. Meus pais se conheceram em Berkeley, na faculdade, mas se casaram logo depois da formatura e mudaram-se para Los Angeles, para que o papai completasse o curso de Direito. Minha mãe deu à luz Joseph logo depois que eles compraram e se estabeleceram nesta parte de Willoughby. Ela teve problemas para decidir o que cursaria na faculdade, sem saber ao certo do que gostava, mas escolheu aquela casa rapidamente porque era confortável e toda quadradinha, com telhas vermelhas e um arbusto de buganvília caindo do teto, e lhe pareceu que as janelas da frente, com vidros dispostos em diagonal, criando algo como um diamante, só podiam exibir uma família que fosse feliz.

Papai estudava muito, saía-se bem nas provas e tratava os professores como iguais. Ele escrevia listas de afazeres nas folhas amarelas dos blocos de anotações, listas que serviam para lembrá-lo de *Conversar com a bibliotecária*, *Doar a blusa verde para o mendigo na Rua Jefferson*, *Comprar maçãs*. *Encontrar uma esposa* nunca figurou em qualquer lista visível, mas ele a pediu em casamento antes do que a maioria dos seus colegas, e algo realmente pareceu se confirmar dentro dele depois que se casaram. Ele comprava presentes que combinavam com a decoração e emoldurou a melhor fotografia do casamento deles para colocá-la na entrada da casa, e apesar de *Ter um filho* e *Ter uma filha*

parecesse algo melhor no papel do que todo aquele choro e as trocas de fraldas, meu pai estava contente com aquela estrutura de filho mais velho, filha caçula. O mundo realizara seus sonhos, e ele se acomodou dentro daquilo que haviam construído. Ele voltava do trabalho bastante alegre, mas não sabia ao certo o que fazer com as crianças, por isso nunca nos ensinou a andar de bicicleta ou a usarmos uma luva de beisebol. E por isso nosso crescimento permaneceu apagado nos batentes das portas, ganhamos altura sozinhos, sem prova alguma disso. Ele saía no mesmo horário todas as manhãs e voltava para casa no mesmo horário todas as tardes, e as primeiras lembranças que tenho de minha mãe são dela esperando na porta quando ele estava prestes a chegar, comigo no colo e segurando a mão de Joseph, observando todos os carros que passavam pela rua. Ele nunca se atrasou, mas ela começava seu ritual de observação cedo de qualquer modo. Durante a tarde, quando estava cansada de brincar com as crianças, ela às vezes nos dava uma bola de plástico branca para brincarmos e nos contava histórias de quando éramos bebês. Ela contava principalmente histórias sobre nossos nascimentos. Por algum motivo, papai se recusava a entrar em hospitais, por isso mamãe passou por nossos partos sozinha, enquanto papai esperava do lado de fora, na calçada, sentado num caixote, fingindo ler um livro policial.

– Que sorte a minha – dizia ela, pegando a bola murcha de plástico para si.
– Fui a primeira a conhecer vocês.

Quando papai chegava em casa, ele parava na soleira da porta para abri-la, beijava mamãe, nos beijava, tirava os sapatos e procurava por algo importante em meio à correspondência. Se alguém estivesse chorando, por qualquer motivo, ele pegava um lenço e enxugava nosso rosto, dizendo que o sal era bom para a carne, não para nossos rostos. Depois ele ficava sem ter o que dizer e olhava para as paredes ao redor até que rumava para seu quarto para se trocar. O que meu pai fazia de melhor e mais à vontade era estender aquelas longas horas enquanto mamãe nos dava banho e comida, nos vestia e nos colocava para arrotarmos vendo o mundo por alto, como se ela estivesse na maior das universidades, numa repetição da dificuldade que tivera anos antes para escolher o que cursar. Várias possibilidades a atraíam. Ela gostava de tudo, contou-me certa vez, quando eu ainda era pequena o bastante para que ela me pegasse no colo.

– Eu não sei do que eu gosto! – disse, rindo e beijando-me no nariz. – Você é tão lindinha! Tão lindinha! Você! Você!

* * *

Eu mal conhecia meus outros parentes. Eles ou moravam muito longe ou estavam mortos. Três dos meus quatro avós haviam morrido quando eu tinha uns quatro anos, mas a mãe da minha mãe estava aparentemente saudável como uma atleta olímpica, ainda que ela jamais tenha feito exercícios na vida. Ela vivia no norte, no estado de Washington.

Ela odiava viajar, por isso não nos visitava, mas num sábado à tarde, quando eu tinha oito anos, uma grande caixa marrom chegou até nossa varanda, com VOVÓ em letras maiúsculas escrito como remetente.

– Uma caixa! – eu disse, puxando meus pais até a porta. – É aniversário de alguém?

– Não – disse mamãe, sem se emocionar, empurrando a caixa para dentro de casa com o pé.

Dentro dela, sob várias camadas de isopor, encontrei um pano de prato com meu nome nele. “Para Rose”, ela escrevera, com uma letra comprida e fina, num pedaço de papel preso ao próprio pano. Eu o tirei da caixa e levei-o ao rosto.

– O que é isto? – perguntou papai, jogando os pedaços de isopor no chão e pegando uma xícara de chá lascada com desenhos de margaridas e com um papel preso a ela: “Para Paul”. – A xícara quebrada dela? – perguntou ele.

O presente de Joseph era um conjunto de fronhas azuis e o nome da minha mãe estava preso a um saco plástico cheio de várias embalagens velhas de ruge.

– Ela já está velha – dissera mamãe, passando um pouquinho de ruge nas costas da mão. – Mas ainda consegue chegar até a agência do correio, não é? – perguntou mamãe, largando as embalagens de ruge nos fundos de uma gaveta da cozinha.

A vovó vivia sozinha e provavelmente já havia perdido parte de sua memória, mas ninguém ousava incomodá-la. Papai tirou um punhado de moedas dos bolsos.

– Uau! Vocês não se gostam muito! – disse ele, colocando todas as moedas dentro da xícara, de modo que ninguém jamais a usasse para beber qualquer coisa.

Eu adorei meu pano de prato. Era bicolor e tinha, num dos lados, bordados de rosas roxas sobre um fundo cor de lavanda e, no outro lado, rosas cor de lavanda sobre um fundo roxo. Que lado usar? Uma ilusão de ótica com a qual eu podia secar nossas louças. O pano era macio, gasto e cheirava a sabão em pó.

Como não nos visitava pessoalmente, a vovó ligava uma vez por mês, nas tardes de domingo, e minha mãe nos chamava para perto, colocava o telefone no meio da mesa da cozinha e apertava o botão do viva-voz. A vovó era rude, mas engraçada. Ela gostava de contar sobre seu grupo de Geologia amador. Convidava as pessoas até sua casa para coletarem e classificarem as pedras do jardim e, assim que passavam pela porta, ela pedia que fizessem silêncio.

– Às vezes eu até fecho suas bocas com fita adesiva, quando elas deixam. Uma farra. Você entende, Joseph, não é? – disse vovó.

– Sim – respondeu Joe.

– Nós bebemos muito – disse ela, um pouco desejosa. – E você, Rose? Está aí?

– Oi, vovó – eu respondi.

– Você está quieta demais. Fale.

Fiz um tubo com um dos jogos americanos de vinil.

– Amo você – eu disse pelo tubo.

Fez-se um silêncio. Do outro lado da cozinha, de sua posição como ouvinte no canto mais afastado, mamãe ficou perplexa.

– Amor? – perguntou a vovó pelos buraquinhos escuros do telefone.

– Sim – eu disse.

– Mas você nem me conhece. Como você pode me amar? Isso é algo que eu preciso merecer. Você é grudenta demais. Ela é grudenta demais, Lane – disse vovó.

- Mãe – disse mamãe, tocando nas pontas de seu rabo de cavalo.
- Não sou grudenta – eu disse.
- Ela é extremamente grudenta – disse Joseph. – Que rochas vocês encontraram?
- Como estão as coisas por aí, mãe? Tudo bem? – perguntou mamãe.
- Não, nada bem. Eles estão cancelando minha carteira de motorista. – E em seguida continuou. – Basalto, Joseph. Encontramos muito basalto. Vou lhe enviar um pouco.

Caixas, na semana seguinte. Escuras e opacas. Nós repovoamos o jardim. Quando uma professora pediu que desenhássemos nossos avós numa aula sobre Genealogia, eu tomei conta da lousa e desenhei uma caixa escura e espessa com grades e traços que indicavam a voz que saía dela.

Depois do almoço, minha professora me mandou para a enfermaria.

Estudávamos a natureza nas tardes de quarta-feira. Na terceira série, a natureza era só sobre insetos e eu estava muito empolgada com a aula sobre vaga-lumes, mas meu ânimo mudou drasticamente durante a hora do almoço e, assim que voltamos para a sala de aula, deitei a cabeça na minha mesa. Eu não pretendia fazer isso, mas foi como se alguém tivesse pregado um ímã à minha testa e outro dentro do meu caderno. Foi para lá que minha cabeça teve de ir.

Minha professora interrompeu a lição.

– Agora fechem os olhos e imaginem que vocês são vaga-lumes, voando e piscando na escuridão da noite – pediu.

Então ela se aproximou da minha mesa e se ajoelhou ao meu lado, perguntando se eu estava bem. Eu lhe disse que achava que estava doente, e minha amiga Eliza, que imaginava ser um vaga-lume ao meu lado, abriu um dos olhos para contar que eu havia passado todo o almoço no bebedouro.

– Ela estava com muita, muita, muita sede – sussurrou Eliza.

– Por causa do calor? – perguntou nossa professora.

– Acho que não – eu disse.

Fiquei em pé ao lado da professora enquanto ela escrevia um bilhete com meu nome. Meus colegas de classe abriam os braços como se fossem asas, enquanto eu caminhava pelos corredores vazios, passava por velhos troféus e pinturas de casas, até a porta aberta da enfermaria, onde, segurando a autorização escrita pela professora, fiquei aguardando. Eu nunca havia visitado a enfermaria antes. Eu raramente ficava doente. E nunca fingi.

Lá dentro, sentada atrás de uma mesa de pinho toda desgastada, uma mulher vestindo uma blusa amarela de algodão remexia numa pilha de fichas alaranjadas e rosas. Quando lhe estendi minha autorização, ela permitiu que eu entrasse.

– Só um segundo – ela disse, escrevendo alguma coisa num pedaço de papel.

Eu já havia visto aquela enfermeira antes em eventos na escola, geralmente ajudando alguém com um osso quebrado. Ela era a acompanhante dos ossos quebrados. Ela não usava roupas brancas, mas tinha braços leves e, no pulso, um relógio com pulseira de seda cor de vinho. Depois de acrescentar anotações a duas fichas, ela me lançou um olhar, enquanto eu permanecia sentada numa cadeira. Outra criança doente, entre várias crianças doentes.

– Qual é o seu problema, querida? – perguntou, pegando um termômetro e o chacoalhando.

Fiquei de braços cruzados, pensando.

– Você está com calor?

– Não – eu disse.

– Seu nariz está entupido?

Respirei fundo. A sala tinha um leve cheiro de remédio sabor cereja. Voltei a olhar para seus cotovelos macios e a pulseira cor de vinho do seu relógio. Usei aqueles braços como primeiro sinal de confiança.

– A comida está com um sabor ruim – eu disse.

Aquilo não era exatamente a verdade. Eu havia comido uma maçã

deliciosa durante o almoço. O leite desnatado estava bom. Mas quase tudo o que havia comido antes – o bolo, o frango do jantar, o brownie feito em casa, a ansiedade no sanduíche de pasta de amendoim – havia me deixado com vários graus da mesma e assustadora sensação.

– Ruim como? – perguntou a enfermeira, dando uma olhada no meu corpo.
– Você acha que está gorda?

– Não, oca – respondi.

Ela prendeu um pedaço de papel a uma prancheta.

– Você se sente oca?

– Não eu – respondi, confusa. – A comida. É como se houvesse um buraco na comida.

Comida está com buraco, escreveu ela lentamente no papel. Eu vi quando ela acrescentou um ponto de interrogação. O arco, o traço, o espaço, o ponto.

O ar na enfermaria rareou. Ela mediu a minha temperatura. Fechei os olhos e imaginei que eu era um vaga-lume, voando e piscando na escuridão da noite.

– Normal – disse ela, depois de um minuto, consultando o termômetro. – Então... tem certeza de que você não se acha gorda?

– Não.

– Preocupam-se com isso cada vez mais jovens... – disse ela, como se estivesse insinuando alguma coisa.

– Mas eu como.

Ela escreveu aquilo na prancheta também. *Diz que está comendo*.

– Tome – disse, me dando um copinho com água.

A água supostamente vinha de uma fonte nas montanhas, mas estava guardada no plástico há muitas semanas, por isso era como beber acrílico líquido com um toque de água das montanhas.

– Beba, querida – disse ela.

Fiz que sim. Eu ainda queria, e muito, ser agradável.

E agora, não estava bom?, perguntou ela, limpando o termômetro com um lenço umedecido com álcool.

– Água é importante – eu disse, segurando o copo. – Temos de bebê-la, se não morremos.

– Assim como a comida.

– Eu gosto de comida – eu disse, mais alto.

– Três refeições por dia?

– Sim.

– E você alguma vez se obrigou a vomitar?

– Não.

– Está tomando algum comprimido para ir ao banheiro? – perguntou, com a testa franzida.

Fiz que não com a cabeça. O duto de ventilação zuniu e o ar-condicionado deu um solavanco. Eu podia sentir que as lágrimas começavam a se reunir na minha garganta novamente, mas eu as separei, cada uma longe da outra. Lágrimas só são um perigo quando se juntam.

– Bem – disse ela, com um suspiro. – Então apenas aguarde mais alguns

dias.

Ela pôs a prancheta de lado.

– Só isso?

– Só isso – ela disse, sorrindo.

– Nenhum remédio?

– Não, você parece bem.

– Mas o que é isso? – perguntei.

Ela ajeitou o relógio no pulso e deu de ombros.

– Não sei. Talvez uma alergia...

– À comida?

– ...Ou talvez uma imaginação fértil.

Eu peguei a autorização para voltar à sala de aula. O restante do dia demoraria a passar.

– Apenas descanse um pouco e eu a examinarei novamente daqui a alguns dias – disse a enfermeira, jogando fora o copinho descartável. – Beba muito líquido e acalme-se. Tudo bem com a sua família?

– Minha família? Sim, por quê?

– Só perguntando – ela disse, voltando a se sentar em sua cadeira e colocando um casquinho amarelo-canário sobre os ombros. – É que às vezes essas coisas estão relacionadas.

14
Passei o restante do dia no tapete verde e duro da biblioteca da sala de aula, lendo livros com figuras de animais enfrentando problemas. Uma tarde desperdiçada. Eddie e Eliza se aproximaram com olhos curiosos para verem se eu queria jogar bola depois da escola, mas eu lhes disse que não estava me sentindo bem.

– Vocês não vão querer pegar isso – eu disse, tossindo um pouco no rosto deles.

Arrastei-me até o ônibus. No ponto, Joseph parecia esgotado pelo dia também e assumiu seu lugar de sempre na janela, mas desta vez se sentou com um amigo que tinha sobranceiras arqueadas e braços e pernas magros e compridos. Eles estavam curvados sobre um livro e conversaram e discutiram durante todo o trajeto até em casa.

Era uma quarta-feira, e George sempre nos acompanhava nas quartas-feiras depois da escola. Ele era o melhor e único amigo de Joseph. George Malcolm: meio branco, meio negro, com cabelos oleosos e desgrehados, despenteado e cheio de cachos. Certa vez, há mais ou menos um ano, ele estava em nossa casa e tirou um tufo do seu cabelo, usando-o para me ensinar sobre redemoinhos e hélices.

– Um redemoinho é uma corrente que circula em torno de um ponto central – explicou, dando-me um pedaço do cabelo para que eu o segurasse. Eu ajeitei o cacho. – A natureza é cheia das mesmas formas – disse ele, levando-me até a pia do banheiro, tirando o tampo do ralo e mostrando como a água girava. Levando-me até a estante e abrindo um livro sobre o clima e me mostrando a imagem de um ciclone. Depois, uma galáxia em espiral. Levando-me de volta à pia do banheiro, até meu jarro de vidro com as conchas que eu colecionava, e mostrando o mesmo desenho encaracolado numa conchinha. – Está vendo? – perguntou, segurando a concha na altura dos cabelos.

– Sim.

Seus olhos estavam exultantes com o prazer de ensinar.

– É um cabelo galáctico – disse ele, sorrindo.

Na escola, George já era uma lenda. Ele sabia tanto sobre física que, certa tarde, o professor de ciências da oitava série lhe pedira para fazer uma apresentação sobre os aspectos básicos da teoria da relatividade, bem rápida, para a turma. George se levantou e fez um ótimo trabalho, usando um peso de papel, uma régua e o relógio da escola, tanto que o professor tirou uma nota de vinte dólares da carteira. O professor lhe dissera que queria ser a primeira pessoa a pagar por sua clareza de raciocínio. E George usou o dinheiro para comprar pizza para a turma. De calabresa, contou-me depois, quando perguntei.

Naquela tarde, nós todos descemos do ônibus em Fairfax e Melrose e eu segui os dois até em casa, cansada, sendo puxada pelo cheiro gorduroso dos burritos de pastrami da Ok! Dog, e quando George se virou para mostrar algo na direção de um avião, ele me viu acompanhando-os bem atrás e acenou.

– Ei, Rose! Tudo bem com você?

– Oi. Está quente.

Joseph continuou andando com sua camiseta azul desbotada, dando as costas para mim.

– Você esteve andando atrás da gente esse tempo todo? – perguntou George.

Fiz que sim. Ele continuou andando de costas, como se esperasse por alguma coisa, por isso levantei minha mão.

George riu.

– Sim? Senhorita Edelstein? – disse ele.

– Você alguma vez já esteve na enfermaria da escola?

– Não.

– Deixa para lá – eu disse.

– Tudo bem – ele disse. Ele parecia um pouco entediado.

Ele começou a se virar, por isso acenei novamente.

– Espere! Desculpe. Tenho uma pergunta de verdade. Uma pergunta de ciências.

Dessa vez meu irmão virou-se para olhar, irritado.

– Ei, estamos ocupados. Não queremos falar sobre vaga-lumes.

– E se a comida tem um sabor esquisito? – perguntei.

– Você experimentou aqueles burritos da cantina? – perguntou George, ainda andando de costas, batendo com o lápis na cabeça como se fosse uma baqueta. – Eu comi um burrito um dia desses. Nossa, como foi engraçado.

– Você não tem aula de flauta? – perguntou Joseph, virando-se apenas para falar.

– Às segundas – eu disse. – A maioria das comidas.

– Ou Eliza? – disse Joe.

– Balé – eu disse.

– O que você quer dizer? – perguntou George.

– O que eu devo fazer?

– Não estou entendendo – disse George.

– Acho que tem algo de errado comigo – eu disse, com uma voz hesitante.

George me lançou um olhar confuso. Tanto ele quanto Joe eram os esquisitos da oitava série. Cada parte de seus corpos crescia a uma velocidade diferente, destruindo a proporção e, naquele momento, as sobrancelhas de George estavam tão altas e tão pontudas na testa que ele sempre parecia cético ou surpreso.

Chegamos à porta de casa e Joseph remexeu em sua mochila à procura do chaveiro. Ele era o responsável nas tardes de quarta-feira e tinha um chaveiro novo que comprara com sua mesada – um círculo de prata maciça com um fecho especial que se prendia à parte vazia do círculo. Depois de encontrar o chaveiro, ele nos deixou entrar e depois prendeu o chaveiro ao cinto, como se fosse um encanador. E seguiu pelo corredor para ir diretamente para seu quarto, mas George ficou mais um pouco na entrada.

– Você toca flauta? – perguntou.

– Um pouquinho.

– Ei, George – chamou Joseph, tirando o livro da mochila e abrindo-o. – Aposto com você. Um barco cheio de bandidos está saindo de um píer com seis metros de altura a uma velocidade constante de vinte e quatro quilômetros por hora. Um carro cheio de policiais está prestes a chegar ao píer para prender os

bandidos. A que velocidade o carro dos policiais deve estar para pousar no barco dos bandidos se o carro sair voando do pier quando os bandidos já estiverem a dez metros de distância?

Mas George cruzou os braços, de um jeito que ele fazia às vezes, quando entrava e saía do quarto de Joseph, de um lado para o outro. Eles faziam cópias de problemas de física que encontravam na biblioteca e os resolviam durante a tarde – Joseph em sua escrivaninha e George andando de um lado para o outro. Eles abriam a porta lateral para que o ar fresco entrasse e faziam notas e se esforçavam pelas notas extras que o professor lhes daria, coisa que nem o professor sabia.

Ele olhou fixamente para mim. Olhos castanhos e penetrantes.

– O que há de tão errado com você? – perguntou.

Fiquei vermelha de vergonha. Conteí o que havia relatado à enfermeira. George ficou na entrada para ouvir, mas Joseph já estava dentro do quarto. Havia acabado de jogar o livro sobre a cama e se sentar diante da escrivaninha, onde pôs um pedaço de papel quadriculado e um compasso que pegara de uma pasta. Enquanto conversávamos, ele pôs a ponta fixa do compasso no papel, prendeu nele um lápis e começou a desenhar, com suas mãos meticulosas, um belo arco. Os movimentos seguros, como se ele soubesse exatamente o mistério do Universo que estava prestes a apontar.

– Então é como um queijo suíço? – perguntou George quando terminei de falar.

– Não. É um único buracão. A enfermeira disse que eu tenho uma imaginação fértil.

Joseph amassou seu arco perfeito e pegou outra folha de papel quadriculado.

– Não o amasse, Joe – disse George.

– Eu estraguei tudo – disse Joseph, jogando a folha no lixo.

– Eu tenho aquele plano para o meu quarto, lembra? Um papel de parede de erros. – E novamente virou-se para mim. – De qualquer modo, vamos examiná-la. Vamos mesmo ter de fazer um lanche.

– Agora? – perguntou Joseph, abrindo o compasso novamente e firmando a ponta seca na intersecção de dois quadrados azuis.

– Só por uns minutinhos – disse George. – Você está livre? – perguntou, olhando para mim.

– Estou.

Ele bateu palmas.

– Primeiro item da pauta: descobrir o que está acontecendo com a Rose – disse.

Joseph abriu a boca para reclamar.

– Segundo item, voltar ao trabalho! – completou George.

Eu me curvei um pouco. Como era bom todas as vezes que ele dizia meu nome. Era como ouvir meu número sendo chamado num sorteio.

Joseph quase amassou sua folha novamente, mas desistiu e a estendeu. George a segurou contra a luz, admirando as curvas como se fosse uma pintura.

– Lado norte da parede – disse, balançando a cabeça. – Perfeito.

* * *

Naquela tarde, comemos quatro sanduíches, salgadinhos, torrada com manteiga, e tomamos refrigerante e achocolatado. Comi tudo o que estava na geladeira. Mamãe ainda estava em seu novo emprego, no estúdio de marcenaria perto de Micheltorena, depois da Sunset em direção às colinas, e meu irmão e George passaram açúcar e geleia sobre as torradas e conversaram sobre suas séries de TV preferidas com robôs, enquanto eu mordida, mastigava e relatava o que estava sentindo para George. Ele havia encontrado um bloco de anotações perto do telefone e o mantinha sobre o colo, com uma lista de comidas na coluna da esquerda e minha reação a elas na coluna da direita.

– Semioca – disse, sobre o que havia sobrado do ensopado de atum da mamãe.

– Horrível! – eu disse, engolindo um bocado do pudim de leite que meu pai havia deixado numa tigela. O papai era tão distraído e atrapalhado que eu mal podia sentir qualquer sabor. O sensor parecia não estar restrito às comidas preparadas pela minha mãe e havia tanto a experimentar, uma torrente de informações mas, com George ali, sentado no calorzinho do sol daquela tarde de primavera, filtrado pelas janelas da cozinha, preparando torrada com manteiga que eu comia alegremente, leve e bom com sua atenção e sua preocupação gentil, pude começar a pensar nas camadas. O distribuidor de pães, a fábrica de pães, o trigo, o fazendeiro. A manteiga, que tinha um sabor triste. Quando olhei a embalagem, li que aquela manteiga vinha de uma grande fazenda em Wisconsin. O requeijão era delgado, como se tivesse algo de muito metálico depois de saboreado. O leite, cansado. Todas aquelas partes estantes, amontoadas como o barulho distante de um avião ou de um carro estacionando, tudo pairava ao fundo, ofuscado pelo estado de espírito de quem preparava a comida.

– Então quer dizer que toda comida tem um sentimento? – perguntou George quando tentei lhe explicar sobre o ressentimento ácido que sentira na geleia de uva.

– Acho que sim. Muitos sentimentos – disse.

Ele desenhou alguns quadrados no bloco.

– É isso o que você está sentindo? – perguntou.

Fiz que não com a cabeça.

– Não sei.

– Como você se sente?

– Cansada.

– Com sabor de cansada?

– Mais ou menos.

Joseph, que estava sentado à mesa com seu livro, preparara para si uma torrada com manteiga e geleia e um pouco de açúcar. Quando ele se distraiu, estiquei-me e peguei um pedaço. Devo ter feito uma cara feia imediatamente, porque George me lançou um olhar rápido.

– O quê? – perguntou, escrevendo “Torrada do Joseph” na coluna da esquerda, com letras grandes.

– Ah – eu disse, estonteada e com a boca cheia.

– Diga-nos – disse George, com o lápis já pronto.

Eu não conseguia olhar para o Joseph. Eu mal podia comer aquilo. O pão parecia gosmento e espesso, difícil de mastigar. Um vazio e uma aspereza, algo se enchendo.

– Uma anêmona do mar? – murmurei.

Joseph levantou os olhos, deixando de dobrar o rótulo do chá gelado num quadrado perfeito. Seus olhos buscavam a porta.

– Estou bem! – disse ele, rindo. – Eu me sinto bem.

Cuspi o pão num guardanapo.

Joseph levou seu prato até a pia.

– Já terminamos? – perguntou ele. – Prometi ao Patterson que resolveríamos o problema da corrida.

– Está bem – disse George, levantando-se. Ele se espreguiçou e sua camiseta se ergueu um pouco, deixando à mostra sua pele. Depois ele sorriu para mim. – Bom trabalho, mocinha.

Depois que os dois saíram da cozinha, coloquei o leite e a geleia de volta na geladeira, peguei uma faca e raspei minha língua de leve com a parte afiada para tirar o sabor da torrada do Joseph da minha boca. Como isso não deu certo, peguei uma caixa com biscoitos doces trançados do armário. Os biscoitos, preparados individualmente, tinham apenas o distante zunido constante de farinha, manteiga, chocolate e fábricas. Comi seis. Lá fora já não fazia tanto calor e lavei a louça, a água fria escorrendo pelas minhas mãos, devolvendo o brilho às facas e aos garfos.

Quando terminei, peguei um jogo de tabuleiro no armário da sala e o pus do lado de fora do quarto do Joseph, de modo que eu pudesse estar o mais perto possível sem na verdade violar a placa de “Mantenha distância”. Apegava-me ao som abafado da voz de George que eu podia ouvir através da porta de madeira.

– Como você está se saindo aí fora? – gritava ele de vez em quando.

– Tudo bem – eu disse, fazendo uma peça amarela avançar quatro casas.

– Ela é louca – disse Joseph, escrevendo alguma coisa. – Ou é seu temperamento ruim. Você já ouviu falar disso. Temperamentos.

Meu estômago se contraiu.

– Talvez – disse eu, bem baixinho, para a pilha de dinheiro falso que eu estava ganhando no jogo de tabuleiro que disputava comigo mesma.

– Vamos testá-la melhor no fim de semana, fora da casa – disse George. – Joe, leia o oitavo em voz alta novamente.

– No fim de semana? – perguntou Joe.

Era impossível ignorar o tremor em sua voz.

– Só durante uma parte do sábado – disse George. – Tudo bem, Rose? Um pouco mais de informação? Sábado ao meio-dia?

– Claro – eu disse, pagando a mim mesma um milhão de dólares tirados da pilha de dinheiro.

Certa vez, há mais ou menos um ano, surpreendi meu pai com um gosto extravagante por desenhar bolas de futebol, cada hexágono se encaixando perfeitamente no pentágono colorido ao lado. Meu pai, um grande fã de futebol, ficou feliz. Ele pegava cada um dos desenhos e se empolgava, enquanto nos sentávamos para assistir ao jogo juntos.

– Isso é o que eu chamo de arte! – dizia, colocando o desenho sobre a televisão.

Mas em pouco tempo comecei a cultivar o hábito desanimador de acrescentar grandes olhos com cílios compridos e uma boca vermelha sorrindo dentro dos espaços vazios da bola.

– Ah, Rose, não! – dizia papai, coçando o queixo.

– Não consigo evitar – eu dizia, entregando-lhe a quinta bola sorridente. – Elas pareciam simples demais.

Depois disso, deixei de assistir aos jogos com ele, mas foi só nessa época que me lembro de ter mostrado um talento especial qualquer. Era tão bom juntar todos os seis lados com seus respectivos pentágonos. Fazendo pontinhos como se fossem costuras. Em geral, eu não me destacava em nada, para o bem ou para o mal. Comecei a ler com a idade em que as crianças começam a ler. Eu me saía bem na escola, mas ninguém jamais chamou meus pais para lhes falar sobre meu potencial, e eu parecia estar satisfeita correspondendo às expectativas.

Meu irmão era o gênio da família. Aos seis anos, ele já construía maquetes do Sistema Solar com Legos nos quais ele fazia buracos com um instrumento que comprara do dentista com sua mesada. Ele usava palavras complicadas desde muito cedo, dizendo coisas como “eu devo deglutir agora”, ao comer seu cereal, e os adultos riam dele, adorando seus grandes olhos acinzentados e sua aparência séria, e depois tentavam abraçá-lo, o que ele recusava.

– Não me toque – dizia ele, jogando os braços para frente e para trás, como um robô.

“Joseph é brilhante”, costumavam dizer os adultos quando saíam de casa, admirando com gestos afirmativos o desenho preciso que ele havia feito num bloco dos planetas que ainda seriam descobertos, incluindo a atmosfera espessa e suas luas. Nossa mãe prestava atenção, admirada. Eu, em geral, era admirada por ser agradável.

– Você faz amizades com tanta facilidade! – disse certa vez mamãe, só porque sorri para o homem que trocou o óleo do carro, que me sorriu de volta.

A verdade é que eu não tinha muita concorrência, já que Joseph nunca sorria para ninguém, o papai apenas mostrava os dentes e os sorrisos da mamãe eram tão emocionados que as pessoas recuavam um pouquinho quando ela as cumprimentava. Era difícil saber ao certo o que ela lhes estava oferecendo.

Por volta das cinco e meia, depois que George e eu havíamos esvaziado a geladeira, mamãe chegou em casa do seu primeiro dia no estúdio de marcenaria. Seu rosto estava vermelho, como se ela tivesse corrido.

– Foi maravilhoso! – disse ela, me pegando pela mão.

Ela procurou por Joseph, mas ele estava lendo em seu quarto. George havia ido embora para sua casa.

– Vamos dar um passeio rápido pelas árvores da vizinhança – disse mamãe, com uma voz segura, me puxando para fora da casa. – Então, esta é uma figueira – disse ela, apontando para uma árvore que crescia no meio do jardim de alguém. – Madeira macia. Esta aqui: plátano – disse, batendo no tronco da árvore seguinte. Ela fez uma cara feia. – Acho que não se faz móveis com plátano, mas não sei direito o porquê.

Eu tirei um pedaço acinzentado e em zigue-zague da casca, diretamente do tronco. Percebia seu entusiasmo como a primeira fase de um interesse novo. A segunda fase viria geralmente três ou quatro meses mais tarde, quando ela atingia um limite depois que sua empolgação com seu talento desaparecia e ela tinha dificuldades para se relacionar com pessoas normalmente habilidosas. A terceira fase era cheia de negativas com a cabeça e muito discurso sobre por que aquela habilidade específica – sociologia, cerâmica, computadores, francês – não servia para ela. A quarta fase era o longo e incômodo período de espera, que eu conhecia por acordar várias vezes às duas da manhã, descendo pelo corredor até o colo dela.

– Cascudo demais – disse ela, dobrando a casca.

Eu me apoiei um pouco no braço dela enquanto caminhávamos pela calçada sombreada de Martel, acenando para alguns vizinhos segurando mangueiras em seus quintais. Às cinco e meia, o calor era ameno, agradável, e o ar parecia cintilante e envolvente. Ela me perguntou se eu estava me sentindo melhor e eu disse que um pouco, tentando ignorar a proximidade do jantar e me concentrando no que ela disse a seguir, algo sobre estar preocupada com a possibilidade de não ser capaz de se igualar aos demais no estúdio. O que não fazia nenhum sentido. Minha mãe tinha problemas para escolher e persistir, mas ela era boa em tudo, especialmente em coisas que envolviam suas mãos; a cama que ela fez era tão perfeita que durante anos eu dormi sobre lençóis, no chão, porque eu não queria arruinar a incrível precisão da cama colocando nela meu corpo.

– Acho que você se sairá bem – eu disse.

Ela ajeitou uma mecha dos meus cabelos atrás da minha orelha.

– Obrigada. Você me apoia tanto. Muito mais do que seu pai.

Ela realmente parecia mais leve, com um ânimo renovado, enquanto visitávamos as árvores para cima e para baixo em Gardner e Vista, voltando depois para casa.

As sobras do jantar foram uma repetição dos problemas da noite passada, amenizados apenas pelo dia na companhia de George e sua gentileza. Eu me lembrei do conselho da enfermeira, tentando ver se minha sensação estava se espalhando, mas ninguém mais pareceu incomodado. Papai perguntou sobre a

marcenaria e mamãe nos contou que sua primeira tarefa seria cortar um painel.

– Um painel! – ele disse, brindando com ela. – Que coisa!

Ela franziu a testa.

– Não seja mau.

– O que foi que eu disse? – perguntou ele, arregalando os olhos. – Eu não consigo construir nada. Só consigo remontar brinquinhos que já estão prontos.

Ele lhe deu uma piscadinha. Ela esvaziou sua taça, num gole só.

– Você já ouviu essa história, Rose? – perguntou ele.

– Muitas vezes – eu disse.

Joseph pegou o pimenteiro e o sacudiu sobre a comida, numa chuva de grãos pretos. Como nossa mãe, ele também tinha mãos compridas e belas como as de um pianista, dedos capazes de aguçar e focar como se fossem olhos.

– Sem gosto? – perguntou mamãe.

Joseph fez que não.

– Só estou experimentando – disse ele.

– Hoje – anunciou papai, com uma pancadinha na toalha de mesa – vi um homem levando um macaco para passear. Verdade.

– Onde? – perguntei.

– Praça Pershing.

– Por quê?

Ele deu de ombros.

– Não tenho a menor ideia – disse, limpando a boca. – Esse foi o meu dia.

Próximo.

Joseph soltou o pimenteiro.

– Bom – ele disse.

– Meio bom, meio horrível – eu disse.

– Meio horrível! – disse papai, esperando.

– Minha cabeça está confusa – eu disse.

– Parece bom para mim – disse o papai. – Muito bom.

– Ah, Rosie, não! – disse mamãe. Ela jogou um pouco de pimenta sobre seu jantar e depois se aproximou para que eu encostasse minha cabeça em seu corpo. – Você tem uma cabecinha linda. Uma linda e boa menina aí dentro.

– A comida está cheia de *sentimentos* – eu disse, empurrando meu prato.

– Sentimentos? – questionou papai.

Por um segundo, ele me examinou bem de perto.

– Não consegui comer meu sanduíche – eu disse, com a voz trêmula. –

Não consigo comer o bolo.

– Ah, isso... – disse papai, recostando-se na cadeira. – Claro. Eu também era enjoado. Passei um ano inteiro me alimentando só de batatas fritas.

– Elas tinham gosto de pessoas? – perguntei.

– Pessoas? – disse ele, torcendo o nariz. – Não. Batatas.

– Você parece bem – disse mamãe. Ela experimentou um pouco do frango. – Melhor com um pouco de pimenta – disse, meneando a cabeça. – Muito melhor, aliás.

Joseph cruzou os braços.

– Foi só uma experiência – disse ele.

– Vou sair com o George e o Joseph no sábado – eu disse.

– Só porque é seu aniversário – disse Joseph.

– Seu aniversário – repetiu mamãe. – Nove anos. Dá para acreditar?

Ela se levantou, foi até o caderno de receitas e escreveu na receita com letras bem grandes: “ACRESCENTE PIMENTA!”.

– Ai está! – disse ela.

Empilhei meu prato sobre o do papai. Ele empilhou nossos pratos sobre o de Joseph.

– Você não está vendo? – perguntei ao papai.

– Vendo o quê?

Apontei para mamãe.

– Lane – disse ele. – Sim, vejo uma bela mulher.

Mantive os olhos fixos nele.

– O quê? – perguntou ele novamente.

– Ela – eu disse.

– Eu? – perguntou mamãe.

– O que é isso, Lane? – perguntou papai. – O que está acontecendo?

– Nada – disse mamãe, balançando a cabeça e tampando a caneta. Ela riu.

– Não tenho a menor ideia do que ela está falando. Rose?

– Ela disse que quer apoio – eu disse.

– Ah, não – disse mamãe, toda vermelha. – Eu só estava brincando. Eu me sinto muito apoiada por todos vocês.

– Posso sair? – perguntou Joseph.

– Ela está fazendo um painel – disse papai, levando os pratos empilhados até a pia. – O que mais há para se dizer sobre isso? Ela fará um painel perfeito. Tem sobremesa?

Não me mexi. Mamãe continuou ajeitando o cabelo atrás das orelhas. Ajeitando, ajeitando. Joseph ficou imóvel.

– Posso sair? – perguntou ele novamente.

– O que você quer fazer no sábado, Rose? – perguntou mamãe. – Podíamos nos arrumar e caminharmos pelo parque juntas. Tem alguns pedaços do bolo de limão ali, Paul.

– Eu tenho um compromisso importante com o George – eu disse.

Joseph se encolheu em seu lugar à mesa.

– Depois de sábado, mais nada – disse ele para mim. – Entendido?

– George? – perguntou mamãe. – O George amigo do Joe?

– Eu não sabia que ela precisava de apoio! – disse papai, na pia.

Joseph saiu da cozinha. Meus pais se viraram para mim, seus rostos leves e iluminados. Ficamos diante da toalha vazia.

– Nós agradecemos a comida? – perguntei.

– Agradecer é algo que as pessoas fazem antes das refeições – disse mamãe. Ela caminhou até os pratos empilhados na pia. – É para agradecer pela comida que estamos prestes a comer.

Fechei os olhos.

– Pela comida que comi – sussurrei. – Obrigada.

...

Por ser o provedor da casa, meu pai estava dispensado de lavar a louça e Joseph era tão metucioso com as louças que era melhor que ele ficasse no seu quarto, por isso estávamos só eu e minha mãe em frente à pia ensaboada: ela lavando, eu secando. Eu secava as louças usando meu novo pano de prato rosa, presente da vovó. Mamãe parecia de bom humor, massageando meu ombro e me perguntando várias coisas rápidas sobre a escola, mas o gosto do frango ainda estava na minha boca e era difícil acompanhar a animação dela, não era capaz de separar as informações na minha mente. Passei o pano em círculos sobre os pratos molhados, empilhando-os no armário. Enfie o pano nas canecas para secá-las. E, por fim, pendurei-o num anel de metal no armário.

Depois, peguei minha mochila, colocando-a nos ombros, e saí pelo corredor em direção ao meu quarto. Eu andava devagar, como se meu cérebro fosse um copo cheio d'água que eu precisasse carregar com cuidado pelo corredor.

Para a minha surpresa, a porta do quarto de Joseph estava semiaberta. Era algo raro e bom, como um convite, já que recentemente instalamos uma fechadura nova em sua porta, comprada na mesma loja de ferragens, com sua mesada. Ele só guardava a chave nova também naquele elegante chaveiro circular de prata.

Ainda havia um restinho de dia lá fora, mas as cortinas estavam fechadas e por isso Joseph havia ligado a luminária sobre a escrivaninha. Ele estava deitado na cama, os pés cruzados, lendo *Discover* perto de um punhado de peças prateadas de um rádio.

– Oi – eu disse. Ele tirou os olhos da revista. Mas não levantou os olhos para me cumprimentar, e sim para criar uma barreira entre nós. – Desculpe por abusar do George.

Ele me olhou sem dizer nada. Eu continuei.

– Você não precisa me dar nenhum presente de aniversário. O sábado pode ser o meu presente. Está se sentindo melhor? – perguntei.

– Como assim?

– O que aconteceu antes, com a torrada.

Ele voltou para sua revista.

– Jesus. Você acha que todo mundo está mal. Eu estava bem o dia todo – disse, olhando para a revista. – Só não queria passar minha tarde vendo minha irmãzinha lanchando, está bem?

Ele virou a folha e continuou lendo.

Eu fiquei ali na porta, esperando por algum tempo. Toquei no *d* do cartaz de “Mantenha distância” pendurado em sua porta.

Ele levantou as sobrancelhas.

– Mais alguma coisa?

– Só isso – eu respondi.

– Boa noite – disse ele.

Virei-me para sair e estava quase fora do quarto quando percebi algo em minha visão periférica, alguma coisa perto de onde ele estava deitado na cama. Foi como se, por um instante, a estampa do cobertor se iluminasse ou o branco ficasse mais branco. Então eu me virei novamente para olhar e tudo estava

perfeitamente imóvel, Joseph lendo, distante.

– Você está bem? – perguntei, balançando a cabeça para pensar melhor.

Ele levantou os olhos mais uma vez.

– A gente não acabou de falar sobre isso?

– É só que...

Seus olhos estavam arregalados, fixos. Quase interessado.

– As cores mudaram? – perguntei. – O George está vindo para cá?

– Agora? – perguntou ele. – Não. Já anoiteceu.

– Você se mexeu ou coisa parecida?

– Eu?

– Sim, você saiu da cama?

Ele deu uma risada curta e grosseira.

– Fiquei aqui o tempo todo.

– Desculpe. Deixa para lá. Boa noite.

Mamãe amava mais meu irmão. Não que ela não me amasse – eu sentia os jatos de amor todos os dias, me inundando, mas era um tipo de amor diferente, que jorrava de um cano diferente, vindo de uma fonte mais amena. Eu era sua filha querida; Joseph era tudo.

Ele não era o favorito mais provável. Papai, que dizia não preferir ninguém, às vezes olhava para Joseph como se ele tivesse caído de uma árvore, e poucas pessoas se aproximavam naturalmente de Joe, exceto George. Ele sempre foi uma pessoa distante – eu tenho uma vaga lembrança, de quando tinha dois anos, de encontrar Joseph sentado no seu quarto, no escuro, tanto que até mesmo meu cérebro de bebê o associou a cavernas –, mas em algum momento da terceira série, mamãe começou a tirá-lo da escola. Ele ficava entediado na aula, quase como uma ofensa, e a professora certa vez teve de lhe dar a própria bolsa para que ele a organizasse enquanto o restante da turma aprendia a somar. Ou acontecia de mamãe ir pegá-lo e ele ter feito uma espécie de corrente com Tic Tacs, cada bala presa a um alfinete que ele pegara do *kit* de costura da sala de aula.

– Olhe, mamãe – dizia ele, estendendo a corrente esverdeada e com sabor de menta. – Bactérias.

A professora hesitou, envergonhada.

– Ele é tão inteligente – sussurrou ela, como se Joseph a tivesse magoado com aquilo.

Certa tarde, mamãe apareceu comigo no colo, disse ao diretor que Joseph tinha uma consulta médica e o tirou de lá, bem no meio de uma aula de Educação Física na qual ele teria de arremessar uma bola. O diretor não duvidou da consulta médica e nem os outros alunos, porque Joseph era magro, pálido e encurvado e parecia precisar de muitos cuidados médicos. Mamãe nos levou até o carro e me prendeu ao assento.

– A qual médico vamos? Eu estou doente? – perguntou Joseph.

– Nem um pouco – ela disse, saindo do estacionamento da escola e ligando o rádio. Soaram trompetes. – Você é perfeito e está perfeitamente saudável. Vamos ao mercado.

– O que ele ia ficar fazendo? Correntes de balas o dia todo? – ela me perguntou alguns anos depois, lembrando do que acontecera naquele ano.

Eu estava com eles o tempo todo, mas muito mais como uma sombra do que como uma participante.

Naquela tarde, nós três fomos a uma loja de roupas, ao mercado de produtos orgânicos e à lavanderia. Passeamos por toda o Wilshire Boulevard, desde o litoral até o centro, desviando no caminho de volta para a casa pela Sexta Avenida e passando pelos palácios de Hancock Park, por entre os graciosos pinheiros plantados em 1932 pelos mandachuvas do mundo do cinema. Paramos no mercado para comprar ravioli e espinafre para o jantar. Minha mãe estava desempregada naquele ano e ela não gostava de dirigir sozinha. Às vezes eles dois conversavam sobre como as árvores cresciam ou por que precisávamos de chuva; às vezes ficavam em silêncio enquanto eu espalhava migalhas de biscoito por todo o banco traseiro. Mamãe adorava ouvir o que Joseph tinha a dizer, ela concordava com ele e o encorajava a cada palavra que ele dizia. Por fim,

paramos com o carro próximo ao meio-fio e ela lhe pediu conselhos sobre a vida – e até às oito da noite ele respondera suas perguntas num monólogo baixo e lento. Ela se segurava firmemente ao cinto de segurança, com os olhos fixos nos dele, ouvindo.

Tudo isso aconteceu durante meses e ninguém disse nada ao papai. Tudo estava indo bem até certa tarde quando Joseph estava na sala de aula durante o intervalo porque ele não gostava de jogar queimada. A professora estava limpando a lousa com um pano úmido. Joseph estava agachado no chão da sala, analisando a graduação das cores das fibras do carpete, quando a professora lhe perguntou, mostrando-se muito preocupada, se ele já estava se sentindo melhor. Joseph disse que estava bem.

– Mas os médicos devem estar lhe dando muitos remédios, não é? – perguntou a professora.

Ela era uma professora tolinha. Eu a conheci alguns anos mais tarde e ela soltou um gritinho ao me conhecer, como se eu fosse torturá-la novamente com a genialidade dos Edelstein. Quando lhe disse que não era um gênio, ela se mostrou visivelmente relaxada.

– Não – disse Joseph.

– Mas então o que os médicos fazem? – perguntou a professora, enquanto tirava os pedacinhos de giz que caíram da lousa.

Joseph ficava longe da sala de aula durante a maior parte do dia, às vezes três vezes na semana. Ele não respondeu nada. Ele estava debaixo da mesa da professora agora, investigando a granulação da madeira.

– Joseph?

– Nós vamos ao mercado.

– Você vai ao mercado com os médicos?

– Não, eu e mamãe.

– Antes de ir ao médico? – perguntou a professora, deixando de limpar a lousa.

– Foi o que os médicos mandaram – disse Joseph, levantando os olhos um pouco para vê-la com cara de dúvida.

Eu conhecia a história toda de trás para frente porque a ouvi sendo contada e recontada ao telefone, para amigos, para o meu pai, para qualquer um, enquanto minha mãe era investigada. Ela falou sobre isso durante anos. Alguns assistentes sociais apareceram e ficaram fazendo perguntas na sala de estar por duas horas. Os partidários do ensino caseiro na vizinhança surgiram com uma pilha de panfletos feitos em casa. Quando papai descobriu o que estava acontecendo, ele trouxe um bloco de papel para a mesa do jantar para tentar entender, fazendo as mesmas perguntas várias vezes enquanto Joseph e eu comíamos.

– Mas expliquem de novo – ele dizia, franzindo a testa. – *Por que* você o estava tirando da escola?

– Porque ele estava morrendo de tédio – dizia mamãe, agitando o garfo no ar. – Deixem-no descobrir o mundo sozinho!

Papai escreveu alguma coisa no bloco.

– Mas você não ia a um *museu* – dizia ele. – Você ia a uma lavanderia.

Mamãe rangia os dentes.

– Ele gostava – dizia ela. – Você não aprendeu alguma coisa, querido?

Joseph se ajeitou na cadeira.

– Eles usam solventes líquidos, mas não água – afirmou.

Mamãe teve de conversar com o presidente do responsável pelos alunos e com o diretor e ficou sob observação para sempre. Alguns anos mais tarde, quando ela quis me tirar da escola por causa de uma consulta médica de verdade, para tratar de uma gripe que não sarava, tive de esperar na sala da diretoria, olhando para um aquário escuro com fileiras de peixinhos azuis zigzagueando, enquanto o secretário ligava para o doutor Horner a fim de confirmar minha consulta.

– Tussa, Rose – mamãe dissera enquanto caminhávamos juntas para a diretoria. Soltei um espasmo bronquial formidável.

– Está vendo? – perguntou mamãe para o secretário. – Podemos ir?

O secretário me olhou preocupado.

– Desculpe – disse ele, hesitante. – São ordens da escola.

Ele ficou tentando falar com o doutor Horner durante quinze minutos e nós quase perdemos a consulta. Na sala de espera do médico, mamãe folheava as revistas como se as páginas precisassem ser estapeadas.

* * *

Aqueles meses de vagabundagem pareceram benéficos: mãe e filhos indo a lojas juntos. Era até cândido, de certo modo. Os assistentes sociais saíram de casa naquele dia segurando fatias do pão de banana recém-assado da mamãe, agradecendo enquanto entravam no carro. Assim que Joseph voltou à sua rotina escolar normal, papai se esqueceu do assunto. Mas a única consequência verdadeira de todas aquelas faltas foi que Joseph, que já era de poucos amigos, criou ainda menos laços com as crianças da turma. Ele teve alguns amigos nos primeiros anos – ninguém para chamar em casa, mas suas conversas eram cheias de nomes repetidos: Marco, Marco, Marco, Steve, Marco, Steve, Steve. Depois daquele ano na terceira série, tudo mudou para Eles e Elas. Eles saíram para o recreio. Eu não gosto deles. Eles jogam xadrez. Eles tiveram ponche de frutas no almoço, posso também? Posso ficar em casa? Não que qualquer coisa dessas fosse um problema para mamãe – ela achava que Joseph era perfeito, mesmo que ele sempre estivesse de mau humor, raramente olhasse as pessoas nos olhos e ignorasse todo mundo. Ela o chamou de Joseph, o deserto, numa tarde de verão quando estávamos caminhando pelo Pier Santa Monica, porque, explicou ela, ele era um ecossistema que simplesmente precisava de poucos recursos.

– O sol basta para Joe – disse ela, sorrindo para ele.

Joseph andava dois metros afastado, encantado com as quadras de esportes que margeiam o lado sul do píer.

– Ele é uma pessoa econômica em seus recursos – contou-me mamãe, já que Joseph não estava ouvindo.

– E o que sou eu? – perguntei, andando por sobre as madeiras frágeis do caminho que levava ao fim do píer, onde os pescadores ficavam o dia todo com suas varas de pescar antiquadas.

– Você? – perguntou ela, olhando para a água ao longe. – Hummm. Uma floresta tropical.

– Floresta tropical, o que isso quer dizer?

– Você é exuberante.

– Preciso de chuva?

– Muita chuva.

– Isso é bom? – perguntei.

– Nem bom nem ruim. Uma floresta tropical é uma coisa boa ou ruim?

– E o que você é?

Ela deu de ombros.

– Eu mudo muito. Como a Grande Ilha do Havai.

– Você é o Havai?

– A Grande Ilha. Ela tem sete climas diferentes. Você também pode ser o Havai, se quiser.

– Você é uma floresta tropical?

– Acho que não – disse ela.

– Um deserto?

– Às vezes.

– Um vulcão?

– Às vezes – disse ela, rindo.

Segui caminhando sozinha até o parapeito. O oceano parecia bem definido e áspero naquele calor todo. Quando chegamos ao fim do píer, fiquei ao lado de um velho pescador japonês que me contou que estava ali pescando desde as seis e meia da manhã.

– A que horas você acordou? – ele me perguntou.

– Às sete.

– Eu já estava aqui – disse ele, olhando para o relógio. – E ainda estou aqui.

Um cesto cheio de peixes, dentro de um isopor, estava a seus pés. Eram três e meia da tarde.

– Agora eu também estou aqui – eu disse.

– Nós dois estamos aqui – ele disse.

– Você viu o nascer do sol?

– Sobre as montanhas – ele disse.

– Foi bonito?

Ele fez que sim.

– Alaranjado e rosa – disse.

– Quero ser o oceano e não a floresta tropical – eu disse no caminho de volta para casa.

– Claro – disse mamãe, que há muito tempo pensava em outra coisa qualquer.

...

Joseph se aproximava de mim raramente, do mesmo modo que, no deserto, nasce uma flor de vez em quando. Você se acostuma tanto com as sutilezas da paisagem bege e castanha e de repente surge uma flor bem amarela em um galho cheio de espinhos. Como eu adorava esses momentos floridos, como quando ele apontava para a Lua ou para Júpiter, mas eram momentos raros e

sempre inesperados.

Então, por causa disso tudo, fiquei bem surpresa quando, certa tarde de outono, espiei Joseph caminhando do ponto de ônibus e chegando em casa com outra pessoa da sétima série ao seu lado. Uma pessoa da mesma idade que ele. Eu estava desenhando relâmpagos com giz colorido na calçada porque a aula de Ciências daquele dia havia sido sobre o clima: tempestades, tornados e furacões. Tudo muito exótico para o céu azul de Los Angeles. Eu estava compenetrada, arrumando as beiradas do primeiro relâmpago, quando levantei os olhos e os vi virando a esquina, e a princípio achei que não estivesse enxergando bem. Pinteí o relâmpago de alaranjado. Levantei os olhos novamente: ainda duas pessoas. Da segunda vez, achei que fosse um truque. Talvez Joseph fora incumbido de cuidar desse garoto. Talvez ele fosse um babaca, tirando sarro do meu irmão.

– O que você está fazendo aqui? – perguntei, assim que eles chegaram ao jardim.

Acho que eu tinha sete anos. Joseph, como sempre, não respondeu. O vento do deserto. Cobras e escorpiões.

– Oi. Sou o George. – Ele se abaixou e me deu a mão. Tinha um aperto de mão bom para alguém que estava na sétima série. – Relâmpagos! – disse, olhando para baixo.

– Mas por que você está aqui? – perguntei novamente, seguindo-os para dentro de casa.

Joseph foi para seu quarto. George se virou e disse que eles estavam ali para fazerem a lição de casa.

– Ele está ensinando você? – perguntei a George.

– Não – respondeu ele.

– Mas então por que *você* está aqui com o meu irmão?

– Lição de Ciências. Coisa científica.

Notei suas sobranceiras. Suas calças, que eram calças normais que um menino da sua idade vestia.

– Você também gosta de Ciências?

– Claro que gosto – disse George, desaparecendo dentro do quarto de Joseph.

Passei o resto da tarde indo e voltando dos desenhos com giz de cera até a porta do quarto de Joseph. Não podia ouvir exatamente o que eles estavam fazendo, mas parecia que estavam conversando sobre coisas da escola. Desenhei uma fileira de relâmpagos rapidamente e depois peguei o giz de cera azul e fiz traços de chuva por todos os lugares, no ar seco e sem nuvens.

Foi durante a quarta ou quinta visita de George que entendi de repente. Eu estava sentada do lado de fora do quarto de Joseph mais uma vez, tentando ouvir; eu ainda achava que Joseph devia estar ajudando George, porque não conseguia entender por que ele continuava aparecendo em casa, de duas a três vezes por semana. Eu fingia que estava feliz construindo uma ferrovia com peças de Lego que, por uma questão que envolvia a lei de zoneamento urbano, era obrigada a passar pelo carpete, bem em frente à porta do quarto de Joseph.

– Qual é a razão para isso? – perguntou uma voz. A voz do meu irmão.

– É a resistência do vento – disse George.

Esperei que Joseph explicasse alguma coisa a George.

– Por que você resolveu isso desse jeito? – perguntou Joseph.

– Assim é mais rápido – disse George, rabiscando um bloco de notas.

– Espere. Faça isso de novo – disse Joseph.

– Que parte?

– Esta.

O trem de brinquedo sacolejava ao longo de uma ferrovia vermelha e azul. Eu me sentei e fiquei ouvindo durante meia hora, e não escutei Joseph explicar coisa alguma ao convidado.

Se eu estivesse na escola com ele, não ficaria surpresa. O ritmo de aprendizado rápido que impressionara a todos quando ele tinha a minha idade não podia ser mantido, e quando chegou à sétima série George já estava bem avançado em matemática, sim, mas havia ainda pelo menos três pessoas na sala de aula que eram melhores do que ele. Pela primeira vez, ele teve de fazer a lição de casa para acompanhar a turma. Ele passara de gênio para muito inteligente, e ainda que muito inteligente fosse muito bom, para um garoto prodígio é uma decadência.

Trem voltando aos solavancos para a estação.

Para mim, aquilo tinha ramificações que iam muito além do cérebro. Eu achava, desde que nascera, que Joseph era estranho porque era muito inteligente. Mas ali estava George, até mais inteligente do que o meu irmão, mas ele sabia meu nome. Quando ele vinha à nossa casa, fazia questão de dizer oi. Quando ia embora, se despedia.

Fui pega naquele dia. Eu estava deitada de costas no carpete da sala, girando as rodinhas do trem, quando George abriu de repente a porta para dar um telefonema.

– Oi, Rose – disse ele.

– Desculpe. Estou fazendo um trem.

– Para onde ele está indo?

– Quero dizer, uma ferrovia. O quê?

– O trem.

– Ah – eu disse. – Ventura?

– *Sai daqui!* – reclamou Joseph, das profundezas do seu quarto.

Eu movi meu trem para mais perto da cozinha e fiquei ouvindo o telefonema de George. Ele estava falando com sua irmã, que era retardada. No telefone, ele disse:

– Eu preciso de um novo desenho de um elefante, está bem? Meu velho elefante precisa de um amigo.

Mamãe também estava na cozinha, limpando um corredor cheio de brócolis sob a torneira. Olhei para ela quando George saiu.

– Bom menino – disse ela.

– Não é um deserto – eu disse.

– O que você quer dizer?

Ela deixou os brócolis de lado, para que secassem dentro da pia.

– Você não disse que Joseph era um deserto?

Ela passou as mãos sob a torneira aberta.

– Não, não um deserto – disse, como se aquela conversa nunca tivesse acontecido. – Joseph é como um cristal: liso por fora, complexo por dentro.

Eu a observei secando as mãos. Vi os dedos flexíveis e hábeis de minha mãe. Senti algo se confrontando dentro de mim ali mesmo, enquanto ela elogiava Joseph. Com inveja porque ele era um cristal – um cristal! – mas também aliviada por ele absorver tanto da superatenção dela que às vezes eu me sentia como se estivesse afogada em luz. A mesma luz que ele pegava e direcionava para as paredes da rocha, escondendo nas extremidades afiadas de um topázio ou turmalina.

– Ele tem várias faces e prismas. É uma intrincada surpresa geológica – ela disse.

Permaneci na bancada. Ainda segurava o trem de Lego nas mãos.

– E o que o papai é?

– Ah, seu pai... – disse ela, encostando-se na bancada. – Seu pai é um grande e teimoso rochedo cinza.

Ela deu uma gargalhada.

– E eu? – perguntei, ansiosa, pela última vez.

– Você? Querida, você...

Fiquei imóvel. Esperando.

– Você é...

Ela sorriu para mim enquanto dobrava o pano de prato azul e branco.

– Você é como o vidro do mar. Daquele tipo verde bem bonito. Todo mundo a ama e quer levá-la para casa.

Demorei um pouco para pegar todas as peças do meu trem e levá-las para o meu quarto. “Foi um elogio”, disse para mim mesma, empilhando as peças. “Era para fazer com que você se sentisse bem”, pensei.

10 Amanheceu o sábado, quente e ensolarado. Oficialmente nove anos. estava pronta para ir assim que acordei. George só chegaria ao meio-dia, mas fiquei saltitando pela casa, abrindo a porta da frente e espiando a calçada desde as dez da manhã, criando um caminho de folhas caídas. Quando George virou a esquina em direção ao nosso quarto, corri de volta para dentro de casa para abrir-lhe a porta como se estivesse surpresa.

– Oi!

Ele retribuiu o cumprimento, cantou feliz aniversário para mim e depois foi direto para o quarto de Joseph. Depois de dez minutos de convencimento, Joseph saiu do quarto usando um boné com os dizeres “A melhor coisa do beisebol é o boné” e George me perguntou o que eu achava de irmos todos juntos a uma confeitaria na Beverly que se especializava em biscoitos caseiros que custavam absurdos três dólares cada.

– Bom – eu disse, concordando com a cabeça. – Acho bom.

A onda de calor era mais leve e havia um pouco mais de vento naquela tarde de céu branco de sábado. Papai havia saído para jogar tênis, mamãe estava no estúdio de marcenaria aprendendo o ofício, e nós três saímos juntos, cruzando a Melrose, andando em direção ao sul pelos prédios residenciais de quatro andares margeados por jacarandás que se enfileiravam pela Spaulding.

Quando eu atravessava a rua, de acordo com a minha mãe, eu ainda tinha de segurar na mão de alguém. Com dez anos, eu seria capaz de atravessar as ruas com as mãos livres. Eu me segurara à mão de Joseph muitas vezes antes, durante muitos anos, mas segurar a mão dele era como se segurar em uma planta e, como a decepção dos dedos que não me seguravam era muito intensa, em determinado momento optei por me segurar no braço dele. Nas primeiras ruas que atravessamos, foi isso o que fiz, mas na esquina da Oakwood, num impulso, eu me segurei na mão de George. Imediatamente seus dedos me seguraram também. O sol. Mais arbustos de amores-perfeitos pendendo das janelas em arbustos de tom rosa-escuro. Sua palma da mão quente. Um gato alaranjado descansando na calçada. Pessoas com camisetas pretas amassadas sentadas e fumando nos degraus. A cidade se abrindo.

Chegamos ao outro lado e soltamos as mãos. Como eu queria, naquele momento, que o mundo todo fosse uma rua.

Enquanto os meninos andavam um pouco à frente, Joseph usando uma folha de ficus para agitar no ar e demonstrar alguma coisa sobre torque, eu observava as costas deles e os gestos de seus braços. No meu prazer de ser incluída, me esqueci completamente do motivo do passeio, mas, assim que chegamos à esquina e entramos na Beverly, o perfume sedoso da manteiga e do açúcar me trouxe à realidade. O cheiro que geralmente deixa as pessoas babando me invadiu e caiu horrivelmente no meu estômago.

– Hummm – disse George.

Joseph revirou os olhos. Ele parecia ser à prova de odores, de algum modo. Ele escolheu um lugar do lado de fora da confeitaria, sobre uma mureta de pedra cercada por algumas azaleias murchas, e pegou sua costureira pilha de papel quadriculado.

– Vou ficar aqui fora. Trabalhando de verdade – disse ele.

E começou a folhear as páginas quadriculadas. George abriu a porta para mim e nós entramos juntos.

Se eu raramente passava algum tempo com Joseph, com certeza jamais havia ficado sozinha com George. Não tinha a menor ideia do que fazer. Era como se me convidassem para dançar ou, na verdade, me convidassem para qualquer coisa. A loja estava vazia e fiquei no meio do salão, girando, lendo o máximo que podia verbalizar dos entusiasmados cartazes que cobriam as paredes, garantindo-nos que cada biscoito havia sido feito *ali mesmo* – o que George e eu concordávamos ser um fator decisivo no teste de hoje.

– É melhor estar longe da sua casa – disse ele, se aproximando de mim. – Talvez sejamos capazes de dizer coisas diferentes, se não conhecermos as pessoas.

– Tudo bem.

– Tire o sujeito do seu ambiente e refaça o teste – disse ele, fazendo sinal de aspas com as mãos.

Nas gôndolas, escolhi um biscoito com gotas de chocolate e um de aveia. George pegou a mesma coisa e me olhou de perto com aquelas sobrancelhas arqueadas.

– Bom, está pronta?

– Acho que sim.

Sentei-me diante de uma mesa vermelha e bege.

– Não tenha pressa – disse George.

Mordi o biscoito com gotas de chocolate. Mastiguei lentamente.

Àquela altura, depois de quase uma semana, eu já era capaz de distinguir várias camadas um pouco mais rápido. As gotas de chocolate eram produzidas numa fábrica, por isso todas elas tinham o mesmo gosto ligeiramente metálico e ausente; a manteiga havia sido feita com o leite de vacas confinadas, por isso não tinha tanta exuberância; e os ovos tinham um quê de distância e plástico. Todas essas partes zumbiam a distância, e senti que o confeiteiro, que misturou os ingredientes e preparou a massa, estava com raiva. Uma raiva intensa no biscoito.

– Raiva? – eu disse para George, que estava em pé, escolhendo entre as demais fileiras de biscoitos, com pedaços de chocolate branco e amanteigados sem açúcar, enquanto mastigava o seu.

– É um biscoito com raiva?

Disse que sim, hesitante. Ele deu outra mordida no seu biscoito e pude vê-lo prestando o máximo de atenção, tentando sentir o sabor que eu senti. Seus olhos se focaram em algo próximo.

– Caramba – disse ele, depois de um minuto, balançando a cabeça. – Nada.

Ele foi apertar a campainha no balcão. Depois de um tempo, um funcionário surgiu dos fundos, um jovem com cabelo curto e preto e um nariz orgulhosamente curvado, vestindo um uniforme empoeirado.

– Sim. Algum problema?

– Vocês assaram estes biscoitos aqui? – perguntou George.

O jovem, provavelmente com não mais do que vinte anos, olhou para a metade do biscoito que George ainda tinha na mão.

- De que tipo? – perguntou.
- Com gotas de chocolate.
- Ele bufou. E olhou para o relógio.
- É – disse.

George apoiou os cotovelos no balcão e cruzou os pés com sua calça cáqui com um milhão de bolsos. Eu estava apaixonada por ele, muito, naquele momento. Eu não me importava que meu irmão estivesse me lançando olhares maldosos de ódio a semana inteira. Em pouco tempo, eu sabia, eles se distrairiam com alguma outra coisa – irrigador quebrado, alteração do padrão climático ou rotas do sistema de trânsito ao longo de La Brea –, mas naquele momento eu era o Projeto Número Um. O jovem de uniforme vermelho na confeitaria respondeu a George, como a maioria das pessoas acabava fazendo. George queria algo dele, algo muito específico naquela hora, e falava com aquele olhar amigável ao qual era tão difícil resistir.

- Estamos fazendo um trabalho escolar – disse George, inclinando-se para chegar mais perto. – Pode responder algumas perguntas?

- Acho que sim.
- Qual era o seu humor quando fez este biscoito?
- Nada de mais. Eu só faço os biscoitos. Na bacia, pistão, forno, pronto.
- Você gosta de fazê-los?
- Não. Eu odeio esse trabalho.

George ajeitou sua posição no balcão. Ele se virou por um segundo para olhar diretamente em minha direção. Um farelo doce deslizava pela minha garganta.

- Por quê? – perguntou George.

- Você gostaria de vender biscoitos em seu primeiro emprego depois de formado?

- Provavelmente não – respondeu George.
- Eu nem ao menos *gosto* de biscoitos.

Mordi o biscoito de aveia. As mesmas camadas: agora os flocos, bem secos e não umedecidos de forma adequada; depois as uvas-passas, meio sem sabor, feitas de uvas desidratadas e colhidas por trabalhadores sedentos; e, por fim, o confeitiro, apressado. O biscoito havia sido feito com pressa, como se eu tivesse de comê-lo rapidamente, caso contrário, ele, de algum modo, me comeria.

- Aveia com pressa – disse para George, um pouco alto.

- Gotas de chocolate, raiva – disse ele, virando-se. – O que há com o de aveia?

- Pressa – eu disse.
- Ele se virou novamente.
- Você preparou o biscoito de aveia?
- Não. Foi a Janet.

- Quem é Janet?

- Ela trabalha aqui pela manhã. Fala muito sobre o trânsito e está sempre atrasada – disse ele.

- Ele olhou para mim e sorriu. Pude sentir meu rosto ficando vermelho.
- Obrigado – disse ele para o cara.

George veio em minha direção e prendeu meu cabelo em dois rabos de cavalo.

– Al-guém é es-per-ta – cantou ele.

Eu queria me agarrar a ele, me amarrar à sua roupa.

– Mas eu não quero isso pra ninguém.

– Então qual é o trabalho? – perguntou o cara, arrumando despreocupadamente as pilhas de cupons no balcão da frente.

Eu estava sentada na cadeira vermelha, que fora pregada ao chão com vários pinos de plástico. Só as pontas dos meus pés tocavam o chão. A mesa tinha uma espessa camada de verniz sobre uma estampa bege pontilhada que parecia estar tentando sugerir espontaneidade. Eu não conseguia comer mais nenhum dos biscoitos, por isso os deixei se esfarelando sobre a mesa.

– Acho que você pode considerar isso um teste de localização – disse George, estendendo a mão para pegar o que restara dos meus biscoitos. – Tipo, onde localizamos certo sentimento dentro de um biscoito – disse ele, mastigando.

O cara passou a mão pela testa e um bocado de cabelo preto caiu sobre seus olhos.

– Ou estou ficando louca – eu disse, de onde estava sentada.

– E? – disse o cara.

A verdade é que era difícil ver George comendo aqueles pedaços de biscoitos sem se importar. Sem sentir nem um pouco do sabor da pressa no biscoito de aveia da Janet, que era tão apressado que parecia que se estava comendo uma agenda de um executivo, ou sem sentir nada do saco de pancadas escondido ao lado de cada gota de chocolate. Eu já estava com muita inveja da boca das outras pessoas, mas eu amava George em parte porque ele acreditava em mim, pelo simples fato de que, se eu estivesse numa sala branca e fria e gritasse “fogo!”, ele se aproximaria e me perguntaria por quê. Era a mesma coisa que faria dele um ótimo cientista.

– Não – eu disse. – Talvez não.

– Espere um pouco – disse ele.

O cara foi para os fundos e voltou com um sanduíche na mão, bem embrulhado num plástico.

– Isso também funciona com sanduíches? – perguntou ele.

Eu não me mexi. Ele me estendeu o sanduíche. George observava com uma espécie de curiosidade neutra e eu não tinha certeza do que deveria fazer, por isso apenas desembulhei o sanduíche e dei uma mordida. Era um sanduíche feito em casa de presunto, queijo e mostarda, com pão branco e uma folhinha de alface no meio. Nada mal, na parte da comida. Bom presunto, mostarda comum de uma fábrica competente. Pão ordinário. Quem picou a alface estava cansado. Mas no sanduíche senti um sabor quase berrante. Como se o próprio sanduíche estivesse gritando comigo, gritando “me ame, me ame!”, bem alto. O cara no balcão me observava atentamente.

– Ah – eu disse.

– Foi minha namorada quem fez – disse ele.

– Sua namorada prepara seus sanduíches? – perguntou George.

– Ela gosta – disse o cara.

– Não sei o que dizer.

Deixei o sanduíche de lado.

– O quê? – perguntou o cara.

– O sanduíche quer que você o ame – eu disse.

O cara começou a rir. Minha voz, contudo, estava fraca. George se aproximou e deu uma mordida.

– É de presunto? – perguntou ele.

– O sanduíche? – perguntou o cara.

– Ele estava gritando para mim – eu disse, fechando os olhos. – Estava gritando para que eu o amasse.

George deu outra mordida e depois reembulhou o plástico ao redor do pão.

– Isso se parece com ela?

– Não – disse o cara, ainda rindo um pouco.

– Quero dizer, você a ama? – perguntou George.

O cara deu de ombros.

– Depende do que você entende por amor – disse ele.

Deitei minha cabeça sobre a mesa. Os gritos eram altos e havia muita informação para processar, e aquilo tudo era demais para uma menina de nove anos. George devolveu o restante do sanduíche por sobre o balcão.

– Pronto. Chega de testes para a Rose.

Ele se aproximou, segurou minha mão e a apertou. Sequer estávamos na rua.

– Obrigado por sua ajuda – disse George, levantando-se e me puxando para cima. – Você foi ótimo. Diga à Janet para ir mais devagar.

– *Vuum* – disse o cara, concordando e fazendo movimentos rápidos para imitar Janet. – Obrigado? – disse ele, com uma voz que parecia querer que ficassemos mais um pouco.

Jogamos nossos guardanapos fora e saímos pela porta. Eu segurava com força a mão de George. Estava tão aliviada de ouvir o trânsito lá fora, de ver os reflexos nas janelas fechadas dos carros, pessoas às quais eu não tinha acesso em seus carros, vivendo suas rotinas.

Lá fora, Joseph ainda estava sentado na amurada de pedra que protegia aquelas poucas azaleias rosas, criando um arranjo florido de linhas num papel.

– Bem, ela está falando sério – disse George, aproximando-se. Ele levantou minha mão, como se eu tivesse ganhado alguma coisa. – Sua maninha. Ela é como uma vidente mágica das comidas ou coisa parecida – disse ele.

Joseph levantou os olhos. Ele não mexeu um só músculo do rosto. Ao contrário, ele estendeu três páginas de papel quadriculado com formas perfeitas neles desenhadas.

– Espirais para a sua parede – ele disse.

– Legal – disse George.

Ele precisou de um minuto para olhar cada uma.

– Então – disse George, virando-se para mim assim que começamos a caminhar. – Parece que, em geral, são os sentimentos que as pessoas não reconhecem, não é?

– Parecia algo assim para mim também, mas eu não tinha a menor ideia.

– O cara estava com *tanta* raiva! – disse ele, rindo, contando a Joseph sobre o funcionário da confeitaria.

Joseph ouvia enquanto George contava a história toda e eu segurava a mão de George todas as vezes para atravessar as ruas, ele segurando também a minha, com dedos quentes e firmes. Às vezes ele se esquecia de me soltar na calçada e eu ficava de mãos dadas o máximo que ele permitia, até que ele precisasse de seu braço para fazer um gesto sobre a beleza gótica do cacto negro ou dos ângulos elegantes da chaminé da casa de alguém. Eu sabia exatamente o que aquele sanduíche sentia. Com minha mão na dele, eu olhava para todos os prédios residenciais com espasmos de amor, espiando as janelas largas que davam para a rua e que deixavam à mostra salas de estar pintadas com um vermelho escuro ou fosco. “Sou uma vidente da comida”, disse a mim mesma, apesar de a ideia de ser assim me desse vontade de me esconder sob os prédios e nunca sair de lá.

* * *

Saboreei aquela caminhada enquanto pude, porque assim que chegamos em casa a corda se rompeu. Ou Joseph a cortou. Assim que entramos, ele correu para seu quarto e trouxe de lá um raro livro de capa dura ilustrado sobre fractais que ele havia pegado emprestado na biblioteca e que era um chamariz para a mente científica da oitava série. Os dois passaram o resto do dia e um pouco da noite admirando uma folha.

11 Nos dias mais longos de primavera, papai deixou de lado o tênis nas horas de lazer para trabalhar num caso sobre direitos de redistribuição e minha mãe continuou com a marcenaria, voltando para casa com um perfume agradável de serragem e resina. Ela já havia levado para casa um painel de teca e uma caixa lixada ao máximo, parecendo feita de cetim. E agora era uma cadeira reclinável de pinho para a sala de jantar, com pernas quadradas e uma estampa complexa no encosto pintado de dourado. Nós ficamos dando voltas nela, admirados. Ela soprou os dedos e reclamou das farpas, por isso ela e Joe fizeram uma viagem especial a uma loja de produtos de beleza, onde ele comprou o melhor par de pinças à disposição. Eles ainda gostavam desses compromissos juntos. Naquela tarde de domingo, depois do jantar, Joseph se sentou ao lado de mamãe no sofá e, com cuidado, mergulhou as pinças numa tigela rasa com água aquecida e usou pacientemente seus dedos compridos e sua destreza para tirar as farpas das mãos dela. Ao remover uma lasca, ele a secava num papel-toalha, mergulhava novamente a pinça e procurava pela próxima. Aquilo demorou uma hora e rapidamente se transformou numa rotina regular, todas as tardes de domingo.

– Você poderia ser um neurocirurgião, Joe – murmurou mamãe, observando.

Às vezes eu me perguntava se, aos sábados, ela passava suas mãos sobre a madeira só para manter aquele tempo especial que passava com ele.

Tive dificuldades durante todo o restante do ano escolar. Enchia meu caderno de caligrafia. Pegava o ônibus. No recreio, eu era a primeira da fila para o time de queimada, e várias vezes a professora teve de me expulsar por arremessar a bola com muita força. Eddie me chamou de trapaceira. Eliza me olhava de lado, eu havia jogado a bola nela. Quebrei os óculos de um menino porque joguei a bola perto demais do rosto dele.

Eu não conhecia mais ninguém para conversar, por isso, sozinha, me alimentava de comida industrializada no lanche, aprendendo as diferenças sutis na espessura e consistência de várias indústrias em todo o país. Também me alimentava de comida pré-preparada do mercado, feita por funcionários felizes, funcionários nervosos, funcionários frustrados e, às vezes, eu tinha medo de abrir a geladeira. Os alimentos assados eram os mais poderosos, já que demoravam mais para serem preparados, desde os menores ingredientes, por isso eu me saía melhor com uma combinação de alimentos altamente processados – balas, biscoitos com manteiga de amendoim, batatas fritas – feitos por ninguém. Assim como alguns hambúrgueres de *fast-food*, montados por máquinas e preparados, em geral, por ninguém, e frutas e legumes não cozidos. Na escola, comia maçãs e cenourinhas e depois usava minha mesada para comprar comida da máquina de lanches, e assim passava o dia.

Perguntei a papai se podíamos sair para comermos fora de casa com mais frequência, para dar à mamãe um descanso da cozinha.

– Mas eu adoro cozinhar! – disse mamãe, acenando. – Há algo de tão errado assim com a minha comida?

– Não, não – eu disse. – É para a escola?

Puxei meu pai pela manga.

– Por favor?

Papai não gostava das porções gigantescas dos restaurantes, mas apertou os lábios, refletindo, e mencionou um novo restaurante italiano que ele achava que podia ser bom, na Beverly. Fomos lá num sábado. O chef estava um pouco grosseiro em seu minestrone, mas também agradável, leve e fácil de comer.

– Será que é um costume? – cantei, esperançosa, no carro.

– Eu preciso mesmo de meio quilo de carne num prato? – perguntou papai, passando no sinal amarelo. – Preciso realmente disso?

Mamãe acariciou-lhe o rosto.

– Você é um homem em fase de crescimento – disse ela.

– Não sou, não! – disse papai, batendo no volante. – Não vou crescer mais! Só para os lados!

A enfermeira da escola me procurou para um acompanhamento. Eu havia perdido dois quilos. Ela me recomendou sorvete. Sorvete era, em geral, aceitável. Ganhei peso novamente.

– Mas então o que é que eu *faço*? – perguntei a George alguns meses depois da visita à loja de biscoitos, depois que Joseph havia saído do seu quarto para fazer uma bacia de pipoca. George estava deitado no chão, de costas, e de algum modo tinha um daqueles indicadores a *laser* e o estava apontando para os cantos do teto.

– Ei, olha só isso.

Dei um passo para dentro e vi a luz vermelha marcar um pontinho em cada ângulo do teto.

– Raios de luz – disse ele.

– Bonito – eu disse. – Mas o que eu faço quanto a isso? – perguntei novamente, depois de um minuto.

– Sobre o quê?

– Meu problema com a comida.

Ele pôs o pontinho vermelho bem na minha testa.

– Agora você parece uma indiana – disse ele.

– George?

– Não é um problema – disse ele, tirando o pontinho da minha testa. – É fantástico.

– Eu odeio – disse, retorcendo o canto da boca.

– Você vai acabar se acostumando com isso – disse ele, lançando o ponto vermelho através do buraco da fechadura na porta.

Ele sorriu para mim, e era um sorriso sincero, mas também distante. Nossos barcos haviam se separado no rio. Havia uma promessa de lealdade que ele tinha de cumprir. Eu podia ouvir a pipoca estourando na cozinha e o cheiro inebriante da manteiga derretida no pote. Joseph resmungando enquanto preparava. Aquela pipoca, uma morte repentina salgada. Não comeria nem um pouquinho.

– Talvez – eu disse.

– Acho que você deveria se tornar uma heroína. – Ele pôs o pontinho vermelho na minha boca. – Abra.

E pôs o *laser* na minha garganta.

– Aí está – disse ele, agitando o pontinho. – Superboca.

* * *

Quase seis meses depois do incidente com o bolo, numa manhã de sábado, em agosto, acordei sentindo o cheiro de frutas e de fermento para descobrir que mamãe estava explorando a cozinha, assando uma torta de verão sem receita. Joseph saíra mais cedo para lançar foguetes a bateria com George no parque e papai buzina no seu horário de sempre, apesar de ser fim de semana. As coisas andavam tensas pela casa. Papai, brusco; mamãe, magoada. Quando papai estava em casa, mamãe lhe contava histórias com uma voz bem rápida e ele mal parecia ser capaz de ouvir, seus olhos dispersos pela sala.

Naquela manhã, quando me arrastei para dentro da cozinha, ainda de pijama, ela me recebeu como se eu fosse uma grande amiga que não via há muito tempo.

– Rose! – disse ela quando apareci na porta. – Bom dia! Como você está? Como você dormiu?

Ela me puxou para me abraçar e me segurou com força. Seus cabelos recém-lavados exalavam o perfume de uma plantação de lavanda.

– Então! – disse ela, batendo palmas. – Querida, o que você acha de torta para o café da manhã?

O fato de ela estar acordada provavelmente significava que ela não voltou a dormir depois das duas da manhã e que começou a cozinhar para espantar o tédio por volta das cinco. Tigelas de misturas e colheres e respingos de farinha cobriam a bancada.

– Ou cereais? – eu disse.

– Estou tentando a nova receita publicada no jornal. Torta de pêssego e mambo. Pronta, filha? Vai saboreá-la comigo?

– Mambo? Isso não é uma dança?

– Arando? – disse ela. – Arando vermelho? Alguma coisa assim.

Ela me puxou para a mesa da cozinha, radiante, o que era algo incomum nela. Aquela manhã tinha avisos de alerta por toda a parte.

Minha mãe estava cozinhando com mais frequência, em geral, mas ela levava sobremesas para a marcenaria, onde seu chefe, graças a Deus, tinha certa preferência por doces. Ela me contou, rindo, que ele simplesmente adorou o *cheesecake* e comeu todos os biscoitos de aveia que ela havia feito. Alguma combinação perfeita entre a marcenaria, as pessoas de lá e o hábito de tirar as farpas com seu filho a fez continuar indo a Silver Lake mesmo depois de chegar ao seu limite de sempre, e todas as noites, já na cama, eu rezava agradecendo ao chefe da marcenaria por comer o que eu não podia. Mas naquela manhã eu estava sozinha, e era fim de semana, a marcenaria descansava e a cozinha exalava os cheiros típicos dos Estados Unidos: os pomares de Atlanta e as bagas do Oregon, o legado inglês das tortas que viajaram com os puritanos no *Mayflower*.

Como criança, só lhe resta tentar. Havia o mesmo velho medo e a mesma velha esperança e, por conta da esperança, comi o pedaço de torta que ela serviu num pratinho branco, com um garfo de prata, sob a luminária dupla no teto. Usando meu pijama de margaridas e minhas meias de coelho. O gosto era tão

ruim que mal consegui manter a torta na minha boca.

– O que você acha? – perguntou mamãe, fechando os olhos enquanto saboreava, recostando-se na cadeira como fizera antes.

Começamos com um bolo; terminamos com uma torta.

Eu me recostei também. Não podia mais, de uma vez por todas, continuar escondendo aquilo. Eu me inclinei para fora da cadeira e me deixei cair no chão azulejado da cozinha. Fiquei no chão porque tinha de ficar ali embaixo. A cadeira era alta demais. A luminária, intensa.

– Rose? Querida, você está bem?

– Não – eu disse, bem baixinho.

– Você está engasgando?

– Não – eu disse.

Fechei os olhos. Algo se agarrava à minha garganta. A aspereza da massa da torta, da calda de arando: cada mordida com a mesma e velha súplica horrível.

“Foi ela? Fui eu?”

Amanhecera por completo e, lá fora, eu podia ouvir os meninos da vizinhança em suas bicicletas, rodas passando por sobre poças dos jardins irrigados no início do dia. Até agora havia sido um agosto ameno, e a luz lá fora era intensa e clara. O ar era úmido por causa dos jatos dos sistemas de irrigação, e eu gostava de passear pelas calçadas e resgatar todas as minhocas que se contorciam com uma folha dobrada e colocá-las de volta na terra. Eu era, em geral, uma criança tranquila, uma salvadora de minhocas. Mas, naquela manhã, enquanto as crianças andavam de bicicleta e assoviavam lá fora, peguei uma folha de papel-toalha e limpei com força minha língua.

Comecei a limpar a boca.

– Saia de mim! – gritei.

– O que está havendo, filha? – perguntou mamãe, saindo com dificuldades do seu lugar.

– Minha boca – eu disse, chorando.

As lágrimas rolavam quentes pelo meu rosto. A enchente cobrindo tudo. Tentava desesperadamente arrancar aquilo da minha boca com os dedos.

– Tire isso de mim! *Por favor*, mãezinha. Tire isso do meu rosto.

O chão azulejado estava frio e fiquei feliz por estar ali, no chão, sempre ali, e coloquei meu rosto bem em cima do azulejo, deixando que o frio me acalmasse.

Mamãe se ajoelhou ao meu lado, seu rosto vermelho de preocupação.

– Rose, meu amor. Não entendo. O que você está querendo dizer?

Joguei o papel-toalha fora. Peguei outra folha. Limpei minha língua. Peguei outra. Eu estivera evitando a comida assada pela minha mãe, mas há meses comia seus jantares cozidos, que ela preparava para a gente todas as noites, com dedicação e amor, tentando não revelar tudo com minhas expressões e comendo batata frita depois de cada mordida. No almoço, eu experimentava um pouco da comida dos meus amigos, passeando pela cantina e finalmente encontrando um bom pedaço de *pizza* grossa feita na cozinha da escola por uma moça triste com

uma rede no cabelo e que trabalhava sozinha num canto. Ela era triste, é verdade, mas a tristeza era tão sincera e tão reconhecível que achei que o molho de tomate e o queijo derretido eram comestíveis e até mesmo bons. Todos os dias, eu tentava chegar à cantina a tempo de pegar sua comida, porque às vezes ela parava para almoçar bem na hora do nosso intervalo. Eu me espremia para ser a primeira na fila para alcançá-la antes que ela fosse embora, saindo apressada, tanto que minha professora me puxou de lado para me perguntar o que estava acontecendo.

– A moça da cantina – eu disse, reparando em seus brincos azuis.

– Você precisa ficar com o restante da turma, Rose – disse ela, obrigando-me a encará-la.

A mesma moça triste voltava do seu intervalo dez minutos antes que o sinal soasse, por isso ficava mordiscando uma maçã ou qualquer coisa industrializada até que ela voltasse e depois correndo para seu guichê e aceitando qualquer coisa que ela preparasse, de modo que, antes que o almoço terminasse, eu pudesse sentir um sabor que já conhecia. Eu comia *fast-food* sempre que podia, o que não era diferente de me segurar no braço de Joseph para atravessar a rua em vez de suportar a decepção de suas mãos. Eu tentava descobrir, em cada situação nova, algo que me satisfizesse, e toda a minha rotina passou a se ocupar disso. E, todos os dias, eu fingia gostar de comer em casa, em meio às brigas e aos silêncios semanais entre meus pais, em meio aos olhos brilhantes e insones de minha mãe. Mas, por algum motivo, naquela hora, eu não fui capaz de fingir gostar da torta. A torta que descansava na bancada, com duas enormes fatias douradas dela tiradas.

– O que está havendo, Rose? É a torta?

– Você está tão *mal* – eu disse, olhando para o azulejo no chão.

– O que você está querendo dizer? – perguntou ela, tocando em meu ombro.

– Você está falando com o chão? Fale comigo de novo, Rose.

– Você está tão triste lá... e sozinha, ansiosa e triste...

– Onde? – perguntou ela.

– Na torta.

– Na torta? – perguntou ela, recuando. – O que você quer dizer, filhinha?

– Nada de filhinha. Chega de filhinha.

– Rose? – disse ela, franzindo a testa, suplicante.

As lágrimas caíram novamente, embaçando minha visão. Arranhei minha boca.

– O que você está fazendo? – perguntou ela, segurando minhas mãos. – Querida?

Eu me afastei dela.

– Eu senti o gosto – disse, atacando.

– Mas, Rose, sentiu o gosto do quê?

– EU SENTI O SEU GOSTO! – eu disse. – SAIA DA MINHA BOCA!

Ela me levou para a emergência. Chorei durante todo o trajeto e enquanto esperávamos, sentada na cadeira de plástico. O médico finalmente surgiu, me deu uma injeção e me pôs numa maca.

– Ela está inconsolável – ouvi minha mãe dizendo, sua voz cheia de preocupação, enquanto eu delirava.

12 Os médicos não sabiam como me diagnosticar, mas eu realmente havia tido um delírio, diziam, relacionado à minha boca. Fiquei seis horas na ala de emergência do Centro Médico Cedars-Sinai naquele dia, fazendo exames, respondendo a perguntas e fazendo xixi num potinho.

Chegamos por volta das dez e meia da manhã e, depois que me acalmei e o efeito do remédio passou, e depois de algumas horas de perguntas médicas básicas, um médico alto usando óculos de meia-lua entrou no quarto onde eu me recuperava. Eu estava deitada na maca, em silêncio. Envergonhada pelo escândalo que dei.

Minha mãe estava sentada numa cadeira ao lado, remexendo nervosamente na bolsa. A sala ao nosso redor era pintada em tons de bege – uma faixa bege escura, uma parede branca e uma aquarela numa moldura de bom gosto, com a imagem de alguns juncos num vaso.

O médico se sentou na beirada da minha cama e fez um monte de perguntas. Como eu me sentia. Se eu dormia bem. O que eu comi.

– Você dorme às oito e meia? – perguntou ele, escrevendo.

– Sim.

– E acorda a que horas?

– Sete.

– Acorda no meio da noite?

– Às vezes.

Ele escreveu alguma coisa na prancheta.

– Por quê?

– Só às vezes – eu disse. – Acordo às duas da manhã.

Mamãe torceu o nariz, como se sentisse o cheiro de algo engraçado.

– Só quando ela está acordada – eu disse, apontando para mamãe.

O médico se virou para ela.

– Ah – disse ele, solidário. – Insônia?

– Não, só um pouco de ansiedade.

– Claro, ansiedade, conheço bem isso. Você é daqui?

– De San Francisco – disse mamãe, sorrindo.

– San Francisco! Que lugar encantador. Sou de Sacramento.

– É mesmo? E...

– Com licença – eu disse.

Os dois se viraram para mim.

– Terminou? – perguntei.

O médico abriu a boca para dizer mais alguma coisa, mas depois voltou a consultar sua prancheta. Ele fez mais algumas perguntas sobre vômitos, do mesmo jeito que a enfermeira da escola, anotando tudo com sua caligrafia quadradinha de médico. Então saiu. E mamãe saiu para conversar com ele. Afundei-me no travesseiro e, naquela hora, amadureci anos. Depois de um tempo, os dois voltaram ao quarto com outro médico, que ficou diante da minha maca. Lenços usados, doces grudentos e cartões de visita amassados enchiam o lixo, refugos da bolsa da mamãe.

Todos eles me encararam do alto de suas vidas adultas.

– Obrigada pela ajuda – eu disse, me sentando. – Já me sinto melhor.

Eles me serviram uma tigela de sopa com macarrão de hospital, que tinha sabor de ressentimento, simples e abundante. Eu comi tudo, certificando-me de que eles estavam vendo. Comi todos os biscoitos salgados, amontoados numa embalagem quadrada e fabricados em East Hanover, Nova Jersey.

– Desculpe. Estou com febre?

– Você sabe que não pode arrancar sua boca – o médico alto disse.

– Eu sei. Faz parte do meu corpo.

O outro médico coçou a cabeça.

– Mas...

– Não sei por que disse aquilo – eu disse. – Estava me sentindo muito enjoada.

Minha mãe, de pé ao meu lado, aproximou-se.

– Ela está... – e suspirou alguma coisa para o médico mais alto.

Ambos os médicos fizeram que não com a cabeça.

– Ela parece bem. Deixe-a descansar. Talvez tenha sido um incidente isolado.

Terminei minha sopa. Vesti novamente minhas roupas enquanto eles davam papéis para minha mãe assinar. Um velho numa cadeira de rodas passou pela nossa porta. No corredor, lâmpadas fluorescentes lançavam um brilho fraco sobre o piso de linóleo branco, o que tornava difícil saber a hora do dia, mas vi de relance uma janela que ia do piso ao teto, toda amarelada pela luz do fim da tarde.

Enquanto minha mãe terminava de assinar os papéis, o médico me deu um pirulito de cereja, fabricado numa indústria na Louisiana, onde, depois de receber o sabor artificial, o açúcar quente resfriava sobre uma mesa de metal com pequenos círculos e depois era pressionado contra um canudo branco. Não havia qualquer sinal de pessoa nele.

– Obrigada – eu disse, chupando-o inteirinho, até o final.

No estacionamento, abri a porta do carro com cuidado e me ajeitei no assento.

– Obrigada por me trazer – eu disse.

– Claro – disse mamãe, dando marcha à ré.

– Tudo certo com os exames?

– Tudo certo.

Ela entrelaçou seus dedos ao volante, dirigindo como se quisesse puxá-lo para seu peito.

O tráfego era intenso na rua Três. Uma espécie de caminhada estava sendo realizada. As lojas, com vestidos nas vitrines, com vasos de vidro, cheias de pessoas olhando.

– Eu a assustei – eu disse, baixinho.

Ela suspirou. Esticando-se, ela acariciou meus cabelos com a mão.

– Você realmente me assustou.

– Desculpe.

– Ah, Rose.

– Não farei isso novamente.

Ela abriu a janela e colocou o braço para fora, seus dedos na lateral do

carro, batendo na lataria.

– Você disse... Ah, deixa para lá. Vamos para casa.

– O quê?

– Você disse que eu estava me sentindo mal, que sou tão infeliz que nem parece que estou viva.

– Disse? – perguntei, embora me lembrasse de toda a conversa como se ela tivesse sido gravada.

Da janela aberta, o ar fresco circulava pelo carro. Já eram quase quatro horas da tarde agora, e a luz era dourada e fluida.

– Estou bem, quero que saiba disso, minha filhinha. Não quero que você se preocupe tanto comigo.

Ela disse aquilo e me olhou, e seus olhos eram grandes e calmos, de um azul-escuro como o mar no fim do dia. Mas naquele olhar ainda estava aquela mesma súplica: “Por favor, preocupe-se comigo”. Eu via. Sua voz não dizia o mesmo que os olhos. Eu sabia que, se comesse qualquer coisa preparada por ela novamente, provavelmente receberia a mesma mensagem: “Me ajude, não estou feliz *me ajude*”, como uma mensagem numa garrafa enviada a cada refeição para quem a comesse, e eu a recebia. Eu recebia a mensagem.

E agora minha função era fingir que não recebia a mensagem.

– Tudo bem – eu disse.

Ela ligou o rádio. Ouvimos juntas um programa de perguntas e respostas sobre palavras com vários significados. Não consegui me concentrar muito, apenas observava as casas e lojas passando pela Fairfax, *flip, flip*, uma paisagem momentânea, desaparecida.

Pode ser tão solitário ver estranhos na rua durante o dia, fazendo compras num dia ruim. E naquele dia, o dia em que voltei da emergência depois de ter um ataque e de querer arrancar minha boca, não foi nada fácil olhar para as pessoas com suas roupas cheias de vida, seus cabelos brilhosos, apontando e sorrindo para blusas de lã coloridas. Eu queria apagar todas aquelas pessoas. E também queria ser como aquelas pessoas. Mas não podia apagá-las e queria ser como elas ao mesmo tempo.

Em casa, Joseph me tratou melhor do que de costume e nós jogamos gamão em silêncio durante uma hora no quadrado inclinado de luz do sol que ainda restava no tapete. Papai chegou e me deu um travesseiro que havia comprado para mim. Mamãe foi tirar um cochilo. Joseph ganhou. Fui para a cama mais cedo. Acordei a mesma.

13 Meus pais se conheceram numa venda de móveis usados organizada colega que dividia o dormitório da faculdade com meu pai. Os três estavam no último ano da faculdade em Berkeley e o amigo do papai, Carl, era um cara extremamente exigente, algo bem incomum para alguém com pouco mais de vinte anos. Ele lubrificava as dobradiças das portas só por diversão. Papai, um desleixado por natureza, contou que às vezes abria o congelador só para olhar para os potes de comida congelada organizados em pilhas certinhas, os sacos de milho sobre as fatias de *pizza*.

– Ele era bom para mim – disse papai.

Carl também organizava uma venda de coisas usadas a cada dois anos, para tirar o que não prestava da casa. Mamãe gostava de vendas de coisas usadas porque tinha pouco dinheiro e porque era, dizia, fã de objetos curiosos. O que mais a interessava eram os móveis, já naquele tempo, tanto que ela havia comprado vários banquinhos com assento de veludo que usava em seu apartamento para os convidados se sentarem. Sua colega de quarto na época, Sharlene, uma moça de cabelos vermelhos, era apaixonada por culinária e elas costumavam dar festas com pratos do mundo todo, como festas marroquinas e banquetes italianos. Decoravam a mesa com velas roxas comemorativas e velhos mapas desatualizados, porque nenhuma delas podia se dar ao luxo de viajar. Sua colega demorava semanas para planejar o cardápio e o trabalho da mamãe era arranjar lugar para todos se sentarem. Ela havia passado o verão todo vasculhando San Francisco, Oakland e Berkeley atrás de mais banquinhos. Já havia visitado o Mercado de Pulgas Ashby e todas as vendas de móveis usados, e naquela manhã em especial, o sol renovando os jardins, ela parou para olhar entre as pilhas organizadas naquela casinha nas colinas, quando o belo homem alto sentado numa poltrona lhe perguntou se ela precisava de alguma ajuda.

– Você por acaso não teria algum banquinho de veludo?

Ela procurava pelo jardim, seus olhos se deparando com sapatos e utensílios de cozinha.

– Banquinho – disse ele, como se refletindo. – Todo de veludo?

– Só o assento – respondeu ela.

Ele fez que não.

– Desculpe.

– E todo de veludo?

Ele fez que não novamente.

– Nada parecido – disse.

Ela empinou o nariz e sorriu para ele. Naqueles dias, ela deixou seus cabelos soltos até a cintura, e sempre que eu me encontrava com antigos amigos dela, eles descreviam minha mãe como uma mulher parecida com uma sereia com pernas. Com uma pele tão transparente que as pessoas queriam protegê-la.

Papai gostava de um desafio.

– Que tipo de banquinho de veludo você queria? – perguntou ele, levantando-se da poltrona.

– Não importa – disse ela.

– De que altura mais ou menos?

Ela indicou com a mão a altura dos joelhos.

– Com um assento de veludo? De qualquer cor?

Do outro lado do jardim, Carl estava pregando etiquetas de preços em mais alguns livros.

– Nada – disse. – Mas que tal um batedor de ovos por cinquenta centavos?

Mamãe abaixou a cabeça. Havia cartazes colados nos postes da vizinhança, anunciando outras vendas de itens usados.

– De qualquer modo, obrigada – disse ela.

– Ou uma torradeira? – disse Carl, fazendo animados gestos de vendedor com as mãos.

Mamãe riu.

– Boa tentativa. Mas sou uma mulher numa missão.

Papai perguntou se podia acompanhá-la e ela deu de ombros, de um modo que a maioria dos homens da época entendia como um sinal positivo ou negativo. Dar de ombros era, às vezes, como uma permissão, principalmente quando vinha de uma beleza delicada como a dela. Ele correu para dentro de casa e pegou um jornal local, com uma lista das vendas de itens usados no verso, publicada por vizinhos realmente entusiasmados e generosos, e, juntos, eles passearam pelas redondezas, passando por Shattuck e até Elm e Oak, onde os quintais das casas se iluminavam em tons de verde, amarelo e bege. A cada parada, mamãe vasculhava as pilhas enquanto papai dava uma desculpa qualquer para entrar na casa, perguntando ao proprietário se ele podia usar o telefone.

– É importante, muito urgente. Vou ficar muito grato.

Ele era encantador e alto e se oferecia para carregar qualquer móvel pesado para fora, e os proprietários todos aceitavam. Casa após casa, ele ligava para Carl, com instruções.

– Por favor – sussurrava. – Preciso que você envie alguém à loja de tecidos para comprar veludo.

Ele cobria o bocal do telefone com a mão. Num sussurro furioso, ele prometeu a Carl que limparia a sala de estar, tirando seus livros e sapatos, sim, só se ele, Carl, removesse o assento de lã do único banquinho que possuíam.

– O banquinho é *meu* – dizia papai, andando, tentando ficar longe o bastante da porta da frente e da própria venda de itens usados, para que mamãe, abrindo e fechando as gavetas de uma velha mesinha de cabeceira de carvalho, não o ouvisse.

– Sim, vou, todos os anos, tirar minhas coisas dos cômodos – papai prometeu a Carl.

A namorada de Carl, que gostava de travessuras, correu para a loja de tecidos mais próxima, comprou e voltou com o veludo vermelho mais barato, e o cortou num quadrado. Papai manteve mamãe ocupada com o passeio pelas vendas o máximo que pôde, e depois eles foram almoçar num pequeno café em Durant, onde conversaram sobre a faculdade e o abismo pós-formatura. E então ele mordeu a língua e não perguntou mais nada. Depois de dividirem um *brownie* duplo de chocolate com chantili, ela suspirou. Seus olhos brilhavam.

– Tenho de voltar – disse ela.

– Claro. Vamos.

Ele carregou a bolsa dela, que continha alguns livros novos e discos.

– Talvez possamos dar uma última olhada na minha casa no caminho de volta – ofereceu ele, gentil. – Quem sabe... às vezes as pessoas fazem trocas em vez de comprarem. E, de qualquer modo, seu carro está lá perto.

Ela o deixou seguir na frente pela calçada. Carl e sua namorada estavam cansados, sentados em poltronas, contando o dinheiro e decidindo se abaixariam os preços dos itens que sobraram, quando mamãe o viu. Ela saiu correndo e bateu palmas, empolgada, para o banquinho baixo de madeira coberto por uma espécie de veludo rosa gasto que se enroscava sob o assento e estava bem preso à parte de dentro. Ela o viu num canto, perto de uma pilha de livros mofados e talheres diversos.

– Dá para acreditar? – perguntou ela. – Paul, olhe só!

Ela o levantou, passando os dedos sobre o veludo.

Papai veio correndo.

– Inacreditável! – disse ele para Carl. – Alguém deu isso em troca?

– Pela torradeira – disse Carl, sutilmente. – Por isso agora precisamos de uma nova torradeira.

Papai fez que sim.

– Eu adoraria comprar uma nova torradeira para a gente – disse ele.

– Parece um acordo – disse Carl, fechando os olhos. – Achei que você talvez estivesse interessada – disse ele para mamãe.

Ela ficou toda vermelha.

– Estou muito interessada.

Ela se sentou no banquinho, cruzou as pernas e disse que gostava da sensação, gostava muito.

– É rosa como uma flor – disse ela, e a namorada de Carl sorriu.

Na etiqueta lia-se sete dólares e mamãe remexeu na bolsa e pagou pelo banquinho, o que papai a deixou fazer, e ela o colocou dentro do carro, no que papai a ajudou, e eles combinaram de se encontrar na noite seguinte. E foi uma combinação tão natural quanto se estivessem se vendo há meses. Sair com ela estava na sua lista precisa de afazeres, com um quadradinho para se marcar. No casamento deles, Carl, o padrinho, contou a história toda, erguendo a taça de champanhe, uma história que papai não havia contado para mamãe. Os convidados riram. A luz atingiu o líquido dourado do champanhe rapidamente. Mamãe, nas fotos, estava usando um vestido que parecia mais transparente do que realmente era; em todas as fotos ela parecia um fantasma, um fantasma que, a qualquer momento, você poderia ver nu. Era uma obra de arte o vestido, porque ele ficava bem no meio do tangível e do intangível, e era difícil diferenciar sua pele do tecido. Na foto do brinde com papai, que era todo muito tangível, terno preto e ombros retos, os olhos dela estavam em chamas.

Comecei a lhe fazer perguntas sobre o casamento certa tarde, quando tinha onze anos, tentando entender como duas pessoas tão diferentes acabavam casadas, e ela pegou o álbum de fotografias da estante e o abriu sobre nossos joelhos, entre nós. Durante um tempo ela o manteve aberto na página com a foto de Carl segurando sua taça de champanhe no alto, a boca semiaberta enquanto ele fazia o brinde. Ela passou os dedos sobre suas sapatilhas e me contou a

história e, enquanto a contava, senti que havia sensações paralelas na lembrança: admiração por um homem que fizera tanto por ela em poucas horas e por ele ser tão competente para realizar aquilo, e até pelo fato de ele ter se tornado uma pessoa mais organizada em consequência de sua promessa a Carl. Algo que, sem dúvida, ela agradeceria a Carl quando o visse, explicando como todos os dias papai colocava a pasta no armário da sala, tirava os sapatos, guardando-os, e pendurava o casaco. E dizia tudo isso com uma espécie de incômodo evasivo por seu casamento não ter sido um golpe do destino.

– Eu pensava – disse ela – que todos os sinais apontavam para ele. Mas acontece que ele *criou* os sinais! – disse, batendo na fotografia com a ponta do dedo.

– Você ficou com raiva?

– Era o dia do nosso casamento!

Ela virou a página. Olhamos as pessoas que dançavam: pessoas que eu conhecia, todas mais jovens.

– Mas você confiou nos sinais?

Ela balançou a cabeça, mas não negativamente. Como se, balançando a cabeça, ela se livrasse da lembrança. Ela virou mais páginas, o papel escurecido com cantoneiras delicadas mantendo as fotografias no lugar, e apontou parentes que eu não conhecia, como o pai do papai, que morrerá antes de eu nascer, segurando um lenço sobre o rosto como um caubói. Lá fora escurecia e o vestido branco quase transparente iluminava as páginas. Eu olhava as pessoas e resmungava como se tivesse continuado, mesmo que ainda estivesse presa a algumas páginas atrás. Minha mãe procurava por sinais o tempo todo. Se uma pessoa era gentil com ela no supermercado, ela via isso como um sinal de que deveria ser mais gentil com estranhos. Se Joseph lhe sorria inesperadamente, ela relembrava de todos os seus gestos para saber se merecia o sorriso. Certa vez, chegamos em casa e havia uma lesma na entrada. Ela disse que era um sinal para diminuirmos a velocidade, e caminhou pelo quarteirão num ritmo de funeral, dizendo que havia alguma coisa lá para ela, mas só se tivesse paciência. Ela voltou mais animada do que nunca.

– Obrigada, lesminha – cochichou, pegando o molusco e o colocando na sombra fria de um arbusto de jasmim.

Ela estava sempre procurando por instruções inesperadas, e naquela venda de itens usados o mundo lhe dera exatamente o que ela havia pedido, e que presságio podia ser melhor do que aquele? Por isso deve ter sido um golpe descobrir no dia do casamento que a misteriosa mão que controlava o mundo nada mais era do que a mão que ela estava segurando.

Viramos as últimas páginas do álbum. Vovó, num vestido simples com estampa de margaridas. A irmã da mamãe, Cindy, usando calça *jeans*. Alguns dos tios de rostos vermelhos do papai.

– Você está aí – disse mamãe.

– Não – eu disse.

– Está sim – disse mamãe. – Você e o Joe. No ar. O princípio de vocês – disse ela, beijando-me no alto da cabeça.

Na última página, como que para reforçar seu comentário, o beijo: papai e mamãe, agarrados, as camadas daquele vestido fantasmagórico o envolvendo. Ficamos olhando para aquela fotografia por algum tempo.

– Você ainda tem aquele banquinho? – perguntei.

Fomos até a garagem e acendemos a luz. Na frieza do lugar, com seu piso velho de pedra e janelas sibilantes, mamãe e eu vasculhávamos as pilhas, colocando de lado caixas e engradados.

– Veja! – disse eu, passando minha mão sobre o assento.

Mamãe, ajoelhada num monte de brinquedos de bebês, olhou daquele jeito que se olha para uma pessoa que não se vê há muito tempo, e cuja última conversa foi complicada.

– Posso fazer um melhor para você – disse ela, sem muita certeza.

Bati no assento.

– Este – eu disse.

O veludo era macio. Desviei-me das pilhas de caixas e o levei para o meu quarto. Mobília.

14 Houve anos animados. Um aos nove. Outro aos doze. O terceiro aos dezessete. Meu irmão usava papel quadriculado para criar dobraduras segundo instruções; eu via aqueles anos como um trio, mas não queria mapeá-los naqueles papéis quadriculados. Eu não saberia como chamar o gráfico, o que os eixos *x* e *y* indicariam. Em vez disso, eles se confundem em minha mente, como um código para um cadeado que talvez esteja preso a um fecho. É um mecanismo confuso, mas com os três números no lugar, alinhados bem em cima das marcas, algo no tambor dá um clique e se solta.

Nos filmes, um caso de amor é comumente indicado por alguém espiando em quartos de motel ou marcas de batom no colarinho branco. Eu tinha doze anos quando me sentei para o jantar em família, com rosbife e batatas, numa noite gelada de fevereiro, e senti um golpe tão forte de culpa e romance na minha primeira garfada que soube, imediatamente, que ela havia conhecido outra pessoa. Ondas grossas disso na carne e no creme azedo feito em casa e nas cebolinhas cuidadosamente cortadas.

– Ah! – eu disse.

Bebi de uma só vez todo o copo d'água.

– Ah! – disse papai, deixando escapar um suspiro de fim de expediente. – Rosbife – murmurou ele, batendo na barriga. – Meu preferido.

Levantei-me para procurar um pouco de molho de tomate industrializado para me ajudar, enquanto Joseph lia um livro e mamãe se servia de uma taça de vinho.

– Gosta? – perguntou ela.

Lancei-lhe um olhar. Faz sentido. Ela está com a aparência melhor ultimamente, vestindo-se com mais cuidado, um pouco mais feliz, usando lenços estampados presos ao seu rabo de cavalo e pulseiras em ambos os braços. E as coisas em geral estavam num novo fluxo: Joseph havia feito inscrição para várias faculdades e estava ansioso para sair de casa e se mudar para um dormitório que queria dividir com George na Caltech. Mamãe falava com frequência sobre o quanto sentiria a falta dele, mas ele não respondia, e sempre que uma caixa chegava com qualquer tipo de encomenda, normal ou da vovó, Joseph a esvaziava e depois se afastava e começava a embalar suas coisas. Ele já havia empacotado metade das suas coisas, com meses de antecedência. Se pudesse comer seu jantar no seu quarto ele o faria, mas nosso pai insistia que nos sentássemos juntos à mesa.

– Li uma pesquisa – disse papai, abrindo o guardanapo sobre o colo. – Famílias que jantam juntas são mais felizes.

– Acho que essas famílias também conversam entre si – eu disse.

Mamãe, atrás de nós, pegando legumes, riu.

Era verdade: nossos jantares, sempre à mesa, emoldurados por cortinas com estampas florais da cozinha e com o vapor das caçarolas, eram quase sempre feitos em silêncio naqueles dias, a não ser que mamãe estivesse com vontade de nos contar as novidades e as fofocas da marcenaria. Papai não falava muito de trabalho – “eu deixo o trabalho no trabalho!” era o seu mantra. Claro que, logo depois do jantar, ele colocava sua louça na pia e ia para o quarto para

fazer ligações, e costumava trabalhar até as dez ou onze, a não ser que eu batesse fraquinho na sua porta para dizer o nome de um drama de TV que começaria, como se fosse a isca de um pescador para um atum relutante. Desde que tinha dez anos, se eu lhe sussurrasse o nome do programa com força suficiente, podia conseguir que ele deixasse de lado a pilha de papéis e viesse assistir. Se eu falasse muito baixo, ele me mandaria para a cama. Conspirávamos assim: desde que eu não deixasse claro que ainda era uma criança, ele não se comportaria como um pai e, durante uma hora, ambos teríamos um pouco de alívio dos nossos papéis. Ele gostava apenas dos dramas médicos. Os programas jurídicos o deixavam com raiva.

No jantar, como parte de sua adolescência, Joseph preferia ler e comer, por isso geralmente trazia para a mesa um livro, que abria sobre o colo e lia entre as garfadas. Em geral um livro didático, às vezes um suspense. Meus pais haviam desistido de impedi-lo porque quando, anteriormente, eles tiraram o livro de suas mãos, Joseph ficara olhando para o vazio de um jeito tão perturbador que parecia que havíamos colocado um pacote sobre sua cabeça. Às vezes, se ele não tinha um livro à mão, para manter os olhos de Joseph ocupados eu colocava uma caixa de cereais diante dele, e seus olhos percorriam a caixa, presos às palavras, como se aqueles olhos fossem incapazes de fazer qualquer coisa que não vagar e pairar no ar até que palavras ou números os ancorassem de volta ao nosso mundo. Aos dezessete anos, ele deve ter memorizado todos os níveis de vitaminas em vários tipos de cereais, e se eu lhe perguntasse qual a porcentagem de niacina que uma pessoa encontraria numa única porção de Cheerios, não me surpreenderia se ele fosse capaz de citar o número com a mesma precisão com que diria seu peso e altura.

Naquela noite ele estava distante, lendo o informativo geral da Caltech sobre o *campus*, provavelmente pela vigésima vez. Ele não leu o catálogo do curso, parecia muito mais interessado nos dormitórios. Mamãe encheu sua taça de vinho mais uma vez. Ela me surpreendeu olhando-a e piscou para mim.

Eu não falava à mesa porque estava ocupada sobrevivendo à comida. Depois do incidente da sala de emergência, nunca mais quis que ninguém soubesse o que eu sentia. “Se você tentar, vai parecer completamente louca e vai virar uma marginal”, pensava. Existe um tipo de *show* que uma criança pode dar para um pai – um *show* de dor, para tentar expressar alguma coisa, e no meu choro, na minha fala desesperada e na tentativa horrível de arrancar minha boca, eu esperava ser ouvida. Mas meu *show* não havia sido compreendido.

Eu era amigável aos oito anos; aos doze, inquieta e preocupada. Eu continuava com meus estudos e jogava bola quando podia. Minha boca – sempre ativa e alerta – agora era capaz de identificar quarenta ou cinquenta estados no produto ou carne que eu comia. Eu conseguia rastrear até os elementos mais distantes do meu prato, e todas as noites, durante o jantar, um mapa dos Estados Unidos pairava em minha mente enquanto eu mastigava. Eu havia me acostumado a seguir as nuances na salsinha, no gosto de laranja e na batata assada até Flórida, Califórnia e Kansas, respectivamente. Às vezes podia rastrear os ovos até o território de origem. Ao mesmo tempo, escutava minha mãe

falando sobre carpintaria ou batendo no frasco de *ketchup*. Era uma brincadeira boa para mim, porque ainda que isso realmente exigisse um pouco da minha atenção, também me distraía da influência muito mais forte e difícil do humor de quem preparava a comida, que variava. Eu podia participar um pouco da conversa, cortar a carne e, no restante do tempo, percorrer as rotas dos caminhões pelas estradas do país, carretas cheias de cebolas amarelas. Quando ia ao supermercado com minha mãe, confirmava todas as minhas respostas, e aos doze anos eu era capaz de distinguir um gomo de laranja da Califórnia de um gomo de laranja da Flórida em menos de cinco segundos, porque a laranja da Califórnia tinha um sabor mais arredondado por causa do terreno desértico e da água com sabor forte da irrigação. Tudo isso me mantinha muito ocupada. Eu tinha pouca coisa a acrescentar à conversa.

Mas minha mãe falava. Assim que se sentava, ela bebia uns poucos goles de vinho para se aquecer e todos nós nos reclinávamos enquanto ela preenchia todo o espaço. Éramos gratos pela distração que ela nos oferecia. Podíamos entrar e sair de seus monólogos, sua mão pousada de leve no gargalo curvo da garrafa de vinho. Ela nos contou tudo sobre a cooperativa de marcenaria, que conseguira manter e até mesmo ampliar seu interesse. Sua habilidade crescera rapidamente em quatro anos e ela falava sobre a fabricação de armários, encaixes e os vários fracassos e triunfos envolvidos no corte de uma tábua com uma serra de mesa. Sobre as diferenças de textura entre o cedro e o abeto. Sobre o malhete, a cavilha e a trave. Ela nos contou tudo sobre os outros marceneiros e deu sua opinião a respeito de cada um deles, e foi assim, enquanto eu explorava desesperadamente as sutilezas distantes do rosbife, tentando descobrir quais partes eram da região central da Califórnia ou do sul do Oregon, que me deparei subitamente com a fonte do seu caso de amor.

– Bobbie – disse mamãe – *não* faz sua parte na limpeza. Já Amber é uma ótima artesã, mas não uma visionária. E Larry – disse, com a voz se encrespando um pouco – propôs uma nova tarefa para o grupo: “*Mesas*” – ela murmurou, como se estivesse falando de rosas.

Eu estava ouvindo sem prestar atenção, cortando um novo pedaço do rosbife, ainda quente, saboroso e cheio de sentimentos – a carne do Oregon, concluí, criada por fazendeiros orgânicos –, quando a aspereza em sua voz combinou com o que estava em minha boca. “Larry”, disse o rosbife. “Larry.” Mastiguei e mastiguei.

– Quem é Larry? – perguntei, bebendo um gole d’água.

Joseph virou uma página do seu panfleto. Papai cortava sua batata.

– Larry? – disse mamãe, com os olhos arregalados pousados em mim.

– Larry – eu disse. – Ele é um frequentador regular?

– Ele é o presidente da cooperativa – disse ela, se ajeitando na cadeira, e ninguém que tivesse alguma habilidade como ouvinte ignoraria o tom de orgulho em sua voz.

– Ah, presidente – cuspi um pouco de cartilagem no meu guardanapo.

– Como está o bife?

– Bom – respondi. – Do Oregon?

– Acho que sim. Você viu a embalagem?

– Não.

– Todos votamos para escolher o presidente – disse ela, arrumando uma fileira de pulseiras em seu braço.

Ela disse aquilo como uma menininha apaixonada que tenta incluir detalhes numa conversa, a fim de prolongar o assunto sem dar muita ênfase ou chamar a atenção. Não é de se admirar que ela tenha permanecido na marcenaria. Joseph bebeu demoradamente o suco. Papai limpava o fundo do prato com o miolo macio do pão. Até aquele momento eu já havia comido carne o bastante para sobreviver, por isso me levantei e fui para a despensa, onde descobri uma lata já aberta de Pringles.

– Posso? – perguntei, colocando um salgadinho curvo sobre a língua.

Mamãe se afundou novamente na cadeira.

– Adolescentes – suspirou.

Depois de alguns minutos, papai limpou seu prato e pediu licença para sair. Joseph voltou para o quarto, onde trabalhava em algum projeto sobre eletromagnetismo. Mamãe passava uma esponja sobre a bancada. Depois de limpar o restante da mesa, embrulhei a sobra do rosbife num plástico, colocando-a na geladeira para ser usada em alguns sanduíches de adultério no dia seguinte.

– Tenho de fazer umas coisinhas – disse mamãe, enquanto a lavadora de louças começava seu ruidoso ciclo. Ela disse isso para ninguém em especial, para o ar: papai e Joseph já haviam saído da mesa e eu acabara a limpeza e estava de pé na porta quando as palavras me alcançaram. Algo pequeno e frágil me espetou dentro da garganta.

– Onde? – perguntei.

– Preciso comprar alguns materiais para meu projeto da marcenaria – disse ela, beijando-me no rosto.

– Posso ir junto?

– Desculpe, Rose, mas você tem de fazer a lição de casa. Eu a verei daqui a pouco! – disse, saindo pela porta.

15 Ainda recebemos regularmente caixas com itens para a casa enviados pela vovó, que aos poucos manda toda a sua vida no estado de Washington pelo correio. Agora as caixas surgem com mais frequência, quase todas as semanas. Na última, ela me enviou uma barra de sabonete usada. Eu não quis usá-la, por isso a pus na gaveta.

Ela começara bem – aquelas toalhas bicolores, pesos de papel antigos e até mesmo um ursinho – mas parecia ter ficado mais amarga com o tempo e os objetos se deterioraram até que estivéssemos abrindo caixas contendo sacos de pilhas usadas, tarrachinhas de prata de um par de brincos, uma lista de mercado plastificada semimarcada que fez meu pai se agitar. A última caixa estava na sala de estar, ao lado da lareira de tijolinhos vermelhos. Há alguns anos, perguntei a minha mãe por que a vovó nunca nos visitou. Mamãe abaixou a cabeça, pensando e passando a tesoura sobre a linha central da fita adesiva marrom da caixa.

– A vovó não gosta de viajar.

– Então por que não vamos visitá-la? – perguntei, abrindo as abas da embalagem.

– A vovó não gosta de receber pessoas.

Fiz uma espécie de interrogatório e mamãe passou o dedo de leve sobre a extremidade serrada da lâmina da tesoura.

– Sua avó – disse ela, suspirando – foi criada com sete irmãos. Por isso, quando ela se mudou para sua própria casa, quis silêncio.

– O que você quer dizer com isso?

Ela pôs a tesoura no chão e se aproximou de mim.

– Segure minha mão. Olhe que unhas lindas você tem – disse ela.

– Vocês faziam silêncio? – perguntei.

Ela pôs minha mão em cima da dela.

– Eu tentava fazer – disse. – Ela costumava me chamar de caminhão de lixo quando eu perguntava coisas demais.

Ela deitou o rosto sobre nossas mãos unidas e fechou os olhos. Ela estava usando uma sombra nova, rosa e bem clarinha, sobre a pele dourada, e parecia uma flor ali descansando. Como eu queria protegê-la, com seus cílios frágeis, reforçados com brilho. Pus a mão de leve sobre seus cabelos.

– Que maldade – eu disse.

Ela abriu e fechou os olhos. Depois de alguns segundos, sentou-se e fechou novamente as abas da caixa. Ela não queria olhar o que havia ali dentro.

– É toda sua, filhinha – disse ela. – Quero dizer, Rose, desculpe. Pegue o que quiser.

Naquela noite de grandes recados, fiquei sentada com a caixa nova. Nessa leva havia um bloco gasto de Post-its verdes, um livro sobre a história do Oregon com a lombada danificada e um saco de biscoitos. Comi dois. Sem gosto. Kentucky. Levei os Post-its para o meu quarto e pus o restante na garagem, perto de um monte de outras encomendas da vovó, enfiando tudo numa prateleira perto de um pote de geleia coberto de mofo que minha mãe não quis colocar na geladeira. A caixa estava em boas condições, por isso eu a deixei no corredor, na porta do quarto de Joseph.

– Caixa nova – eu disse, abrindo a porta.

Em poucos minutos, quando passei por ali novamente, a caixa já havia sido absorvida para dentro do quarto. Ainda estava irritada com o rosbife, por isso liguei para Eliza Greenhouse, minha antiga amiga de franjas retíssimas da hora do almoço, para lhe perguntar sobre a lição de casa de História. Enquanto chamava, eu rasgava o bloco de papel perto do telefone. Quando ela atendeu, havia alguém gritando ao fundo.

– Desculpe – disse ela, rindo. – Minha irmãzinha está brigando com meu pai.

– Sério?

– Parem com isso! – gritou ela para fora do telefone, batendo em alguém.

Conversamos sobre a escola durante algum tempo, enquanto cortava o papel em pedacinhos e, depois que desligamos, minha casa parecia ampla demais. As fundações grossas e assentadas. Todas as coisas limpas e em seus devidos lugares. Fiquei em pé ao lado da lata de lixo e joguei os pedacinhos de papel um a um. Aquilo demorou quatro minutos. Pensei em ligar para George só para dizer oi, mas não sabia ao certo o que uma pessoa deveria dizer depois, por isso deixei o telefone de lado e fui para a sala de TV. Meu pai estava sentado no sofá, lendo um artigo de jornal, seus pés nervosos apoiados em uma otomana. Ele balançava tanto os pés que parecia que tínhamos um cachorrinho abanando o rabo.

– A que você está assistindo? – perguntei.

– Nada.

Ele pegou um livro de contabilidade com lombada vermelha de couro da estante, que estava ao alcance da mão, e o abriu numa página cheia de linhas e colunas de números.

...

Aquela única farra de desenhos de futebol foi o máximo do interesse que vi meu pai demonstrar quanto à paternidade. Vislumbrei um pouco de mim nos seus olhos na época, habitando suas pupilas, sentada ao lado dele no Brasil na final da Copa do Mundo, bebendo cerveja. Mas quando desenhei rostos nas bolas de futebol, como um televisor sendo desligado, minha imagem nos seus olhos desapareceu.

– Mas, Rose – disse ele, segurando o mais recente desenho de futebol –, por quê?

– Cerveja é nojento – disse eu, deixando a sala.

Apesar de sua incapacidade geral no reino da paternidade, meu pai era um homem muito decente. Ele trabalhava para um escritório médio, por isso não tinha de arruinar pobres, e estudava muito porque queria fazer sua parte bem e corretamente. Ele ganhava bem, mas não esbanjava. Fora criado em Chicago por uma mãe judia lituana que crescera na pobreza, contando histórias frequentes de como aproveitar todo um frango. Por isso, sempre que o restaurante lhe servia um prato, ele imediatamente o dividia ao meio e pedia uma embalagem para viagem. Sempre reclamava que as porções eram grandes demais, repetindo o gesto de bater na barriga. Ele só desistia de comer depois de aparar com cuidado as extremidades da comida, porque acreditava que um

mendigo se sentiria muito pior comendo algo com marcas de dentes nas beiradas – como se eles fossem cães ou bactérias, dizia ele. Também dizia que dignidade não era algo que devesse ser desprezado. E colocava sua lasanha pela metade na caixa.

Quando saía de um restaurante, ele entregava o pacote todo, incluindo a faca e o garfo de plástico, para uma mulher ou um homem usando um cobertor do exército na rua, numa esquina em Wilshire, ou La Brea.

– Aqui – dizia ele. – Só não me abençoe.

Vi isso acontecer diversas vezes. Ele queria que minha mãe usasse belos vestidos e que comprasse as joias que quisesse, para que ele pudesse sair com ela. Ele queria vesti-la e tirar sua roupa. A melhor maneira de descrever isso é dizendo que me pai era um homem muito atento e inteligente, com uma essência simples que lhe rendeu três pessoas extremamente complicadas morando com ele: uma esposa que parecia ferida pela solidão, um filho cujo olhar incomodava tanto as pessoas que elas tinham de lhe dar caixas de cereais para conseguir uma trégua e uma filha que não podia nem mesmo comer um lanche comum na escola sem ter de fazer uma caminhada de quinze minutos para se recuperar. Quem eram aquelas pessoas? Eu tinha pena do meu pai, às vezes, quando estávamos assistindo aos programas de TV juntos e eu via como ele ansiava pela vida simples dos comerciais e como ele, mais do que todos nós, tentara viver aquela vida.

A única faceta inesperada dele – que estava além da escolha da nossa mãe, que realmente não parecia uma combinação provável – era sua incrível ojeriza a hospitais. Mais do que ojeriza: hospitais lhe davam asco. Quando dirigia por uma parte da cidade onde havia um hospital, ele fazia um caminho mais longo, serpenteando por ruas laterais para evitar passar na porta da frente.

Reza a lenda que, quando Joe e eu nascemos, papai não conseguiu nem mesmo entrar na recepção do hospital. Mamãe teve de sair do carro com dificuldades e se registrar no Cedars-Sinai, um hospital adorável e rico, a cerca de vinte ou trinta quarteirões da nossa casa. Depois que papai estacionou e localizou a maternidade, ligou para o hospital, descobriu o número do quarto e perguntou à enfermeira apressada onde exatamente ficava a janela do quarto da mamãe. Como a enfermeira não lhe deu a informação, ele ligou insistentemente, a cada minuto, até que ela gritasse no telefone:

– Ala su! Oitavo andar! Terceira janela a partir da esquerda! Agora pare de ligar, porra!

Depois disso ele imediatamente ligou para a floricultura local para enviar à enfermeira um lindo buquê de tulipas e rosas, que chegou ao hospital pouco antes de Joseph nascer.

A mesma determinação e competência o levaram a fazer surgir como mágica um banquinho personalizado e o fizeram se sentar do lado de fora da janela durante horas, olhando para cima, mas suas limitações dessa vez eram muito menos interessantes. Durante as várias horas de trabalho de parto, mamãe empurrando e empurrando, papai esperava lá fora, na calçada, enquanto sua melhor amiga, Sharlene, é que estava ao seu lado, dando apoio. E lá ele ficou durante as oito horas de que Joe precisou e as seis de que precisei, andando de

um lado para o outro. Ele conversava com os pedestres. Fazia polichinelo. Aparentemente, no meu nascimento, ele trouxe um caixote e ficou sentado nele durante horas lendo um livro de mistério até que o guarda o mandou sair dali.

Mamãe contava a história, mesmo que papai ficasse com vergonha. Ela contava a história com alguma frequência. No nascimento de Joseph, ela contou que ficou no hospital o dia todo e que, quando terminou, ela se arrastou até a janela usando sua camisola suja do hospital e segurou o bebê chorando no alto. Papai era apenas uma imagem pequena na calçada, mas ela o viu imediatamente. Quando ele reconheceu o cobertor azul, começou a pular. Ele acenava e gritava.

– Meu filho, meu filho! – gritou para todos os carros que passavam.

Mamãe pingava sangue no chão. Papai acendeu um charuto e entregou alguns para os pedestres.

16 Depois de conversar com Eliza e da saída de mamãe para cuidar de : coisinhas, joguei-me no outro canto do sofá, na sala de TV. Meu pai segurava o livro-caixa de couro vermelho em seu colo e estava inserindo mais números em colunas novas. A TV muda iluminava a sala. Durante algum tempo, apenas fiquei ali, observando-o.

– Sim? – disse ele, depois de alguns minutos. – Em que posso ajudá-la?

– Nada.

Meu pai tinha uma testa impressionante: comprida, com uma ligeira inclinação onde o cabelo começava, o que lhe emprestava um ar de autoridade. Seu cabelo – grosso, preto, com mechas grisalhas – se prendia firmemente ao alto da testa, criando um arco claro e firme. Parecia a cabeça de uma empresa.

Na noite anterior, George esteve aqui em casa para o jantar e começou a fazer perguntas para o meu pai sobre sua época na escola secundária. O fato de meu pai ter frequentado uma escola secundária já era engraçado; agora, ele estar disposto a falar sobre o assunto era impressionante. De algum modo, com o George ali, perguntando com cuidado, a caixa fechada de papai estava se abrindo para que a olhássemos.

– Fui o protagonista na peça de teatro da minha escola – contou papai, bebendo água.

Deixei meu garfo cair no chão.

– O quê? – perguntei.

– Ah, claro, todo mundo participou – disse papai.

– Um musical? – perguntou George.

– Claro – disse papai.

Até mamãe riu. Papai encheu a boca com inhame.

– Que musical? – perguntei.

Todos esperamos um pouco enquanto ele mastigava, engolia e se limpava com o guardanapo, concluindo o processo com uma nova palavra:

– *Brigadoon*.

Quem era ele? Naquela noite, o romance no rosbife o excluía tanto, mesmo quando ele comia até o último pedaço, e talvez por isso mesmo ele parecesse um pouco mais acessível do que o normal. Inclinei-me para perto, saindo do meu canto no sofá.

– Sim? – disse ele, do seu lugar. – Rose?

– Oi.

Ele deixou o lápis de lado.

– Você não tem lição de casa para fazer?

– Sim.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– E por que você não vai fazê-la?

– Posso trazê-la para cá?

Ele tossiu um pouco, cobrindo a boca com a mão.

– Só se você ficar quieta.

Corri e peguei meu caderno e meu livro didático. Enquanto ele trabalhava nos detalhes da sua agenda e orçamento, eu estudava a história da Califórnia no meu lado do sofá, respondendo obedientemente às perguntas no final do capítulo

antes mesmo de ler o capítulo. Era tão fácil localizar a frase citada na pergunta que eu corria para as linhas adequadas como um bom camundongo de laboratório, levantando às vezes os olhos para ver os atores mudos discutindo na tela, com olhos enfáticos. Trabalhamos juntos em silêncio. Com ele ali sentado, escrevendo calmamente aqueles números com seu lápis mecanicamente apontado, eu parecia estar fazendo minha lição umas duas vezes mais rápido do que o normal.

– Papai? – disse eu, levantando os olhos depois de escrever cinco razões por que a corrida do ouro fortaleceu a economia da Califórnia.

– Sim?

– Aonde a mamãe foi?

– Compromissos.

– Quando ela vai voltar?

– Logo. Imagino que lá pelas dez, no máximo.

– Papai?

Ele arqueou as sobrancelhas novamente.

– Sim, Rose?

– Deixa para lá – eu disse. – Nada.

Ele continuou a trabalhar. Concluí minha tarefa e fui para o capítulo seguinte, já que nossa professora não acreditava em lição de casa com variedade e nos dava tarefa idêntica todas as semanas. O relógio continuava com seu tique-taque.

Depois de mais algum tempo, levantei os olhos novamente. À minha frente, no livro-caixa vermelho de couro, meu pai escrevera várias linhas numéricas devidamente organizadas. Ao que parece ele estava trabalhando além do necessário também.

– Posso fazer uma pergunta? – eu disse.

Ele manteve os olhos sobre a página, fixos na base da última coluna. Depois deixou o lápis de lado.

– Desembucha.

O sofá rangeu quando ele se ajeitou. Havia uma porta aberta. Eu mal podia me lembrar da última vez que me sentara diante do meu pai sem ter ninguém por perto. Eu não tinha a menor ideia do que perguntar, por isso apenas disse a primeira coisa que me veio à mente.

– Você alguma vez soube de algo? – eu disse.

– Como é?

Respirei fundo.

– Desculpe. Quero dizer, você alguma vez já ficou sabendo de alguma coisa que não deveria saber?

Ele inclinou a cabeça.

– O que você está querendo dizer?

– Tipo... você alguma vez já passou por um corredor e, sem querer, ouviu um segredo?

Ele pensou no assunto por um minuto.

– Não. Por quê?

– E se isso acontecesse?

– Eu manteria segredo.

Eu me remexi no sofá.

– Está bem... Bom, e você tem algum talento especial?

Ele riu um pouco.

– Não.

– Não quis dizer que você não tenha, quero dizer...

– Não mesmo – disse ele.

Papai se virou completamente para mim e seu rosto era amigável.

– Eu me sai bem durante toda a faculdade de Direito. Minha pontuação no LSAT foi de exatos cinquenta por cento. Cinco, zero – disse, fazendo que sim para si mesmo, feliz.

Fechei meu livro.

– Mas você esteve no *Briga...*

– ...*doon* – completou ele. – Eu era um cantor medíocre. Até a professora me disse isso.

– Você odeia hospitais.

– E?

– Não sei – disse eu, dobrando o canto do meu livro escolar. – Por que você odeia hospitais?

– Isso não é um talento – disse ele.

– Não – eu disse, esperando sua resposta.

Ele ajeitou a almofada às suas costas. Comerciais de outros programas passavam na tela, anunciando nosso programa médico extremamente violento preferido, que começaria em seguida.

– Eu só não gosto de gente doente.

– Por quê? Você sente alguma coisa especial?

– O quê?

– Você sente a doença delas ou coisa parecida?

Ele coçou o nariz e me olhou com certa curiosidade.

– Não. Eu só não gosto delas. Como você sabe disso?

“Será que ele estava falando sério?” A TV exibia vários comerciais com crianças dançando nas ruas.

– A mamãe conta a história dos nossos nascimentos o tempo todo. Como você consegue assistir a essas coisas na TV?

Ele acenou para a tela.

– Ah, é diferente. É divertido.

– É num hospital.

– É um cenário.

– Acho que é filmado num hospital de verdade – eu disse.

– Não importa, filha. Não tem cheiro.

– Mas e se *você* ficar doente?

– Eu nunca fico doente.

Ele pegou o controle remoto. Girou e deu voltas com ele no sofá. As perguntas estavam me sufocando, se empilhando umas sobre as outras, e eu me encolhi ainda mais no meu canto do sofá, tentando me lembrar de como George

lhe fizera as perguntas na mesa de jantar. Com cuidado, como se a resposta não fosse necessária. Como se a pergunta fosse uma semente colocada a poucos centímetros de um passarinho curioso.

– Você nunca fica doente? – perguntei, depois de um tempo.

Papai voltou a me olhar. Balançava os pés.

– Eu tenho genes saudáveis – disse ele, dando de ombros. – Sempre tive. Todos aqueles bons frangos lituanos.

Viramo-nos para a frente ao mesmo tempo. Eu cutucava o canto do meu livro, onde o plástico de proteção já se descolava, revelando as camadas macias de papel-cartão.

– Você me visitaria se eu tivesse de ir para o hospital? – perguntei.

Ele me estendeu a mão.

– Você é uma menina saudável.

– Mas e se acontecer? Se for algo sério?

– Não vai ser.

– Mas e se for?

Ele consultou o relógio que piscava com sua luz esverdeada na parte de baixo do televisor. Dentro de dois minutos nosso programa começaria.

– Eu...

Seus olhos fincados no relógio.

– ... talvez – disse.

Ele pôs a mão na lombada do livro-caixa de couro. Cores surgiram por toda a tela. Não havia muito mais a dizer, por isso assistimos a vários comerciais de carros que passavam. De acordo com os anúncios, o primeiro carro o tornava mais másculo, o segundo o tornava rico e o último o tornava engraçado.

Desenhei um carrinho baixo amarelo dirigido por um palhaço. Na verdade eu não gostei dele tanto assim, mas eu precisava fazer alguma coisa. Papai olhou para o desenho. Depois abriu uma página em branco no livro-caixa, escreveu o nome do nosso carro e escreveu meu nome, com uma flechinha apontando para ele.

– Daqui a pouco você fará dezesseis anos.

Ele apertou o botão do volume e a sala se encheu de som. Buzinas, vozes, trechos de músicas. Era como se estivéssemos trocando códigos sobre como ser pai e filha, como se tivéssemos lido sobre isso num manual traduzido de outra língua e estivéssemos fazendo nosso melhor com o que conseguíamos entender.

– Obrigada, papai.

Os comerciais terminaram e o programa começou com uma dupla de enfermeiras entrando apressadamente na unidade de emergência. Um homem estava tendo um ataque de epilepsia no chão. Alguém gritou por um interfone. Fui atraída pela história e, por isso, a princípio, não ouvi quando ele disse meu nome no intervalo.

– Para você, Rose – ele estava dizendo. – Para seu nascimento...

Quando me virei, seu rosto estava mais perto do que normalmente e eu podia ver certo nervosismo nas rugas sobre suas sobrancelhas. Havia uma urgência silenciosa no que quer que ele estivesse querendo me dizer.

– Sim? – eu disse.

Sua mão ficou pairando no ar.

– Para você – disse ele – eu comprei binóculos.

* * *

Mamãe voltou para casa assim que o programa de TV terminou. Dez da noite, em ponto. Ouvimos o carro entrando na garagem e depois a chave na fechadura, e ela entrou na sala com um brilho no rosto que não aguentei ver. Em vez disso, olhei para o meu pai, para ver se encontrava alguma coisa, mas ele estava meio absorto pelas imagens de outro carro, o quarto carro, um que o tornava mais perceptivo, um carro que ele provavelmente deveria comprar, e ele saudou minha mãe do seu canto no sofá e perguntou como foram as coisas.

– Ótimo – disse ela. – Rose, você ainda está acordada? Como foi o programa?

– O que você foi fazer?

– Várias coisas – disse ela, tirando uma mecha de cabelo que lhe caía sobre os olhos.

– Onde estão as sacolas?

– Ah – disse ela, fazendo um gesto de desprezo com a mão. – No carro.

Ela piscou para mim.

– Hora de dormir – eu disse, antes dela.

– Venha se sentar – disse meu pai para minha mãe, batendo na almofada do sofá.

Saí da sala.

17 Naquela noite, enquanto me escondia entre os lençóis que minha mãe prendia sob o colchão melhor do que ninguém, fechei os olhos e prossegui com minha rotina de sempre, que envolvia agradecer a Deus – ou a misteriosa dádiva do mundo – pela máquina de venda automática da escola, pela moça triste com rede no cabelo que ainda trabalhava na cantina, pela existência de George e por quem quer que tenha comido os biscoitos da minha mãe na cooperativa. Aquela era minha rotina de sempre, por isso esperei um segundo para que a mudança se assentasse e depois levantei assustada, apertando a cabeça contra o travesseiro: Larry crescendo, *Larry*, provavelmente o homem que me salvou de ter de comer os biscoitos, o homem por quem agradecia em orações pelos últimos quatro anos, enquanto mamãe levava travessas e mais travessas de coisas assadas para o estúdio.

– Joseph! – eu disse, batendo na parede que nos separava. Disse bem alto. Bati novamente, arranhando minha mão na parede para acordá-lo e lhe tirar do estado de concentração, por mais atento que estivesse estudando. Continuei batendo.

Depois de dez minutos, ele entrou no meu quarto de pijama.

– O que foi? – perguntou ele.

Ele era alto como papai, mas, ao contrário dele, era magro. Ele não gostava de futebol. Seus olhos eram como cavernas. E eu podia ver que ele estava quase saindo, que já estava praticamente fora da porta. Mas ali, de braços cruzados, os cabelos penteados, irritado, tenso, eu senti aquilo como uma onda de alívio, era reconfortante saber que ele ainda estava ali, palpável, disponível, furioso por estar no meu quarto. Era um antídoto para aquela sensação de que não havia ninguém em casa.

18 Meu irmão costumava desaparecer. Não do jeito mais comum de um adolescente, que não está em lugar nenhum e chega em casa bêbado, com os joelhos sujos de grama e os cabelos suados, às duas da manhã. Não. Era no meio de uma tarde tranquila que Joseph estava em casa e, depois, já não estava. Eu o ouvia embalar suas coisas nas caixas da faculdade no seu quarto, arrastando as coisas, fazendo barulho, e depois não ouvia mais nada.

Ele havia combinado de ficar comigo no sábado à noite, poucos dias depois do jantar do rosbife, enquanto nossos pais iam a uma festa do escritório no centro. Era a festa anual pós-feriados do trabalho do meu pai, e este ano seria realizada no Bonaventure, um hotel cilíndrico que Joseph sempre admirara por seu elevador panorâmico, que subia e descia pelo edifício como um zíper. Ele apreciava o fechamento hermético dentro da máquina; eu gostava do bar giratório no alto. Minha mãe gostava de festas, mas meu pai as considerava obrigações profissionais desagradáveis, e os dois se vestiriam, sairiam, beberiam coquetéis e conversariam, enquanto Joseph ganharia vinte dólares por ficar cuidando de mim.

Ficar com meu irmão era basicamente o mesmo que compartilhar a casa durante a noite. Em geral, não ficávamos nem no mesmo cômodo. Aos doze anos, eu estava velha demais para precisar de cuidados, de acordo com a opinião de muitas pessoas, mas era um bom modo de evitar perceber que a maioria dos meninos de dezessete anos os pressionaria para sair, mas não meu irmão; nem pressionaria nem sairia. Certa vez ele foi com George a um *show* de *rock* e voltou para casa de táxi depois de uma hora, sozinho.

– Gente demais – disse, quando mamãe perguntou por que ele já havia voltado.

Perguntei à minha mãe se poderia fazer alguma coisa naquela noite, ir à casa de uma amiga ou coisa do gênero, mas ela disse que gostava de pagar ao Joseph para cuidar de mim.

– Por favor? – disse ela, acariciando meus cabelos. – Isso o faz se sentir como um irmão mais velho.

– Mas ele não *cuida* de mim – eu disse, chutando a parede.

Ela pegou a carteira na bolsa.

– E que tal se eu lhe pagasse também? – perguntou ela, entregando-me uma nota de vinte dólares.

• • •

No domingo, passei a tarde assistindo à TV. Dobrei minha nota de vinte dólares e a guardei dentro da gaveta do porta-joias. Joguei vinte e cinco partidas de paciência e perdi vinte e quatro, até que fiquei tão enjoada do baralho que o levei para fora e transformei todo o conjunto de ouros numa frota de aviõezinhos de plástico. Acertei os últimos detalhes da minha apresentação sobre atualidades do mundo moderno e depois fiquei olhando para o vazio por um tempo, lá fora, na grama, cercada por treze aviões de baralho com narizes empinados, destruídos. Eu me sentia sufocada de informações. Ao longo de vários dias, senti o sabor do caso da minha mãe e tive aquela conversa com meu pai sobre talentos. Eu não estava me sentindo bem a respeito de nada disso – eu me sentia

um pouco mais próxima do meu pai, sim, mas se eu estivesse morrendo no hospital, ele provavelmente ficaria agitando uma bandeira no estacionamento. Fiquei aliviada porque minha mãe tinha outra pessoa para dar seus biscoitos, mas essa pessoa estava arruinando a estrutura familiar, e meu pai não tinha a menor ideia disso. E para quem eu poderia contar? Eu amava meu irmão, mas contar com ele era como pegar o ar com as mãos. Eu aproveitava ao máximo meu tempo com George, mas ele estava seguindo rumo a um futuro que não me incluía.

Às vezes, na escola, do outro lado do quadrado de terra que separava a escola secundária do primário, eu via George com um braço envolvendo uma garota, conversando com a boca bem perto da orelha dela como se fosse a coisa mais normal do mundo. Não só suas sobranceiras estavam crescendo e ficando proporcionais ao seu rosto, como ele também parecia estar evoluindo internamente numa taxa normal. Eliza também – quando eu ia para a casa dela depois da escola, folheávamos revistas de moda e experimentávamos vários batons. Lá, estávamos nos tornando adolescentes; na minha casa, eu pegava uma caixa de sapatos cheia de bonecas, animais empalhados e objetos enviados pela vovó de baixo da minha cama. Anjos sem cabeça, uma Barbie toda torta, bijuterias quebradas. Eliza me fazia companhia com prazer, mas me fazia jurar que eu jamais contaria para alguém da escola.

– Se contar a alguém sobre isso – disse ela certa vez, com os olhos arregalados, penteando os longos cabelos de plástico de uma Barbie –, eu *mato* você.

Fiz que sim, sem muito entusiasmo. Aquilo me parecia sensato. Afinal, estávamos com quase treze anos. Com bonecas nuas nas mãos, ou mesmo com um bebê de brinquedo, às vezes parecia que éramos pedófilas.

* * *

Minha mãe havia comprado um vestido novo para a festa do escritório e ela o vestiu para mim enquanto meu pai se aprontava, a lavanda da saia plissada se espalhando pelo ar.

– Lindo – eu disse a ela pelo espelho. – Papai vai adorar.

– Você vai ficar bem hoje à noite?

– Claro. Eu fui paga.

– Ah, e por favor não conte a ninguém sobre isso – disse ela, baixinho. – Em geral, quem fica sob os cuidados de outra pessoa não recebe nenhum dinheiro.

Levantei os olhos para ela.

– Você só pode estar brincando – eu disse.

– Não – disse ela, totalmente sincera. – É um arranjo único.

Voltei meu olhar para o piso do meu quarto, remexendo em algumas das últimas coisas enviadas pela vovó: uma pedra dourada polida e um bracelete vermelho com fecho pendente.

– E o número do hotel está na geladeira – disse mamãe.

Ela realçou as pregas da saia. Parecia que estava ao mesmo tempo inquieta e calma. A culpa que senti no rosbife foi como um vetor apontando numa direção, superado um pouco pelo vetor da ansiedade, que apontava para o lado oposto. Eu odiava aquilo, era como ler o diário dela contra a minha vontade.

Muitas crianças acabam descobrindo que seus pais são cheios de falhas e complicados mais adiante, quando já estão um pouco mais velhos, e eu não gostei nada de descobrir isso com tanta força e tão cedo.

Naquela tarde, a casa cheirava a pinhão assado, porque ela passara o dia na cozinha, preparando barrinhas de cereais feitas em casa.

– Eu fiz meus próprios pretzels! – anunciou ela às quatro da tarde, desligando o forno e amarrando o cabelo num rabo de cavalo.

Tive de experimentá-los – ela mostrara alguns pretzels ainda quentes para mim com um olhar de triunfo e esperança – e aquilo se revelou como a comida que melhor a representava: em cada pretzel o desejo gritante de fazer o pretzel perfeito, de modo que o próprio pretzel parecia preso num nó apertado, sendo que a forma do alimento, desta vez, combinava com o conteúdo.

– Nossa, este pretzel está mesmo bom! – eu disse, mastigando.

Em meu quarto, ela olhava ao redor, fazendo hora, até que seus olhos se depararam com o que havia perto da minha cama.

– Ah, nossa! Olha só isso!

O banquinho de veludo do casamento deles servia como mesa de cabeceira e estava colado à cama. Eu o usava já há algum tempo, mas ele deve ter passado despercebido ao olhar de minha mãe. Um livro estava bem apoiado ao assento macio e eu podia amontoar trabalhos escolares na armação entrelaçada da base.

– Eu gosto dele – eu disse.

Ela se aproximou, apertando o assento.

– Meu Deus, isto é tão velho. Deveríamos reestofá-lo. Eu poderia fazer isso na marcenaria, num só dia. Podemos? Você pode escolher seu tecido e cor preferidos...

– Gosto dele como ele é – eu disse.

– Ei, Paul – chamou ela. – Venha cá ver isto!

No outro quarto, papai fechava algumas gavetas. Ele chegou apressadamente à minha porta com duas gravatas ao redor do pescoço.

– Azul ou vermelha?

– Olhe – disse ela, apontando.

– O quê?

– Vermelha – eu disse.

Na porta, ele concordou comigo, quase que timidamente. Estávamos um pouco mais amigos um do outro desde aquele dia em que assistimos à TV juntos. Ele usava um paletó azul com botões dourados. O vestido lavanda dela, a gravata vermelha dele. Era como se eles tivessem trocado suas roupas usadas por um casal apaixonado da moda.

– Muito bom – eu disse, enquanto ele tirava a gravata azul do pescoço, pendurando-a na estante de livros.

Mamãe apontou para o banquinho.

– Olhe – disse ela. – Nossa filha, a historiadora da família.

Papai, preocupado em fazer o nó da gravata corretamente, passou os olhos pelo quarto, e, quando viu o banquinho, abriu um sorriso. Ele se aproximou. Ajoelhou-se e passou a mão sobre o veludo carcomido.

– Ah – disse ele. Ele olhou para mim, ainda sentada e remexendo no chão. –

Onde você encontrou isso?

– Na garagem, há algum tempo.

– As mariposas adoram – disse mamãe.

Papai se inclinou para cheirar o assento. A cor de pêssego, agora um bege clarinho, desbotado pelo tempo. Ele sentiu a estrutura da base frágil, mas que ainda estava em boa forma.

– Mamãe quer reestofá-lo – eu disse.

– Ah, não – disse ele, fazendo um gesto negativo com o dedo. – Nunca! Ei, você me perguntou sobre meus talentos – disse ele, levantando-se. – Este é meu talento especial. Fazer isto acontecer.

Na porta, mamãe cruzou os braços.

– Está cheio de furos! – disse ela. – Que talento?

Ele foi até ela e a abraçou.

– É nosso aniversário – disse ele, beijando-a no rosto. – Rose, você sabe a história toda?

Eu ri. Mamãe riu. Ela não o abraçou de volta. O olhar tranquilo que eu vira nela há alguns minutos se enrijecera, as cavidades de seus olhos ficaram mais fundas. Nenhum dos dois parecia entender como as coisas ficaram tão tensas – no início do relacionamento, papai achou que a distração de mamãe era um sinal de sua espontaneidade e ele a deixava dizer o caminho, pegando a autoestrada e chegando a lugares inesperados para comprar discos usados nas feiras de rua. Mamãe achava que o rigor de papai significava que ele podia lidar com qualquer situação e ajudá-la com qualquer coisa, e ela adorava vê-lo pagando as contas, estudando e fazendo listas. Coisas que ele ainda fazia.

À minha porta, meu pai mantinha o braço ao redor dela, mas ele de repente pareceu preso ali, como uma pessoa que tropeça em público e pede desculpas para ninguém.

– Cuide muito bem disso – disse-me ele, sério, apontando para o banquinho.

– Alguém tem que cuidar – eu disse.

Por um segundo, seus ombros ficaram tensos sob o *blazer* azul. Acenei um adeus e os deixei sair do meu quarto.

– Vão para a festa. Divirtam-se.

Mamãe saiu primeiro, num rodopio roxo.

– Tchau! – gritou ela para o quarto de Joseph.

– Estamos saindo! – disse papai, também alto, enquanto atravessavam alegremente a porta da frente.

* * *

O carro saiu. A casa se adaptou a seu novo número de habitantes. Lá fora, o dia estava terminando, o céu era um azul em meio-tom. Acendi a luz e me mantive ocupada por uma hora, viajando com as bonecas em barcos feitos de chinelos e casando e divorciando os bichinhos de pelúcia. Eu roubara a xicara lascada da vovó do armário da cozinha e a usava como uma companhia amigável para o flamingo empalhado, que tinha uma predileção incomum por chá. A pedra marrom polida era a melhor amiga da Barbie decapitada. A gravata azul era um rio onde se podia nadar. Depois de um tempo, fiquei entediada e envergonhada. Eu me sentia com cinco e quarenta anos. Estava

escuro demais para jogar bolinhas de tênis pela vizinhança, e era a única atividade que eu sabia que parecia se adequar à minha idade. Na cozinha, fiquei fazendo hora, comendo um pedaço de pão industrializado coberto com margarina industrializada, abrindo e fechando as mesmas gavetas. Pensei em chamar Eliza, mas me lembrei de que ela não estava em casa. Fui até a porta do quarto de Joseph. Bati. Nenhuma resposta. Bati novamente.

Geralmente, nas noites de sábado Eliza ia ao cinema com seus pais. Ela escolhia o filme. Ela dizia que eles também gostavam de dividir um saco grande de pipoca com sal e manteiga. O saco de pipoca ficava no colo de Eliza e seus pais a comiam de seus lugares, um de cada lado, como se ela fosse um único volume precioso entre firmes apoios para livros.

Nenhuma resposta na porta. Bati mais uma vez.

Fiz um som de quem está engasgando. Deixei escapar uma tosse semipresa.

– Emergência! Engasgando! – eu disse.

Nada.

Tudo parecia muito silencioso no corredor cercado por paredes cheias de retratos de família. Os carros passavam lá fora, rumo ao sul, para estacionarem perto de Melrose. O elástico da camisola me feria nos braços. Eu estava impaciente e cansada. A tensão da semana se acumulava em mim e eu sentia minhas reservas normais de delicadeza se extinguirem. O que eu estava tentando fazer? Minha mãe tinha uma vida dupla, meu pai reverenciava um passado distante, em pouco tempo George estaria comendo no dormitório da faculdade, e não mais em nossa casa, e minha obediência normal desapareceu. Chega. Pela primeira vez ignorei o aviso de “Caia fora” escrito em dezessete línguas diferentes e a caveira preta com ossos cruzados que costumava me provocar pesadelos. Pus a mão na maçaneta e a girei.

Eram provavelmente oito horas. O sol, posto. A casa estava escura porque nosso pai, além de cortar suas refeições nos restaurantes pela metade, também acreditava firmemente em acender um cômodo só quando havia alguém dentro dele. Alguma coisa a ver com as contas. Eu, pelo contrário, gostava de ficar com a casa toda acesa quando eles estavam fora – e estava prestes a sair pelos cômodos acendendo todas as luzes. A luz é uma boa companhia quando se está sozinho. Eu me senti bem quando encontrei o interruptor, e a lâmpada amarelada e quente da sala de estar havia se transformado numa espécie de babá alegre por si só. Mas naquela noite eu queria encontrar meu suposto guardião e ainda não havia desistido. Contra meus instintos normais, empurrei a porta. Ela se abriu com um rangido. *Crrrk*. Será que ele havia enferrujado as dobradiças intencionalmente? Nenhuma tranca no lugar e nenhuma luz do lado de dentro – só um feixe de luz passando pelas portas do fundo, vindo do poste do quintal do nosso vizinho e se estendendo pelo chão como uma coluna de luar. Era uma caverna na casa, um porão que se elevou. Entrei. Meu coração bateu mais rápido um pouco. Nenhum movimento, nenhuma atividade. Pilhas de livros no chão. Uma embalagem para viagem de alface árabe na escrivaninha. Ele não estava no quarto, mas eu sentia algo bem fraco, como se ele estivesse ali. Olhei no armário. Suas camisas! Seus sapatos! Cabides vazios, guarda-chuvas.

– Joe? – eu disse, tremendo. – Você está aí?

Silêncio total. Vazio, mas não vazio. “Alguém está me observando? As paredes?”

– Joe? – sussurrei.

Era uma sensação tão vaga que saí correndo do quarto e por toda a casa, acendendo as luzes e gritando o nome dele, abrindo as portas dos armários, gritando, ligando todos os interruptores que encontrava – sobre o forno, da TV, lanternas, lâmpadas dentro dos armários. Estava começando a ficar mesmo assustada, gritava, quando, ao voltar para o agora iluminadíssimo corredor, do lado de fora dos nossos quartos, lá estava ele, alto, curvo, olhando como se alguém o tivesse esmurrado na cara.

– Estou aqui – disse ele, baixinho. – Você não precisa gritar.

– Mas onde você *estava*? – perguntei, ainda alto demais.

– *Sssh* – disse ele. – Em lugar nenhum. Só ocupado.

– Mas *onde*? – perguntei, dando um saltinho sem sair do lugar.

O brilho das luzes do corredor revelaram as olheiras no rosto dele e as marcas em suas bochechas, um rosto muito vivo para alguém que ainda não havia vivido tanto assim.

– Eu estava no seu quarto.

Lancei-lhe um olhar.

– O quê?

Ele odiava meu quarto, todas aquelas coisas de menina.

– Mesmo? Você está bem? Por quê?

Ele demorou um bom tempo para coçar a lateral do nariz.

– Eu precisava de uma caneta Pegasus rosa – disse ele.

Demorei um minuto para entender. Um vácuo enquanto nos encarávamos. As palavras se desintegrando entre nós. Ca-ne. Ta. Pe-ga. Sus. Ro-sa. Depois ele pigarreou e nós dois começamos a rir. Eu segurava minha barriga. Ele se sentou no chão e riu e riu. Minha barriga doía. Eu me joguei no chão para que a dor passasse. Eu ria pela boca e pelo nariz ao mesmo tempo.

– Não consigo respirar! – disse, e então nós dois voltamos a rir.

A risada dele era baixa, quase silenciosa, e gutural. Apoiei meu corpo contra a parede, a fim de me acalmar. Mas, quando ele exalou um suspiro rasgado, explodi por outros dez minutos.

– Pare! – eu disse, com o corpo colado à parede.

Quando finalmente paramos, cansados e tossindo, Joseph se levantou lentamente do chão. Como se cada articulação e osso pesasse mais do que o comum. Com passos determinados, ele passou pelos cômodos apagando as luzes, uma a uma. Eu fiquei ouvindo do corredor enquanto ele desligava os interruptores. Enquanto ele puxava a correntinha de metal no armário do corredor para apagar a lâmpada. Do outro lado da casa, blocos de luz se apagavam, como uma cidade em miniatura cujos bairros fossem dormir.

Algo inexplicável nos deixou exaustos, e às nove da noite estávamos na cama, dormindo.

19 Não ouvi meus pais chegarem em casa. A manhã de segunda surgiu a buzina de sempre do meu pai, e eu me agitei na cama, ouvindo. Silêncio no quarto dos meus pais, onde mamãe dormia. Um pássaro lá fora, com seu canto trêmulo pela vizinhança.

Da cozinha, podia ouvir os sons do café da manhã preparado por meu irmão: o barulho dos cereais caindo na tigela, o leite sendo derramado.

Levantei-me correndo da cama e encontrei Joseph ocupando seu lugar de sempre na mesa da cozinha.

– Ei – eu disse.

Ele continuou mastigando.

Na base da máquina de lavar louças, os sapatos de salto alto pretos de mamãe se apoiavam um no outro, arrancados às pressas de seus pés. Suas joias brilharam num amontoado dentro de um dos sapatos. Provavelmente aquilo era um sinal de que ela havia ficado acordada depois que eles chegaram, que havia preparado chá e se sentado na cadeira de listras alaranjadas para ficar olhando pela janela.

Abri a geladeira e olhei dentro. A noite com Joseph foi novamente exibida em minha memória. Uma risadinha escapou.

Enquanto me servia de um pouco de suco de laranja feito com laranjas da Flórida, colhidas por trabalhadores assolados por preocupações financeiras – frutas amontoadas em caminhões que atravessavam o país à noite –, sentei-me à mesa da cozinha em frente ao meu irmão e comecei um monólogo sobre a noite passada que foi concluído com a repetição da piada da caneta Pegasus rosa.

Enquanto aquecia e comia meu *waffle*, a massa redonda dividida em quadradinhos salientes e feita numa fábrica em Illinois, cada quadrado equipado para abrigar xarope de bordo, coletado e processado por uma família trabalhadora de Vermont que enfrentava problemas com o vício em drogas e álcool, repeti a piada. Eu a repeti na pia, enquanto estávamos limpando nossas louças. Era minha função, como a irmã caçula irritante, repetir aquela piada até que ela perdesse totalmente a graça. Todas as vezes eu dizia a frase e me mantinha imóvel, esperando sentir aquela cócega na garganta e o ataque de riso repentino e incontrolável.

Joseph não riu nenhuma vez. Sua boca estava imutável enquanto me observava bater na mesa.

– Foi uma coisa única – ele me disse, saindo para pegar sua mochila.

* * *

Nossas respectivas escolas ficavam no mesmo quarteirão em Wilshire, por isso pegamos o ônibus juntos, como sempre, separados por várias fileiras. Lá fora, homens no peitoril de um *outdoor* colavam rolos de papel para criar a imagem de um rosto gigantesco de uma mulher. Grupos de adolescentes se reuniam no muro ao redor da escola secundária de Fairfax. Naquela época eu já havia parado de acenar para as pessoas nos carros – eu me tornara mais desconfiada das pessoas e de todas as complicações da vida íntima –, por isso me sentei e fiquei observando e pensando. Em pouco tempo, as portas do ônibus se abriram, todos saímos pela porta e nos separamos como bolas de bilhar.

Na aula de espanhol, ocupei um lugar atrás de Eliza. Enquanto nossa professora começava a entregar os questionários da semana passada, aproximei-me para lhe cochichar no ouvido.

– Tive um fim de semana *incrível* com meu irmão. Nós rimos tanto que eu quase vomitei – disse. – *Vômitos*.

Ela se virou para sorrir na minha direção, distante. Ela tinha um adesivo de uma estrela grudado no rosto.

– Como foi seu fim de semana? – perguntei.

Enquanto a professora passava por entre as carteiras, os olhos de Eliza se afastaram do meu rosto e procuraram alguma coisa na porta entreaberta. O sol do fim da manhã estava transformando as cercas do lado de fora num verde-militar. Quando eu ia até sua casa, seu pai, nos intervalos do trabalho com ações que fazia de casa, às vezes assava uma fornada de bolinhos para espairecer. Cada bolinho de chocolate expressava abundância.

– Estávamos pensando em assistir a um filme – disse Eliza. – Mas todo mundo estava cansado, por isso ficamos em casa e jogamos Yahtzee. – Ela bocejou para a porta. – Desculpe. Foi divertido.

Desenhei uma estrela na minha carteira, a lápis, e depois a rabisquei com linhas cruzadas. A senhorita Ogilby devolveu meu questionário. Nota oito. Errei a conjugação do pretérito perfeito do verbo “ir”. Todo mundo no meu questionário ia no presente.

– O George estava lá? – perguntou Eliza, guardando seu questionário na aba do caderno.

– Onde?

– Na sua casa, com seu irmão.

Eu me ajeitei para chegar mais perto.

– George? Você está querendo dizer George Malcolm? – perguntei. – Ele está lá o tempo todo.

Ela suspirou. Seu rosto brilhou.

– Ele é como um irmão para mim. Exceto pelo fato de que eu poderia me casar com ele.

Eliza passou o dedo pelo apoio de lápis da minha carteira.

– Ele parece legal – disse ela.

– Ele odeia Yahtzee – eu disse.

– O quê?

– Ele disse isso certa vez. Acha desprezível.

– Ele disse o quê, Rose?

– *Nada* – eu disse quando a professora olhou para nós duas.

– Indo, indo, indo – eu disse.

* * *

Minha apresentação estava marcada para a aula de atualidades, no quinto período. Deveríamos escrever alguma coisa que valorizássemos na sociedade moderna, e que não existia no tempo dos nossos avós, e depois ler um ou dois parágrafos em voz alta. Eu me apresentei depois de uma menina que falou sobre as vantagens do ciclismo de montanha e antes de um cara que exibiu um cartaz

em três partes falando sobre o tratamento da malária.

Limpei a garganta.

– Meu trabalho é sobre o salgadinho Doritos – eu disse.

A professora concordou com a cabeça.

– Nutrição é importante – disse ela.

– Não é sobre nutrição – eu disse.

Ergui minha folha de papel.

– O bom de um Doritos – eu disse, bem alto – é que não preciso prestar atenção a ele. Quando presto atenção, ele tem o mesmo sabor de todos os salgadinhos comuns. Mas se não presto atenção, ele se torna a coisa mais deliciosa do mundo.

Abri um pacote tamanho família – meu único item físico na apresentação – e o passei pela sala de aula. Ordenei a todos que pegassem um salgadinho.

– Comam!

O som do salgadinho se quebrando. Eliza riu no fundo. Seus pais não permitiam que ela comesse Doritos. Eu era sua traficante, por assim dizer.

– Entendem? – perguntei. – Tem sabor de quê?

– De Doritos – disse um esportinho na primeira fila.

– Queijo – disse alguém.

– Mesmo? – perguntei.

Eles se concentravam nos seus salgadinhos.

– Uma coisa boa de farinha – disse outro colega.

– Exatamente – concordei. – Uma coisa de farinha. O sabor que sinto – disse, lendo a folha em minhas mãos – é do que lembro ao ter comido meu último Doritos, além dos produtos químicos que até são bons de saborear, e depois minha mente adormecida não se importa muito com o sabor verdadeiro dele. Lembrando, produtos químicos e mente adormecida. É uma combinação mágica. Essas partes se juntam para criar uma sensação ilusória que me faz querer comer o pacote inteiro e depois talvez outro pacote.

– Você tem outro pacote? – perguntou um skatista, lambendo os dedos.

– Não – respondi. – Concluindo, um Doritos não exige nada de você, o que é uma dádiva. Só pede que você não esteja prestando atenção.

Curvei-me um pouco, para a turma. Eliza bateu palmas. O mesmo skatista, cheirando a maconha, me perguntou se eu tinha um pouco de Cheetos para comparar.

– Por favor? – pediu ele.

– Se a professora permitir, talvez possamos fazer um passeio rápido, em turma, até a máquina de salgadinhos.

A turma se levantou e já estava na porta antes que a professora pudesse reclamar. Passamos quinze minutos na bagunça, enfiando moedas na máquina, saboreando todos os salgadinhos disponíveis, lendo ingredientes impronunciáveis e desconhecidos em voz alta.

– Claro, claro – disse o skatista, mastigando. – Quando me concentro, tudo é diferente.

Ele fechou os olhos. Eliza me abraçou três vezes, suas mãos sujas de molho em pó com sabor de fazenda. Voltamos para a sala entusiasmados e, depois da

aula, a professora me chamou e disse que eu fiz um bom trabalho, mas que era importante que eu comesse proteínas, porque era uma menina em fase de crescimento.

– Obrigada – eu disse, e ela abaixou a cabeça.

E nós duas concordamos, admirando sua prestimosidade.

20 Joseph tinha de refazer um exame depois da escola, por isso peguei o ônibus para casa sozinha, parando na pequena revistaria em Melrose, na Fairfax, para comprar meu pacote de salgadinhos de sempre, como uma comemoração final pelo meu trabalho. As ruas estavam em silêncio enquanto eu caminhava, havia poucos carros no meio do dia. Um homem com um soprador de folhas amontoava a grama cortada no meio-fio.

Cheguei em casa e encontrei outra entrega da vovó. Uma grande caixa de madeira com uma cadeira dobrável cinza e uma caixa do tamanho de uma geladeira com uma velha estante de livros e um banquinho quebrado envolto em jornal. Tudo chegou ao mesmo tempo, entregue por um caminhãozinho.

Mamãe estava na cozinha, prestando atenção a uma nova receita publicada no jornal.

– Com quantos anos ela está? – perguntei, entrando na cozinha.

– Já tem oitenta e um – disse mamãe, acenando com uma colher de pau.

– E o que ela faz?

Mamãe deu de ombros.

– Não tenho a menor ideia.

Ela abriu o jornal, avaliando os ingredientes.

A receita de hoje havia sido tirada da seção regional, alguma coisa a ver com molho de tomate e cogumelos do sul da Itália, cozidos lentamente e com um bom azeite de oliva como base. Meu pai amava comida italiana e minha mãe a preparava quando estava se sentindo culpada. Ela colou a receita no armário para vê-la melhor. Seus olhos estavam enrugados por causa da falta de sono, mas ela estava usando um novo batom rosa e ainda se notava uma melhora clara no seu humor.

– Quer ajudar? – perguntou ela, enquanto eu lavava minhas mãos.

Ela me deu uma faca, uma tábua de corte e uma pilha de pimentas verdes. Minha mente ainda estava limpa, por conta dos pacotes de salgadinhos. Eu gostava daquele aspecto da culinária, como um distante participante difícil de ser identificado, desde que eu não tivesse de juntar ou remexer nada. Era muito assustador comer uma refeição feita por mim mesma, mas eu realmente gostava do preparo: cortar e picar, moer e descascar, triturar e fatiar, apenas atacando todos esses itens que dominavam meus dias, por mais que soubesse que nada tiraria a complexidade de mim – nada exceto não comê-las. Ainda assim, eu sentia muito prazer em ralar o queijo. Era como se eu o estivesse matando.

Enquanto eu tirava as sementes das pimentas, mamãe colocava as cebolas na panela e me contava sobre a festa e todos aqueles advogados engraçados. Ela me perguntou sobre a escola e, quando eu lhe disse que não sabia qual era a matéria de que mais gostava, ela fez que sim com a cabeça.

– Entendo – disse, inclinando a cabeça. – Você tem dificuldade para escolher, como eu. São tantas opções!

– Não sei se é isso – eu disse, jogando as sementes no lixo.

Para mudar de assunto, contei sobre o desaparecimento do Joe. Não descrevi nada em detalhes – só disse que, durante a noite, ele desaparecera por vinte minutos, mais ou menos, e eu não conseguia encontrá-lo.

– Ele simplesmente não estava mais lá. E então, de repente, ele voltou. Foi

mesmo engraçado – eu disse.

Mamãe deu meia volta. Sua ansiedade estava estampada no rosto.

– Você acha que ele estava fugindo pela porta lateral? – perguntou, sussurrando.

Joguei o miolo da pimenta no lixo.

– Não.

– Ou... Rose, será que ele tem uma namorada?

Quase ri.

– Hummm, não – eu disse.

Ela pôs a colher de pau cuidadosamente sobre a bancada. Verificou a receita no armário.

– Pimentas?

– Tudo pronto – eu disse.

Ela pegou a tábua de corte da bancada e jogou os quadradinhos de pimenta na panela para que se juntassem à cebola e ao alho já dourados. Ficamos observando as pimentas estalando no azeite.

Ela pôs o braço ao meu redor, nosso carinho mais simples. Apoiei-me no corpo dela.

– Rose – disse ela, acariciando meu cabelo. – Querida Rose-minha-Rosa.

Ela pegou a colher, remexendo distraidamente os ingredientes.

– Bem – disse ela –, seu irmão é cheio de segredos, mas isso não é necessariamente uma coisa ruim.

– É de família – eu disse.

Ela sorriu para mim, seus olhos inseguros.

Limpei e substituí a tábua de corte e comecei a picar os tomates.

– Vou ficar com o banquinho – eu disse. – Da vovó.

– Você acha que ele tem um namorado? – perguntou ela, esperançosa.

– Não.

– Eu entenderia se tivesse – disse ela, apoiando-se no forno. Eu podia ouvi-la refletindo, começando a formar seu monólogo de compreensão. – Acho que seria muito bacana – disse ela, baixinho.

– Desculpe, mamãe – eu disse.

– Como você sabe? – perguntou ela. – Você não sabe!

Ela se voltou para a panela e para as colheres de pau. Remexendo em todas as coisas.

– Está sem uma perna – disse ela depois de algum tempo, olhando para a panela. – O que você vai fazer com um banquinho com apenas duas pernas?

* * *

Levei-o para fora, para perto da porta lateral, no pedacinho de jardim que margeava a casa. Se fosse colocado contra a parede externa, ele funcionava perfeitamente como uma escadinha. Quando Joe ficou cuidando de mim novamente, enquanto eu ainda podia ouvi-lo andando de um lado para o outro dentro do seu quarto, saí de fininho e subi no banquinho para olhar pela janelinha no alto da porta lateral. As luzes lá dentro estavam desligadas e tudo o que eu podia ver eram sombras sobre sombras, escuridão e as formas grandes de sempre. Parecia que ele estava sentado na escrivaninha, lendo no escuro.

Virando as páginas.

Fiquei observando durante algum tempo, do alto do banquinho. Meus olhos se ajustavam à luminosidade. Ele lia cada página lentamente e quando estava prestes a virá-la, corria o dedo até o canto, no alto, erguendo a folha lentamente, como uma asinha. Ele tomava muito cuidado, principalmente quando estava sozinho.

Fui até o banheiro. Fiquei vagando pela casa. Quando voltei ao banquinho/escada, ele não estava mais lá.

* * *

Eu estava tão preocupada em tentar recuperar aquele momento leve de gargalhadas que tive com Joe que não voltei a pensar onde ele realmente estivera. Quando corri pela casa novamente, batendo na porta dele, chamando seu nome, circulando, abrindo portas, fazendo todas as mesmas coisas novamente para finalmente encontrá-lo do lado de fora do seu quarto mais uma vez, com aquele mesmo e incomum peso em suas pálpebras e pele, omiti minha antiga curiosidade e voltei a repetir o roteiro que havia terminado em gargalhadas. Eu conhecia meu papel perfeitamente. “Onde ele estava? Estava ocupado? Onde?” Eu perguntei se ele tinha ido ao meu quarto e, como disse que sim, eu perguntei por que e, numa voz cansada, respondeu que precisava de uma caneta Pegasus rosa. Foi por volta das oito e meia. Mais de uma semana desde seu primeiro desaparecimento. Nossos pais saíram para outro jantar. As paredes, frias. Joseph, alto, com o corpo apoiado na porta. Podia perceber seu esforço, interpretando as falas para mim. E até mesmo eu, sempre pronta para fingir a risada, novamente, para sempre, percebia como aquilo soava falso, e ficamos lá, em silêncio, nos encarando, nos planos e em toda a extensão do corredor semi-iluminado. Ele parecia mais velho; ele era apenas cinco anos mais velho, mas parecia um idoso, um avô.

– Você está doente? – perguntei.

Ele fez que não.

– Estou praticando uma coisa difícil. E isso me cansa.

– O que é?

– É difícil explicar.

– Ah! Posso ajudar?

– Não.

Ele apoiou a cabeça contra a dobradiça da porta. Fechou os olhos.

– É ilegal?

– Não – disse ele, sorrindo um pouco.

Ficamos ali parados durante algum tempo. Sua respiração profunda e comedida sugava o ar em goles lentos. Aqueles cílios que pareciam antenas e seus dedos. Eu me perguntava o que ele sabia sobre a família, e o que não sabia. Em que família ele vivia. Minha mente se distraiu.

– Ei – eu disse, depois de alguns minutos. – Pode fazer uma coisa por mim?

* * *

Era o primeiro dos dois favores que pedi para meu irmão, e ainda que este fosse muito menos importante, aquele ainda foi um dos meus melhores momentos na escola primária. No dia seguinte, na escola, durante o almoço,

enquanto Eliza se sentava de pernas cruzadas e desembrolhava cuidadosamente seu pacote marrom de alegrias, George surgiu e veio caminhando da escola secundária. Seus passos longos, com suas pernas compridas. Ele recentemente fora aceito na Caltech, e foi animador vê-lo surgindo de trás da parede de tijolos que separava as duas escolas, aproximando-se com suas calças *jeans*, como se tivesse um motivo para vir até aqui. E ele tinha. Eu. George acenou ao chegar mais perto. Eliza acenou de volta. Uns outros alunos observavam de seus lugares, mastigando as pontas de canudos de plástico. Qualquer tipo de visita de alguém da escola secundária era digna de nota, mas aquela era melhor: na escola secundária, George havia amadurecido, e quaisquer resquícios de um *nerd* isolado foram amenizados por seus modos simples, seu sorriso fácil, sua segurança com as garotas, suas roupas. Magro, inteligente, nobre. Ele tinha um curativo no dedo e remexia nele como se fosse uma corda de violão, algo que às vezes fazia em nossa casa quando estava refletindo sobre alguma ideia.

Ele meneou a cabeça para Eliza e depois fez sinal para mim.

– Só um segundo – disse ele.

– Claro! – disse Eliza, cheia de graça, um adesivo em forma de lua brilhando no pulso como uma tatuagem.

George e eu ficamos perto de uma coluna de cimento e ele chegou mais perto, sua voz como um sussurro.

– Joe me disse para vir até aqui e procurá-la – disse ele. Eu sorri. – Tudo certo?

– Tudo ótimo. Eu só queria me exibir para Eliza, e você é a melhor pessoa para isso que eu conheço.

Ele resmungou um pouco e lançou um olhar para Eliza, que estava a alguns metros dali, observando-nos por debaixo de sua franja, mordendo seu sanduíche de peito de peru. E, ah, eu já havia saboreado aquele sanduíche antes. Ele era todo como uma sonata de amor – a folha de alface, o tomate orgânico cultivado numa fazenda feliz e a maionese industrializada, cuja sensação era tão delicada que parecia um belo solo de violino. Era difícil e grosseiro odiar minha amiga tanto assim.

– Quando você vai embora? – perguntei.

– Na mesma época de sempre – disse ele. – Fim de agosto. Volto para visitá-la, não se preocupe.

– Sua mãe está feliz?

– Ah, claro – disse ele, remexendo no curativo. – Ela está entusiasmada.

Eu podia ver meu irmão ao longe, empoleirado num banco bege, fiscalizando.

– O Joe está olhando – eu disse.

George bufou.

– Cara engraçado – disse ele. – Então, tudo certo por aqui?

– Tudo certo.

– Nenhum encenqueiro pelos corredores?

– Não, nenhum encenqueiro.

– Algum menino está lhe importunando?

– Não.

Sorrimos um para o outro.

– Espere até que surja um bom garoto, está bem?

– Está bem.

– E a comida?

– A mesma porcaria de sempre – respondi.

– A mesma... – suspirou ele. – Garota corajosa.

Eliza estava agora escolhendo entre três tipos de biscoitos feitos em casa: de chocolate, aveia ou manteiga. Os olhos de George começaram a procurar por cima da minha cabeça, mudando de assunto.

– Já terminamos? Eu tenho de voltar.

– Claro – eu disse, abaixando a cabeça. – Foi ótimo. Muito obrigada.

Dei um tapinha no seu ombro.

– Talvez você pudesse rir.

Diante da sugestão, ele riu, o que cumpria o prometido.

21 Quando Joseph nasceu, a melhor amiga da minha mãe, Sharlene, que tinha cabelos vermelhos e cozinhava gloriosos banquetes franco-tunisianos de ensopado de cordeiro e torta de berinjela com tomate, na época de Berkeley, apareceu na maternidade a tempo, usando uma camiseta verde-limão na qual se lia “Time do Bebê”. Papai lá fora. Vovó em Washington.

Sharlene recebeu minha cansada mãe como um passe de futebol e, durante algum tempo, foi a ajudante-torcedora perfeita, no comando, amável e focada – mas Joseph, encolhido e satisfeito no calor do útero, não se sentia tão motivado ou preparado para nascer. Na quinta hora de ajuda entusiasmada, Sharlene, com o rosto vermelho e a camiseta desbotada, arrastou-se até um telefone público da recepção e pediu desculpas ao seu chefe numa empresa de alimentos. Mamãe disse obscenidades tão alto que era possível ouvir do corredor. Assim que Joseph mostrou sua cabeça, gritando, vivo, azulado, contorcido, Sharlene beijou minha mãe na testa, lhe deu os parabéns, dizendo “bom trabalho! Ah, que dia feliz!”, e depois atravessou a cidade correndo para recheiar cogumelos.

O médico saiu para cuidar de outro paciente. A enfermeira cortou o cordão umbilical e saiu para mergulhar seu rosto nas rosas e tulipas.

Quando abraçou o bebê, minha mãe se sentou lentamente, balançando as pernas. Seu corpo doía. Ela saiu da cama e se arrastou até a janela, onde mostrou o bebê envolto em cobertor e observou em silêncio um papai pequenino pulando. Ele acendeu um charuto. Fez uma dancinha. Foi como a versão muda do filme da sua vida. Ele ficou ali pulando e fumando várias vezes até que estivesse cansado demais e depois mandou beijos de adeus e saiu para preparar a casa. Mamãe foi deixada, sozinha, com o filho. Era um quarto particular. E, mesmo com as mulheres gritando ali perto e os cliques e bipes das máquinas, ela me contou que alguma coisa pareceu esvaziar toda a maternidade naquela hora, e tudo ficou muito quieto e imóvel. E, então, abriu-se uma janela no tempo, quando mamãe e o bebê ficaram várias horas juntos, apenas olhando um nos olhos do outro. Os olhos dele, hesitantes e novos; os dela, cansados, solitários, profundos.

A primeira vez que ela me contou essa história foi quando estava penteando meus cabelos depois de um banho. Eu estava com sete ou oito anos.

– Eu percebi – disse ela, e sua voz sumiu. – Eu vi.

Ela abaixou a cabeça. Ficamos sentadas juntas no chão do banheiro, sobre um amontoado de roupas sujas: ela havia secado meus cabelos com uma toalha e segurava o pente acima da minha cabeça, pronta para passá-lo pelos cachos. Para imitá-la, eu deixara meu cabelo crescer o máximo possível, até meu bumbum, e lavá-lo era um trabalho exaustivo de uma hora, com xampu, condicionador, toalha, pente e talvez um secador, se eu tivesse sorte.

Ela era ótima com atividades manuais e eu ansiava por aquele tempo na companhia dela, aquecidas como pintinhos pelas bobinas laranja-avermelhadas do aquecedor. Se esse tipo de tempo com mamãe significava ouvir histórias sobre meu irmão, valia a pena. Além do mais, eu também tinha minha própria história. Quando eu nasci, disse ela, ri logo depois, mesmo que os médicos garantissem que bebês não riem.

– Você riu! – ela me contou, começando a passar os dentes plásticos do pente pelo meu cabelo molhado, abrindo sulcos na minha cabeça. – Uma

gargalhada!

– Mesmo?

– Mesmo – disse ela.

Ela passou o pente para baixo, recolhendo a água numa toalha nas pontas e, ao fazer isso, seus ombros se encolheram novamente, num recuo de gratidão. Ela olhou pela porta do banheiro entreaberta.

– Com Joseph... – disse ela.

Esperei, pingando.

– Joseph – disse ela – via o mundo todo.

Sua mão parou no meio dos meus cabelos.

– Como um bebê? – perguntei.

– Ele era como um velho profetinha na forma de um bebê.

Ela não chorou ao contar a história, mas seu tom de voz diminuiu, deprimida. Quando Joseph ouvia aquela história, ele geralmente saía do quarto.

– Nós nos apaixonamos em poucos segundos – continuou mamãe.

Literalmente segundos! *Bum!* Ela sorria para ele, que continuava a sair de onde quer que estivesse e seguia para seu quarto, fechando com cuidado a porta. Eu me lembro dele saindo de todos os cômodos da casa, como se tudo o que minha mãe fizesse fosse contar aquela história do seu nascimento, vezes sem fim. Na verdade, ela provavelmente só a contou umas poucas vezes, mas na minha memória eu podia vê-lo saindo da cozinha, da sala de TV, do banheiro, do meu quarto e do jardim da frente. Mamãe sentada comigo por algum motivo – cabelo, lição de casa, álbum de casamento – e ele saindo sem dizer nada.

– Eu sabia – disse mamãe – que ele me guiaria.

Joseph trancou a porta.

Ela enrolou a toalha em volta da minha cabeça, apertando-a contra meu crânio.

– E eu?

– Você o quê, querida?

– Eu a guio também?

– Ah, claro – disse ela, enxugando meus ouvidos. – Vocês todos me guiam.

Você me ajuda o tempo todo!

Quando meu cabelo estava seco e penteado, ela se ocupou com três mechas úmidas de cada lado, os dedos hábeis e precisos, fazendo uma trança em estilo francês que começava no alto da cabeça. No jantar, passando a mão sobre os nós dos cabelos, eu tentava compreender a expressão nos olhos de Joseph para ver o que havia de tão especial ali, mas ele apenas desviava o olhar.

– O que foi? – perguntou ele, porque eu continuava tentando. – Qual é o seu problema?

– Estou tentando ser guiada pelos seus olhos.

Ele fechava os olhos. Órbitas alongadas, com pálpebras brancas e uma borda preta de cílios.

– Meus cílios são minha caverna particular – murmurou ele. – Para lá posso ir sempre que quiser.

Ele comeu toda a refeição de olhos fechados e de alguma maneira não derramou nada. Mamãe achou que ele estava tentando intensificar o sabor do

jantar, por isso fechou também os olhos, concentrando-se.

– Sim – disse ela, levando o garfo aos lábios. – Hummm, é verdade. Posso sentir o sabor do tomilho muito melhor assim.

Papai olhou para mim e balançou a cabeça.

– Nós estamos aqui – eu disse, mas ninguém parecia ouvir coisa alguma.

Quando completei treze anos, havia juntado 80 dólares por concordar deixar que Joseph cuidasse de mim. Usei a maior parte do dinheiro para comprar minhas comidas industrializadas preferidas ou novas latas de bolas de tênis que gostava de arremessar pela rua com toda a força que podia (e que me foi devolvida, certa vez, por um cachorro da vizinhança), mas com o que restou fui até a loja de música/vídeo e comprei uma cópia de *Brigadoon* – áudio e vídeo. Ouvi a música sozinha e enfiei a fita cassete na TV sem que meu pai notasse, em outra noite de compromissos da minha mãe. Ele levantou os olhos quando a música de abertura e os créditos começaram, com os estridentes violinos, e no primeiro número ele deixou o livro-caixa de lado e cantou um ou dois versos da letra. Ele acompanhou o coro. Depois de alguns minutos, juntei-me a ele porque já havia aprendido a letra também, mas em vez de chamar menos a atenção, minha voz teve o infeliz efeito colateral de dar ênfase ao que estávamos fazendo. No meio do coro, meu pai pegou o controle remoto e desligou a TV.

– Tenho de trabalhar – disse, voltando para o livro-caixa vermelho e balançando a cabeça. – Engraçado.

...

Numa tarde de sábado de abril, tranquila e ensolarada, um envelope chegou em nossa caixa de correio. Dentro havia um pedaço de papel cuidadosamente dobrado, com a marca do Departamento de Admissão da Caltech, dizendo que, embora impressionados com as credenciais, infelizmente a Caltech tinha uma leva excepcionalmente boa de candidatos naquele ano e não teria lugar para Joseph Edelstein no outono. Eles lhe desejaram felicidades em suas aventuras científicas futuras.

Eu entreguei o envelope para Joseph, que estava sentado do lado de fora da casa, lendo um livro sobre Kepler e o surgimento do Iluminismo, com a mudança de mentalidade orbital. Órbitas elípticas, periélios, áreas iguais em tempos iguais.

Quando lhe entreguei o envelope, ele fechou o livro e levou a carta diretamente para o seu quarto, de onde não saiu durante os dois dias seguintes. Papai disse para deixá-lo em paz, que deveríamos lhe dar um pouco de espaço. As bandejas de comida que minha mãe deixava do lado de fora da porta lateral eram comidas por pássaros ou insetos.

Mais duas cartas chegaram pelo correio. Todos os envelopes para Joseph eram finos. Ele não conseguiu entrar na UCLA ou USC. E ele não se inscreveu em mais nenhuma faculdade. A competição era dura e suas notas, irregulares: algumas notas dez em Ciências e algumas notas sete em Espanhol e em Inglês, pouca ou nenhuma atividade extracurricular e um exame de admissão também irregular. Ele não podia escrever “Mas eu sou um *gênio*” na sua redação de inscrição e deixar por isso mesmo.

– Você precisa provar que é um gênio – disse a orientadora da faculdade, cruzando as pernas.

Quantos jovens ela já vira saindo de sua sala com grandes ideias e talentos complexos e incapazes de colocarem isso no papel?

– Eles estão enganados! – disse mamãe, andando de um lado para o outro

na casa. Ela chamou George, que ligou para a Caltech. Ela exigia uma reunião com a orientadora da faculdade. Ela listou vários visionários que haviam abandonado a escola secundária e deram início a empresas revolucionárias ou inventaram vacinas. E passou essas listas por baixo da porta do quarto de Joseph.

Mamãe estava tão revoltada que encarou a situação mudando seu comportamento, tentando disfarçar, do mesmo jeito de uma pessoa que se finge estupefata numa festa surpresa e acaba chamando muito mais a atenção do que alguém realmente surpreso.

Por fim, tivemos de abrir a tranca com um grampo de cabelo. Lá dentro, nós o encontramos deitado na cama, lendo um livro e fazendo anotações para um trabalho.

– Ainda posso sair de casa? – perguntou ele quando mamãe e eu entramos aos gritos.

O primeiro desaparecimento formal do meu irmão – formal no senti de que havia mais alguém por perto além de mim – aconteceu pouco antes da sua formatura na escola secundária. Nesse dia. Era uma linda tarde de junho, o céu esbranquiçado, as folhas das árvores caindo. Joseph ficou ao mesmo tempo atento e distraído depois de receber as cartas de rejeição, mas continuou realizando seu trabalho de sempre com as farpas da minha mãe nas noites de domingo, e frequentou as aulas até o último dia. Nossos pais não haviam mais saído de casa para nenhum compromisso ou jantar, por isso não houve desaparecimentos nos dias seguintes, para a minha decepção. Nada de risos ou discussões. Naquele dia, ele deveria estar se preparando para a formatura, experimentando seu chapéu e sua beca, manipulando grampos de cabelo e, no meu papel de irmã caçula e pastora domesticada, eu deveria acompanhá-lo até o carro para que chegasse à escola a tempo para o ensaio. Mas o cordeiro se perdeu. Eu não conseguia encontrá-lo em lugar nenhum.

– Joe não está no quarto – disse para minha mãe, que estava do lado de fora, retocando o batom no espelho retrovisor do carro. – É aquela coisa que eu havia lhe contado.

Ela olhou em volta, os lábios retocados de rosa.

– Talvez ele esteja no banheiro – disse ela.

– Não, já olhei.

Era quase meio-dia, hora de sair, o sol queimando as camadas de nuvens, e foi bem naquele momento que George surgiu virando a esquina da Vista, caminhando. Ele estava usando seu chapéu de formatura preto preso na cabeça e carregava a beca bem passada dobrada no braço. Fez uma referência um pouco exagerada.

– Mal posso acreditar que vocês já estejam se formando! – disse mamãe, levando a mão à testa.

Ela correu para abraçá-lo. Juntos, eles riram do chapéu e tocaram a franjinha dourada que tinha uma plaquinha plástica com a data pendurada. O telefone tocou. Mamãe correu para dentro. Ela deixou a porta da frente aberta e eu não fui capaz de entender as palavras, mas sua voz diminuiu, assumindo aquele tom de sussurro de uma intimidade urgente que já havia ouvido algumas vezes quando ela atendia os telefonemas à tarde. Virei-me para George.

– Parabéns – disse eu.

– Ei, Rose – disse ele, arrumando o grampo no cabelo. – Como você está?

De repente ele me pareceu envelhecido, com a admissão da faculdade no bolso. Em geral, mais tranquilo.

– O Joe está sumido – eu disse.

– Onde?

– Não sei.

– E então, onde ele está? – perguntou mamãe, voltando de dentro da casa, seus olhos um pouco mais leves.

– Em algum lugar que não no quarto – eu disse.

– Será que ele foi para a escola sozinho? – perguntou George, ainda remexendo no chapéu.

– Joseph? – disse eu, incrédula.

– É, acho que não – disse George, rindo.

Minha mãe fechou o zíper da bolsa e voltou para dentro da casa. Nós a seguimos. Apesar da estranheza, eu estava feliz por tudo aquilo, por eles estarem por perto sem o Joseph, por George estar ali, pelo fato de a mesma coisa estar acontecendo, mas dessa vez com testemunhas. George entrou na sala de estar, com seus passos compridos e seguros. *Brownies* esfriavam na bancada da cozinha, para a festa de logo mais. Chamamos seu nome como se Joseph fosse um cachorrinho perdido.

Que aquilo aconteceu no dia da formatura parecia formidável. O início da bifurcação. Joseph e George ainda passavam várias tardes juntos, e as estradas chamadas Joseph e George ainda pareciam caminhar no mesmo sentido, mas em pouco tempo o ângulo da base se alargaria. Nos últimos meses, enquanto George se sentava alisando os guardanapos no colo, bebendo goles de água bem gelada em copos de cristal nos almoços comemorativos para estudantes de honra que receberam admissão antecipada, minha mãe matriculara Joseph em aulas na Faculdade Municipal de Los Angeles, para o seu bem. Ele havia concordado quando ela e meu pai sugeriram que ele tentasse aquela faculdade. Mas perguntou se ainda podia morar sozinho, folheando a pilha de formulários.

– É dia de formatura! – eu gritei, batendo palmas. – Hora de ir!

Mamãe foi para os fundos, pisando com cuidado com seus sapatos altos de formatura e criando furos na grama.

George ficou na frente da casa, olhando a rua. Ele passava os dedos pela casca do ficus cujas raízes criavam arcos e saliências e quebravam a calçada.

– Jo-seph! – gritou minha mãe, entrando correndo na sala.

Juntei-me a George.

– Você vai continuar sendo amigo dele?

Ele me olhou. Encarando.

– Joe e eu sempre seremos amigos – respondeu.

Um menino da vizinhança passou correndo pela rua em sua bicicleta. Eu me apoiei no ombro de George por um segundo. Ele deitou a cabeça sobre a minha. Cheirava a sabonete cítrico.

– Eu ainda o verei?

– Claro. Estarei aqui o tempo todo.

Seu rosto era quente na minha testa, mas, enquanto falava, era como se o contrário estivesse sob aquelas palavras, como letras de cabeça para baixo, formadas no reflexo de uma poça d'água.

Minha mãe colocou a cabeça para fora da porta.

– Encontraram?

– Ainda não – respondi.

Ela saiu correndo, trazendo o chapéu e a beca de Joseph embrulhados num plástico. Na cozinha, o telefone tocou novamente. Mamãe havia começado a perguntar a George sobre a Caltech, por isso eu corri para atender.

– Alô?

Era uma voz de homem.

– Alô? Gostaria de falar com a Lane.

– Quem é?

– É o Larry da cooperativa.

Peguei uma caneta do porta-canetas e desenhei um círculo num bloco de papel. Eu não esperava que ele revelasse seu nome com tanta facilidade.

– Ela não pode falar. Estamos saindo para a formatura do meu irmão – eu disse.

– Ah, certo. – Ele tinha uma voz agradável, tranquila, nem grave nem estridente. – Apenas diga a ela que eu liguei. Você é a Rose, certo?

Desenhei uma cabeça demoníaca no bloco.

– Quem?

– Rose, a filha dela?

Desenhei olhos sanguinolentos na cabeça do demônio. Eu era bem capaz de imaginar minha mãe contando a Larry todas as coisas do seu dia. Falando de cada detalhe enquanto trabalhavam num pedaço de madeira. Dizendo os nomes de todos os membros da família. Eu não conseguia parar de agradecê-los todas as noites antes de dormir, vendo assadeiras e mais assadeiras saindo para a cooperativa, cheias de biscoitos e tortas e voltando no dia seguinte, vazias.

Rabisquei um cabelo desgrenhado na cabeça do demônio.

– Sim, sou a Rose.

Ele bufou, como se estivesse rindo.

– Prazer em conhecê-la.

Pela janela da cozinha, George estava respondendo às perguntas de mamãe. Concordando com a cabeça. Prestes a fugir para o mundo dos dormitórios e das garotas. Aquilo me parecia incrivelmente injusto, ele nunca mais viria jantar com a gente duas ou três vezes por semana. Mamãe foi até o carro, conversando e abrindo os braços como se imitasse um avião.

– Você sabe que eu sei – eu disse para Larry.

– Sabe o quê?

Sorri um pouco, para o telefone. Vi quando minha mãe abriu o porta-malas do carro e olhou lá dentro. No porta-malas? Joseph? Tudo aquilo pareceu engraçado por um segundo; engraçado, ridículo e triste.

– Eu sei aquilo que eu não deveria saber.

Ele ficou em silêncio novamente. Um silêncio opressivo.

– Está tudo bem – continuei. – Quero dizer, é ruim. Mas está tudo bem. Só pare de ligar para casa. E nunca ligue nos fins de semana. Certo?

Um silêncio frio do outro lado da linha. Um silêncio pesado de alguém que ouvia atentamente. George pendurou a sua beca e a beca de Joseph com cuidado nos cabides internos da parte de trás do carro.

– Acho que entendo – disse Larry.

Mamãe estava dizendo mais alguma coisa, animadamente, para George, ao lado do carro. Sua boca grande e rosa.

– Obrigada – eu disse, desligando.

Fiquei parada diante do bloco de papel. Depois escrevi numa folha limpa: “Larry ligou”.

...

Era meio-dia e 15 quando mamãe apertou a buzina do carro. O ensaio começaria em breve: todos os formandos enfileirados para assumirem seus

lugares na cerimônia no auditório da escola. Nosso pai e a família de George nos encontrariam mais tarde, na escola, para o evento de verdade.

A buzina não fez nada além de assustar o menino da vizinhança que estava andando de bicicleta, por isso ela saiu do carro e foi ver na casa do vizinho.

– Jo-seph! – gritou ela para a rua.

Prendi o recado na geladeira, sob um ímã. O que fazer? Eu gostava de vê-la feliz. A vida era melhor quando ela estava feliz.

Andei pela casa. Fechei portas abertas de armários, apaguei as luzes. Por fim, fui para o quarto do meu irmão. A coisa toda de correr e procurar, abrir e fechar, uma enorme armadilha. Como se ele estivesse em qualquer lugar, mas um lugar perto do quarto. Ainda que não pudesse encontrá-lo, eu sabia que ele não estava ali e definitivamente não estava na casa dos vizinhos. Os livros, as caixas, os montes de roupas. Aquela tensão de sempre no quarto.

– Ele estará aqui em breve – eu disse.

Mamãe estava correndo pela calçada.

– O que vamos fazer? – gritou ela para George. – Está na hora!

– Eu sei – eu disse, baixinho para que ela não ouvisse. E fechei os olhos. – Espere só mais um segundo.

Ela continuava andando pela calçada, em direção à esquina.

– Jo-seph! Jo-seph!

Eu a ouvi gritando. George estava ao lado do carro, conversando com o menino que ia e voltava de bicicleta. Jogando para cima um pino solto. Deixei o quarto do meu irmão e fui para o meu quarto, a terra das canetas Pegasus, dos banquinhos quebrados e das bonecas. Lá, abri o porta-joias que minha mãe havia me dado de presente de aniversário. Ela o fez com sobras de madeira e era uma caixinha brilhante de carvalho, com gavetinhas e puxadores feitos com gravetos. Cada peça que ela fazia era melhor do que a anterior.

Ela, que o amava mais do que tudo, estava na rua, apenas gritando. George, seu melhor amigo no mundo, ficou do lado de fora, olhando a calçada. Era um momento inesperado para mim. Meu irmão e eu nunca fomos íntimos e eu não entendia o que estava acontecendo, mas ainda parecia que eu sabia mais sobre isso do que qualquer pessoa. Por qualquer motivo, eu estava envolvida. Remexi nas gavetinhas do porta-joias e encontrei uma nota enrolada de vinte dólares. Fiquei ouvindo cuidadosamente, à procura de um sinal, e ao mesmo tempo arrumando as pedrinhas coloridas uma ao lado da outra.

Nada surgiu do quarto, mas enquanto eu desenrolava um laço comprido de cetim, ouvi dois passos vindos do quarto dele; um, dois. Quando fui para o corredor, lá estava ele, na sua porta, com o mesmo olhar, como se tivesse sido lavado e seco numa máquina.

– Jo-seph! – gritou nossa mãe da rua, ainda procurando por ele.

– Jo-seph! – gritou também George.

Joseph olhou para mim tranquilamente. Ficamos nos encarando por mais tempo do que se esperava.

– Pronto – disse ele.

Em agosto, eles arrumaram todas as coisas em caixas: George para Pasadena e Joseph para Los Feliz. No dia em que George foi para o leste em sua caminhonete alugada de mudanças, com uma pintura das montanhas íngremes do Alasca na caçamba, ele entrou no meu quarto e me deu um longo abraço.

– Eu a vierei em breve – disse ele, segurando-me pelos ombros, olhando dentro dos meus olhos, embora eu não fosse vê-lo pelos próximos meses.

Eliza estava lá em casa nesse dia e, para meu desgosto e prazer, ele a abraçou também.

– Cuide bem da Rose – ele lhe disse.

– Estou bem – disse eu, encostando-me na porta com um baque.

Eliza fez que sim, solene. Seu rosto ficou todo vermelho.

– Talvez você possa nos mostrar os dormitórios algum dia – disse ela.

Eu quase bati nela com a cabeça da boneca amarela que estava escondida no meu bolso. Sim, eu queria ver os dormitórios mais do que tudo! Mas não com ela lá também.

Meu irmão convenceu meus pais a alugar um apartamento para ele fora de Vermont, perto da avenida Prospect, a uns 15 minutos de distância. Ele se sentou com papai em frente à TV por meia hora. Eu nunca havia visto os dois juntos e sozinhos por tanto tempo. Joseph fez um discurso emocionado e visionário de como havia planejado seus estudos e como seria útil estar perto da escola. Ele não tinha nenhum interesse em dirigir e da porta de sua nova casa seria capaz de caminhar até a Faculdade Municipal de Los Angeles, à loja de conveniências e ao mercado. O lugar era um prédio de dez andares com o nome escrito na diagonal – Rexford Gardens ou Bedman Vista ou coisa parecida. As unidades cercavam um pátio interno com uma parede de samambaias e um chafariz quebrado com uma sereia. O apartamento de Joseph ficava no segundo andar, com um corredor externo que funcionava como uma sacada coletiva.

Para mobiliar seu novo apartamento, mamãe lhe deu várias coisas de segunda mão do seu estúdio de marcenaria. Um guarda-roupas com uma gaveta toda enfeitada, uma mesinha sem função clara, um criado-mudo comum de pinho e um par de banquinhos altos de carvalho silvestre.

– Que tal? – perguntou mamãe no dia da mudança.

Ela segurava um cabideiro feito por um de seus colegas. A madeira era elegante – pau-rosa brasileiro cheio de estrias –, mas ela não fora cortada corretamente com a serra e havia algo em desarmonia, por isso o cabideiro teve de ser colocado num canto.

– Claro. Ótimo.

Estávamos colocando as caixas na traseira de uma caminhonete Ford que mamãe havia emprestado de seus amigos na madeireira. Joseph voltou para dentro de casa e veio com duas cadeiras de uma mesa de cartas sob os braços. Vovó lhe enviara o restante do conjunto dobrável durante vários meses, naquelas enormes caixas de madeira, uma peça por vez.

– E estas? Posso ficar com elas? – perguntou ele, segurando-as como se fossem muletas.

Mamãe torceu o nariz.

– Essas? – perguntou. – Elas não são muito benfeitas.

Joseph pegou duas e depois mais duas e ainda a mesa dobrável, e depois a tigela de salada lascada da vovó, e seu abajur de mesa com seu gargalo removível.

– Não são tão boas quanto as suas coisas, claro – disse ele, caminhando até a caminhonete e colocando tudo lá dentro.

* * *

O plano era começar com um colega de quarto para dividir o apartamento de um quarto, mas durante as entrevistas de vários pretendentes ele ficou sentado imóvel feito uma pedra e não disse nada. Estranhos animados vieram até em casa e se sentaram comigo e com meu irmão, tentando impressionar, mas era possível vê-los ficando desanimados quando tentavam atrair o interesse de Joseph, que não respondia nenhuma das perguntas. Ele nem mesmo reclamava. Ele estava pior do que eu jamais vira, irradiando “caia fora!” porque parecia querer mais do que qualquer coisa morar sozinho. Ele disse que estava feliz em ir para a FMLA, mas queria ter tempo suficiente para trabalhar.

– Por que você quer tanto viver sozinho? – perguntei, mas ele fingiu não me ouvir. – Somos tão ruins assim? – perguntei novamente, seguindo-o de um cômodo a outro.

Ele só se inscrevera em faculdades para as quais George também se inscrevera e seu antigo desejo incontrolável de entrar na Caltech me parecia ter menos a ver com os méritos da faculdade e mais com o único colega de quarto que ele seria capaz de tolerar.

Mamãe, esforçando-se para ser útil, alugou o apartamento no seu nome e queria escolher um bom colega de quarto para fazer companhia a Joseph, e ela até mesmo tentou dar a alguns candidatos generosos descontos no aluguel, mas depois que todos os colegas em potencial foram embora, seus sorrisos enrijecidos, Joseph lhe implorou novamente. Ele perguntou se podia usar suas economias, doadas por generosos avós mortos, para pagar a outra parte do aluguel. Depois que mais duas pessoas retiraram seus nomes, mamãe conversou sobre o assunto com papai e sublocou o apartamento.

– Ótimo. Mas você tem de ligar todos os dias – disse ela, encarando Joseph até que ele concordasse.

Mamãe estava preocupada, achando que ele estivesse arrasado com a rejeição da Caltech, mas assim que lhe entregou as chaves, Joseph a abraçou.

– É meu? – perguntou ele.

Ele dançou pela casa de braços dados com ela, cantando “obrigado, mamãe!, obrigado, mamãe!”, com os cotovelos abertos, a voz estridente. Ela saltitou com ele, aos prantos e rindo.

– Ligue para o seu pai – disse ela, limpando o rosto, e ele foi até o telefone, outra coisa que eu nunca havia visto antes, e ligou para papai no escritório para deixar um adequado recado de agradecimento com a secretária dele. Ao sair, ele fez outra cortesia e prometeu à mamãe que ainda voltaria todos os domingos à noite para retirar suas farpas.

– Ele está se tornando independente – ela sussurrou, beijando-me no rosto.

Assim, para que o fundo dos avós pudesse permanecer intacto, ela passou a pagar o aluguel do apartamento com as vendas da cooperativa, completado com

o salário de meu pai. Ninguém disse qualquer coisa sobre ele arranjar um emprego.

* * *

No dia da mudança, ele carregou os móveis da cooperativa e as caixas para cima pela escada e pelo corredor-sacada interno. Depois de retirar todas as coisas do carro, mamãe e eu entramos no apartamento. Abrimos e fechamos os armários. Admiramos o espaço do armário embutido. Eu dei descarga no banheiro, só por diversão.

– Parece muito bom! – disse mamãe.

Ela abriu a janela da sala de estar para deixar que o ar entrasse e espiou pela porta da frente.

– Você já conheceu seus vizinhos?

Todas as portas no corredor externo estavam trancadas, as cortinas, fechadas.

Ficamos ali, sem jeito, na sala de estar, e Joseph nos agradeceu várias vezes, finalmente nos levando até a porta. Ele continuava mexendo na porta, cada vez mais perto de fechá-la.

– Já entendemos – eu disse, saindo. – Tchau.

– Todos os dias – disse-lhe mamãe.

– Sim.

Ela o abraçou novamente e assoou o nariz. Depois que ele trancou a porta, ela remexeu na bolsa e pegou uma chave extra avermelhada e a jogou dentro de uma armação de metal na luminária externa.

– Só para garantir – disse ela, enquanto descíamos as escadas.

* * *

George mergulhou na vida da faculdade e Joseph vivia como um eremita, enquanto eu passei por todos os ciclos: oitava série, nona série. Décima, décima primeira, décima segunda. Apeguei-me a Eliza que, apesar da promessa que fez a George, havia encontrado um novo grupo de amigas, garotas que pareciam, com seus sorrisos fartos e malícia, gostar de ciclistas que desciam montanhas. Como se vivessem numa fantasiosa terra de Escher, só com descidas.

No almoço, o grupo começou a falar sobre faculdades. Eliza caía de amores por Berkeley, com mestrado em Psicologia. Outras estavam interessadas em Ciências Políticas ou na escola preparatória de Medicina. Eu me inscrevera em poucos lugares, quase que ao acaso – a ideia de mais escola me parecia apenas confusa. Quem seria capaz de prestar atenção o tempo todo? Continuei com minhas aulas semanais de flauta, mas eu estava contente com o terceiro nível, e às vezes desejava ter escolhido tocar trombone. Você não pode soprar uma flauta com força. Meu velho rival de queimada, Eddie Oakley, crescera e se tornara um atleta com belos e fortes braços e, certa vez, quando eu estava me sentindo especialmente agitada, corri para o campo de beisebol no fim do dia e o convenci a arremessar bolas de tênis rachadas comigo, por sobre as cercas de ferro, para que rolassem nas ruas.

– Tome isso – eu dizia, jogando-as com força.

– Você é uma mocinha muito raivosa – disse ele, rindo para mim.

– Não estou com raiva. Só tenho um braço potente.

Algumas vezes ficamos namorando do lado de fora do vestiário dos meninos, muito depois de terminado o dia escolar. Nós apertávamos nossos rostos um contra o outro. Havia algo de rude e áspero nisso, como se eu estivesse furiosa com ele, e ele estivesse furioso comigo, e como se estivéssemos lutando com nossos lábios, mas ainda assim era muito bom. Ele tinha sabor de esporte. Certa tarde, quando estava ficando escuro, ele ajeitou meu cabelo atrás da orelha e parecia prestes a dizer algo legal, mas eu afastei seus braços e disse que tinha de ir embora.

Ele me puxou para um último beijo, que durou mais quinze minutos. Depois de um intervalo, ajeitei minha camiseta.

– Tchau. Estou indo.

– Você é a garota perfeita – disse ele, passando a mão no rosto. – Você não espera nada de mim.

Peguei uma das velhas bolas de tênis e joguei nele.

– E você é o mesmo babaca que era na terceira série.

– O quê? – perguntou ele, fazendo cara de inocência. – Não é verdade o que eu disse? É bom! Amanhã, na mesma hora?

– Talvez – eu disse, afastando-me.

Durante o almoço, enquanto as meninas dos ciclistas falavam sobre para onde iriam na faculdade, e quando, e por quê, eu me sentava perto do grupo, onde a grama encontrava o concreto, e almoçava. Observava os *nerds* da ciência num banco, com seus livros abertos. Como versões regurgitadas do meu irmão e George.

– Por que você só come porcarias? – perguntou-me uma das amigas de Eliza, a loira-morangueiro que era presidente do clube de tênis.

Ela vivia somente de aipo e pasta de amendoim. Eu estava bem no limite do círculo, como se fosse a perninha do “Q”, e me virei para encará-la. Eliza também ficou olhando, ouvindo, esperando. Ela estava apaixonada pelo presidente do grêmio estudantil e queria perguntar à menina do clube de tênis sobre o mais recente acontecimento na sala de reuniões.

– Porque sou capaz de sentir emoções que as pessoas não sabem que têm – eu lhe contei. – E é uma verdadeira porcarias.

Ergui as sobrancelhas e fiquei olhando.

– Jesus – disse a menina, virando-se. – Só estava perguntando... Você está namorando Eddie Oakley?

– Não – eu disse.

– Alguém viu vocês dois de amassos na quadra de tênis.

– Não era eu – eu disse.

– Rose é muito boa jogando queimada. E em espanhol também – acrescentou Eliza. – Eu acho que o Eddie é legal.

– Ninguém mais joga queimada – eu disse. – E eu tirei oito em espanhol.

Ela deu de ombros.

– Ainda assim você é melhor do que eu.

– Quanto você tirou?

Ela abaixou os olhos em direção aos seus dedos, as unhas recentemente pintadas com um rosa-choque.

– Ela tirou dez – disse a menina do tênis.

Eu ri.

– Você acha que ele me viu? – sussurrou Eliza.

Eu tornei a me virar para o pátio. Os meninos cientistas tinham ido conversar com uma professora.

Por um breve momento naquele ano, eu contei a umas poucas pessoas sobre a comida.

– Como eu estou? – eu repetia quando alguém me perguntava. – Bem, estou um pouco surpresa com a rosquinha.

Em geral, a conversa prosseguia de duas maneiras diferentes. Ou a pessoa me olhava com estranheza, pensando que eu era maluca, e começava a fazer outra coisa, como fez a menina do tênis. Eu mencionei isso para Eddie enquanto arremessávamos bolas de tênis pelas ruas e ele disse “aham” e depois passou a mão pelas minhas costas. Entendi que isso era o comum, mas certa tarde, durante a hora do almoço, uma garota nova apareceu na escola, recém-chegada de Montana – Sherrie, com olhos amendoados e cheia de joias de prata. Ela estava feliz porque tinha um grupo com o qual almoçar, já que havia conhecido a Eliza na aula de inglês. Ao se sentar para comer seu sanduíche de frango nos disse que Los Angeles era muito melhor do que Butte.

– Quero dizer, tudo é grande aqui! – disse ela, abrindo os braços. – Todos os filmes estão aqui!

No meio do almoço, Eliza teve de conversar intensamente com a menina do clube de tênis sobre alguma coisa, por isso ficamos só eu e Sherrie, abandonadas na grama/cimento, entediadas. Para falar alguma coisa, eu peguei meu último pedaço de frango empanado da cantina e comecei a citar toda a sua complexidade. Ohio, fábrica movimentada, frangos ruins, criador estoico. Só disse aquilo por dizer, mas Sherrie se aproximou, seu bracelete de prata com fios de ouro batendo no chão.

– O quê? – sussurrou ela. – O que você está dizendo?

Fiquei tão feliz naquele dia, quando ela me olhou como se eu fosse a pessoa mais intrigante do mundo! Expliquei um pouco mais, ainda hesitante, e ela agarrou meu braço e me convidou para ir à sua casa naquela mesma tarde, onde, na cozinha de seus pais, ela assou uma forma de *brownies* na hora e me deu um pedaço, seus olhos arregalados. Depois de uma mordida, eu o deixei cair sobre a bancada.

– *Argh* – eu disse, abafado, pegando um copo d’água. – Você é incrivelmente deprimida.

Ela deitou a cabeça na bancada e começou a chorar.

– É verdade. Eu mal consigo sair da cama – choramingou.

E isso depois de toda aquela discussão na hora do almoço sobre como tudo era ótimo na Califórnia, sobre como a mudança era uma oportunidade de se reinventar, como tudo era impressionante nos seus novos dias de glória. Assados ainda eram os mais rápidos.

– Quando você pode voltar? – perguntou ela uma hora mais tarde, os olhos redondos e brilhando com as lágrimas.

Saí da casa dela aos pulos.

– Uma nova amiga – cantei para mim mesma. – Uma nova amiga de verdade! Uma dádiva do País dos Grandes Céus!

Fui à casa dela várias outras vezes, e sempre era a mesma coisa: uma recepção ruidosa, depois biscoitos de chocolate, depois docinhos de arroz, cada vez mais para o fundo do poço, e depois a minha resposta, suas lágrimas sobre a mesa e sua lamúria diante do meu diagnóstico correto. A princípio eu não me importava – eu adorava ter um objetivo e andar pela cozinha dela expondo minhas reflexões sobre seus sentimentos. Eu descrevia cada cantinho e ranhura das emoções cujo sabor eu sentia. Fomos inseparáveis durante meses. Ela me chamava de Rose, a Gloriosa, e nos sentávamos no banheiro e cantávamos tristes músicas eletrônicas que se prolongavam por dez minutos. Enquanto eu me apoiava na borda da banheira e comia sobremesas, ela me ajudava a pintar meus cabelos de preto, depois vermelho e depois preto e vermelho. Mas a situação chegou a um ponto em que eu ia até seu armário e ela enfiava um biscoito na minha cara e me perguntava como estava se sentindo, porque não era capaz de dizer sem minha ajuda. Ela corria atrás de mim pelos corredores com um sanduíche apressado que preparou em cinco segundos para que eu lhe dissesse se ela gostava mesmo de um cara ou se estava apenas se iludindo.

– Eu não sei tudo – eu disse, enfiando pedaços do sanduíche na boca. – Você gosta mesmo dele – disse, meneando a cabeça. – Você gosta dele de verdade.

Ainda assim eu não me importava, até que certo dia fui até a casa dela e lhe contei como Joseph sabia um truque de desaparecimento que ninguém nunca descobriu e ela ajeitou os cabelos que caíam sobre a testa, perguntando quem era Joseph. Estávamos na cozinha, assando coisas, como sempre. Havíamos acabado de conversar sobre as intrincadas nuances da sua paixão por um jogador de vôlei e baixista.

– Joseph? – eu disse, lançando-lhe um olhar. – É meu irmão.

– Você tem um irmão? – perguntou ela. – Ele é bonito? Ei, que tal experimentar esta torrada para mim? Você acha que eu ainda estou deprimida?

As paredes pareceram ruir ao nosso redor. A torrada balançando no ar.

– Ei, devagar. Sabe, estou um pouco cheia. Só por hora, vamos fazer outra coisa.

O rosto de Sherrie se contorceu.

– Que tal um filme? – perguntei.

– Mas por quê? – disse ela, lambendo a borda da faca da pasta de amendoim. – O que há de interessante num filme? Eu poderia fazer isso com qualquer pessoa! Por favor, Rose, a Gloriosa, só mais um pedacinho...

Naquele dia saí da casa dela mais cedo e me encostei contra a janela de vidro do ônibus, chorando um pouquinho escondida atrás dos óculos de sol de seis dólares que ela me encorajou a comprar. Eu não me sentia à vontade para ver mais ninguém. Na parada do cinema, dei sinal, desci do ônibus e dei boas-vindas à escuridão da sala, onde me sentei sozinha e não comi pipoca. Adorei o veludo macio do apoio de braço da poltrona que eu não tinha de dividir com mais ninguém, e o cinema era só imagem, som e uma bela paisagem – e eu assistia ao que me mostravam e nada além disso. Mais tarde, quando Sherrie ligou e me

chamou para comer lasanha em sua casa no dia seguinte, eu lhe disse que tinha outros planos.

– E eu acho que vou parar com a coisa da comida durante algum tempo. Se você quiser assistir a um filme no fim de semana ou fazer qualquer outra coisa, me avise.

Ela me chamou de traficante maluca e desligou na minha cara.

* * *

Assim, por esses motivos, e apesar da comida sem gosto e da normalidade dourada comum, eu era grata por Eliza. Quando ela ouviu a menina do clube de tênis perguntar sobre a comida naquele almoço, não disse nada, mas no dia seguinte me trouxe um sanduíche igual ao seu.

– Tínhamos peito de peru demais – disse ela, colocando o sanduíche extra, embrulhado em papel-manteiga, sobre uma porção iluminada pelo sol do cimento.

Foi provavelmente a primeira vez que ela entendeu por que eu tive de passar uma hora no bebedouro naquele dia, há muito tempo, na terceira série. Quando parecia que ela iria apenas deixar o sanduíche no chão, eu o peguei. Tirei-o do embrulho. E o comi lentamente.

Se eu não notava como invejava a leveza de onde ela vinha, aqueles sanduíches me ajudaram a passar o resto do dia.

25 Parecia acontecer repentinamente a revelação das coisas. Com o ar fresco e os jasmims em flor, algo novo. Foi de repente a minha descoberta da comida. De repente também as minhas primeiras interações com meu pai, os desaparecimentos de Joseph e o caso da minha mãe, que parecia continuar, já que nunca senti o sabor de qualquer rompimento choroso em seus pratos.

Outra coisa repentina foi meu irmão, em seu próprio apartamento, sozinho.

Ele cumprira a promessa das ligações diárias. Durante anos, o telefone tocou às cinco, geralmente quando minha mãe estava preparando o jantar, e eles conversavam sobre suas aulas e seu dia e as aulas dela e o dia dela. Ele parecia estar gostando bastante da faculdade. Estava estudando o tempo todo. Suas notas eram boas. Como mamãe estava sempre cortando e se movimentando enquanto falavam, suas refeições em geral ganharam um toque de preocupação e também de uma espécie de orgulho.

– Meu filho – diziam as refeições – é um raio de concentração pura.

Ele ligava todos os dias. Então, se ainda estava desaparecendo, fazia isso de modo bem planejado.

Só uma vez Joseph falhou em ligar na hora combinada. Quando mamãe ligou para ele para perguntar o porquê, ele não atendeu. E também não atendeu na manhã seguinte. Passaram-se dois dias sem resposta, por isso mamãe foi até lá, preocupada, usou a chave reserva e descobriu o apartamento vazio. Voltou para casa. Ficou andando de um lado para o outro. Ela ligava para Joseph a toda hora. Nenhuma resposta. Meu pai, que nunca viu nada de interessante nesses desaparecimentos, considerando-os como explorações privadas de um jovem de 22 anos, tentou acalmá-la enquanto mamãe andava pela casa. Na manhã do terceiro dia, ela foi até o apartamento de Joseph mais uma vez, logo que amanheceu, e, quando chegou lá, encontrou Joseph caído de cara no chão do quarto, com braços e pernas abertos como se ele fosse uma estrela-do-mar. Seu coração bateu mais devagar. Ela respirava com dificuldade. Mamãe chamou uma ambulância e eles foram imediatamente para o hospital, onde fizeram vários exames nele e disseram que Joseph estava gravemente desidratado e enfraquecido, mas que ficaria bem.

– Onde você estava? – perguntou mamãe e os médicos, mas Joseph só balançava a cabeça.

– Em lugar nenhum.

E foi o máximo que conseguiram tirar dele.

Meu pai não o visitou, mas enviou seu buquê de tulipas e rosas para as enfermeiras, como sempre, a fim de garantir que ele tivesse os melhores cuidados.

Foi em meados de abril, depois que Joseph voltou confortavelmente para seu apartamento, devidamente hidratado, de volta para seus telefonemas diários, rematriculado em um curso de Mecânica Quântica Avançada de primavera na FMLA, que minha mãe ergueu o garfo na mesa de jantar e anunciou com o braço levantado como uma estátua que faria uma viagem de uma semana com o pessoal da cooperativa até a Nova Escócia.

– É uma oportunidade bem incomum de aprender carpintaria japonesa. Vamos construir encaixes de madeira que substituem os pregos – disse ela, remexendo na porção de batatas em seu prato.

Meu pai estava comendo bem devagar, algo que ele em geral fazia quando estava irritado. Mechas grisalhas brilhavam em seus cabelos.

– Como está o peixe? – perguntou ela.

– Bom – disse ele, limpando a boca com um guardanapo.

– Rose – disse mamãe, virando-se para mim –, só irei se você me disser que vai cuidar de todo mundo.

– Claro. Vou cuidar do Joseph. Posso fazer compras? Quem vai?

– Metade do pessoal da cooperativa. Estamos tentando renovar nosso trabalho. Você vai telefonar todos os dias?

– Claro. Posso usar seu carro?

– Junto com um adulto – disse ela.

Papai desviou seu olhar para mim. Além de assistirmos à TV juntos, dirigir com minha carteira de motorista provisória era outra boa atividade de pai e filha que constava no manual. Eu era um pouco mais velha do que a maioria das pessoas que tinham carteiras de motorista provisórias, mas estava aprendendo a dirigir mais devagar do que meus colegas.

– Tudo bem – eu disse.

– Obrigada – disse mamãe, sorrindo para mim, um sorriso afetuoso. – É uma oportunidade realmente especial. Eu quero muito. Um dia vou construir uma cabana na floresta para vocês, com encaixes feitos só de madeira.

Comi um pouco do purê de batata. Norte da Califórnia, uma fazenda bem administrada. O entusiasmo irrefletido de mamãe quanto à viagem, combinando com sua espiral de egoísmo de sempre. Eu o comi pelos cantos da boca.

– Não é necessário – eu disse, engolindo. – Prefiro pregos e cidades.

Meu pai levantou os olhos por um momento, como se alguém tivesse dito seu nome. Ele estendeu um braço, como se fosse acariciar meus cabelos. Mas como meus cabelos não estavam perto, seu braço ficou estendido no ar.

– Rose é tão madura – disse.

• • •

Ela viajou numa quarta-feira. Seu carro estava na entrada da garagem, por isso eu o peguei para ir à escola, dirigindo a esmo pela cidade depois que a aula terminou. Eddie me viu no estacionamento da escola e perguntou se podia pegar uma carona até a casa de um amigo. Eu o deixei entrar e nós passeamos e nós beijamos parados no meio-fio por uma hora, mas eu estava mais tranquila naquele dia, encontrando Sherrie no corredor de braços dados com uma nova amiga, e não me sentia à vontade para guerrear.

– O que houve? – perguntou ele, depois de tentar apertar seu rosto contra o meu. – Onde está o tanque de guerra?

– Que tanque?

– Você – disse ele, rindo. – É assim que eu a chamo em minha mente. O tanque.

Ajeitei-me no assento. Arrumei minha camiseta.

– Não sou um tanque de guerra. Uma pessoa certa vez me disse que eu era

um vidro do mar.

– Ha! Vidro do mar. É, está bem.

Ele ficou mexendo nos botões do rádio durante um tempo. Sardas se acumulavam em sua orelha e queixo.

– Então o que você vai fazer depois da formatura? – perguntei.

Ele se virou.

– Eu? Faculdade, acho. Beisebol. Por quê? Você quer manter contato?

– Não.

– Essa é a minha garota – disse ele, concordando. E acariciou meus cabelos recém-pintados de vermelho. Passou um dedo pelo meu nariz – Que nariz lindinho.

Recuei um pouco diante do carinho.

– Ah, pare com essa tristeza de merda – disse ele, chegando mais perto. – Vamos lá! Ligue o motor do tanque de guerra!

Ele pôs o rosto bem perto do meu novamente, mas eu simplesmente não estava a fim. Nós nos beijamos por alguns minutos e depois eu o afastei.

– Nosso tempo acabou – eu disse.

– Certo, certo, certo – disse ele, ajeitando os cabelos. Ele se olhou no espelho. – Você pode pelo menos me dar uma carona até Fountain?

Um clique abriu as portas do carro.

– O tanque diz que você pode muito bem ir andando – respondi.

À noite, meu pai e eu jantávamos em silêncio diante da TV: na noite de quarta-feira, de quinta. Comida congelada que eu comprava no mercado, os maiores sucessos das minhas indústrias preferidas. Uma das melhores, em Indiana, orgulhava-se da sua fábrica onde ninguém tocava nos alimentos, o que significava que cada etapa era monitorada por braços robóticos, um que colocava as tortilhas na embalagem, recheava-as com queijo, derramava um pouco de molho de tomate por cima e as colocava num forno gigantesco, produzindo, assim, uma enchilada completamente sem sabor.

Depois do jantar de quinta-feira, meu pai e eu entramos no carro e dirigimos estranhamente pelos quarteirões, ele me ensinando a frear. Eu fingia que não dirigia há semanas e ele continuava de braços abertos, colocando sua mão no volante para corrigir o rumo.

– Você tem que me *ensinar* – eu lhe dizia, tirando-o com o cotovelo.

– Certo, certo. Desculpe. Vire à esquerda.

As tardes estavam ficando mais longas novamente. Fiquei tempo demais parada no sinal porque o céu estava lindo, a luz atravessando as folhas dos plátanos que margeavam Sierra Bonita, pintando as árvores de um verde-jade claro. Os jacarandás se preparavam para a florada azul-lavanda, em maio.

– Vá – disse papai.

– Desculpe.

Dois skatistas passaram na frente do carro.

– Há alguma coisa errada? – perguntou papai enquanto eu rumava para Oakwood.

– Com o carro? – Eu batia no painel, de leve. – Parece tudo certo para mim.

– Com você.

Ele continuava olhando para a frente. Página 43 do manual: o pai tem uma conversa franca com a filha.

– Não.

Ele bateu no painel com os dedos. Rápido, atento. Seus dedos exibiam o mesmo entusiasmo dos seus pés na sala de TV, sobre as otomanas. Nossa relação não fora muito além de assistirmos à TV juntos, exceto por aquelas aulas semanais de direção, que eram 99% técnicas.

– Meninos? – perguntou ele.

– O que têm os meninos?

– Algum problema com eles?

Segurei o volante com firmeza.

– Na verdade, não.

– Eles ficam melhores, com um pouco de sorte. – Sua voz desapareceu. – E por acaso você sabe o que quer fazer? – perguntou ele, depois de um tempo.

– Não. A maioria das pessoas não sabe aos dezessete anos.

– Não é verdade. Muitas pessoas já têm alguma ideia.

– Bem, eu não tenho a menor ideia.

Entrei na Stanley, depois Rosewood. De propósito, passei sem parar num cruzamento, mas ele não disse nada. Sua testa estava toda franzida. Passei por outro cruzamento sem parar.

– Ops. Era para parar lá...

– Parar totalmente – disse ele, coçando a sobancelha. – Não siga devagar, senão vai ser multada.

Entrei na Fairfax. Papai colocou a mão para fora da janela para ajustar o espelho retrovisor.

– Por que você não continua pela Sunset e depois entra à direita?

– Tudo bem – concordei, acelerando.

– Tudo bem na escola? – perguntou papai, apontando para a luz amarela. – Devagar.

Parei no sinal vermelho. O motor do carro zumbindo.

– Tudo certo.

– Você gosta?

– Não muito.

– Por que não?

– Não sei.

Entrei na Sunset.

– Quer comer um hambúrguer? – perguntou papai quando passamos por uma lanchonete.

– Não. Você quer?

– Não – disse ele, olhando desejosamente para a lanchonete. Ele apontou para a janela. – Vire à direita na La Brea.

Eu virei, como havia pedido. Passando pelos sinais verdes. Depois de alguns quarteirões, entrei na Willoughby e passei pelo prédio do Departamento de Saneamento e Energia até frear na calçada em frente à nossa casa, onde entrei com o carro, estacionando-o fora da garagem.

– Ótimo – disse papai.

Ele olhou fixamente para minhas mãos enquanto eu colocava o carro em ponto morto e depois puxava o freio de mão.

– Você está quase pronta para o exame. Mais uma voltinha e acho que você estará preparada.

Ficamos sentados no carro, olhando para os galhos baixos do ficus. Ele não se mexeu para sair e eu também não, e durante algum tempo ficamos apenas sentados lá, olhando para a maçaneta enferrujada da porta da garagem, com a correntinha inútil presa a ela sem motivo algum.

Folhas bicolores caíram no para-brisa. De repente, me lembrei de George do lado de fora, com beca e chapéu de formatura. Uma visão de um tempo remoto.

– Seu irmão – disse ele.

Esperei. Ele balançou a cabeça.

– Obrigada pela aula – tentei.

Seus olhos vagavam pelo carro. Lá fora, a luminária com sensor de movimento do vizinho se acendeu quando o vizinho passou com o cachorro.

– Você tem coisas a oferecer – disse ele bruscamente.

– Oferecer a quem?

– Oferecer, simplesmente – disse ele. – Ao mundo.

Ele não se mexeu e eu senti que seria grosseiro sair, por isso continuamos a encarar juntos e fixamente o para-brisa. Um raminho do ficus desceu pelo vidro e parou nos limpadores.

– Ei, tenho uma história para lhe contar – eu disse.

Ele me olhou, ansioso.

– Uma história?

– Sobre um menino da escola. Quer ouvir?

– Por favor.

Eu me recostei na firmeza do assento do carro.

– Esse menino, da minha turma de inglês, estava quase sendo reprovado no ano passado. Acho que ele vive numa espécie de bairro pobre perto do estádio Dodger e não sabia que precisava de óculos, via tudo com um borrão.

– Aposto que ele não sabia ler – disse papai. Suas mãos se acalmaram um pouco com o início da narrativa, e ele colocou a mão para fora novamente para ajustar mais uma vez o espelho retrovisor. – Você consegue ver assim?

– Está ótimo. Posso continuar?

– Continue. Continue.

– É, ele não sabia ler. Esse era o problema. Os professores lhe deram uma prova e ele não sabia ler nada. Também nunca conversava na aula de inglês, tirou notas ruins durante anos e sequer entendia como alguém podia fazer uma coisa tão misteriosa chamada “leitura”. Até que finalmente uma das professoras disse que deveriam examinar seus olhos e eles o levaram ao oftalmologista.

Papai balançou a cabeça.

– O que era a primeira coisa que deveriam verificar – disse ele. – Essa porcaria de sistema educacional.

Tirei as chaves da ignição.

– Então, eles descobriram que o menino tinha uma visão péssima e ele comprou óculos e todos os professores ficaram ao redor dele enquanto ele os experimentava.

– Ele é um garoto inteligente? – perguntou papai.

– Inteligente. Com certeza. E seus óculos tinham uma receita perfeita, sabe? Passou a usá-los e de repente foi capaz de ler, e não só isso, a leitura de repente lhe pareceu algo possível, não como se todo mundo estivesse mais avançado do que ele, daquele jeito impossível.

– Uma história comovente – disse papai, concordando com a cabeça. – Gosto disso. Quando nosso programa vai começar?

– Em dez minutos – eu disse. – Mas a história ainda não terminou.

– Por que não? – perguntou papai, com a mão na maçaneta. – Gosto do jeito que ela terminou. Vamos deixá-la assim.

– O menino vai para casa, certo? – eu disse. – Com seus óculos e seu novo livro de leitura. E sua mãe o recebe na porta. Ela está sorrindo, porque a escola ligou dizendo que tinha boas notícias. Mas o menino não consegue perceber que ela está bem cansada. Ele não enxergava direito há anos: anos! E ela está totalmente exausta, com olheiras e, quando ela sorri, parece que um de seus dentes é uma caixinha marrom. Eles não podem pagar o dentista. E a casa dele? Caindo aos pedaços. Uma das paredes está caindo, há baratas correndo pelo chão e um buraco enorme na parede que ele achava que era um quadro.

A luminária com sensor de luz se apagou. Parte do rosto de papai se escondeu nas trevas.

– Você está inventando isso, não é?

– Não.

– Qual é o nome do menino?

– John.

– John do quê?

– John Barbaducci – eu disse, depois de um tempo.

Papai tossiu.

– Barbaducci. Esse é o nome mais falso que já ouvi. Abe Lincoln, por que você não chama esse cara simplesmente de George Washington? Tudo bem. Continue. O menino odeia o que vê...

– Por isso ele pisa e destrói os óculos.

– Jesus! – disse papai, batendo no painel do carro. – Eu sabia que uma coisa como essa iria acontecer. Agora eu odeio a história. Por isso ele fica para trás, não é?

– Ele não aprende a ler. Mas continua. Ele se registra como semicego e consegue um auxílio por ser deficiente.

– Ah, nossa, é uma história horrível – disse papai, balançando a cabeça. – Horrível.

Ele abriu a porta do carro. Sai também. Tranquei as portas.

– Bom trabalho com o pisca. Só não se esqueça de olhar no retrovisor.

– Eu achei que era uma boa história.

– É uma história horrível – disse ele, seguindo em direção à porta. – Ele consegue seu auxílio por ser deficiente, mas não é deficiente! Esse é o tipo de

coisa que deixa os advogados loucos. Ele achava que o buraco era um quadro?

Ele remexeu nos bolsos diante da porta.

– Aqui – eu disse, entregando-lhe o chaveiro.

Ele tossiu novamente, levando a mão à boca.

– Sei que é besteira – disse ele, abrindo a porta e entrando. – Sei que você está tentando me contar alguma coisa, mas eu não tenho a menor ideia do que é. Eu não penso assim. O que você está tentando me dizer?

– Nada. Era só um cara da minha escola.

– Qual é o nome dele mesmo?

– John.

Dei uma risadinha, contra a minha vontade.

– John do quê?

Ficamos olhando um para o outro no *hall* de entrada. Papai cruzou os braços.

– John Barbelucci.

Com um grito de satisfação, ele bateu na mesinha de pinho feita em casa e presa à entrada, feita no primeiro ano da mamãe na marcenaria.

– Aí está! – disse ele, olhando para mim. – Você disse ducci antes. Tenho certeza.

– Lucci.

– Ducci.

– Você tem um gravador?

– Tenho certeza! – disse ele. – Feche a porta.

Fechei e tranquei a porta atrás de nós.

– Então você não consegue ler? – perguntou ele, correndo para a sala de TV. – É isso o que você estava querendo dizer?

Tirei os sapatos e papai pendurou o paletó no encosto da cadeira.

– Eu sei ler.

Eram oito horas em ponto. Nós dois consultamos o relógio. Eu me servi de um copo de suco e, sem dizermos nada, ocupamos nossos lugares nos cantos do sofá. Papai ligou a TV para assistirmos ao nosso programa médico preferido, e ficamos feliz com a cura da mulher com um problema cardíaco, cujos olhos eram grandes e encantadores.

26 Papai foi para o trabalho na sexta-feira de manhã sem dizer nada sobre nossa conversa, sua buzina de sempre me acordando às sete e 40. Fui para a escola de carro e não estava a fim de ver ninguém no almoço, por isso saí antes do meio-dia e voltei para casa. Tirei um cochilo no sofá e pensei no fim de semana que tinha pela frente. Eliza havia me convidado para assistir a uma sessão dupla de filmes de terror com as meninas dos ciclistas. Sherrie estaria lá, e da última vez que eu a vi num evento social começou a chorar ao me ver e saiu correndo da sala.

– Você está deprimida – gritei para ela, com maldade.

Agora, talvez, ela levará sua nova amiga. Eliza acabara de beijar o menino do grêmio pelo qual era apaixonada, sob o toldo listrado da cantina. Ela disse que foi como velejar. Velejar? Várias meninas do grupo já haviam transado, algo que parecia interessante, mas apenas se acontecesse com os olhos fechados, mas só numa combinação de tempo distorcido e amnésia. Eu disse a Eliza que não tinha certeza se iria, que talvez eu tivesse de ir a Pasadena para visitar George nos dormitórios, a fim de ajudá-lo com uma pegadinha de faculdade envolvendo alunos e guarda-chuvas. Ela concordou, seu rosto se avermelhando um pouco. A manhã toda fiquei de mau humor, em parte por conta da conversa com meu pai, em geral por todo o resto; fui até a cozinha, peguei o telefone e liguei para George em Pasadena, que se dane. Talvez eu pudesse tornar aquilo uma realidade. Sua secretária eletrônica atendeu e eu deixei uma mensagem confusa dizendo que eu tinha um carro se ele precisasse de alguma coisa, que ficaria feliz em ir a Pasadena se ele precisasse fazer qualquer coisa, que estava livre no sábado, que podia lavar sua roupa se ele estivesse ocupado, e que tinha um carro para o caso de ele precisar de qualquer tipo de ajuda. No meio da mensagem, ele atendeu, quase sem fôlego.

– Ei, Rose! Tudo bem?

Gaguejei à procura de palavras. Disse que tinha um carro se ele precisasse de alguma coisa.

– Eu tenho um carro também – disse ele tranquilamente. – Como você está?

Resmunguei alguma coisa sobre ser uma veterana. Achei ter ouvido uma voz de mulher ao fundo.

– Está tudo bem, Rose?

– Sinto sua falta – eu disse, numa voz fina demais, que se estendeu nas notas mais altas, um choramingo horrível.

– Eu também.

Houve uma longa pausa.

– Algo mais? – perguntou ele, com a maior gentileza de que era capaz.

– Não. Desculpe incomodá-lo.

– Você nunca me incomoda! – disse ele, rápido demais.

27 Um minuto depois de ter desligado, o telefone tocou novamente.

Atendi.

– Desculpe – eu disse.

– Alô? – disse a voz. – Rose?

O desejo era que George ligasse de volta pedindo desculpas, ligasse para o número que conhecia tão bem e me convidasse para passar o fim de semana no dormitório. Talvez ele pudesse me mostrar a cidade ou ser minha companhia na festa de Eliza. Mas era a voz da minha mãe que eu ouvi, apressada e mais áspera do que o normal. A ligação não era boa – parecia que ela estava ligando de um telefone público e rajadas de vento interrompiam a conversa de tempos em tempos. Ela não perguntou por que eu estava em casa, mas ao longo da ligação falha ela disse que era bom ouvir minha voz e que estava ligando de uma cidadezinha fora da oficina de marcenaria na Nova Escócia. O lugar tinha pouca estrutura tecnológica – só ferramentas de carpintaria e gaivotas –, por isso era difícil entender frases completas, mas sobre as rajadas de vento parecia que ela havia ligado para Joseph sete vezes e ele não estava atendendo o telefone e agora a secretária-eletrônica estava desligada, por isso ela precisava que eu enviasse um cheque para ele.

– Um cheque?

– Não, que você fosse checá-lo, por favor. – A ligação falhou. – Bedford Gardens – disse ela. E soletrou para mim. – Com um B – gritou para o telefone.

– Eu sei onde ele mora. Não posso apenas ligar? Papai não pode ligar?

– Joe não vai atender. O telefone dele está desligado. Por favor.

Por um segundo, o vento soprou e fez-se um silêncio.

– Estou preocupada – disse ela, com uma clareza perfeita.

– Tenho certeza de que ele está bem.

– Seu pai não leva esse tipo de coisa a sério, mas eu estou com uma sensação ruim – disse ela. – Temos um acordo, Rose.

Pus uma pilha de correspondências sobre meu colo. Sentia a teimosia aumentando.

– Então o Larry está aí também?

– Quem?

– Larry, seu amante.

– O quê? Não consigo ouvi-la por causa do vento.

– Lar-ry? Seu a-man-te?

Silêncio do outro lado da linha. Apenas o vento ao fundo. Gaivotas.

– Sim, ele está aqui. Metade da cooperativa está aqui.

– Vocês estão se divertindo? – perguntei, fazendo um aviãozinho com o anúncio de uma loja de artigos masculinos.

– Eu não sabia que você sabia – disse ela distraidamente.

– Ah, há anos.

– Como...

– É mesmo difícil de explicar – eu disse. Joguei o aviãozinho no chão da cozinha, onde ele bateu contra um armário. – Então Joseph...

– Seu pai sabe?

– Papai? Meu papai extremamente observador? Você está de brincadeira.

– Ou Joseph? – perguntou ela, sua voz começando a tremer. – É por isso que ele desapareceu?

Tossi para o telefone.

– Não. Ele também não sabe. Ninguém sabe, só eu. Você não está se perguntando por que estou em casa? Eu matei aula.

Sua voz chegava aos trancos e barrancos.

– Não foi por isso que viajei. Quase toda a cooperativa está aqui. É uma viagem de trabalho. Estamos trabalhando. Sinto muito, Rose.

Olhei para o remetente de uma das contas. Conta de eletricidade. Provavelmente cara.

– Então quando foi a última vez que você conversou com ele?

– Com Larry?

– Com Joseph.

– Pouco antes de eu sair. Por favor, querida. Ele sempre atende quando eu ligo. Vamos conversar sobre tudo isso quando eu voltar, prometo. Por favor. Você disse que matou aula?

A etiqueta do endereço não estava saindo facilmente, por isso pus a conta de eletricidade amassada de volta na pilha ao lado do telefone. Em cima de todas as outras contas, todos os papéis que controlam a casa sem que se perceba.

– Não, estava brincando. É feriado.

– Hoje?

– É Dia do Barbelucci.

– Ouça. Se houver alguma coisa errada, estarei aí o mais rápido que puder. Liguei para os hospitais, mas ele não está internado.

– Você já ligou para os hospitais?

– Você se lembra da última vez? Se ele não estiver em casa, pode verificar no Kaiser, só por precaução? Aquele na esquina da Vermont com a Sunset. Por favor, Rose, não tenho mais ninguém. Tem de ser você. Só você.

Alguém a chamou ao longe. Eu podia ouvir as árvores farfalhando. Outra terra.

– Desculpe, tenho de ir. Obrigada, meu amor. Muito obrigada. Conversaremos quando eu voltar.

Depois que ela desligou, fui até a sala de estar e me sentei na poltrona listrada por um tempo. Lá fora, a imobilidade sem vento de uma primavera desértica.

28 O prédio onde Joseph vivia era feito de estuque e feio, com ciprestes vasos quadrados enfileirados e aquele nome cursivo escrito na frente, aquele nome tão vago que eu quase nunca conseguia me lembrar dele.

Quando cheguei, todo o complexo parecia mais vazio do que antes. Só um Chevy marrom quebrado na garagem debaixo das escadas. Anoitecia quando estacionei, o céu cheio de nuvens e, nas ruas, carros chegando em casa, estacionando, pessoas trabalhadoras tirando coisas dos porta-malas e entrando em seus apartamentos.

Subi as escadas e segui pelo corredor-sacada. No alto da escada, diante do apartamento de Joseph, alguém havia colocado uma cama de casal contra o parapeito. Com um travesseiro e um cobertor, toda arrumada para dormir. Na porta, tateei a cúpula de metal preta que protegia uma única lâmpada do lado de fora até encontrar a chave reserva avermelhada – um J manuscrito na etiqueta, com a letra da minha mãe. Com isso, a porta se abriu um pouco, mas então a corrente me bloqueou.

– Joseph? – chamei em direção àquela faixa escura.

Nada.

Eu estava novamente de mau humor, depois dos telefonemas de minha mãe e George. Envergonhada por ligar para o George. Irritada por ter dito para minha mãe o que eu sabia. Agora que lhe disse, teríamos de conversar a respeito. Além disso, fiquei muito irritada por ter de procurar por meu irmão mais velho. A porta da frente do apartamento de Joseph não se abria, por isso enfiei a mão pela abertura e tentei soltar a corrente. Era impossível alcançar o fecho, mas os parafusos estavam soltos na tranca da porta. Assim, em vez de soltar a corrente, enfiei o outro braço, remexi com os dedos, dei uma ou duas voltas e consegui soltar todo o aparato. Depois de um minuto, a coisa toda se quebrou e a porta se abriu inteira.

A sala de estar estava escura. Vazia.

Eu não havia estado muitas vezes no apartamento. Quando eu via Joseph era porque ele viera até nós, porque minha mãe fora buscá-lo e o levava para casa. Certa vez, ele e George foram jantar juntos, mas a diferença entre as notícias alegres de George sobre a Caltech era evidente em comparação com os resmungos relutantes de Joseph, e isso era demais até para minha mãe; assim, ela não repetia muito o convite.

Lá dentro, um cheiro fraco de macarrão. Nada muito interessante na mobília, exceto pela mesa de cartado com alguns livros de Ciências sobre ela, e uma cadeira com um assento rasgado e o sobrenome da nossa avó escrito no encosto, em letra cursiva – “Morehead” –, numa cadência animada. Todas as cortinas estavam fechadas, menos a da cozinha, onde uma janelinha deixava entrar uns raios de sol do fim da tarde no chão azulejado, uma estampa amarelada sobre os azulejos listrados. Deixei a porta da frente aberta.

– Estou aqui – eu disse.

Nenhuma resposta. Entrei na sala. Nenhuma fotografia. O banheiro com a luz desligada. O quarto no fundo.

– Estou entrando, já no meio da sala. Joseph? Alôôôôô. Sou eu, a velha e boa fiscal da mamãe – eu disse.

Silêncio. Vazio. Acendi a luminária de teto da sala, mas apenas foi lançada uma luz amarelada fraca sobre a escuridão.

Nenhum som vinha do seu quarto. Silêncio puro. Já havia passado por isso antes. Lá fora, uns poucos carros passavam pela rua. Só um zumbido baixo e batidinhas do encanamento ao longe, em algum lugar nas profundezas do prédio.

Joseph não convidava pessoas nem dava festas, até onde eu sabia, por isso, fui a primeira pessoa além de mamãe e dele mesmo a colocar os pés no seu apartamento em semanas. Isso era importante porque no final do corredor estava a porta do seu quarto, na qual ele pendurara a velha placa da sua infância, “Caia fora”, escrita há muitos e muitos anos com uma caneta preta grossa, agora desbotada e cinza. Há muito tempo eu memorizara a forma maciça do F e o A um pouco grande demais. Era uma visão tão familiar que precisei de um tempo para me questionar. “Por que a placa estava ali? Ele deve tê-la tirado da porta durante alguma visita lá em casa e a pendurou novamente, apesar de viver sozinho. Mas então para quem a placa falava agora?” Aquela caveira e ossos cruzados mal desenhados.

Chamei-o à porta e, como ninguém respondeu, eu a abri.

Dentro do quarto, a luz estava apagada. Acendi. Joseph estava sentado no meio do quarto, na mesa de cartado, numa cadeira, diante do seu computador. Vestido. Acordado. Ele parecia doente e magro, se bem que sempre parecera doente e magro para mim.

– Ei – eu disse, assustada. – O que está acontecendo? Você está bem?

– Estou bem – disse ele tranquilamente.

O quarto do seu apartamento era pequeno: todo acarpetado de bege, armários com espelhos e nenhuma cama, só uma cômoda simples, duas cadeiras dobráveis, a mesa e o criado-mudo. Uma janela fechada. Num canto, um grande retângulo do carpete desbotado.

– É a sua cama lá fora?

– O chão é melhor para as minhas costas.

– Você está dormindo no chão? Do que é que você está falando?

Ele me encarou, os olhos emoldurados por aqueles cílios negros e românticos, o olhar fixo demais, sem piscar.

– O que você está fazendo? – perguntei.

– Trabalho.

Eu estava confusa porque foi fácil demais encontrá-lo. Com sua calça *jeans*, camiseta e tênis. Nada demais. Além disso, tudo parecia normal. Sobre a cômoda havia uma velha placa de um concurso de desenho de galáxias com barbante que ele ganhou na escola primária e um porta-joias que a mamãe fez depois de ter passado alguns anos na marcenaria. Umas poucas moedas e uma nota de dólar toda amassada.

Ele me olhou ansiosamente. Havia outra cadeira dobrável de cartado aberta no meio do quarto, também com “Morehead” escrito alegremente no encosto, e alguma coisa sobre aquela normalidade toda estava me incomodando, alguma coisa sobre tê-lo encontrado sentado ali parecia pior do que o tempo que eu costumava passar no vácuo, por isso fui até a cadeira e me sentei.

– Por que você não abriu a porta para mim simplesmente? Tive de quebrar

a tranca.

– Eu estava ocupado – disse ele. – *Estou*.

Olhei em volta. No armário, duas camisas xadrezes amassadas pendiam sobre vários pares de botas de escalada. Alguns elásticos e lápis e uma caneta estavam sobre o criado-mudo, um modelo de abeto manchado, que se encaixava perfeitamente ao lado da cama ausente. Levantei-me novamente e apaguei a luz do teto. Lá fora, o sol havia se posto e o longo fim do dia se esparramava pelos edifícios residenciais, onde os carros continuavam chegando às garagens.

– Fazendo o quê?

– Trabalho – disse ele novamente.

– Não – eu disse.

– Estou *ocupado*, Rose – disse ele, lacônico. – Você pode ir embora?

Abri a janela e fiquei olhando um Honda Civic vermelho entrando na garagem. Uma mulher saiu balançando os cabelos. Ela não prestava atenção ao abrir a porta do carro e outro carro quase passou sobre sua perna.

– Vou explicar mais tarde. É uma experiência complicada.

– Aposto que sim. Por que você não atende o telefone? Eu viajei até aqui. Como pôde ter sido tão fácil encontrá-lo?

...

Você está se alimentando?

...

Está bebendo água?

– Preciso me concentrar – disse ele, sua voz definhando.

Continuei à janela vendo os carros.

Lá fora, o céu esbranquiçado se tornou azul. O famoso anoitecer romântico do sul da Califórnia. Eu havia cumprido minha missão, por isso deveria ir embora. Eu podia ligar para mamãe para confirmar que ele estava vivo, levá-lo um sanduíche de presunto e um copo d'água e voltar para casa, continuando meu debate íntimo quanto a ir ou não à festa de Eliza.

Mas aquela sensação no quarto era tão familiar... No ar pairava aquele mesmo peso que eu vira no rosto de Joseph tantas vezes durante as noites em que ele ficava cuidando de mim quando ele reaparecia, exausto, os cabelos desgrehados e, de pé lá na janela, senti um pouco o que um detetive deve sentir quando está prestes a desvendar um caso. Como se, ficando ali imóvel durante muito tempo, bem, bem imóvel, o mais imóvel que eu podia, talvez eu visse alguma coisa que não havia visto antes.

Ignorei meu mau humor por um tempo para prestar atenção. A irritação estava se transformando apenas numa camada estática sob a qual surgia uma ansiedade que começava a apontar para determinado alvo. Continuei à janela até que o prédio do outro lado da rua ficasse escondido pela escuridão. A alegria contida de ver as janelas se acendendo, o prazer simples dos retângulos de luz amarela expondo os galhos retorcidos e escuros das árvores.

Mais alguns carros surgiram na rua, os faróis acesos. Voltei para a cadeira no meio do quarto e me sentei.

À mesa, Joseph visivelmente ficou tenso.

– Mandarei um *e-mail* para a mamãe, que tal? Agora mesmo.

Balancei a cabeça.

– Desculpe. Acho que estou a fim de ficar um pouco mais.

– Quanto é esse um pouco mais? – perguntou ele, quase gritando.

– Não sei.

Ele não se virou. Estávamos sentados um na frente do outro, ele olhando para a parede, como se fôssemos passageiros num trem estático. Seu computador na tela de descanso, peixes nadando num aquário cheio de bolhas, de modo que eu não podia ver se ele estava mesmo trabalhando ou não. No restante da mesa, nada. Uns lápis. Anotações desbotadas, a lápis, rabiscadas na parede sob a janela. Só palavras escritas aqui e ali sobre nada, metade de uma equação ou alguns números enfileirados.

Seus dedos se agarravam à borda da mesa.

– Desculpe – disse eu mais uma vez.

O mais estranho para mim era que ele não voltara ao trabalho. Não o fizera quando fiquei na janela. Ainda não voltara. Antigamente, quando eu apenas queria ficar no mesmo quarto que ele, Joseph se esforçava para me ignorar e depois levava um bloco de papel ou um livro apressadamente para outro cômodo, talvez me xingando ou trancando a porta. Mas aqui ele não saía do lugar. Num impulso, estendi o braço e bati numa tecla para tirar o computador do descanso. Ele gritou.

– O quê?!

A tela se acendeu e o que apareceu foi apenas um *site* de notícias, só a primeira página do *The New York Times* falando de economia e política externa. Nenhum arquivo aberto, pelo que pude ver.

– Este é o seu trabalho? Você está lendo notícias?

– E?

A escuridão se apoderou do quarto.

Não havia nada suspeito, pelo que eu podia ver. Não que houvesse alguma coisa de sexual no ar – nenhum cobertor amontoado às pressas nem vergonha ou sinal de prazer. E tampouco era algo emocional – não foi como se eu tivesse me deparado com Joseph num canto, chorando ou se cortando ou como se tivesse encontrado seu diário numa gaveta e o lesse em voz alta no alto-falante da escola. Não havia ingredientes para se construir uma bomba nem papelotes de droga, nenhuma espada de samurai, arma ou seringa. O que quer que estivesse acontecendo era diferente de tudo isso, algo mais específico, mais secreto: tudo o que eu entendia era que ele queria ficar completamente sozinho, mais sozinho do que sozinho, sozinhíssimo, e minha presença no quarto era tão invasiva quanto se eu tivesse pregado eletrodos no seu crânio e estivesse monitorando sua atividade cerebral.

– Só gostaria de ficar um pouco mais – eu disse, com toda a calma do mundo.

– Você é uma chata do caralho! Você sempre foi a pior coisa do mundo! – e fechou bruscamente o computador, mas não saiu da cadeira.

Em qualquer outra situação, naquelas outras incontáveis ocasiões, ele teria

saído correndo para o canto mais distante de mim, talvez para a cozinha ou para a sacada, mas não fez nada disso, o que era incrível, por isso comecei a prestar atenção à cadeira. Só para olhá-la mais de perto. Era uma cadeira igual à minha, a terceira de um grupo de quatro cadeiras Morehead de carteados, enviadas pela vovó, sua escolha pessoal de móveis para o apartamento.

Ele estava sentado na cadeira do jeito que uma pessoa normal se senta numa cadeira, mas quando olhei mais de perto parecia que a perna da cadeira desaparecia dentro do tênis dele. Parecia que as pernas da cadeira passavam por dentro das calças dele e, quando olhei ainda mais de perto, pude ver que ele realmente cortara buracos do tamanho exato em suas calças para passar as pernas da cadeira pelas pernas da calça, e depois, aparentemente, a perna da cadeira, um pedaço de metal pintado de marrom-claro com uma bola de borracha na ponta, prolongava-se para dividir o espaço com o pé dele dentro do tênis.

– O que a cadeira está fazendo dentro da sua calça? – perguntei. Eu disse aquilo calmamente, apenas tentando parecer interessada naquilo.

Ele não respondeu nada. Nenhum ataque de fúria. Ele reabriu e ligou o computador e leu as notícias. Só observando. Só olhando para o que estava na tela. Cheguei ainda mais perto para ver onde o pé da cadeira entrava em seu tênis, mas o tênis estava coberto pela bacia da calça e alguma coisa, alguma coisa óbvia, estava faltando. Uma sensação débil de enjoo me apertou a garganta, uma sensação vertiginosa, uma sensação de que eu não iria gostar daquilo – o que quer que eu estivesse prestes a descobrir não era bom. Uma sensação de que eu deveria sair, voltar para a noite, bater na porta da mulher do carro vermelho no caminho, pedir comida, qualquer comida, abraçá-la, encontrar um homem por ali, ligar para o Eddie de repente e lhe pedir para tirar minhas roupas, por favor. Agora. Vai. A perna da cadeira estava de algum modo errada. “Como? Será que ele estava inserindo os móveis dentro do seu corpo?”

– Você está com dor? – perguntei.

– Estou bem. – Joseph se virou para me olhar com seus olhos grandes e cinzentos, e sua voz ficou mais tranquila, quase gentil. – Apenas vá embora, Rosie.

O quarto pareceu aumentar a distância entre nós. Um alarme soou. Talvez em apenas uma ocasião, durante nossa infância toda, ele me chamou de Rosie. Ele nem mesmo me chamava de Rose. Seu rosto, aqueles olhos cinzas, tão grandes e, por um instante, toda aquela ternura. Senti um aperto na garganta. Não entendia o porquê, não entendia o que estava acontecendo.

Fui me sentar no chão, a seus pés. Foi fácil me ajoelhar a seus pés e ele quis me chutar, eu percebi, mas havia pernas da cadeira perto das suas pernas, por isso ele não conseguia. E ele poderia ter me segurado com as mãos ou me empurrado, mas não fez nada disso, e aquela delicadeza ainda estava nele. Eu me abaixei e, quando ergui a perna da calça, não havia corte algum. Não havia sangue – e como teria sido bom ver sangue, ver a perna da cadeira saindo da sua perna, a cirurgia que seria necessária, os analgésicos, o carpete bege ensoado de sangue.

Tudo o que eu podia entender era que ele não havia inserido a perna da

cadeira no seu corpo, mas que de algum modo o que havia ali era apenas uma perna de cadeira usando uma meia e tênis. Não havia perna humana visível, apenas uma espécie de sugestão de perna que eu mal podia enxergar claramente. Será que ele havia cortado suas pernas? Não. Não havia nada de sangue ali, nada. Ao contrário, havia apenas essa sugestão de perna ao redor da perna da cadeira, uma auréola fraca de algo humano ao redor do metal frio da cadeira, uma troca de texturas que, de algum modo, fazia sentido. Parecia uma afirmação natural da cadeira sobre ele, como se a cadeira o tivesse expelido ou absorvido, de um modo tão natural como se isso acontecesse com todo mundo. E então a perna da cadeira, com sua ponta de borracha, entrava no tênis dele, que não parecia mais abrigar um pé humano.

Fiquei ali sentado. Não disse nada. Segurei seu joelho, o osso arredondado do seu joelho humano.

No silêncio, algo grande e que não ousava falar. Aquelas cadeiras Morehead espalhadas pelo apartamento. Como se algum dia eu fosse aparecer ali e todos os outros móveis estariam na sacada com a cama, e apenas as quatro cadeiras Morehead estariam dentro do apartamento. Com algumas canetas e sapatos.

– Eu amo estas cadeiras – ele havia dito para mamãe todas as vezes que elas chegaram pelo correio. – Elas são maravilhosas, tão funcionais.

Como era raro ouvirmos Joseph usando a palavra *amor*. Ou, naquele sentido, *maravilhosas*. Ele estava sentado no chão da sala de estar, na escola secundária, as pernas cruzadas em frente à lareira de tijolinhos vermelhos, abrindo e fechando as cadeiras. Eu não dava a mínima para elas, boas ou ruins, mas Joseph as amava e parecia realmente dar valor a cadeiras tão facilmente dobráveis. O carteiro havia começado a nos odiar.

– Deus, ela as ama também – disse mamãe. – Não as suporto, são tão sem estilo. Vulgares.

Ela ficou de pé ao lado de Joseph, com as mãos na cintura.

– Tem uma mesa também, e é claro que ela chegará na semana que vem – disse mamãe.

Joseph ligou para a vovó na noite em que chegou a quarta cadeira.

– Obrigado – disse ele, sinceramente.

Fiquei no corredor. Ele ficou em silêncio, ouvindo alguma coisa, durante um tempo.

– Você também – disse ele.

Quando desligou, corri para ficar ao seu lado no mesmo instante. Eu não podia lhe dar nem um minuto de privacidade.

– O que ela disse?

– Ela não estava falando coisa com coisa – disse ele, acenando para o ar. – Ela disse alguma coisa sobre jogar cartas. Mah-jongg?

– Bem, são cadeiras de uma mesa de cartado – disse mamãe.

– Posso levá-las para o meu quarto?

– Claro! – disse mamãe, mordendo os lábios.

Ela olhou para uma cadeira, um parafuso arredondado de alumínio na

articulação, o assento plástico castanho.

Ele tirava farpas da mão dela todas as semanas. Mesmo na faculdade, mesmo durante as semanas de prova final. No sofá, com pinças, durante horas.

Em seu quarto, ele estava de volta ao computador, digitando, clicando. Lendo as notícias como se eu não estivesse ali. Concentrado no que estava à sua frente. O momento de ternura se fora, o portão se fechara e, com a mesma certeza que eu sentira poucos minutos atrás, sobre como era importante ficar e prestar atenção, alguma coisa fora jogada ao ar como uma panqueca. Agora eu tinha de pegar o telefone e pedir ajuda a George. Algo grande estava acontecendo com meu irmão e eu mal podia compreender o que eu estava vendo. Eu teria de sair do quarto por um segundo, mas tinha de sair bem devagar, não era uma coisa que podia fazer rapidamente. Como nós já estivemos no hospital antes, sempre poderíamos voltar; os médicos poderiam aceitá-lo novamente e talvez soubessem o que fazer. Vinte segundos, dez, para sair do quarto, encontrar o telefone no suporte e ligar. E eu não tinha escolha. Eu tinha de pedir que outra pessoa visse isso, tinha mesmo, porque Joseph nunca confirmaria isso para mim e ninguém mais o faria, e eu liguei para George primeiro, só podia ser o George, só George, que acreditara em mim anos atrás quando lhe contei que o biscoito estava com raiva e a fatia de queijo, cansada. Só podia confiar em George para ver o que estaria diante dele. Saí do quarto, corri para a sala de estar, olhei em volta, encontrei o telefone, peguei-o, disquei e o trouxe de volta para o quarto de Joseph.

Dez segundos, oito. A janela ainda estava aberta, o quarto estava escuro. Só uma cadeira vazia diante da mesa com o computador e a primeira página do *The New York Times*, com notícias brilhantes e coloridas.

* * *

Antes eu me descontrolei, triste e atordoada, e George me encontrou no mercadinho da rua, chorando; antes eu liguei para minha mãe no Canadá e disse que ele havia desaparecido novamente, ele foi embora, ele estava aqui e parecia bem e depois desapareceu; antes eu liguei para o meu pai e chorei incoerências para sua secretária; antes disso, tudo o que eu sabia que tinha de fazer era marcar aquela cadeira. Aquele foi meu único pensamento lúcido e uma ideia da qual eu tive mais orgulho do que tudo o que já havia feito na vida. Foi apenas o impulso de pegar a primeira caneta que eu encontrasse no quarto, aquela sobre o criado-mudo, uma esferográfica preta, e ir até a parte de trás daquela cadeira, aquela perto da mesa, uma de quatro, aquela em frente ao computador, e desenhar uma linha trêmula sob Morehead. Ela sempre assinava seu nome do mesmo jeito.

– Assim – eu disse, desenhando a linha. – Ele.

29 Mamãe mantinha bons álbuns de fotografia da família atualizados. Com adesivos, legendas e pontos de exclamação. Num deles, ela me mostrou uma foto de nós todos no norte da Califórnia, visitando primos distantes num balneário perto de Sausalito. Olhei atentamente as pessoas, notando minha mãe em seu vestidinho de linho verde-claro, meu pai parecendo especialmente alto e bronzeado.

– Quem é esta? – perguntei, apontando para uma moça com um rabo de cavalo usando uma camiseta vermelha que me lembrava uma das minhas próprias camisetas.

– É você.

– O quê? Não! – eu disse.

Ela riu para mim.

– É você. Acho que você tinha acabado de cortar o cabelo.

Talvez fosse o ângulo. Ou a luz ou o fato de eu estar cercada por pessoas que nunca mais vi ou a novidade da paisagem, mas, por alguns segundos antes de ela me dizer, eu me vi como uma estranha – uma menina comum de cabelos castanhos-claros que parecia bastante agradável, usando uma camiseta vermelha normal, que eu conhecia do meu próprio armário. Assim que soube que era eu, o rosto voltou a exibir aquela forma que eu reconhecia de todos os espelhos da minha vida.

– Claro – disse eu rindo, como se soubesse o tempo todo.

As coisas aconteceram com Joseph de tal maneira que eu era capaz de contar a história quase como se ela tivesse acontecido comigo, e todo mundo se atinha aos fatos. Eu o vi, sim. Ao computador. Ele falara comigo, ele me chamara de Rosie. Ele parecia preocupado, irritado, e depois muito doce e gentil. Ele não tinha armas por perto, não parecia estar drogado e me disse várias vezes que estava trabalhando. Ele não me recebera à porta. Eu havia invadido o apartamento. Minha mãe estava preocupada. Ela me mandou até ali. Ela ligou do Canadá. Nova Escócia. Ele estava vestido. Ele parecia magro, mas não desnutrido. Não muito diferente da sua magreza normal. Sua geladeira estava vazia, exceto por um pouco de manteiga, gelatina de uva e um pão tão velho que se esfarelava ao toque. A janela do quarto estava aberta e a teoria corrente dos meus pais era a de que Joseph, de algum modo, pulara pela janela do segundo andar, e talvez tivesse até mesmo arrumado algumas coisas num fardo, por algum motivo se escondendo na floresta, e que agora estava numa jornada.

– Ele precisa de tempo para procurar por si mesmo – disse minha mãe, aos prantos, quando chegou no dia seguinte, usando uma blusa de lã canadense, bizarra para a tarde quente de abril em Los Angeles.

– Ele parecia suicida? – perguntaram os policiais com seus uniformes azuis, seus blocos de notas, quando registramos a ocorrência na segunda-feira seguinte.

Olhei para minha mãe e disse que não. E eu estava sendo sincera.

– Algumas vezes ele parecia solitário – eu disse.

...

Naquela noite, depois de desenhar a linha na cadeira, eu não conseguia parar de tremer. Saí do quarto dele e me sentei na escadaria, no corredor externo do Bedford Gardens, tremendo. Deitei-me na cama dele. Ninguém entrou ou saiu do prédio. O tempo passou em branco.

...

As sombras das bananeiras cercavam o chafariz da sereia. Faróis de carros virando a esquina lançavam luz sobre o prédio. O velho e úmido travesseiro dele.

...

Eu ainda estava segurando o telefone contra o rosto, como um cobertor. Não dava sinal de discagem, como minha mãe previra. A minha maior vontade era a de simplesmente dormir ali na cama, durante muito tempo, como se ela tivesse sido colocada ali na sacada justamente para isso – para me surpreender ao sair, o colchão como minha meta – mas eu tinha de dar telefonemas e informar as pessoas. O telefone público mais próximo que encontrei ficava em uma rua movimentada, a Vermont, a uns dois quarteirões dali.

Depois de um tempo, levantei-me da cama, deixei o aparelho sobre o cobertor e desci as escadas. O ar era gelado e estava escuro lá fora, a escuridão profunda e espessa do anoitecer. Minha mente parecia vazia, como se o vento a tivesse varrido como a água de uma mangueira que tira a poeira das calçadas. Não de um jeito bom ou ruim, apenas vazia.

A noite de sexta-feira irrompeu em toda a sua forma nas ruas da cidade; Los Feliz estava movimentada para a noite do fim de semana, os toldos dos restaurantes abertos, as velas nas mesas acesas por uma varinha elétrica. As pessoas se sentavam do lado de fora aos pares, as mãos segurando taças

coloridas de vinho. Garfos e facas batendo nos pratos limpos e brancos. Do lado de fora do mercadinho Jons, vi um telefone público dentro de uma pequena cabine de vidro e escondido no cantinho do estacionamento. Andei até lá a passos largos. Alerta. Abri a porta dobrável. Lá dentro, a cabine tinha um banquinho e uma lista telefônica antiga e toda amassada presa a uma capa plástica preta. Sentei. Uma mãe de aparência cansada e seu filho saíram da loja equilibrando pacotes marrons. Do outro lado da rua, numa barraquinha de tacos próxima com um letreiro de neon alaranjado, duas adolescentes ajeitavam os cabelos enquanto esperavam na fila, os pulsos enfeitados com vários braceletes dourados. Carros iam e vinham pela Vermont. Essa era a paisagem que havia para olhar, não muito diferente de um quadro.

Olhei para o telefone. Procurei por moedas nos meus bolsos. Os quadradinhos prateados dos botões do telefone eram meu único meio de contato com as pessoas. Neles, a lembrança de que alguém, em algum momento, entrou numa mina para encontrar ferro, gastando energia e horas para trazer para a superfície os materiais exigidos pela indústria de telefones, que depois forjou uma liga e derreteu o minério em quadradinhos gravados com números que codificavam uma sequência que era ligada a um fio elétrico que criava pulsos ao longo dos postes e das linhas revestidas de borracha para tocar na casa da única outra pessoa em todo o mundo com a qual eu suportaria conversar.

Certo. Olhei para os quadradinhos. ABC. DEF. GHI. George provavelmente tinha saído para algum evento da Caltech naquela sexta-feira. Em seu carro. Cheio de garotas. Progredindo rapidamente, entrando em lugares onde eu já não poderia encontrá-lo. Eu sabia seu número de cor e coloquei a moeda no aparelho, apertando a sequência correta. Depois me sentei imóvel no banquinho, enquanto os fios eram conectados. O telefone tocou várias vezes.

– Alô?

Segurei o telefone com força. Por um segundo, enquanto ele atendia, apenas apertei o plástico com força contra minha orelha. Eu estava dominada pela gratidão por (a) ele existir, (b) estar perto e (c) ter realmente atendido ao telefone.

– Oi. É a Rose. Edelstein – acrescentei.

– Rose, conheço a sua voz. Estou mesmo feliz por você ter ligado. Ouça...

– George – interrompi. – Não estou ligando para falar sobre hoje.

– Eu fiquei sem jeito – disse ele. – Eu só... quero dizer...

– George – eu disse, mais alto.

Ele deve ter percebido o tremor na minha voz, porque ficou quieto.

– O quê? O que houve? O Joe está bem?

Pela janela, olhei para a loja de bebidas ao lado, passando pelas estantes baixas de doces até o funcionário de pé atrás do balcão. Ele tinha cabelos negros ondulados e estava apoiado nas garrafas brilhantes e caras às suas costas, lendo a *Forbes*.

– Você pode vir até aqui? Estou numa filial do Jons.

– Onde?

– Na Vermont.

– Ele está bem?

Não respondi. Minha garganta estava fechada.

– Não sei – eu disse, depois de algum tempo. – Vou ligar para meu pai também. Estou no Jons – disse mais uma vez, olhando enquanto o funcionário coçava o olho e virava a página da revista, dobrando-a e colocando-a atrás das outras.

– Ele desapareceu novamente?

– Sim – eu disse, baixinho.

A porta do mercadinho se abriu e um casal jovem saiu, com roupas de ciclistas, o braço dele ao redor da cintura dela. Ela remexia com seu canudo no fundo de um copo de frapê.

George fez um barulho de hummm para o telefone. Depois disse para eu não me preocupar, afinal já havíamos passado por isso antes, que tudo ficaria bem e que ele iria para lá imediatamente.

– Meia hora, está bem? – disse ele.

– O que está havendo? – ouvi uma voz de mulher lhe perguntar, de algum lugar no seu quarto.

– Estarei aí – disse ele, baixinho.

– Na cabine telefônica – eu disse. – Como o Super-Homem.

Depois liguei para minha mãe e deixei uma mensagem na secretária eletrônica da marcenaria dizendo para ela voltar para casa. Liguei também para meu pai e conversei com a secretária dele.

– Ele está aí? É sobre o meu irmão. Diga para ele ligar para a filha – eu disse.

– Ele está quase no fim do expediente. Você está em casa?

– Não. Estou num mercadinho. – Olhei para o número do telefone público, escrito com caneta por alguém num pedacinho fino de papel retangular e preso atrás de um vidrinho ao aparelho cromado. Era um dinossauro, o telefone. Tudo nele, incluindo as frágeis e trêmulas marcas manuscritas de caneta, parecia destinado à extinção.

– Apenas lhe diga para vir a Bedford Gardens. Ele vai entender – eu disse.

Então desliguei e me virei para ficar olhando para o estacionamento, esperando.

Encontrar alguém que você ama num momento ruim é um dos grandes barômetros de gratidão. Pasadena fica vinte minutos a leste de Los Feliz, mas com tráfego, mas às sextas, e o estacionamento do mercadinho se encheu e se esvaziou cinco vezes até que George chegasse, cada carro cuspidor estranhos e mais estranhos precisando de mercadorias. Uma mulher esbelta com um cabelo grisalho comprido. Um homem baixo num terno de três peças. Um cara desarrumado com toneladas de *piercings*. Tudo errado. A cada pessoa desconhecida que chegava, meu nervosismo aumentava. Eu queria desesperadamente combinar minhas lembranças com o conteúdo do estacionamento, e cada combinação nova de nariz, olhos e boca que saía dos carros era uma afronta àquela vontade. Se eu tivesse visto um vizinho ou meu antigo professor de flauta ou a moça que nos vendeu pão na padaria, eu teria saído correndo da cabine e os abraçado.

– Sou eu, Rose. *Rose* – eu diria. – Rose.

Fiquei sentada e imóvel na minha cabine de vidro. De mãos dadas sobre o colo. Um cheiro de mofo saía das páginas amareladas da lista telefônica. Finalmente, George estacionou seu velho Fusca cinza, seus cabelos arrumados, de óculos, barba por fazer, usando calças *jeans* velhas, sandálias e uma camiseta. A princípio, eu só o observei estacionar, puxar o freio de mão, abrir a porta, e deixei que a sensação de alívio se apoderasse de mim, porque eu sabia como ele era e ali estava ele, de verdade, igualzinho ao que deveria ser.

– Ei – eu disse, levantando-me e acenando da cabine telefônica.

Ele se aproximou com passos determinados e sérios. Nós nos abraçamos. Ali, naquele presente de metalúrgicos e dos operadores de cabos que instalaram os postes que cruzavam a cidade. Ele cheirava a maçãs recém-cortadas e a certeza, e eu descansei minha cabeça no recanto do seu pescoço. Depois de um minuto, ele se afastou, as mãos me segurando pelos ombros, e me perguntou o que havia acontecido. Eu não sabia como responder, por isso apenas disse que meu pai estava a caminho e que Joseph havia desaparecido – que eu o vira, que ele parecia perdido e, quando saí para telefonar, dez segundos mais tarde, quando voltei, ele não estava mais lá. George meneou a cabeça, ouvindo. Deixamos seu carro estacionado no mercadinho e saímos da loja em direção ao apartamento. Quando o sinal na Vermont abriu, George segurou minha mão ao atravessarmos a rua, e os fantasmas da nossa infância foram conosco.

31 Ao chegar à entrada de Bedford Gardens, meu pai estava estacionando o carro na vaga estreita na rua. Seu escritório não ficava longe dali e, como o pior horário do tráfego já havia passado, ele apenas pegou a Sunset rumo a oeste assim que sua secretária lhe deu o recado. Depois que o carro estava estacionado entre dois para-choques, ele saiu do automóvel em seu terno de advogado de sempre, azul-marinho com listras cinzas, e aquele cabelo grisalho imponente. Ele passou a mão na testa como se estivesse colocando seus pensamentos em ordem, acenou um cumprimento para George e me abraçou bem apertado, mais do que o normal, suas mãos como enormes pás de remo em minhas costas.

– Tudo vai ficar bem – disse ele ao me ver.

– Desaparecido – eu disse, estupidamente.

Ele deu uma olhada para a escadaria de Bedford Gardens. Da rua, todas as luzes do prédio pareciam apagadas.

– Ele não está lá – eu disse.

– Que tal isso – disse papai, batendo na carteira. – Vamos comer alguma coisa antes. E aí você pode nos contar o que sabe. Já passamos por isso antes. A Beth disse que você parecia muito mal ao telefone. Você não parece mesmo bem – disse, me olhando de perto, com a testa franzida. – Ele se feriu?

– Não. Não havia sangue.

– Drogas?

– Nenhuma droga.

Mas minha voz era tão fraca e hesitante que caminhei no meio deles pelos quarteirões como se fossem guarda-costas me protegendo dos pedestres na rua e na loja. Eu ainda estava usando a mesma camiseta e calça *jeans* que usara na escola, e não usava nenhuma blusa, por isso, no meio da caminhada, meu pai tirou seu paletó e me entregou sem dizer uma só palavra.

Passamos por comensais, compradores de livros, fumantes e cinéfilos.

* * *

Diante de um café francês perto da Franklin, viramo-nos como um trio e entramos. Era um lugar pequeno com uma fachada de pedra pouco convidativa, mas lá dentro o ambiente era agradavelmente iluminado, com paredes vermelhas e um candelabro suspenso dourado e cardápios tão compridos que eu podia esconder minha cabeça atrás deles. No balcão ao fundo, várias pessoas em banquinhos bebendo em taças semivazias de vinho durante a degustação semanal, como estava anunciado numa grande lousa sobre o bar. Nós três nos sentamos numa área reservada.

– Sente-se – disse papai.

Ele se levantou para falar com um garçom, que trouxe um copo d'água para cada um de nós. Papai empurrou o dele para mim.

– Beba.

George esperava, os dedos cruzados, do outro lado da mesa. Era como se os dois tivessem decidido telepaticamente não me perguntar nada até que estívéssemos acomodados. Papai chamou o garçom e lhe sussurrou mais alguma coisa. Ele foi até o outro lado do salão e voltou calmamente. Admirei aqueles passos decididos, era como se ele reduzisse a distância andando assim. Eu raramente o via tão concentrado numa tarefa como esta; este pai das listas de

coisas a fazer e do talento especial, o pai que criara aquele banquinho há tantos anos.

– Ele é bom – disse George, observando e concordando com a cabeça. Ele estava cutucando a pele do dedo. Remexi no meu bolso, encontrei um elástico de cabelo e lhe entreguei. George ficou vermelho.

– Obrigado.

Em pouco tempo, ele colocou o elástico em volta do dedo e o ficou esticando.

– Você ligou para sua mãe? – perguntou papai, voltando ao seu lugar.

Bebi um gole de água gelada. O garçom voltou com uma caneca marrom de água quente e um cesto cheio de saquinhos de chá de vários sabores.

– Beba isso também – disse papai. – Você está tremendo.

– Eu deixei uma mensagem para ela – eu disse, pegando um saquinho de chá de menta do cesto. – Já é tarde lá, por isso ela provavelmente só ouvirá a mensagem pela manhã.

– Foi bom você ter ido até lá – disse papai, aceitando uma xícara de café e a segurando com as duas mãos.

– Ela me mandou ir.

– Sua mãe a mandou ir? – perguntou George.

– Ela ligou hoje à tarde e me pediu para dar uma olhada em Joseph. Ela estava preocupada.

Papai bufou ruidosamente. Fechou os olhos.

– Ela geralmente está com a razão – disse ele, balançando a cabeça. – É tão confuso.

E ali, no nosso cantinho, enquanto o garçom se aproximava com seu bloquinho para anotar os pedidos, ele deu uma risadinha.

...

Depois que pedimos, eu lhes contei a história com detalhes, exceto pelo que eu vira com as pernas da cadeira. Não expliquei nada disso porque não sentia que era possível explicar. Meu pai ouviu atentamente, ainda aquecendo as mãos na porcelana grossa da caneca de café.

– Então é a mesma coisa de sempre – disse ele. Papai ficou olhando para a bebida, pensando. – Certo?

– Acho que sim.

– Então por que você está tão abalada?

– Boa pergunta – disse George, estalando o dedo.

Fiz um tubinho com o envelope de chá. O vapor subia em floreios da minha caneca.

– Não sei – disse eu, sem conseguir convencê-los.

George franziu a testa. Passou os dedos pelos nós da madeira da mesa. Ele parecia estar sentindo as palavras que faltavam, a lacuna, e me lançou um olhar penetrante, como se estivesse guardando aquele momento para mais tarde.

Um prato de bife com fritas chegou para George. Um sanduiche de presunto para meu pai. Eu estava esperando pela sopa de cebola.

– Comam – eu disse.

Meu pai abaixou a cabeça como se nada daquilo fizesse sentido. Seu

sanduíche numa baguete estava embrulhado em papel-manteiga e dividido em dois. Ele deixou metade de lado.

– Vamos repassar a história – disse ele, derramando o conteúdo de um saquinho de açúcar no seu café. – Você chamou George quando?

– Depois.

– E a janela estava aberta?

– Sim, quando saí do quarto, a janela estava aberta.

– E quando você voltou?

– Ainda estava aberta.

– E foi aí que você ligou para o George?

– Pouco depois, eu fui até o mercadinho e liguei para o George. O telefone do Joseph não está funcionando.

– Acho que era por volta de sete e 15 – disse George, comendo uma batata frita. – Querem?

Papai pegou uma distraidamente.

– Estou apenas tentando entender – disse papai.

Ele esvaziou mais três pacotinhos de açúcar no café. Assustador. Ele só consumia tanto açúcar assim quando estava realmente tentando se concentrar. Certa vez, durante uma pesquisa para um caso difícil, ele comeu quatorze barras de chocolate em uma semana.

– Então o que você fez *logo depois*? – perguntou ele. Papai se inclinou para a frente, intenso. Além das tragédias médicas, ele também gostava muito dos programas policiais.

– Logo depois do quê?

– Logo depois que você voltou ao quarto. Ele já havia desaparecido?

– Sim.

– Você foi até a janela?

Da mesa, olhei para a rua do outro lado da janela do café, para o brilho fraco de um para-choque prateado, estacionado no meio-fio. Pessoas passando como borrões.

– Não – eu disse.

– Não?

– Não.

– Por que não?

– Não sei. Eu estava preocupada.

– Você olhou ao redor do quarto?

– Não.

– Mesmo?

– Ele não estava no quarto – eu disse, olhando para ele.

– Como você pode saber?

– Simplesmente posso.

– Eu teria olhado no restante do quarto – disse papai, bebendo um gole de café.

– Está doce o bastante? – perguntei.

Ele franziu a testa.

– O quê?

– Não ouvi nada – eu disse. – Ele não estava no quarto.

– Dei uma olhada rápida do lado de fora do prédio – disse George, cortando seu bife. – Nada.

– Então o que você fez depois? – perguntou papai.

Eu me encolhi um pouco no canto da mesa.

– Ele não estava mais lá.

– Eu só acho que é estranho que você não tenha olhado pela janela – disse papai, recostando-se na poltrona e cruzando os braços. – É a primeira coisa que qualquer pessoa faria.

– Senhor – disse George.

– Eu olhei depois – eu disse.

– E?

– Nada – eu disse, cobrindo-me ainda mais com seu paletó.

Papai rasgava o papel branco do sanduíche em caracóis.

Ninguém parecia ligar para o fato de que a janela era bem pequena e seria muito difícil passar por ela. Ninguém parecia perguntar ou levar em conta o fato de que os arbustos sob a janela estavam intactos e não pareciam ter suportado o peso de um corpo. A janela era a única possibilidade, por isso, de acordo com meu pai, Joseph de algum modo saiu pela janela e flutuou até o chão, caindo delicadamente. Ele se desviara dos arbustos ou os ajeitara antes de fugir descalço para dentro da noite. Era uma boa imagem para o meu irmão. Um homem todo de preto, uma espécie de ladrão noturno, um tipo que pegaria carona em vagões de trens e acabaria chegando a uma ilha qualquer, onde seria rei.

Papai batia com força nas almofadas vermelhas de vinil do assento. Depois mordeu o sanduíche.

– Certo – disse ele, mastigando. – Vou parar. Desculpe.

Comecei a tremer novamente. Um tremor se apoderava de mim como um terremoto.

George empurrou a xícara de chá na minha direção.

– Ei, beba um pouco mais.

– Ele vai voltar – disse papai, tocando minha mão. – Ele sempre volta.

Minha sopa chegou. Com uma cobertura de queijo dourada na borda. O garçom a colocou cuidadosamente à minha frente. Eu quebrei a camada de queijo com a colher e a enchi com o caldo quente acebolado, pegando pedaços de pão ensopado. O cheiro tomou conta da mesa, um consolo. E como as circunstâncias raramente fazem sentido, e como uma tarde pode ser um conjunto tanto de alegrias quanto de horrores, o sabor da sopa se apoderou de mim. Quente, bom, atento, completo. Aquela sopa era facilmente, sem dúvida, a melhor sopa que eu jamais tomara, feita por um *chef* que descobrira um refúgio verdadeiro na culinária. Eu me entreguei a ela.

– Bom – murmurei.

George continuou enchendo minha caneca com água quente da chaleira e me entregando.

Comemos em silêncio. Depois, ao pagar a conta, meu pai insistiu em pagar pelo bife de George. Quando saímos, os cozinheiros acenaram um agradecimento da cozinha, do outro lado de uma porta branca giratória.

32 A avenida Prospect estava movimentada agora, no meio da noite, a meia-lua bem no meio do céu, jogando uma luz prateada sobre as nuvens. Depois que George respondeu algumas perguntas superficiais sobre a universidade para meu pai, nós três caminhamos tranquilamente de volta a Bedford Gardens, passando pelo café agora cheio de pessoas se aquecendo com cafeína para encarar o prédio à frente. Passamos por fileiras de casas construídas na década de 1920, com varandas raquíticas e pilares de madeira perto de pátios com azulejos espanhóis e telhados vermelhos. Passamos pela velha igreja na esquina da Prospect com a Rodney, onde às vezes eu via grupos se reunindo nas escadas do lado de fora com canecas de café. Uma família de palmeiras: pequena, média e alta. Outras árvores sobre nós: figueiras e amendoadeiras, brilhando sob o luar, com galhos entrelaçados pairando no ar.

No prédio, meu pai nos deu um abraço. Eu perguntei se ele queria subir e ver o apartamento, mas ele disse que não, o que me surpreendeu.

– Não é um hospital – eu disse, mas ele apenas lançou um olhar para George. – Você pode verificar? – pediu ele, e George fez que sim.

Nós o acompanhamos até seu carro. Eu lhe disse que logo estaria em casa.

– Só tenho que pegar minhas coisas.

Ele se despediu de George com um aperto firme de mão.

– Bom – disse ele, do nada.

George e eu ficamos juntos, observando-o ir embora. Ao nosso redor os carros passavam devagar, sempre à procura de vagas para estacionar; e, assim que as luzes de freio do meu pai se acenderam, outro carro já deu sinal para reclamar para si a vaga.

George, que estivera extraordinariamente quieto durante o jantar, esperou que eu o guiasse e, depois de alguns minutos, caminhamos para o pátio de Bedford Gardens. Eu ainda não era capaz de encarar as escadas, por isso paramos no primeiro andar, ao lado do chafariz de sereia, com seus jatos d'água intermitentes. A sereia de pedra ficava sobre um rochedo e segurava um balde inclinado, e era dele que a água jorrava: um fluxo contínuo do balde, de volta ao mar. A fonte, embora quebrada, era emoldurada por uma bela parede de pedra onde nos sentamos. As pedras na parede estavam úmidas, mas não me importei. A sensação da água se infiltrando pela minha calça *jeans* era incômoda, mas muito melhor do que toda a experiência de me sentar naquele restaurante e tentar descrever a maior parte do que havia acontecido.

– Ei, Rose – disse George depois de alguns minutos, tirando um pedaço de uma folha de bananeira ali perto.

– Sim?

Ele se virou para mim. O pátio estava escuro, exceto pelas luminárias externas de alguns dos apartamentos, que lançavam um brilho fraco de luz sobre o cimento. Na calçada, passos. Com cuidado, George sistematicamente cortou as porções verdes da folha de bananeira, deixando as veias e a estrutura esquelética intacta. Ele fazia isso concentrado. Mesmo que estivesse com suas sobrancelhas arqueadas, mesmo ligeiramente confuso e cansado, ele parecia quase que insuportavelmente lindo para mim.

Ele suspirou.

– Nada – disse ele. – Desculpe.

– O quê?

Percebi que ele estava pensando em outra coisa.

– Quando você pintou seu cabelo?

Levei a mão às pontas dos meus cabelos.

– É só uma experiência – eu disse. – No mês passado.

– Combina com você. Como está a escola?

– A mesma coisa de sempre. E a sua?

– Boa – disse ele, fazendo que sim para a folha. – Talvez eu vá para Boston no verão.

– Boston – eu repeti, vagamente.

– MIT.

Olhávamos para a entrada do prédio. As pessoas chegavam apressadas. Eu podia sentir o corpo de George ali, tão perto do meu, tão quente e vivo, e de um modo distante me lembrei da festa de Eliza e percebi que não lhe disse se iria ou não. “Aconteceu um imprevisto”, pensei, treinando. George passou a mão pelos galhos das samambaias que margeavam o chafariz, samambaias que cresciam graças ao jato intermitente de água do balde da sereia.

– Obrigada por ter vindo hoje. De verdade. Nem sei como lhe agradecer.

– Ah, por favor. Estou tão feliz por você ter me ligado. E fiquei feliz por você ter me ligado antes, de verdade...

Toquei a parede atrás dele. Os blocos de pedra. Não exatamente tocando, só chegando bem perto. Eu queria desesperadamente me agarrar a ele, mas não de um jeito bom. Era como se eu quisesse desaparecer com ele por algumas horas.

– Sentimos a sua falta – eu disse.

Ele concordou com a cabeça.

– Nós – eu disse. – Eu.

...

– Então.

– Então.

– Boston – eu disse.

– Você pode me contar – disse ele, calmamente – o que você viu?

Abaixei a cabeça.

– Não.

– Tente.

Acenei debilmente para o ar.

– Eu não sei como explicar.

– Mas você não contou tudo.

Continuei olhando para o cimento. Uma rachadura começava na base do chafariz e atravessava todo o pátio como a marca de um relâmpago.

George olhou para cima, para o apartamento. Sombras passavam sobre nossos pés, formas saltitantes do movimento das samambaias nas quais ele tocava. Desenhos de folhas criados pelas lâmpadas dos andares superiores que se derramavam sobre o pátio.

– Vamos dar uma olhada lá dentro?

Eu imaginei minha mãe recebendo a mensagem pela manhã, indo para o

aeroporto, um aeroporto pequenininho na Nova Escócia, assolada pela preocupação, fazendo quantas conexões fossem necessárias.

– Por que ela carrega um balde?

– Quem?

– A sereia. Ela precisa mesmo de um balde?

Ele se levantou.

– Venha – disse ele. – Vamos entrar.

- 33 No alto da escada, paramos diante da porta do apartamento de Josepl
- O que é isso? – perguntou ele, andando até a beirada da cama.
 - É dele. Está aí fora há semanas. Ele disse que queria dormir no chão.
 - *Humpf* – disse George.

O telefone estava sobre a cama.

– E isso?

– Eu pus aí. Pode ver, está quebrado.

* * *

Eu não havia trancado a porta do apartamento, por isso ela se abriu facilmente e nós entramos na escuridão. Sombras dos móveis no mesmo lugar, todas as coisas imóveis e inertes. Aquele vácuo profundo. Se tivéssemos entrado e encontrado Joseph caído no carpete naquele momento, exatamente como minha mãe o encontrara alguns meses antes, teria sido motivo de comemoração. Mas o som vazio do lugar, como se ele estivesse apenas esperando para produzir um eco, cada vez mais oco e cultivando o silêncio, só me fez querer dar meia-volta e sair.

George trouxe o telefone para dentro e fez o óbvio, o que eu nem considerara, que era olhar a base do aparelho, que ficava na cozinha.

– Desconectado – disse ele. George ligou o fio novamente no encaixe e voltou. Segurou minha mão mais uma vez.

– Onde fica o quarto dele?

De repente ele me pareceu um pouco nervoso.

– Você nunca esteve aqui antes?

Ele encolheu os ombros um pouco.

– Bem antes – disse ele. – Mas faz tempo.

Andamos pelo corredor juntos. Exceto pelas tardes com Eddie, eu raramente ficava sozinha com um garoto, muito menos com aquele garoto. Uma coisa que eu desejara durante tantos anos, ainda criança, agora – aquele momento com George, num apartamento vazio, segurando minha mão! Tudo parecia distante agora, como algo que eu vira numa fotografia ou sobre a qual lera no diário de outra pessoa. Era como se estivéssemos dando um passo por vez nas tábuas de madeira de uma ponte suspensa. Ele apertava minha mão e eu me segurava na mão dele com força.

A porta do quarto de Joseph ainda estava aberta no fim do corredor, por isso havia só mais alguns passos até entrarmos e, uma vez lá dentro, para o invisível prazer do meu pai, George soltou minha mão e seguiu diretamente para a janela aberta e olhou em volta e para baixo.

Fiquei na porta. Olhando para a mesa. O computador aberto. A cadeira.

George abriu e fechou a janela e depois explorou todo o quarto: o armário, com as camisas xadrezes e as botas, os lápis no criado-mudo, a página do *The New York Times* brilhando na tela depois de ligada.

– Por que ele se livraria da cama? – perguntou ele, de pé no espaço retangular vazio ao lado do criado-mudo.

– Não sei. Alguma coisa a ver com suas costas.

– Eu me pergunto se ele dorme aqui realmente – disse ele, esticando o

prendedor de cabelo com o dedo. – Não há sinal algum de alguém dormindo neste carpete.

Aproximei-me de George. O quarto tinha, em sua nudez ostensiva agora, a mesma sensação misteriosa que eu conhecia tão bem de anos e eras passadas.

– Então – disse George. Seu rosto estava sério, concentrado, observando o meu, tentando facilitar as coisas para mim. – Por que você não tenta me mostrar?

Eu me ajeitei no meu lugar. Deixei escapar um suspiro. Minha voz parecia potente demais para falar normalmente, por isso eu apenas apontei para a cadeira da mesa de carteadado.

– Lá.

George, observando-me cuidadosamente, o belo e gentil George, foi em direção à cadeira e se sentou. Então ele olhou para mim ansiosamente. O que mais uma pessoa poderia fazer? Se alguém aponta para uma cadeira e diz “Lá”, a reação normal, como a de George, seria presumir que há algo mais a ser dito e, enquanto isso, sentar-se. É uma situação na qual nós, pessoas, dizemos: “Você precisa estar sentado para ouvir isso”.

Então ele se sentou bem na prova.

– Não, desculpe – eu disse, rindo. – Levante-se.

Ele fez que sim e levantou-se. Peguei seu braço e o puxei para o meu lado, de modo que nós dois ficássemos diante da mesa. Prendi meu braço ao dele.

– Ali – eu disse. – Ali.

– É uma cadeira – disse George. – E uma mesa.

– Foi isso o que aconteceu.

– Não entendo.

Continuei apontando. Segurei-me na manga da sua camisa.

– Lá.

– A cadeira está, de algum modo, relacionada ao Joseph?

– Sim.

– Pode me explicar melhor?

– Não.

– Por que não?

Levei a mão à cabeça. As palavras em condições precárias. Pior do que palavras.

– Não sei como explicar... Ele entrou nisso.

– Ele se sentou?

– Não.

– Ele está numa cadeira de rodas?

– Não.

– Ele se transformou numa cadeira? – perguntou George, exageradamente.

– Ah! – eu disse, e meus olhos se arregalaram, queimando, e ele ouviu as lágrimas e me olhou rapidamente, segurando minhas mãos.

– Rose? – disse ele, confuso.

– Não se mexa. Por um segundo. Por favor.

Lá fora, alarmes de carros dispararam e eu fechei meus olhos e segurei uma das mãos dele entre as minhas, tão quente, seus dedos maiores do que os

meus, aquele calor seco que eu lembrava de anos atrás, do nosso passeio até a confeitaria. Como sua mão foi uma salvação naquela época também. Durante muito tempo ficamos ali, respirando perto um do outro, mais perto do que o normal. Eu podia sentir o cheiro de fruta do seu sabonete e sua camiseta limpa, recém-tirada da lavanderia.

– Não entendo – sussurrou ele.

Eu ri um pouco, de olhos fechados.

– Nem eu. Não entendo nada. Por favor.

Meu outro lado gritando: “Agora. Só uma vez. Esqueça tudo. Agora. Não recue. Por favor”.

– Rose...

George não se moveu, não se aproximou nem se afastou, e nem eu, mas foi como se uma brisa entrasse pela janela e nos empurrasse os poucos centímetros a mais necessários. Então os cotovelos e ombros se tocaram, seus braços me envolveram e grudamos nossos corpos. Eu virei meu rosto para o dele, minha testa no seu rosto, e eu era a adolescente amedrontada. Finalmente nos beijamos, um beijo horrível em sua compaixão ou preocupação, mas belo porque era o George e eu queria beijá-lo desde sempre. Um beijo leve, lábios nos lábios, só beijo, leve. Sua boca com gosto de sol, concentração e maturidade estrondosa.

Foi como se estivéssemos arrumando o quarto juntos. Um quarto sem nada dentro e agora com duas pessoas que se conheciam há anos. Era lisonjeador e convidativo e havia uma doçura terrível em tudo aquilo, na tensão no meu rosto, seus dedos, e o roçar e o toque das mãos nos ombros, rostos e costas e em como todas as estradas já haviam sido abertas. O desejo cresceu, aumentou, e eu cheguei ainda mais perto dele; ele apertou seu corpo contra o meu, e a coisa estava evoluindo, rumando em direção a caminhos inexplorados e urgentes, seguindo, a gravidade nos empurrando para baixo, mas então nós dois começamos a parar, desacelerando tudo. Separamos nossos rostos. Beijando devagar, lentamente. Pausas. Enfeites. Pontuações. Eu me joguei em seus braços. “Lembre-se deste momento”, pensei. Ele ficou perto, segurou meu rosto e ombros e tocou minha nuca. E, durante o que pareceu durar mais de uma hora, apenas ficamos ali juntinhos, mãos e lábios e pele e silêncio.

– Obrigada – eu disse, de olhos fechados. – Ninguém previu isso. Nem eu.

– Eu – disse ele.

Quando minha mãe chegou, no domingo, depois de doze horas de via da Nova Escócia até Newark e Los Angeles, nós nos abraçamos na porta e ela continuou segurando meu rosto com as mãos, tocando como se para ter certeza de que era eu. Ela tentou amenizar as linhas de preocupação que marcavam minha testa, mas elas, como se tivessem sido desenhadas por um marcador imperceptível, só se prolongaram da minha testa para a dela. Mamãe estava incomodada com o fato de eu estar angustiada. Em geral, e como meu pai, eu encarava os desaparecimentos de Joseph como algo normal e só esperava até que ele retornasse. Ainda assim ela parecia descansada da viagem, o rosto vermelho e brilhoso por conta das rajadas de vento no leste.

Ficamos olhando uma para a outra no *hall* de entrada.

– Obrigada – disse ela, só por dizer. Ela me agarrou pelos ombros. Seus olhos mudaram. – Ouça...

Fiz que não.

– Não é preciso. Há coisas mais importantes com as quais se preocupar agora. Não vou dizer nada.

Ela me beijou no rosto com entusiasmo e gratidão, deixando ali suas lágrimas. Depois, pegou a bolsa e disse que iria rapidamente até Bedford Gardens para confirmar tudo.

Fiquei ouvindo seu carro sair e depois andei a esmo pela casa. Eu estava com dificuldades para ficar quieta. Pensei em ligar para alguém – Eliza ou até mesmo Sherrie –, mas a única pessoa com a qual eu realmente queria conversar era George e eu já sentia que havia lhe pedido demais. Não estava a fim de ligar para Eddie. Assim, enquanto mamãe estava no apartamento de Joseph e papai se retirara para assistir ao primeiro episódio de uma minissérie sobre a Guerra Civil, fui para a cozinha. As janelas estavam bem abertas e a mesa, limpa. Havia uma cabeça de alho sobre a bancada, por isso eu a apertei com o dedo e separei os dentes. Com a lateral da mão, apertei a lâmina de uma faca para esmagá-los. Tirei a pele fina e esbranquiçada que cobria o miolo amarelo. Moido.

Minha mãe não vira a cama na sacada e, quando voltou, estava agitada demais para cozinhar, por isso eu disse que o faria. Já havia até começado. Enquanto papai conversava com ela em voz baixa na sala ao lado, pus sal numa panela de água para preparar o espaguete. Abri uma lata de tomates e os misturei ao alho picado e à cebola que fritavam no azeite de oliva. Era a primeira vez que eu me lembrava de preparar uma refeição inteira, do começo ao fim. Mantive-me atenta ao máximo na tarefa e, enquanto cortava a salsa em pedacinhos verdes úmidos, apenas tentava deixar que os ingredientes se conhecessem, do mesmo jeito que eu havia saboreado na sopa de cebola.

– O jantar está pronto – eu disse, depois de uma hora.

Meu pai entrou rapidamente, espreguiçando-se. Minha mãe, depois de ficar dando voltas com seus olhos cansados, pôs a mesa. Os ombros pesados. Pus um prato com queijo parmesão ralado no meio da mesa e servi a todos com um prato de espaguete com molho marinara. Papai passou as mãos nos meus cabelos como se eu fosse uma criancinha. Mamãe abriu uma garrafa de vinho. Eles pegaram os garfos, enfiando-os nos pratos e comendo em silêncio. Fiquei observando-os comendo por alguns minutos, até que minha mãe me perguntou se

eu não iria comer com eles. Senti a estreiteza da passagem e peguei meu garfo, enrolando a massa nele. A primeira refeição completa feita por mim. Minha mão tremendo um pouco ao comê-la.

O molho estava bom, simples e espesso. Tristeza, raiva, tanques, buracos, esperança, culpa, fúria. Nostalgia, como flores apodrecendo. Uma fábrica fria.

Enxuguei os olhos com o guardanapo.

– Tudo vai ficar bem – disse papai, dando um tapinha na minha mão.

* * *

Durante a refeição, minha mãe levantou os olhos. Seus olhos estavam úmidos.

– Você preparou isso?

– Sim.

– Está bom, Rose – disse ela. – Perfeito. Onde você aprendeu a cozinhar?

– Em nenhum lugar. Não sei. Vendo você?

– Você tem praticado?

– Não.

Os dois serviram-se novamente. Comi apenas quatro colheres.

Meu pai limpou o prato, lavando-o, e saiu da cozinha.

Minha mãe ficou à mesa. Ondas de preocupação com Joseph se quebravam sobre ela, que passava os dedos abaixo dos olhos.

Ficamos sentadas juntas por um tempo, em nossos lugares. Tentei me acalmar depois daquelas garfadas. Eu mal compreendia a maior parte delas.

Quando mamãe se levantou, se movendo mais lentamente do que o normal, lavamos as louças juntas, lavando os restos avermelhados do molho, depois de colocar as sobras em potes. Dei uma olhada nos ingredientes listados na caixa da massa para ver de qual fábrica eu sentira o sabor, mas nada parecia fazer sentido.

Mamãe terminou de limpar e secar os talheres. O detergente com perfume de lavanda, um roxo puro e claro. Lá fora, pela janela da cozinha, a luz se acendeu quando um vizinho passou pela calçada segurando uma coleira.

Ela apertou a esponja para secá-la e a colocou num suporte de alumínio entre as laterais da pia. Parecia que ela tinha esquecido que eu estava ali.

– Onde você está? – sussurrou ela para a janela e a noite.

Morei na casa dos meus pais durante todos os anos de faculdade. Mas fui para a faculdade. Trabalhei primeiro como tutora para crianças do primário e depois como assistente administrativa numa agência de publicidade que produzia comerciais para a TV a cabo. Todas aquelas pessoas sorrindo a que meu pai e eu assistíamos sentados juntos pagavam minhas contas.

Enquanto Eliza, Eddie e Sherrie passeavam pelos dormitórios e cantinas das faculdades, eu tirava os cartazes com estrelas de cinema da parede do quarto e os substituí por paisagens e gravuras. Coloquei o banquinho desbotado do casamento no armário e encaixotei minhas bonecas e livros da escola, levando-os para a garagem. De qualquer forma, foi provavelmente melhor para mim viver uma vida mais simples e evitar completamente o drama das cantinas dos dormitórios, mas a verdade é que fiquei em casa principalmente porque Joseph tinha desaparecido.

Depois da minha visita ao seu apartamento, ele voltou uma vez. Minha mãe ia lá todos os dias, várias vezes por dia, e na sexta à tarde o encontrou caído de novo no chão do quarto, com as pernas e braços abertos como uma estrela-do-mar.

– Ele voltou! – gritou ela para nós ao telefone, do apartamento. – Ele está vivo!

Ela se sentou ao lado dele no hospital, beijando-lhe as mãos, aliviada, e meu pai meneou a cabeça como se soubesse que ele voltaria o tempo todo. Mais telefonemas foram feitos e cornetas foram tocadas, mas eu não me senti nada aliviada. Os médicos vieram e fizeram exames, e meu pai chamou especialistas e pediu favores, mas, assim que Joseph foi liberado, ele permaneceu no apartamento somente durante alguns dias. Assim que pôde ficar sozinho, desapareceu novamente e não voltou. Não houve nem tempo para decidir se ele poderia ficar em Bedford sozinho – ele esteve no apartamento durante algumas horas para pegar os livros da escola e mamãe foi até o mercadinho para comprar comida para o jantar, e foi isso. Para mim, não foi uma surpresa; o ato de vê-lo lá, mudado, foi o bastante para apontar para o futuro inevitável. Se ele voltou ou não uma, duas ou três vezes além dessa, ele já tinha planos de ir embora novamente, e o que eu vi naquele dia foi certamente um prenúncio. O momento de maior luzidez da minha vida.

Quando ele voltou, pálido, exausto, mais magro e desidratado do que nunca, recusando-se a comentar, fui uma vez ao hospital visitá-lo, e aquela foi a última vez que eu o vi.

...

Minha mãe ainda ia ao apartamento todos os dias, a caminho do estúdio de marcenaria. Para verificar.

– Ele adorava o apartamento – dizia ela, pagando o aluguel e beijando o envelope antes de colocá-lo no correio. – Ele vai voltar para lá – dizia ela, quando passava pelo prédio.

Mamãe mantinha o aluguel mesmo quando as colunas e linhas do livro-caixa vermelho lhe aconselhavam o contrário. Depois de seis meses, meu pai tentou convencê-la de que Joseph sabia onde vivíamos – em Willoughby – e que ele voltaria à sua casa original primeiro, mas ela fez uma cara feia quando ele

começou a falar sobre isso e saiu para o quarto. Às vezes, no meio de uma conversa sobre Joseph, ela saía de onde estava e depois da casa e nós ficávamos ouvindo o carro se afastando. Nunca a vi pegar as chaves. Acho que ela as deixava na ignição, balançando, como uma fuga.

Nas noites que ela estava em casa, na sala de TV, aconchegada perto do meu pai e daquele livro-caixa vermelho, cores mudas da TV criando formas vítreas no carpete, ele sussurrava no seu ouvido algo sobre investir o dinheiro do aluguel para o futuro, para quando Joseph voltasse e precisasse das suas economias.

– Ainda não – dizia ela, ajeitando-se na cadeira. – Sinto que ele vai voltar em breve e vai querer aquele lugar. Tive essa impressão hoje, ao voltar para casa.

E passava os dedos pelos números entalhados na caneta, como se pudesse descobrir neles um código que lhe dissesse onde procurar.

* * *

Foi o dono do imóvel que finalmente disse não; ele queria reformar o apartamento e, quando descobriu que ninguém estava vivendo no apartamento quatro de Bedford Gardens, ligou para minha mãe, irritado. Ela inventou uma história sobre Joseph estar frequentando um curso de Antropologia em outra região do país, mas que ele adorava o apartamento quando estava em Los Angeles, e que seria melhor ter um inquilino ausente. O dono do imóvel, desconfiado de que ela estava sublocando o apartamento, pediu que ela saísse do lugar. Assim, numa segunda-feira fria, tirei a manhã de folga do trabalho e, com minha mãe, carreguei todas as coisas do apartamento de Joseph para a mesma caminhonete Ford verde que ela havia pegado emprestada da madeireira anos antes. Não tinha muita coisa. Lá dentro, o apartamento parecia exatamente do mesmo jeito que eu o vira pela última vez – até mesmo o cheiro de amido pairando na cozinha.

Eu me senti incomodada de estar ali, por isso mantive os olhos nas coisas dele, andando pelos cantos como um guarda-costas, e em cada cômodo minha mãe chorava. Ela ficou na janela do quarto dele, segurando-se na parede, como uma pintura para os vizinhos, que talvez levantassem os olhos de seus mundos. Ela ficou olhando para o armário do quarto durante algum tempo, como se estivesse tentando descobrir o alçapão secreto que ele construíra na parede e que conduziria a um esconderijo no interior do prédio. Como se Joseph fosse o rei de alguma cidadela subterrânea e governasse todas as toupeiras e os ratos.

– Sonhei com isso ontem à noite – ela me disse, enquanto fechávamos a porta e descíamos as escadas em direção à caminhonete.

Ela guardou a chave reserva no bolso e descemos. Para o ar frio e limpo. Já lá embaixo, coloquei a cadeira e a mesa dobráveis na cabine da caminhonete, atrás dos assentos, para que elas não fossem jogadas para fora nem caíssem numa curva fechada demais.

– Sonhei que ele estava surfando na Austrália – disse ela, sentando-se ao volante e ligando o carro. Seu perfil era calmo, um pouco cansado, com apenas algumas rugas finas no canto da boca. Ela me encarou. – É ridículo?

Puxei a antiga tigela de salada de bambu da vovó para o meu colo. Minha

outra mão atrás do assento segurava tudo.

– Aposto que ele gostaria. Ouvi dizer que se pode ver milhões de estrelas lá – eu disse.

Ela saiu do estacionamento e dirigiu por um tempo. Foi bom sair. Enquanto ela dirigia pela Sunset, eu descobria a complexidade da tigela de bambu, que estava rachada num dos lados e tinha uma saliência na borda. As caixas deslizavam na caçamba da caminhonete, para frente e para trás.

No sinal vermelho perto da Western, mamãe se virou para mim. Seu rosto tinha uma expressão cansada.

– Rose. Ouça. Nunca terminamos aquela discussão. Quero que você saiba. Vou cortar relações com ele se você quiser.

– Com Joseph? – perguntei, batendo na tigela e dando uma risadinha.

Ela franziu a testa, confusa.

– Foi horrível descobrir que você sabia de tudo. Tentei ser tão discreta...

– Você é muito discreta.

Ela abaixou a cabeça. Mais lágrimas caíram dos cantos dos olhos e transbordaram pela lateral dos óculos de sol.

– Você realmente não acha que seu irmão fugiu por causa disso? – perguntou ela. – Não consigo parar de pensar nisso. Você descobriu, talvez ele também tenha descoberto...

Passei meu dedo pela rachadura na tigela de bambu.

– Mamãe – eu disse. – Não é uma coisa nova para mim. Sei disso desde os doze anos.

Ela me olhou assustada.

– Doze?

– Doze.

Ela contava em voz alta, números que eu não compreendia.

– Mas foi naquele ano que tudo começou – disse ela.

Bati na tigela, concordando.

– Alguém lhe contou?

– Não.

– Você ouviu alguma coisa?

– Não. Foi só um bom palpite.

O sinal abriu.

– Você sempre foi assim, desde criança – disse ela, pensativa. – Você vinha me abraçar exatamente quando eu precisava de um abraço. Como mágica.

– Mamãe...

– Eu amo seu pai...

– Mamãe, está tudo bem.

Os carros atrás de nós buzinaaram. Ela tocou meu rosto, minha orelha, meus cabelos.

– Anda! – gritou alguém num carro.

Ela andou. Um motorista passou correndo e nos fez um sinal com o dedo.

– Vá se danar, babaca – eu disse.

– Que filha eu tenho – disse ela, dirigindo. – Olhe só para *você*. Que filha incrível e linda.

Mantive meus olhos na estrada. Mãos na tigela. Era conveniente que minha sobrevivência se destacasse como algo majestoso.

– Não foi mágica. Você sempre parecia estar precisando de um abraço. Ah, mamãe... Lembra quando você disse que o Joseph lhe mostraria o caminho? Ainda bebê?

Ela segurou o volante com força.

– Sim – disse ela, com a voz trêmula.

– Ele lhe mostra?

Ela limpou o rosto.

– O que você quer dizer? Quem?

– Larry – eu disse.

– Larry – repetiu ela, como que estranhando a situação, já que seu nome era algo novo entre nós.

Olhei pela janela, esperando. Lojas de conveniência, restaurantes e lojas de instrumentos musicais passando.

– Não como o seu irmão – disse ela, baixinho. – Mas ele tem sido muito importante.

– Que bom.

– Ele é um bom homem.

– Não quero saber de detalhes. Mas que bom.

– Sei que é errado – disse ela, tornando a se desesperar, os ombros tensos. – Sei que deveria abandoná-lo...

– Ninguém quer que você o abandone.

* * *

Em casa, descarregamos as coisas no jardim. Umas poucas caixas de roupas e livros. Os móveis que restavam. A tigela de salada e alguns talheres variados e pratos.

Ergui uma caixa.

– Onde coloco isto?

– No quarto dele, por favor – respondeu mamãe, suspirando.

Andei com dificuldade até a porta da frente, carregada. O quarto de Joseph era agora o refúgio de mamãe; ela dormia lá muitas noites, desde que disse que era uma maneira de se sentir perto dele, principalmente quando estava sentindo sua falta. Os armários estavam cheios de coisas dela: blusas, o roupão turquesa, joias sobre a escrivaninha, maquiagem no criado-mudo.

Entramos e saímos, empilhando as caixas encostadas à parede.

Mamãe gostava de olhar para os pôsteres dele e nas gavetas da escrivaninha, mas outra vantagem não declarada do quarto de Joseph era a porta lateral de carvalho que ela própria havia instalado tantos anos antes. Ela tinha sua própria chave, por isso mamãe podia entrar e sair quando quisesse, e como ela ainda dormia lá, eu nunca mais soube quantas noites ela passava em casa. Se meu pai estava incomodado com seu novo nível de independência, não disse nada sobre o assunto. Eles estavam se tratando melhor do que nunca, conversando em voz baixa, sentando-se perto um do outro no sofá, mas mesmo assim eu geralmente acordava pela manhã para descobri-lo agachado, deixando uma bandeja com uma xícara de chá na porta do quarto de Joseph.

Meu pai ainda parecia surpreendentemente ignorar tudo o que estava acontecendo, mas, com base nas comidas que provei, ocorreu-me que, por dentro, minha mãe era como uma espécie de hospital, e meu pai passava por ela com o mesmo cuidado com que passava pelos grandes hospitais espalhados pela cidade.

Ele e eu não havíamos mais conversado sobre para onde meu irmão talvez tivesse ido. Nenhuma teoria sobre janelas e investigação. Nenhuma garantia juvenil de que tínhamos todos superado nossas preocupações. Ele começou a correr para dar um propósito àqueles pés incansáveis e, às vezes, algumas horas depois do jantar, eu ficava na porta da frente e via meu pai dando voltas pela vizinhança na escuridão, com sua velha camiseta da Caltech e calção. Quando ele apertava o passo, ensopado de suor, no brilho amarelado da luz da varanda eu podia ver uma vermelhidão em seus olhos que era mais profunda do que a do rosto. Ele mantinha uma toalha do lado de fora, no canteiro de flores, com a qual enxugava o rosto, e ajeitava o cabelo antes de entrar em casa.

* * *

Depois de descarregarmos tudo, com a caminhonete vazia, mamãe me puxou para perto e me beijou no rosto, me inundando de obrigadas, tanto e com tanta ênfase que só me parecia uma prova de que Larry era mesmo necessário.

Fui trabalhar. Ela devolveu a caminhonete para a marcenaria. Durante semanas as caixas de Joseph ficaram exatamente onde as havíamos colocado, encostadas na parede do seu quarto. Mamãe disse que não suportava olhar dentro delas, por isso, durante várias tardes, nos dias mais compridos do verão, eu finalmente desembalei tudo. Quando descobria roupas, eu as lavava, dobrando-as e colocando-as nas gavetas vazias; guardei os livros nas estantes e a panela que ele usava para cozinhar macarrão instantâneo se juntou a todas as outras panelas dentro do armário da cozinha. Algumas das coisas da vovó – a tigela de salada, o abajur móvel – eu devolvi à garagem, de onde elas saíram. Joguei fora alimentos velhos, como arroz e macarrão. Deixei as cadeiras Morehead e a mesa encostadas na parede do armário embutido e temi pelo dia em que meu pai ou minha mãe tivessem um ataque espontâneo de tristeza ou horror e chamassem a Cruz Vermelha para doar tudo.

– Avisem-me – eu disse, tirando a poeira das minhas mãos – quando vocês quiserem doar alguma coisa. – Apenas me avisem.

– Não vou doar nada – disse minha mãe.

* * *

Por causa de tudo isso – todas as coisas indo e vindo pela casa, toda a arrumação do quarto, toda a discussão no carro e todas as noites de corrida – não era uma boa hora para que a única filha deles saísse de casa. Precisávamos estar no mesmo lugar, como uma espécie de porto seguro ou um fingimento de permanência. E se meu pai não fazia a chamada à mesa do jantar, marcando um quadradinho para minha mãe e outro para mim, era só porque ele achava que isso o faria parecer como se não soubesse contar.

– Todos aqui! – dizia ele sempre, enquanto passávamos os pratos um para o outro.

36 Pouco depois do último desaparecimento de Joseph, George empacou suas próprias coisas e dirigiu por quase cinco mil quilômetros por vales e montanhas em seu ruidoso Fusca até Boston. Ele estava começando seu mestrado no MIT, e nos primeiros meses ligou ao menos uma vez por semana.

– Alguma novidade? – sempre perguntava ele, e eu sempre lhe respondia que não, nenhuma novidade.

Nós então nos despedíamos, dizíamos tchau, boa noite e a gente se fala.

Depois que o verão se transformou em outono, depois de ficar sabendo da enorme quantidade de trabalhos e do tempo que teria de passar no laboratório, em meio ao barulho de coisas sendo remexidas em sua escrivaninha e até mesmo, certa vez, com um despertador tocando, afundei-me ao lado da base do telefone na cozinha e disse que estávamos bem, tudo estava bem, para o caso de ele estar apenas ligando por obrigação.

Ele parou de mexer nas coisas.

– O que você está querendo dizer? Eu ligo porque quero.

Construí uma torre com várias listas telefônicas amarelas.

– Quero dizer que você não precisa ter pena de mim – eu disse, alinhando os cantos de todas as listas telefônicas. – Isso é nojento. Você me ajudou muito naquele dia. Obrigada.

– Rose – disse ele. Sua voz tinha um quê de irritação e os barulhos ao fundo diminuíram enquanto ele se sentava numa cadeira. – Não tenho pena de você, de jeito nenhum. Do que é que você está falando?

Lá fora, os vizinhos ligavam a irrigação do fim da tarde. Eles estavam tentando cultivar a muda de um abacateiro.

– Por favor, George. Nunca esperei nada além daquela única vez.

Ping, ping, contra as janelas laterais.

– Por que não? – ele perguntou depois de um tempo.

– Por que não o quê?

– Por que não esperou nada além daquela única vez?

As gotas d'água escorriam pelas janelas. Não havia ninguém em casa ainda. Eu podia imaginá-lo sentado na cadeira, ouvindo. Com sua expressão concentrada de ouvinte. Com as folhas de outubro recém-avermelhadas lá fora. O fundamental no nosso beijo, para mim, foi seu caráter único, que notei para mim mesma enquanto ele estava acontecendo: beijar George foi como chupar uma bala de caramelo depois de passar anos vivendo apenas de macarrão de arroz.

– Estou falando sério – eu disse, bem baixinho. – Certo?

– Bem – disse ele, mais alto –, foi importante para mim. Certo? Não foi só um beijo.

– Não. – Puxei a pilha de listas telefônicas para o meu colo. – Para mim também. Não quis dizer isso...

– Quero dizer, estou aqui. Você está aí. Você deveria viver a sua vida. Eu tenho a minha vida. Isso é inteligente. Mas você é a *Rose*. Entende?

Apoei meu rosto na lista telefônica do alto da pilha. Cinco e meia. A água pingando. Meus pais daqui a pouco em casa. Eu nunca me sentira tão mal em ter uma conversa dessas na casa deles, a uma hora de preparar o jantar para minha

mãe.

– George – eu disse, com toda a calma do mundo.

Pelo telefone, sua respiração se aquietou. Durante alguns minutos ficamos apenas ali na linha, juntos. Ele, imóvel. Eu olhava para os vários livros de culinária do outro lado da cozinha e, em imaginação, movia o livro de receitas com o dedo para cima do livro verde de massas.

– Hei – eu disse. – Então. Comi meu próprio espaguete. – Dei uma risadinha. – Primeira vez que comi algo que eu mesma preparei.

– E?

– Um grande letreiro de neon aqui – eu disse. – Com letras alaranjadas. Dizendo que não estou pronta para o George.

– Não.

– Quase.

– Foi a primeira vez que você comeu algo feito por você em todos esses anos?

– Primeira vez.

– E?

– Tem gosto de fábrica – eu disse, cuspidando a palavra.

– De onde?

– Não sei.

– Você quer dizer a fábrica que fez a massa?

– Acho que não – eu disse, arrumando mentalmente os livros deitados da estante de cima de volta na vertical.

– Ah – disse ele, e sua voz se prolongou como se ele estivesse levantando. – Bem, então descubra. Não liguei para conversar com uma fábrica. Já faço isso o suficiente com o cara do atendimento telefônico eletrônico.

Os livros maiores nas laterais e os menores no meio. Livros largos na horizontal e livros grossos de pé.

– Odeio o cara do atendimento telefônico eletrônico – disse ele. – *Does*. É assim que ele diz dois. *Do-es*.

– Você vai sair?

– Acho que sim. Uma festa de alunos.

Os livros em ordem de tamanho, do maior para o menor.

– Certo. Obrigada. Bom falar com você. Boa noite.

Ele resmungou.

– Pena de você. Ridículo.

Quando desligamos, fiquei sentada na cadeira por um tempo, com as listas telefônicas no colo. Papel pesado. Toda a urgência de arrumar os livros de culinária se dissipou. Aquela arrumação me parecera extremamente importante durante a ligação, algo que eu estava me lembrando de fazer assim que desligássemos, mas agora, com o telefone na base, a necessidade sumiu. Era bom ficar sentada. Algo como estar presa à cadeira por todas aquelas páginas e páginas de números de telefones.

37 No ano do desaparecimento do meu irmão, soube muito bem o que n podia fazer. Eu não podia suportar a faculdade, a dor acumulada na fila do bandeirão. Também não podia ainda sair de casa. Não podia comprar uma passagem de avião para visitar George e andar ao seu lado, de mãos dadas, contra um cenário ao fundo de bordos amarelados. Não podia.

E havia coisas que eu podia fazer, coisas menores, e assim, sozinha, decidi que era hora de conhecer vários cozinheiros do Condado de Los Angeles e encontrar alguns bons pratos dessa forma. Eu comeria fora sempre que pudesse. Isso era quase tudo o que eu podia fazer, e foi a única coisa importante que eu descobri que podia fazer enquanto vivia em casa. Havia muitas coisas no que pensar e em algumas pessoas era preciso pensar com calma.

Para além de todo o resto, foi surpreendente aquele domingo depois que Joseph desapareceu, quando fiz o espaguete para o jantar com meus pais e o comi. Havia muita coisa para avaliar de imediato, mas fiquei com duas interessantes e incômodas impressões iniciais. Uma foi a nostalgia doce-enojoativa, na forma de fúria, uma ansiedade por um tempo anterior e mais doce, que deixava na boca um quê de adoçante cancerígeno. E a segunda foi aquela fábrica.

Sentir o sabor de uma fábrica não era nada demais, eu sentia o sabor delas o tempo todo. Eu as conhecia pelo nome e, em geral, até pelo endereço. Mas eu achava que conhecia todas as fábricas dos Estados Unidos, e o surgimento de uma nova naquele prato me surpreendeu, e muito.

No dia seguinte ao jantar, enquanto minha mãe ia e voltava do apartamento de Joseph, consultando a polícia sobre se deveria registrar uma ocorrência, enquanto meu pai se sentava no sofá e insistia em voz alta, durante os comerciais, que tudo ficaria bem-bem-bem, fui até o armário da cozinha e olhei em todas as caixas de massa. Feitas em Ames, Iowa ou Fara San Martino, na Itália. Eu conhecia tão bem aqueles lugares – podia evocá-los de imediato em qualquer prato de restaurante – no rigatoni, no macarrão ou nas fatias de lasanha. Reli os ingredientes no pedaço de parmesão, todos frescos, e fui até o supermercado e perguntei no serviço de atendimento ao consumidor onde eles compravam o alho e a cebola. Passei uma hora nos fundos do mercado, que cheirava a verduras podres e a papelão, procurando essa informação nos recibos dos fornecedores com a ajuda da funcionária do serviço de atendimento ao consumidor. Ela me disse que o que mais queria era cantar ópera.

Em casa, preparei o mesmo prato novamente. Meus pais o comeram felizes. Minha mãe bebeu seu vinho e me explicou como a cooperativa a estava ajudando, e eu fingi comer com eles batendo com meu garfo no prato e bebendo minha água e reservando um prato para comer mais tarde. Depois que meus pais saíram para suas camas e já estavam dormindo, esquentei as sobras no fogão. Sentei-me à mesa, sozinha.

A mesma fábrica desconhecida novamente. Em som alto e claro na comida. Um toque de máquina que eu não podia identificar. Com uma voz de menina querendo voltar para um tempo com menos informações. “Volte”, dizia a menininha. E nada dizia a fábrica. Recuperei-me e me sentei à mesa novamente com uma colherada de molho, tentando avançar o mais devagar

possível por todas as camadas de informações, a um ponto tal que eu achava que praticamente estava sentindo o fazendeiro se abaixando para colher os tomates na Itália. Eu estava quase ouvindo os sinos das igrejas tocando nos vilarejos de San Marzano, mas os sabores da nostalgia doce demais e da fábrica fria continuavam presentes num zumbido metálico, e nenhum dos dois combinava com qualquer fábrica que eu conhecia em meu depósito de sabores de fábricas, o que parecia apenas indicar que aqueles sabores tivessem vindo da cozinha.

Foi como ver aquela foto e não reconhecer meu próprio rosto. Foi como erguer as calças do meu irmão e ver as pernas da cadeira.

E eu não gostava daquele sabor também.

* * *

Então talvez não tenha sido algo tão marcante quanto um letreiro de neon me dizendo que eu não estava pronta para o George, mas quase.

Enquanto Eliza frequentava a faculdade exatamente como eu imaginara, com festas de bebedeiras, virgindades perdidas e conversas cheias de lágrimas na madrugada com a colega de quarto e atualizações cada vez mais raras à medida que os meses e anos passavam, eu levava meus dias trabalhando no escritório, arquivando e fazendo cópias para outras pessoas, e durante o almoço eu vasculhava pelas ruas e consultava as pilhas de listas telefônicas para experimentar algo novo.

Comecei no nosso bairro, comprando um burrito de pastrami no Oki Dog, um x-salada de luxo no Astro Burger, uma sopa de matzo no Greenblatt e alguns rolinhos primavera gordurosos no Formosa. Em parte, engraçado, rígido, sonolento e furioso. Pessoas. Depois segui fazendo círculos concêntricos cada vez mais amplos, chegando primeiro ao Canter's e Pink's, depois avançando ainda mais, tofu no Yabu, *mole* no Alegria e sugok no Marouch; a salada de milho-verde no Casbah, em Silver Lake, os hambúrgueres ao forno no Pico e o húmus com bastante alho no Carousel, em Glendale. Comi uma variedade enorme de pratos e sentimentos. Descobri muitas comidas boas – famílias que viajaram muito e cujos pratos eram marcados pelas provações da jornada. Um café iraniano perto da Ohio com a Westwood tinha uma tristeza tão exuberante na perna de cordeiro que eu podia comê-lo todo sem fazer qualquer um dos meus truques – canto da boca, análise dos ingredientes, mastigação rápida e engolir. Estar lá era como um bom choro, o ar mais claro depois de tirar um peso dos ombros. Perguntei ao garçom se eu podia parabenizar o *chefe* ele me levou até os fundos do restaurante, onde uma mulher de aparência bem comum, com cabelos grisalhos num corte prático, que jogava cebolas translúcidas numa frigideira, me cumprimentou com um aperto de mão. Seu rosto era sério, ligeiramente suado pelo calor da cozinha.

– Que bom que você gostou – disse ela, adicionando um pouquinho de açafrão à frigideira. – É uma velha receita de família.

Não havia tremor na sua voz e nem lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

Fiz uma pequena mesura. Não sabia ao certo o que dizer.

– Muito obrigada novamente – eu disse.

Um dos restaurantes sombrios na rua Hill, em Chinatown, expressava sua

raiva com fervor, e eu comia *bao* após *bao* e saía daquele restaurante fortalecida e energizada. Um lugar etíope na Fairfax, perto da Olympic, me fazia rir, como se o *chef* tivesse uma piada que só ele e a comida entendessem, uma piada que tinha algo a ver com trens e calvice. Eu não entendia a piada, mas a garçonete continuava repondo minha água e me perguntando se eu estava bem.

– Estou bem – eu lhe disse, segurando meu esponjoso pão injera coberto por lentilhas vermelhas. – É tão engraçado!

Ela revirou os olhos e trouxe a conta antes que eu a pedisse.

Meu restaurante preferido ainda era o da Vermont, o café francês La Lyonnaise, aquele que me servira a melhor sopa de cebolas naquela noite com George e meu pai. Os dois proprietários migraram da França, de Lyon, antes que a cidade prosperasse como uma irmã gastronômica de Paris. Lá dentro, poucas mesas, os garçons serviam tudo errado, havia uma classificação B na janela e eles geralmente me faziam sentar perto da porta giratória da cozinha, mas eu não me importava com nada disso.

Lá, eu normalmente pedia uma dessas opções: frango Dijon, bife Bourguignon, uma salada verde simples ou um sanduíche de patê. Quando a comida chegava, eu mergulhava no que quer que fosse. Eu me demorava numa garfada de espinafre gratinado como acompanhamento, analisando como a *chef* havia claramente se concentrado em equilibrar o espinafre e o queijo, como se estivesse conduzindo um encontro entre os dois, como um cupido que soubesse que ambos acabariam logo apaixonados. Claro que havia distrações e preocupações menores em todas as coisas, mas eu podia sentir o sabor da comida lá, a comida era o centro e a pessoa que a preparava estava tão ligada a ela que eu podia realmente saboreá-la. Eu comia lentamente. A atmosfera ao meu redor me enchia de propósito. Era uma flor no caminho de George, e uma porta giratória na cozinha não significava nada. Eu o frequentava ao menos uma vez por semana, às vezes mais. E, como minhas refeições estavam, em geral, marcadas por jantares tristes e silenciosos com meus pais, os almoços ou os jantares no café eram como uma espécie de fuga do mundo. De algum modo fazia sentido que aquele lugar tenha chamado minha atenção pela primeira vez na noite em que Joseph desapareceu – eu estava sentada diante de George, depois reorganizando o quarto com ele, antes usando o paletó do meu pai sobre os ombros, tremendo, tentando entender o que eu vira. Os garçons me reconheciam às sextas, quando eu chegava às seis, e aos domingos, quando eu ia ao café para almoçar, enquanto eles serviam taças de vinho para os clientes da degustação que se reuniam no balcão dos fundos, sob o candelabro dourado.

Eu comprava poucas roupas novas e nenhum aparelho tecnológico, e não pagava aluguel, por isso gastava todo o dinheiro que ganhava comendo. Eu me permitia a extravagância de sair de um restaurante se eu não conseguia suportar nada no meu prato, e repetia o gesto do meu pai de pedir uma embalagem para viagem, com um garfo e uma faca de plástico, que entregava do lado de fora para algum mendigo que não podia se dar ao luxo de ter o mesmo problema que eu.

Certa tarde, depois de um frango assado especialmente delicioso, pagamos a conta e fiquei passeando do lado de fora do La Lyonnaise, caminhando em direção à porta da cozinha do restaurante, uma entrada dos fundos que se abria para uma ruazinha que abrigava uma lixeira marrom e uma família de pombos. Eu havia tirado o dia de folga. Minha mãe havia recentemente se tornado copresidente do estúdio de marcenaria e estava ocupada transportando as gigantescas caixas de ferramentas para um novo prédio perto da Beverly e do centro da cidade. Papai no trabalho. Ele estava tão envolvido com as corridas que se juntara a um grupo chamado Corredores Noturnos que só corriam à noite para evitar os excessivos escapamentos dos carros. Ele treinava todas as noites em casa.

Nos fundos do restaurante eu não queria bater na porta, só estava a fim de me sentir mais íntima dele. Mas, depois de mais ou menos dez minutos, uma velhinha de cabelos curtos pintados de preto abriu a porta, segurando um saco branco de lixo. Ela saiu do restaurante e pisou cuidadosamente no asfalto, usando sandálias finas e rosas. Jogou o lixo na lixeira. Seu rosto parecia um pouco enrugado e cansado, mas seus olhos eram novos. Ela parou ao me ver.

– Olá – disse ela. – Entrega?

– Não. Desculpe. Sou apenas uma cliente feliz.

– Ah – disse ela, apontando. – A entrada é por ali.

Fiz que sim.

– Sim, sim – eu disse. – Eu sei.

Ela voltou pela ruazinha e entrou pela porta da cozinha. Pombos gargarejavam atrás de mim. Ela parecia uma senhora comum vivendo no mundo – não parecia especialmente interessada nele, entusiasmada ou empolgada. Mas aquele frango, marinado no tomilho e na manteiga – eu nunca havia comido um frango com tanto apetite pelo carinho, um sabor que apenas sutilmente eu podia identificar com o sabor de frango. De algum modo, nas mãos dela a comida era reconhecível. O espinafre se tornava espinafre – com o cuidado de um bom fazendeiro, sal, o calor e sua atenção, ele parecia relaxar em suas próprias camadas e no seu volume. Alho apoderado de sua própria e animada natureza. Tomates que tinham tanto sabor quanto um bife.

À porta, ela ficou por mais um instante, olhando para o lado, e parecia estar observando a palmeira na casa do outro lado da rua, que balançava um pouco.

– A senhora é a madame Dupont? – perguntei, pensando nas letrinhas caprichadas na parte de baixo do cardápio, com seu nome e o de *monsieur* Dupont como proprietários e cochefes.

Ela piscou.

– Sim.

– Adoro sua comida. Você faz com que o espinafre tenha gosto de espinafre – disse, gaguejando, envergonhada. – Desculpe. Eu poderia falar sem parar. Mas não sei ao certo o que dizer.

– O que você disse está bom. Obrigada. – Ela ficou mexendo na maçaneta.

– Por que você está aqui nesta ruazinha?

Olhei em volta. Os pombos vasculhavam o lixo.

– Será que eu poderia trabalhar aí, de algum modo? Nos fins de semana?

Ela ergueu a cabeça como se para me ouvir melhor. Tirou um pouco da sujeira do degrau com a sandália.

– Como garçonzete? – perguntou ela. – Candidatos preenchem uma ficha.

Fiz que não.

– Não. Não assim. Pela porta dos fundos – eu disse. – Pela comida.

Sherrie apareceu em minha mente, a Sherrie de anos atrás, que me falaram que fora cantar velhas músicas em bares de San Francisco.

– Bem, acho que você poderia tirar o lixo – disse ela, voltando para a cozinha e trazendo outro saco branco cheio.

– Tudo bem – eu disse, dando um passo à frente.

– Tudo bem? – perguntou a madame. Ela me entregou o lixo. Acariciou seu próprio rosto. – Nós precisamos mesmo de alguém para lavar a louça aos domingos e quartas-feiras. Nosso empregado acabou de conseguir um trabalho num filme, interpretando alguém que lava louças.

– Por favor. – Fui até a lixeira e joguei o saco de lixo. – Eu adoraria.

– Você adora lavar louça?

Limpei as mãos.

– Eu adoraria lavar louça aqui – disse. – Vou adorar.

39 Vovó morreu. Em Washington. Ela entrou sozinha no hospital, já preparada. Para sua última entrega, deu uma encomenda com postagem prioritária para a enfermeira-chefe com instruções cuidadosas e nosso endereço escrito com caneta preta.

Para o hospital ela levou uma mala que continha sua camisola, pílulas e sandálias azuis-claras. Ela morreu aos noventa e um anos. Mamãe viajou para o funeral, decidiu que as cinzas deveriam ficar em Washington e chegou em casa quase junto com o pacote: sandálias azuis-claras, um frasco vazio de pílulas e uma caixa de teca com imagens de elefantes, dentro da qual havia montinhos de cinza.

Mamãe passou os dedos pelos semicírculos nos pés do elefante.

– Ela escolheu a caixa? – murmurou. – Eu fiz esta caixa.

Mamãe virou a caixa e um pouco das cinzas caíram pela borda e se espalharam pelo carpete. Era verdade, na base havia LME gravado num cantinho. Foi o mais perto que me senti de minha avó, dando um abraço em minha mãe.

* * *

Mamãe se mantinha muito ocupada no estúdio e ela não havia mencionado Larry para mim de novo. Ela fazia bancos, banquinhos e baús. Caixas, mesas, estantes. Ninguém podia tirar as farpas de suas mãos como Joseph fazia; por isso, quando mamãe vinha para casa com as mãos limpas, eu nunca soube se era o Larry quem estava fazendo isso ou se ela apenas começara a tomar mais cuidado ao trabalhar com tábuas de madeira. Nunca gostei de ver meu irmão tirar as farpas dos seus dedos, aninhado ao lado dela no sofá, lado a lado, mergulhando-os naquela tigela de água. Durante tantos anos eu observava os dois juntos e sempre sentia uma necessidade de ficar na sala de estar, como se eles precisassem de uma espécie de acompanhante. Mas enquanto eu cortava, assava, remexia e caminhava, elas flutuavam na minha mente, aquelas farpas, renovadas. Joseph nunca cortara uma madeira, mas ele era mais ligado às coisas do que eu imaginara e, ao tirar aquelas farpas das mãos dela, me parecia agora que era quase como se ele estivesse se desprendendo dela. Que ao mesmo tempo em que realizava um gesto muito íntimo de se concentrar ao extremo nos detalhes da palma da mão e dos dedos da nossa mãe, ele também estivesse removendo todos os vestígios de quaisquer sobras, e de repente um ritual que eu sempre considerara incestuoso e nojento me pareceu mais como um ato de desespero da parte de Joseph, para ir embora, para fugir e extrair os mínimos resquícios do passado, por menores que fossem, e trazê-los à tona.

Descobri a pinça de doze dólares com as pontas anguladas na estante do armário de remédios. Eu a limpei com água oxigenada para levá-la a uma loja de artigos de beleza, que também fazia serviços, na Melrose.

– Por acaso vocês precisam de uma pinça extra? – ofereci.

A mulher atrás do balcão me olhou com desconfiança, deu de ombros e a deixou cair na sua enorme caixa de maquiagem.

40 Enquanto meus colegas de escola passavam seus últimos anos na faculdade, eu trabalhava no meu tempo livre no restaurante e durante o dia no escritório de TV a cabo. Em meio às mudanças sutis das estações do ano em Los Angeles, numa variação de cinco graus para mais e para menos, continuei a visitar as cozinhas da cidade, de Artesia a Palisades. Meu antigo rival Eddie Oakley ligou por acaso numa noite de verão e nós saímos algumas vezes, finalmente transando nos lençóis azuis de seu dormitório na faculdade.

– Legal – disse ele, acariciando meu braço depois. – Volta completa.

Dormi em sua cama por meia hora, só para tentar imaginar como seria viver ali. Com os sons dos carros embaixo. Com todo mundo por perto com a mesma idade, correndo pelos corredores, pés apressados sobre o carpete manchado de cerveja.

Todos os domingos pela manhã e quartas-feiras à noite, eu aparecia no La Lyonnaise pontualmente, me postava diante da pia e lavava louça após louça após louça. Aparentemente eu era a lavadora mais feliz que eles já conheceram. Eu adorava o trabalho; eu me mantinha concentrada em limpar os pratos e as tigelas, absorvida pelos perfumes da cozinha, os montes de cebolas cortadas e os rolos abrindo a massa das sobremesas, perto de panelas ferventes e frigideiras zunindo, e era bom para mim apenas estar ali, gastando o máximo de tempo que eu podia.

Em casa, minha mãe já não acordava no meio da noite – possivelmente porque ela não estava em casa –, e se a luz da sala de estar era acesa às duas da manhã, era o meu pai, acordado e às vezes voltando de uma corrida noturna. Ele não bebia chá, mas se servia de um copo de água e depois se sentava na mesma poltrona de listras alaranjadas, o turbilhão das reflexões tardias familiares. Eu normalmente ouvia as páginas de algum livro grosso sendo viradas e a confusão muda do semissono. Eu me perguntava o que ele estava lendo.

George ainda ligava mais ou menos uma vez por mês. Primeiro ele disse que tinha uma nova namorada, que dizia ser realmente interessante; depois ela virou um relacionamento sério e George disse que ela queria muito me conhecer; e finalmente ele passou a chamá-la de noiva. Então, pelo correio, recebi o envelope do convite, manuscrito a nanquim. Enviei o cartãozinho retangular de confirmação com um desenho de uma carinha feliz ao lado do meu nome. Confirmado. Bife.

Um rapaz magrinho do escritório, Peter, me chamou para sair. Ele trabalhava no final do corredor, no departamento de *marketing*.

– O quê? – eu disse, quando ele perguntou.

Eu não o havia notado antes, com suas sobrancelhas espessas e castanhas e sua voz séria. Ele repetiu o convite e ficou esperando na minha mesa, contorcendo-se um pouco e coçando o queixo. Eu não tinha muita certeza de como reagir, e fábricas metálicas passaram de repente pela minha boca, incompreensíveis, mas eu mordi a parte de dentro da bochecha e lhe disse que sim.

Quando ele me perguntou o que eu gostava de comer, propus uma

caminhada.

– Uma caminhada? Ótimo.

Naquela mesma semana, depois do trabalho, saímos do escritório e subimos juntos pela Gower, cruzando a Fountain, até a Vine e a Franklin, passando por pontos turísticos de Hollywood, igrejas, prédios antigos, parques em miniatura. Em alguns momentos do trajeto, não tínhamos nada para dizer. Não foi uma surpresa; no trabalho, depois que passei a prestar atenção, me pareceu que ele nem sempre conseguia manter contato visual na arena social comum, e quando lhe perguntavam sobre si mesmo ele respondia falando da parte errada da pergunta sem nem perceber. Ele passou os primeiros dez minutos do nosso passeio explicando nervosamente a compra de um sapato para mim, e depois nós só andamos. Eu não me importava com os silêncios, era como se estivéssemos experimentando a ideia de ficarmos lado a lado. Olhávamos para a calçada, mas ele não me ridicularizou por morar com meus pais e por não frequentar uma faculdade, e quando me perguntou pelo que eu me interessava, eu não consegui lhe dar uma resposta simples, e ele concordou, dizendo que era uma pergunta muito mais complicada do que parecia. Na Franklin, tivemos uma boa conversa sobre avós engraçados. Entramos na recepção do Hotel Roosevelt e sentimos o perfume dos velhos pilares de pedra. Eu disse que seria bom vê-lo novamente. No fim, perto do meu carro, eu lhe estendi a mão para agradecê-lo e ele se inclinou desajeitadamente para me beijar. Seus braços me puxaram para perto e, por um segundo, meio segundo, toda a sua timidez desapareceu e ele me segurou com o que só podia ser considerado segurança. Depois nós dois gaguejamos um adeus e sumimos na esquina.

* * *

Na semana seguinte, no café Lyonnaise, lavando pratos e mais pratos e tirando deles resquícios da bela comida, terminei uma pilha enorme e sequei minhas mãos num pano de prato. Apoiei-me na porta da cozinha, espiando o salão principal do restaurante. No bar, as pessoas estavam degustando vinho, como sempre. Um homem tinha seu nariz dentro da taça e falava sobre o que chamava de “toque de couro” que sentira ao beber um Bordeaux. Fiquei ouvindo na porta. *Monsieur Dupont*, um homem baixinho com bigode branco, tornou a encher as taças.

– Sente o gosto de amora silvestre? – perguntou.

A mulher com saltos altos balançando do banquinho fez que sim.

– Amora silvestre – disse ela –, sim, sim.

41 Perdi todos os eventos prévios e voei para o casamento de George no de semana, num voo noturno, que chegaria bem a tempo da cerimônia, ao meio-dia. Antes da procissão, uma mulher que sabia a ordem das coisas me levou ao meu lugar correto e eu saí do lugar entre fileiras de pessoas bem-vestidas para me sentar com homens que eu não conhecia. Eram os novos amigos que George fizera desde a escola secundária, a maioria usando gravatas com desenhos engraçadinhos e ternos elegantes, e pousei os olhos nos arranjos de flores lilases e azuis enquanto a noiva, uma botânica ruiva de pulsos finos, entrava pelo corredor num vestido que ressaltava seu lado florido, seus movimentos tranquilos e naturais como o fluxo e refluxo das marés.

Todo o seu rosto repleto de alegria. George, mexendo as mãos, cutucando o dedo, quase deixou cair a aliança.

Aceito, aceite. Um beijo.

Pólen no ar enquanto os dois voltavam apressadamente pelo corredor.

No almoço, num jardim cheio de azaleias, sentei-me perto da vovó Malcolm, que insistia em ajeitar seu xale com franjas e em brindar com sua taça de vinho na minha. A banda começou a tocar. Ergui minha taça, comi meu bolinho de caranguejo e mantive os olhos no relógio para ter certeza de ir embora a tempo de pegar o voo noturno para casa.

Pouco antes da sobremesa, no passeio dos noivos pelas mesas, George se separou da mulher e correu até mim. Nós ainda não havíamos tido a chance de conversar por causa da confusão toda.

– Olhe só para você! – disse ele, puxando-me para me abraçar.

Fazia três anos. Ele parecia diferente de perto: mais arredondado, de um jeito bom. Como se a Costa Leste combinasse com ele, dando-lhe um pouco de forma e formalidade à frouxidão que era sua tendência natural. Seus olhos de aros finos eram mais ovais agora e ele usava um cinto como uma pessoa normal. George havia ganhado alguns quilos extras.

Eu lhe dei os parabéns pelo casamento e estendi a mão.

– Deixa disso – disse ele, me puxando para si. – Você me deve uma dança – disse ele, me levando para a pista.

O brilho dos lampiões diminuía para um alaranjado fosco, e as mesas ao redor irromperam em conversas e risos. Eu me segurei no ombro dele, rígida. O cantor se aproximou do microfone, cantando bem perto e, no meio da música, George me afastou um pouco e me olhou nos olhos.

– O quê? – perguntei.

– Lembra daquela confeitaria?

– Com o funcionário e seu sanduíche? Claro! Lembra quando você tinha papéis de parede com erros?

Ele sorriu para mim.

– Estou tão feliz por você estar aqui – disse ele, apertando meus ombros. – Você é tão importante! – Ele estendeu o braço para me fazer girar. – Ainda uma fábrica?

Hesitei, na ponta do seu braço. Só havia mencionado aquilo uma única vez.

– Estou melhorando – eu disse, girando de volta.

Ele cantarolou com o trompete e me segurou firme, e ele parecia tão

familiar e estranho, tão meu e de outra pessoa.

– Ei, lembra daquela vez que você entrou no quarto do Joe e me perguntou sobre a comida, sobre o que fazer com ela? – perguntou ele.

– Não me lembro do que você respondeu.

– Eu disse que você acabaria se acostumando.

Senti o perfume do ombro dele. *Smoking* novo, tecido perfeitamente passado, o mesmo e velho cheiro de sabonete de fruta.

– Você está perguntando se eu me acostumei?

– Não sei. Você se acostumou?

Nós dois rimos, sem jeito.

– Tenho um trabalho como lavadora de louças – eu disse, sentindo o calor das mãos dele contra as minhas. – Num lugar ótimo. Você o conhece. Lembra daquele lugar para onde fomos com meu pai na noite em que o Joseph desapareceu? O café francês, onde você comeu fritas?

– Você lava louças? – perguntou ele. – Por que você não está experimentando as comidas para eles?

– Eu só gosto de estar lá. Eles me dão comida de graça.

Ele se inclinou.

– Não há nada de errado em lavar pratos – disse ele, abaixando-se. – Só me parece o trabalho errado. Eles sabem?

Ele me puxou para cima e piscou para a esposa, que estava agora dançando com seu pai do outro lado da pista.

Observei enquanto ela lhe soprou um beijo.

– Sabem do quê?

Ele revirou os olhos.

– *Dãh*, vocês Edelman. Deixa disso. Não deveria ser um segredo isso o que você faz. Eu sei que o Joe estava trabalhando em alguma coisa, alguma coisa difícil – ele me mostrou algumas páginas certa vez, anos atrás, alguns gráficos que estava fazendo. Era um trabalho inacreditável. De verdade. Incrível. E agora onde é que está tudo isso?

Virei-me para encará-lo.

– Desculpe, desculpe. Não quis parecer insensível – disse ele.

– Não é insensível. É verdade.

– Quero dizer...

– George – eu disse, segurando-o firmemente pelos ombros. – Parabéns para você. De verdade.

A música caminhava para seu final e seus olhos se dividiram: uma parte derretida por mim, e ele me agradeceu – mas meu tempo estava quase esgotado e aquilo soou como o cumprimento de casamento comum –, e a maior parte dele ainda estava focada no meu irmão.

– Quero dizer, ele é tão inteligente quanto qualquer um destes caras aqui – disse ele, acenando com o braço pela pista.

Sua voz se encrespou, com raiva.

– Ele deveria estar aqui – disse George.

A banda concluiu as últimas notas da música. As mesas aplaudiram sem

entusiasmo. Alguém disse que era hora do bolo e George me beijou no rosto e apertou minha mão, me dando o máximo que podia naquele momento, até que o tempo e os acontecimentos o tiraram dali e ele voltou para sua esposa, que o recebeu de braços abertos, como se ele estivesse no mar há semanas.

Naquela noite, cheguei em casa tarde. Com uma certeza tranquila, porque agora George estava casado. Durante o voo de volta de várias horas fiquei na janela, ignorando o filme que passava e com a testa apoiada contra o vidro, observando o sol se pôr várias vezes sobre novos tufos de nuvens à medida que avançávamos para o oeste. Perdi o bolo, mas peguei um voo noturno para que pudesse chegar em casa a tempo de ir para o meu trabalho de lavar pratos no domingo pela manhã. Embora tenha sido importante ir ao casamento de George, no táxi, a caminho do aeroporto, senti o embrulho que tomara o lugar dos meus pulmões e que saía de mim como se arrancado à força.

Quando cheguei em casa já passava das onze. Lá dentro, descobri meu pai acordado, sentado na poltrona de listras alaranjadas no escuro, usando a camiseta amassada da Caltech e o calção de corrida. Ele segurava o copo d'água na mão, sem bebê-lo, o que só servia para refletir a sala de volta nele, cilindricamente.

– Onde está a mamãe?

– Dormindo – respondeu ele, acenando em direção ao quarto de Joseph.

– Você está bem?

Ele não respondeu, apenas me estendeu a mão como uma espécie de cumprimento de boas-vindas. Aproximei-me para apertá-la.

– Como foi o casamento?

– Bom.

– A garota é legal?

– Ela parece legal. Bonita.

Deixei minha mala no chão e me sentei no degrau da lareira de tijolinhos vermelhos. Em seu colo, papai havia aberto um dos velhos álbuns de fotografia – suas páginas pesadas correspondiam ao som que eu ultimamente ouvia do meu quarto. Aquilo me surpreendeu. Exceto pela história da venda de móveis usados, ele não costumava mergulhar no passado, e aquela descoberta do musical *Brigadoon* foi uma rara lembrança de que papai já fora mais jovem.

– O que você está vendo?

– Ah, só fotografias da família. Não estava conseguindo dormir.

Aproximei-me para ver melhor. Eu estava feliz por ele estar acordado. Ainda estava magoada com a viagem e não me sentia bem para ir para a cama, e através do brilho fraco da luz distante mal podíamos distinguir os quadradinhos em preto e branco das pessoas da infância do meu pai. Sua mãe, a mulher de cabelos pretos que usava todas as partes do frango para alimentar sua família. Tio Hirsch segurando uma bola de futebol americano. Vovô pela cidade, com alguma coisa no rosto.

– Ele estava doente?

– Ah, você sabe – disse papai. – O pedaço de pano.

– Que pedaço de pano?

– Já lhe contei sobre o pedaço de pano.

– Não.

Olhei mais de perto. Um pedaço de pano branco que parecia encobrir toda a parte de baixo do rosto do meu avô, dobrado para cima e deixando uma abertura para a boca.

– Eu costumava dizer que parecia que ele estava usando uma cueca no rosto

– disse papai, balançando a cabeça.

– Contra alergias?

– Eu nunca lhe contei sobre isso mesmo?

– O quê?

– Que ele podia sentir o cheiro das pessoas?

– Ele podia o quê?

– Tem certeza?

Tossi um pouco.

– Aham, sim. Absoluta.

Ele tocou a imagem com a ponta dos dedos.

– Meu pai entrava numa loja, cheirava e era capaz de dizer muita coisa sobre quem quer que estivesse na loja, só com aquela cheirada. Quem estava feliz, quem estava infeliz, quem estava doente, com o que trabalhavam. Juro por Deus. Ele costumava usar essa coisa no nariz quando saía de casa. Meu pai! Imagina... Andando pela avenida Michigan com aquela coisa no rosto para ter um momento de paz.

Ele bateu no álbum, como se fosse incapaz de acreditar que houvesse uma fotografia do seu pai.

– Ele era um bom homem, um homem muito bom mesmo. Verdaderamente generoso. Mas você consegue imaginar o que era fazer compras com aquele homem? Uma vez eu lhe disse que não queria ser visto ao lado dele e me tranquei no quarto por dois dias.

Lá fora, os galhos das árvores farfalhavam ao vento. Senti um nó na garganta.

– Nunca disse aquilo novamente – contou papai.

– Ele disse que cheiro sentia? – perguntei, bem baixinho.

– Sofrimento – disse ele, dando de ombros.

– Eu amava meu pai – disse ele, ajeitando-se na poltrona. – Eu simplesmente o amava, mas amava mais quando ele não estava usando aquele pedaço de pano no rosto.

Puxei o álbum para perto. Olhei para o vovô, seus olhos pretos e sérios sobre o pedaço de pano. A vovó com uma expressão bondosa. Papai, com cinco aninhos, usando uma gravata borboleta.

– Ele morreu com cinquenta e quatro anos – disse papai. – Senti o cheiro da morte em si mesmo e morreu.

Ele passou um dedo pelo contorno da fotografia.

– Eu faço isso – eu disse.

– Faz o quê?

Fechei o álbum, como se para guardar tudo aquilo.

– Você consegue sentir o cheiro das pessoas?

– Com a comida.

– Você pode sentir o sabor das pessoas?

– Sim – eu disse, sem olhar para ele. – Quase isso.

Ele me olhou.

– Não brinque com isso. Você nunca me contou. É ruim?

Eu ri um pouco.

– Pode ser ruim.

Papai fechou os olhos e esfregou as pálpebras.

– Aham. Papai também odiava isso às vezes – disse ele, recordando. – Odiava, mas também conheceu algumas boas pessoas: ele entrou na Sears certa vez e, ao tirar o pedaço de pano do rosto para espirrar, sentiu o cheiro desse cara fantástico, uma pérola: Irv. O cara mais gentil do mundo, amigo da família durante anos. Você pode mesmo sentir o sabor das pessoas? Quer dizer que você tem de mordê-las?

Sorri olhando para o álbum.

– Não. Eu sinto o sabor na comida que elas preparam. Quem quer que cozinhe a comida.

Ele fez que sim, mas ainda estava com os olhos fechados e a testa franzida, intrigado. Ele parecia estar refletindo sobre várias possibilidades e analisando várias perguntas.

– Que família – disse ele.

Voltei às fotos, para ter algo para fazer. Papaizinho usando aquela gravatinha borboleta e com as mãos abertas no ar.

– Lindo – eu disse.

Ele esticou o pescoço para se ver melhor.

– *Argh*, essa gravata.

Juntos, ficamos olhando para a gravatinha como se fosse o acessório de vestuário mais interessante do mundo.

– Sabe que eu não tenho nenhum talento especial – disse ele.

– Eu lembro.

Ele fechou a boca.

– Nada parecido com você ou com o meu pai – disse ele.

Virei a página.

– Só tenho esse pressentimento – disse ele. – Sabe, eu vi o que aconteceu ao longo dos anos – aquele pedaço de pano! Você andaria pela cidade com um pedaço de pano no rosto o dia todo?

Ele remexeu na manga da camisa. Papai nos ombros do vovô, tentando colher uma ameixa dos galhos de uma árvore. Papaizinho risonho, num balanço.

– Que pressentimento?

– Eu só imagino – disse ele, cruzando os braços – que eu talvez fosse capaz de fazer alguma coisa num hospital. Não sei o quê. É muita coisa, entende? Que se eu fosse a um hospital alguma coisa poderia surgir, algum talento. É isso... Melhor não descobrir, é o que eu digo. Simplicidade! Não complique as coisas!

Não me movi. Fiquei bem imóvel.

– O que você quer dizer com alguma coisa poderia *surgir*? – perguntei, falado bem devagar.

– Só isso, eu poderia fazer alguma coisa especial. Num hospital.

Ele apertou os lábios um contra o outro. A lua escorrera pela janela e lançava um raio puro de luz através do vidro.

– Você não tem a menor ideia do que é?

– Não – disse ele, com sinceridade.

– E é só um pressentimento?

– Só uma sensação – disse ele, ajeitando-se na poltrona. – Quando eu vejo um hospital, tenho uma sensação de que eu deveria entrar. Entrar, entrar, entrar.

Enfiei as mãos nas dobras do apoio de braço. Meu pai, de uma hora para outra, ganhando forma.

– E você alguma vez entrou?

– Não.

– Nunca?

– Não estou interessado. Passei algum tempo com uma vizinha doente uma vez e foi o suficiente para mim.

– Ela melhorou?

– Ela melhoraria de qualquer maneira – disse papai, batendo com a mão no próprio braço.

– Mas você a ajudou?

– Duvido. Ela estava tomando vários remédios.

Segurei suas mãos.

– Bem, vamos lá! Vamos testar. É tarde, o hospital não vai estar cheio e eu estarei ao seu lado o tempo todo, certo? O que você acha? Isso pode ser muito bom! Quero dizer, talvez ajude, não é? Talvez seja algo importante para o mundo.

Seu corpo ficou mais pesado e inerte, quanto mais eu o puxava.

– Não. Desculpe, Rose. Eu vi o que isso fez com meu pai. Não vou entrar nessa.

– Mas eu ficarei ao seu lado – eu disse, implorando. – Ficamos lado a lado o tempo todo. É só um teste. Eu nunca sairei de perto de você.

Eu o segurei pelo braço com mais força, ele resistindo.

– E se for uma coisa incrível? – perguntei.

– Não. Obrigado, mas não.

Seus olhos procuraram os meus, como pedras. Ele deu um tapinha em minha mão e, com cuidado, soltou seu braço dos meus dedos. Seu peso ainda se afundando na poltrona.

– Mas talvez isso possa *me* ajudar.

Ele franziu a testa.

– Não entendo como. Comida e hospitais não são a mesma coisa.

Ele olhou para o álbum aberto para se controlar. Num longo e enfático contato com a versão infantil de si mesmo. Tive de me conter para não arrancá-lo da poltrona. Eu queria obrigá-lo a ir de qualquer maneira. Queria jogá-lo num hospital, do alto de um guindaste. Forçá-lo. Parecia algo incredivelmente dadivoso que ele tivesse opção de escolha, que pudesse seguir por um caminho diferente, mas, em vez disso, preferia ficar sentado, pensando, refletindo, sem nunca saber, sem nunca descobrir.

– O seu está sempre no mesmo lugar – eu disse, um pouco sem esperança.

– E?

Acariciei o estofado do braço da poltrona.

– Sorte – eu disse.

Ele mordeu os lábios e a palavra “sorte” ficou pairando ao nosso redor, a

palavra errada, que não significava coisa alguma.

– Rose – disse ele, sem emoção alguma. – Eu não consegui nem mesmo entrar no hospital para ver seu irmão.

E, com isso, seu rosto se fechou em si mesmo.

Era verdade. Quando Joseph fora internado no hospital, papai ficou do lado de fora das portas automáticas por mais de uma hora, tentando dar um passo à frente. Tentando, tentando. Eu havia passado por ele a caminho do quarto. Papai segurava um livro, para que as pessoas que o vissem achassem que ele tinha algo para fazer.

– Você não sabia que era a última vez – eu disse, baixinho.

– Mas mesmo que eu soubesse.

Por um instante, ficamos sentados, sem perceber a noite marcada pelo barulho distante dos carros freando e acelerando, andando pela Santa Monica Boulevard no sábado de madrugada. O luar atravessava a janela. Pensei naquela visita à sala de emergência, há tantos anos, e os médicos de pé, dizendo-me que eu não podia arrancar minha boca.

Deitei minha cabeça no braço da poltrona.

– Acho que se o meu estivesse todo num só lugar – eu disse –, talvez fizesse a mesma coisa.

Ele pôs a mão no meu braço. A palma gelada.

– Tem que comer, não é?

– É.

E assim que ele disse isso, como um pássaro cruzando os céus, a imagem do meu irmão surgiu na minha mente, e embora aquela imagem estivesse embaçada, me dei conta de que refeições ainda eram refeições, que a comida ainda continha todo um conjunto do início ao fim, e que eu podia escolher o que comeria e o que não comeria. E que se o talento do meu pai estava num hospital, ele poderia contorná-lo completamente, e o vovô parecia sentir o cheiro das pessoas principalmente em lojas, mas e se o que quer que Joseph sentisse todos os dias não fosse igual? E se ele não tivesse como evitar ou modificar? E se fosse uma constante?

Aproximei-me para tocar a mão de meu pai. Seus olhos encontraram os meus.

– Desculpe – disse ele, os olhos um pouco abatidos.

Ele me deu a mão e a apertou com força, e a luz fraca se intensificou por alguns segundos, brilhou e depois desapareceu de seus olhos. Ele passou a mão livre no rosto.

– Nossa, é tarde – disse ele, baixinho.

Ele soltou minha mão e bateu firmemente no meu ombro.

– Hora de ir para a cama – eu disse, sentando ajoelhada.

Ele fechou o álbum, mas manteve a mão no meu ombro e não o soltou, e havia mais palavras naquela mão que me segurava ali, um pouco mais que ele queria dizer. Foi como se, depois de ter revelado uma coisa enorme, ele achasse que talvez também pudesse me contar tudo. Eu podia ver uma urgência atlética nele, o impulso do corredor de resumir todas as coisas assustadoras num só momento e depois ir para a cama e dormir.

– Só mais uma coisa – disse ele. – Você viu alguma coisa naquele dia, não viu?

O luar iluminava seu rosto.

– Quando? – perguntei, por mais que soubesse.

Ele não respondeu. Continuei com a cabeça apoiada no braço da poltrona.

– Sim.

– Não quero saber o que você viu – disse ele, colocando o álbum na mesinha de canto. – Só quero saber uma coisa. Certo?

– Certo – eu disse, baixinho.

– Ele vai voltar?

– Não.

Ele fez que sim com a cabeça, como se estivesse preparado para aquilo. Continuou fazendo que sim durante um tempo.

– Foi o que eu pensei. Já faz tempo.

Ele levou a mão à testa como se para segurar um pensamento lá.

– Ele disse alguma coisa naquele dia, no apartamento? Ele lhe pediu alguma coisa no hospital?

– Não.

Ele balançava os pés no carpete. As faixas prateadas do seu tênis de corrida criando faíscas brilhantes de luar.

– Ele está bem?

– Não sei... Não sei como responder a isso.

– Ele tem alguma espécie de talento?

Fechei os olhos.

– Sim. Ele também tem.

Durante mais ou menos meia hora, meu pai ficou com a mão na testa, balançando os pés. Abalado e caído. Passando a notícia pelo seu corpo como se uma bolinha de fliperama tivesse caído ali e ricocheteasse em seus ossos e tendões. Era muito difícil para mim ficar olhando ou pensando naquilo, por isso fiquei de olhos fechados e dormi um pouquinho.

Por fim, acordei quando a lua estava baixa o bastante para lançar um raio sobre a poltrona e a mesinha de canto, iluminando a gravura dourada na capa do álbum de fotografia, que dizia “Álbum de Fotografias”. Meu pai sentado alerta, imóvel e calmo novamente.

Levantei-me. Agradei a conversa. Dei-lhe um beijo de boa-noite.

– Acho que vou só andar um pouco – disse ele, levantando-se e saindo pela porta da frente, para dentro do luar que iluminava seu caminho pela calçada.

43 No domingo pela manhã, caminhei até o café para trabalhar.

Era uma manhã simples de maio, o ar mais limpo do que de costume, as montanhas de San Fernando ao longe, como se os carros nunca tivessem sido inventados. Eu estava adiantada, as portas do La Lyonnaise ainda estavam fechadas.

Passei pela parede de tijolos da frente, vendo os pássaros cantarem nas linhas telefônicas, e bati na porta dos fundos até que o *monsieur* girasse a maçaneta e me deixasse entrar.

* * *

Às dez, cerca de sete pessoas esfomeadas se reuniam do lado de fora do café e, quando a porta se abriu, todas entraram e ocuparam seus lugares para o *brunch*. Lá fora, um vento leve do oceano agitava o ar limpo, e era esse mesmo ar que as levava para dentro do restaurante. Lavei pratos por três horas, minha cabeça cheia com meu pai e George, hospitais e panos no rosto, e então, quando a pilha de talheres diminuiu, perguntei ao garçom-chefe se podia fazer um intervalo de meia hora para almoçar. Ele concordou e eu saí da cozinha para me trocar, indo depois até o balcão de degustação de vinhos, onde me sentei num dos banquinhos entre um homem gordo com grandes papadas e uma mulher pequenininha de cabelos pretos, envolta num cachecol vermelho. O *monsieur* chegou, vindo da sala dos fundos, limpando o rosto com uma folha na mão.

– Mimosa? – perguntou ele, servindo uma taça de champanhe.

– Claro – disse o homem com papadas.

– Eu gostaria de experimentar o menu-degustação – eu disse.

O *monsieur* ergueu rapidamente a cabeça. Rugas de sono do final da manhã ainda saíram dos cantos de seus olhos.

– Um menu-degustação? – perguntou ele.

– Uma taça de Chardonnay, por favor – disse a mulher pequenininha com o cachecol vermelho.

Monsieur tirou outra garrafa da parede e a pôs de pé.

– Será que eu poderia comer minha comida aqui e lhe dizer o que sinto ao saboreá-la? – perguntei, minha voz um pouco trêmula.

Monsieur deu de ombros.

– Acho que sim. Você não é a nossa lavadora de pratos?

– Sou.

– Bom trabalho.

– Parece divertido – disse o homem. – Posso experimentar também?

Monsieur tirou a rolha da garrafa de vinho branco e serviu uma taça tremeluzente para a mulher.

– Uma quiche, por favor – eu disse.

– Quiche – ecoou o homem. – Deliciosa.

A mulher com o cachecol vermelho passou alguns minutos concentrada e com o nariz enfiado na taça de vinho. A madame saiu dos fundos, de onde o cheiro de cebolas caramelizadas chegou até nós, no balcão, como um cumprimento tardio de bom-dia, doçura e produtos industrializados. Ela e o *monsieur* passaram alguns minutos conversando, a mão dele pousando

tranquilamente na nuca da mulher. Um garçom entrou na cozinha e voltou com dois pratinhos com fatias de uma quiche de massa dourada. *Monsieur* serviu outra taça de vinho para a mesa e depois pegou as palavras-cruzadas do *The New York Times* e um lápis carcomido. Ele ficou balançando sobre o seu banquinho atrás do balcão e começou a ler as dicas.

Perto de mim, o gordo pegou seu prato. Lá fora, os carros iam e vinham pela Vermont, entrando em vagas de estacionamento. Olhei para a quiche, com suas beiradas crocantes e douradas.

Peguei meu garfo.

O homem ao meu lado comeu sua porção apressadamente.

– Então... nós dizemos o que sentimos ao comê-la? – perguntou ele.

– Claro.

– Ovos – disse ele. – Sinto o sabor de ovos.

Eu ri. *Monsieur* manteve os olhos nas palavras-cruzadas, que estava intacta.

– Aham – disse o *monsieur* para o jornal. – É verdade, é verdade. Com certeza há ovos na quiche.

– E este vinho tem um quê de rosas? – perguntou a mulher ao meu lado.

Dei uma mordida na quiche, feita com tanto carinho e harmonia, e engoli.

– Eu só queria dizer que os ovos vêm de Michigan – eu disse.

O gordo mordeu os lábios.

– Não estamos falando do lugar – disse ele, e comeu outro pedaço. – Creme de leite.

Puxei meu banquinho para perto do balcão. Madame veio da cozinha e ficou na porta.

– Sim – disse ela. – Tem creme de leite na quiche.

– Na verdade, eu acho que é meio a meio – eu disse.

– Não – disse ela, mas ficou um pouco vermelha. – Ah, é você.

Monsieur levantou os olhos das suas palavras-cruzadas.

– Estou no meu intervalo – eu disse.

Ela fez que sim, sem se importar. Seus olhos se desviaram para a parede lateral.

– Veja bem, existem dois tipos diferentes de leite – eu disse, inclinando-me para frente. – Um é o creme de leite de Nevada, eu acho, devido ao sabor ligeiramente mentolado, mas tem também o leite comum, de Fresno.

– Bem – disse ela, entrando em seguida na cozinha para abrir a geladeira e de lá tirar uma embalagem.

Monsieur escreveu cuidadosamente quatro letras nos quadradinhos.

– Quiche lorraine – disse ele, para o jornal. – Batizada assim por causa da região de Lorraine, no nordeste da França, comida originada no século XVI. Influência alemã.

– Hummm – disse a mulher com cachecol vermelho.

Bebi um gole d'água.

– Porcos orgânicos – acrescentei. – Norte da Califórnia.

– Ela está inventando – disse o homem com papadas.

– Estou certa?

Monsieur ficou girando o lápis, pensando.

– Como você sabe que são orgânicos?

– Está no sabor residual – eu disse. – Granulado. Acho que do leste de Modesto.

– Fresno – disse o *monsieur*, bufando. – Assim como o leite. É um fazendeiro de que gostamos muito. Ben.

– A manteiga é francesa. Não é pasteurizada. A salsa é de San Diego. O cara que cultiva a salsa é um babaca – eu disse.

– Ah – disse o *monsieur*, batendo no balcão. – Não sei por que continuamos indo até ele. É mesmo um babaca.

– Você pode sentir o sabor disso? – perguntou, surpresa, a mulher de cachecol vermelho.

– Na maneira como a salsa foi colhida. Ele a colhe grosseiramente.

A madame voltou para a área do bar.

– Bom trabalho com o leite – disse ela. – Você olhou dentro da geladeira?

– E quanto à noz-moscada? – perguntou a mulher de cachecol vermelho.

Madame meneou a cabeça e a mulher ficou vermelha.

– É uma pegadinha – disse a madame, levando a ponta do laço do seu avental à boca. – As pessoas nunca esperam por isso.

Monsieur me olhou diretamente, esperando.

– De longe – eu disse. – Indonésia? Frete padrão.

– E a massa? – perguntou o gordo.

– Local. Acho que vocês a fizeram aqui mesmo.

– Eu a fiz – disse *monsieur*. – Eu mesmo. Na noite passada.

– Deliciosa – eu disse.

– Por que eles estão comendo no balcão de degustação de vinho? – perguntou a madame.

– Sal marinho – disse a mulher com o cachecol vermelho.

– Você não está nem comendo – disse o homem.

– É uma degustação de comida – eu disse. – E não uma degustação de vinho.

– A cobertura – disse o homem gordo, pensando alto. – A cobertura é...

Dei outra mordida. Deixei que a informação surgisse, devagar. *Monsieur* havia parado de fazer suas palavras-cruzadas e eu podia senti-lo me observando agora. Alerta. A sensação incômoda de estar sendo atentamente observada.

– O cozinheiro está um pouco desiludido – eu disse.

– Hummm – disse a madame, apoiando-se nas garrafas de vinho.

O homem gordo ao meu lado limpou a testa com o guardanapo.

– Desilusão não é um ingrediente – disse ele.

Mas eu a olhava nos olhos e mantinha o olhar.

– Mas o cozinheiro adora misturar a massa – eu disse. – Adora a harmonia de combinar os ingredientes certos.

– É verdade – disse o *monsieur*, confirmando com a cabeça.

A mulher de cachecol vermelho parou de cheirar sua taça e ficou ouvindo.

– Também há certa pressa durante a mistura. Demora cerca de oito

minutos? – perguntei.

O homem ao meu lado levantou a mão.

– E a cebolinha? – perguntou.

– Oito minutos. Você estava com pressa?

– Talvez quatro – desprezou a madame.

Monsieur levantou os olhos para o teto, refletindo.

– Enquanto ela estava fazendo a quiche, pensava em ligar para Édith, nossa filha – disse ele, olhando para mim. – Lembra, Marie?

Atrás do balcão, a madame estava arrumando as garrafas de vinho. Parecia que ela estava tirando uma garrafa, trocando por outra da mesma marca.

– Ela tem gosto de algo feito oito minutos antes – eu disse.

– Édith está em crise – disse o *monsieur*. – Ela não consegue ser aprovada em japonês.

Madame soltou a garrafa.

– Não foram oito minutos – disse ela para mim.

– Oito.

– Ela não sabe escrever *kanji* direito – disse *monsieur*.

– Cinco minutos – disse a madame.

Monsieur deu de ombros. Um sorrisinho surgiu em sua boca.

– Também há um quê de tristeza na comida – eu disse.

Agora ele deixou mesmo seu lápis de lado e dobrou o jornal com as palavras-cruzadas.

– Em todos nós – concordou ele.

Eu me ajeitei no banquinho. Enrolei novamente meu guardanapo. Foi a primeira vez em muito tempo que eu me deixara levar totalmente por minhas impressões. Eu queria me apresentar para as pessoas que eu queria conhecer. Isso era tudo.

Ao meu lado, a mulher de cachecol vermelho voltou a olhar para o meu prato.

– A massa é feita de farinha, manteiga e açúcar – eu disse.

– Chega! – disse a madame, aproximando-se.

A concentração foi quebrada e a madame serviu à mulher meia taça de vinho grátis e o homem terminou de comer a quiche e falava com o *monsieur* animadamente sobre vários tipos de *bacon*. Fiquei no meu lugar. Enquanto *monsieur* e o homem riam, a madame chegou mais perto de mim.

– Como você faz isso? – perguntou ela, baixinho.

– Não sei. Eu simplesmente faço.

Ela estendeu os braços sobre o balcão. Alguém chamou os dois da cozinha e eles saíram correndo para atender aos outros clientes, mas eu sabia que aquilo não havia acabado. Enquanto esperava, a mulher de cachecol vermelho bateu no meu ombro e sorriu para mim.

– Oi – disse ela.

Eu lhe disse bom trabalho, por ter adivinhado a massa sem nem mesmo prová-la.

– Você não sabe mesmo todas as informações sobre a comida de antemão?

– perguntou. Ela estava mexendo na bolsa, à procura de alguma coisa. Tinha uma expressão alerta, os olhos brilhando como passarinhos.

– Não.

– Você é bem inteligente – disse a mulher, deixando de lado papéis de chicletes e canetas.

Ela piscou para mim. O cachecol vermelho criava certo efeito em seu rosto, uma espécie de timidez boa.

– Obrigada – eu disse. Passei meu guardanapo pela mesa. – É só isso.

– Aha! – disse ela, tirando um cartão de visitas da bolsa e estendendo-o na minha direção sobre o balcão. No cartão estava seu nome e o nome da sua função em alguma coisa a ver com escolas.

– Então você pode dizer coisas com base na comida? – disse ela. Seus olhos me encaravam.

Não hesitei.

– Sim.

– Muitas coisas?

– Sim, muitas.

– Por que você não me liga, então? – disse ela, seu jeito irrefletido desaparecendo. Seus olhos se mantiveram firmemente nos meus, e ela parecia uma boa pessoa, de repente melhor. – Eu talvez tenha uma utilidade para você.

Peguei o cartão, segurando-o pelos quatro cantos.

– Trabalho com adolescentes – disse ela.

Ela se virou e saiu do restaurante. Não olhou para trás, mas o cartão é um pedacinho retangular dela. Eu o guardei no bolso.

O bar havia esvaziado. O homem gordo fora embora, juntando-se ao restante do tráfego diário. *Monsieur* e madame estavam ocupados no balcão, vendo os pedidos, tirando copos. Madame ainda olhava para as mesas, avaliando, mas a sensação havia mudado. A distância de antes era agora o desconforto e a timidez de ir a um primeiro encontro com alguém que você acha que talvez possa gostar.

Monsieur veio até a frente do bar, do outro lado. Ele me estendeu a mão. Nós nos cumprimos.

– Qual é mesmo o seu nome?

– Rose – eu disse. – Rose Edelstein.

– Bem, Rose Edelstein, parece que nós todos deveríamos tomar um café.

44 – Então você quer se tornar cozinheira? – perguntou a madame enquanto caminhávamos juntos para o carro deles.

– Ainda não tenho certeza.

– Eu estou lhe ensinando a cozinhar?

– Talvez. Só quero estar por perto enquanto você cozinha. Tudo bem? É do que preciso.

– Uma crítica gastronômica?

– Só quero aprender mais sobre isso. Não fui para a faculdade.

– Não me importo com isso. Quantos anos você tem mesmo?

– Tenho 22.

– Você sabe cortar cebolas?

– Acho que sim.

– Bem, então – disse ela, pegando uma rede vermelha de cebolas do porta-malas do carro –, é aqui que começamos.

Quando as pessoas perguntavam para minha mãe onde Joseph estava respondia que ele estava numa jornada. Era uma palavra da qual mamãe gostava, cheia de aventura, literatura e nobreza de espírito. Às vezes ela dizia que ele estava nos Andes, aprendendo sobre culturas antigas. Outras vezes que ele era um mergulhador de águas profundas no litoral da Austrália, ou então um surfista; dependendo do seu humor, ele andava sobre ou sob as ondas. Ela transferiu o investimento dele para uma conta de alta rentabilidade e pouca atividade no banco, onde o dinheiro crescia sozinho.

Ela ainda passava a maior parte do tempo no estúdio de marcenaria e, durante algum tempo, seus projetos se tornaram bem pequenos e intrincados: pilares de madeira ou caixinhas de remédios de madeira, com entalhes de flores. Tripés refinados de madeira, no qual colocava pequenas molduras, também de madeira. Ela ficou amiga de uma menina da rua só para lhe construir uma casa de bonecas toda mobiliada, mas a menina era uma moleca, e quando minha mãe encontrou seu conjunto de quarto perfeito esmagado por uma bola de basquete, desistiu.

Duas vezes por semana, eu cozinhava para ela. Pegávamos os livros de receitas juntas e ela se sentava e me perguntava sobre o restaurante e me contava sobre as inovações da carpintaria enquanto eu folheava o *Joy of Cooking* [*Alegria de cozinhar*] sistematicamente. Eu insistia para ela se sentar, que eu não precisava de ajuda, que ela já cozinhará muito. Mais uma vez, minha salvação parecia a qualquer pessoa de fora o bom e generoso dever de filha. Durante meses, comemos apenas petiscos e depois sopas, saladas e entradas. Eu pulava as receitas que pareciam difíceis demais e minha mãe escolhia suas preferidas e fazia exigências.

Ela se acostumou com o que eu fazia. E eu cozinhava para ela. Eu só comia um pouquinho, dependendo do quanto eu estava disposta a suportar em determinado dia. Os equilíbrios dentro de mim estavam mudando pouco a pouco, diariamente. Quando o aniversário dela se aproximou, eu assei um bolo de coco com cobertura de creme e nós nos sentamos de frente uma para a outra na mesa, com grandes fatias.

– Oito – suspirou meu bolo. – Você ainda quer voltar para seus oito anos, quando não sabia muito sobre nada.

Servi uma xícara de chá de camomila para ela. Ela me agradeceu, ainda linda, com rugas finas surgindo das sobras de suas pálpebras. Não falamos mais sobre Larry e seu pânico constante em relação a Joseph diminuir um pouco com o tempo, mas eu ainda podia perceber a tensão em sua testa quando mamãe se lembrava de que ele não estava telefonando, que era hora do telefonema e o telefone não estava tocando.

– Para onde ele foi? – perguntava, esfregando os cantos dos olhos, no garfo trêmulo, e tudo o que eu era capaz de lhe dar era aquele bolo: meio sem gosto, meio satisfatório, cheio de todos os meus próprios problemas, e ali, com os raios de sol batendo na mesa, comemos as fatias juntas.

– Seu melhor bolo até agora – suspirou minha mãe, lambendo o garfo.

Comemos duas fatias cada, naquela tarde. Bebemos mais chá. Para

prolongar o tempo, mais do que qualquer coisa.

Nenhuma de nós mencionou que havíamos chegado à parte de sobremesas do livro, depois do que só havia o índice.

Depois do bolo, lavamos a louça, como sempre. Lavamos as tigelas. Guardamos a espátula mas eu podia sentir a vibração das lágrimas, uma espécie de colmeia de dor se agitando dentro dela, enquanto arrumava as facas e os garfos dentro do recipiente da lavadora de louças. Depois de alguns minutos, ela levantou os olhos para olhar pela janela da cozinha.

– Mas você gostava tanto!

– Gostava. Há muito tempo.

Ela passava a esponja pela beirada da pia, para limpar os restos de comida. Ela não me encarou, mas eu podia sentir a vibração das lágrimas, uma espécie de colmeia de dor se agitando dentro dela, enquanto arrumava as facas e os garfos dentro do recipiente da lavadora de louças. Depois de alguns minutos, ela levantou os olhos para olhar pela janela da cozinha.

– Às vezes – disse ela, mais para si mesma –, sinto que não conheço meus filhos.

Fiquei ao lado dela, como que só para ouvir. De perto. Ela disse aquilo para a janela, para os vasos de flores à nossa frente, cheios de amores-perfeitos e narcisos, murchando ao fim do dia – para onde ela direcionara todas as suas súplicas e perguntas quanto ao seu filho desaparecido ao longo dos últimos anos. Era uma afirmação fugaz, à qual eu não acho que ela se apegava; afinal, ela nos dera à luz sozinha, trocara nossas fraldas e nos alimentara, nos ajudara com a lição de casa, beijara e nos abraçara, derramando seu amor sobre nós. Que ela talvez não nos conhecesse de verdade me parecia a coisa mais humilhante que uma mãe podia admitir. Ela secou as mãos no pano de prato, já voltando para seu mundo de sempre, onde um pensamento como aquele era ridículo, sem sentido, mas eu o ouvira, ali de pé, e foi a primeira coisa que ela disse em muito tempo e que eu podia compreender.

Aproximei-me e beijei seu rosto.

– De nós dois – eu disse.

No intervalo para o almoço no trabalho, saí para me encontrar com a mulher que usava o cachecol vermelho num velho prédio com fachada de pedra na Franklin, bem perto do tráfego da autoestrada. Ela trabalhava com crianças em risco e escreveu tudo o que eu disse num bloco de papel amarelo. Eu queria rir da formalidade daquilo tudo, de como ela escreveu seriamente *biscoitos* e *baunilha* e *emoções nas comidas*. Decidimos que na semana seguinte as crianças assariam fornadas de biscoitos para que eu pudesse saboreá-los. Eu a alertei que aquilo não era algo que eu fazia com frequência.

– O que você puder – disse ela, escrevendo aquilo também. “Não com frequência.”

No trabalho, Peter me convidou para outro passeio. Cruzamos a cidade em zigue-zagues.

Naquela noite, fui até o café. Madame e *monsieur* estavam ocupados discutindo os recentes planos do cardápio para o restaurante e a madame preparou um sanduíche rápido de baguete para eu jantar, com patê e pepinos cornichon. Os pepininhos picantes, geralmente ácidos demais para o meu gosto, eram hoje como pequenos pontos de exclamação depois do patê: Patê! Patê!

– O pato? – disse ela, torcendo o nariz.

– Ótimo.

– Salada?

Comi uma garfada de alface.

– Hummm – eu disse.

– É orgânica?

– Sim.

Bom. Ela bateu palmas.

– Eu não tinha certeza se ele estava me dizendo a verdade – disse ela. – Os preços dele são bons.

Enquanto eu terminava de comer, *monsieur* veio da sala dos fundos com um cadeado.

– Queremos que você tenha um armário. Para guardar suas coisas.

– Você terá seus instrumentos – acrescentou a madame. – E você precisa manter um avental aqui, e uma muda de roupas, para o caso de você ter de ir para o centro. Mercados.

– Certo.

Ele me deu a chave desajeitadamente, e também um panfleto com instruções.

– Eu me esqueço de como isso funciona – disse ele.

Girei o tambor com os números na frente do cadeado.

– Escolha três números fáceis de lembrar, certo?

Eu o virei em minhas mãos. Um cadeado comum, preto e com linhas entalhadas entre os números.

– Posso colocar outras coisas no armário? – perguntei, tocando no círculo em frente.

– Ah – disse ele, levantando os ombros. – Não tem problema. O que for

importante. Queremos que você se sinta em casa.

* * *

Fui olhar nos fundos. O restaurante consistia de três ambientes: o salão principal, com cabines, mesas e o balcão de degustação de vinhos, a cozinha e a despensa nos fundos, para comidas e outros materiais. Na parte de trás, eles limpavam o armário para mim. Era do tamanho de um armário comum de corredor, com um abridor de madeira em cima e uma prateleira. Na porta havia uma tira de metal onde eu podia prender o cadeado. Fui até meu carro, escolhendo os três números. Nove, doze, dezessete.

Em casa, no jantar, expliquei aos meus pais que eu trabalharia meio expediente no café, aprendendo a cozinhar de um jeito ou de outro. Que eu teria um espaço para mim. Eu lhes pedi todas as coisas que queria. Os dois acenaram positivamente para mim.

– Não estou saindo de casa ainda. Mas é um primeiro passo.

Eles me ajudaram a levar as coisas para o carro. Minha mãe disse que queria ser a primeira a provar a primeira refeição que eu fizesse fora de casa.

– Estamos tão orgulhosos de você – disse mamãe.

Eles ficaram lado a lado enquanto eu me afastava, seus sorrisos paralisados como se costurados com uma linha de pesca. Enquanto eu me afastava, buzinei uma vez e meu pai levantou a mão.

* * *

Foi fácil tirar as coisas do carro, no café. Dentro do armário, coloquei minha bolsa, um paletó branco de *chefe* uma caixa cheia de utensílios de cozinha e livros que eu trouxera por vontade própria. A caixa de teca com as cinzas da vovó. O porta-joias de carvalho da minha mãe. O avental dela, com trepadeiras entrelaçadas, que ela me deu de presente depois que lhe preparei carne assada. Um banquinho frágil de veludo que eu não queria que fosse reestofado. Um pôster enrolado com a imagem de uma cachoeira. Uma beca de formatura no plástico.

No canto, a cadeira dobrável.

47 Ele voltou durante duas semanas naquela mesma primavera em que encontrei. Gravemente desidratado. Mais magro do que nunca. Com a pele azulada, bolsas sob os olhos. Em silêncio, enquanto os médicos examinavam e pressionavam.

* * *

Quando mamãe o descobriu caído no chão do seu quarto, foi ela quem chamou a ambulância para levá-lo ao Cedars-Sinai, o hospital onde nascemos. Durante os primeiros dias, ele ficou em tratamento intensivo e, depois que seus órgãos vitais se estabilizaram, eles o transferiram para o sétimo andar, onde podia se recuperar. Os pés de meu pai se congelaram diante das portas automáticas da entrada, por isso ele chamou todos os especialistas que conhecia – ex-clientes, amigos de amigos, parceiros de tênis – e os enviou para lá para que ajudassem a descobrir o que havia de errado com seu filho. No dia em que fui visitá-lo, vi o carro de papai estacionado na rua, do lado de fora do hospital. Estava vazio, e na entrada ele se encontrava a alguns metros das portas automáticas, concentrado na leitura de um livro. Naquele dia, eu tinha um motivo para estar ali. Não parei para dizer oi.

O fim de semana me parecia movimentado demais para uma boa visita, por isso tirei o dia de folga na escola e fui ao hospital andando, num dia útil, sozinha. Apenas pensando, durante todo o trajeto, enquanto passava pelo prédio que abrigava a velha confeitaria, a casa de Eliza e até mesmo a sala de emergência para onde fui anos atrás, quando quis arrancar minha boca. Dentro das portas automáticas da recepção, perguntei a um enfermeiro com óculos redondos gigantescos pelo número do quarto de Joseph: 714. Era quase meio-dia e o hospital tinha uma sensação agradável, como se não fosse um hospital, e sim um lugar onde as pessoas faziam negócios de saúde. Não havia muita urgência. Bipes e cliques lentos. Subi pelo elevador até o sétimo andar com uma mulher usando um terno carmesim brilhante. Suas unhas, igualmente carmesins, eram compridas e curvas demais para apertar os botões do elevador, por isso ela me pediu para apertá-los para ela.

– Claro – eu disse.

O seis e o sete se acenderam ao meu toque.

No sétimo andar, na recepção, expliquei que estava ali para ver meu irmão. A enfermeira, uma negra com um nariz perfeito e cabelos pintados de vermelho, disse que ele estava passando por um exame naquele momento por um especialista e que eu teria de esperar. Ela apontou em direção à área comum e eu encontrei um lugar para me sentar no corredor do lado de fora do quarto dele, onde esperei pacientemente, vendo as enfermeiras ocupadas com seus computadores, o quadro de avisos anunciando mudanças de diretrizes com tinta vermelha e desenhos coloridos de famílias feitos por pacientes entediados. Dormi um pouco, no meu lugar. Médicos entravam e saíam do quarto de Joseph. Fui até uma janela ali perto e, claro, o carro de meu pai estava no lugar de sempre, quase diretamente embaixo da janela de Joseph.

Minha mãe chegou, beijou-me, não me repreendeu por faltar à escola e entrou no quarto de Joseph, ouvindo. Então ela saiu correndo, me jogou um beijo de despedida. Ela o visitava várias vezes por dia.

Outra hora se passou. A manhã virou tarde. À uma, comprei o almoço na cantina, um hambúrguer desprezível grelhado por um idiota que queria ser famoso. Eu o comi no meu lugar no corredor.

Quando terminei, a enfermeira com o nariz escultural se aproximou.

– Você pode entrar sempre que os médicos estiverem lá dentro – sugeriu. – Ele é membro da sua família.

Fiz que não. O refrigerante borbulhava em minha boca. *Buzz, buzz.*

– Não, obrigada – eu disse. – Quero passar um tempo sozinha com ele.

Ela voltou para seu lugar na recepção para verificar a programação. Voltou. Usava um belo par de brincos, pedaços de ouro entrelaçados que balançavam quando ela se movia, como carrilhões pendendo de suas orelhas. Ela me disse que, quando o médico que estava lá dentro saísse, ninguém mais estava agendado por pelo menos meia hora.

– Obrigada.

Ela me entregou uma revista e eu lhe disse que havia gostado dos brincos.

– Você é muito paciente – disse ela.

Li a revista de moda do começo ao fim e aprendi qual é o melhor jeito de ressaltar meu rosto com franjas. Como se dar bem no trabalho sendo assertiva. O ar estava quente no hospital – era uma tarde quente de maio, seca e empoeirada, com a brisa Santa Ana soprando do leste e, lá dentro, somente um ventilador funcionava num canto, fazendo circular o ar fraco que saía dos dutos do ar-condicionado. Fechei os olhos e fiquei ouvindo todas as coisas que aconteciam atrás de mim: as enfermeiras, outros pacientes, presos em seus quartos, os especialistas avaliando as informações do meu irmão. O ar fresco circulando; o ventilador.

Por fim, o último médico ergueu a voz num sinal de despedida e a enfermeira ajudante saiu, e quando todos os vários profissionais se afastaram para cuidar dos demais pacientes e a entrada se esvaziou, levantei-me e entrei no quarto de Joseph. Sua cama virada para o oeste e, pela janela às suas costas, o sol entrava e iluminava o chão. Joseph estava virado para o outro lado, mas quando puxei uma cadeira para perto da cama, ele virou sua cabeça para ver quem estava ali e, ao ver que era eu, seus olhos se atenuaram. Uma coisa que eu jamais esperei, em toda a minha vida. Durante um tempo, ficamos em silêncio, juntos. Um avião passou pelo céu lá fora. Jardineiros tiravam as folhas caídas dos jardins. Carros passavam na esquina das ruas Três com San Vicente. Em certo momento comecei a falar e a lhe contar sobre os relatórios da política, a reação de todos e sobre a teoria geral da mochila pronta e dos arbustos, e enquanto eu falava, ele se aproximou e pegou minha mão.

Seu braço estava preso a vários tubos. Foi a primeira vez que eu me lembrava de uma situação dessas, ele segurando minha mão, e a segurou concentradamente, com os dedos me apertando. Aqueles dedos de pianista, quentes e fortes. Puxei minha cadeira para perto, bem para a ponta da maca. Ele me segurava com força e, enquanto falávamos, sua voz diminuiu para um sussurro. Era o tipo de conversa que só se podia ter sussurrando.

– Você é a única que sabe – disse ele.

Numa voz tão tranquila que eu tive de pôr meu ouvido perto da sua boca,

falava tão baixinho que eu mal podia entender as palavras. Ele sussurrou que a cadeira era sua preferida e a mais fácil de manter. Que em outras ocasiões ele se transformou na cama, no armário, na mesa, no criado-mudo. Demorou e exigiu a prática quase constante. Era bom quando ele se afastava, mas terrivelmente ruim quando voltava.

– Eu tentei várias alternativas – disse ele. – Tentei opções diferentes. Mas a cadeira é a melhor.

Fechei os olhos enquanto ele falava para ouvir melhor. As palavras quase ininteligíveis. O sol nas nossas mãos. Os lençóis presos à cama do hospital, exalando um cheiro forte de alvejante.

– Dói? – sussurrei.

– Não.

Seus dedos eram finos e frágeis sob os meus.

– Você sabe enquanto está longe?

– Não – disse ele. – Não sei de nada enquanto estou longe.

– Você sente a passagem do tempo?

Ele balançou a cabeça.

– Não.

O cobertor na sua cama ficou mais quente, aquecido pelo sol que entrava pela janela. O sol entorpecente do fim da tarde em Los Angeles. Abri os olhos. Sua pele ainda estava pesada, como sempre fora, como se mais tempo se prendesse ao seu rosto do que fazia sentido, como se ele fosse uma versão viva da divisão relativa entre o tempo na Terra e o tempo no espaço. Não havia muito tempo; logo outros especialistas enviados pelo nosso pai entrariam, ficariam de pé com suas pranchetas, canetas e estetoscópios.

– Então, Joseph. Tenho de lhe pedir um favor.

As máquinas zumbiam atrás de nós. Do lado de fora da porta, uma enfermeira passou andando, seus passos leves, as solas emborrachadas.

Joseph apertou um pouco minha mão, em resposta.

Você não podia pedir coisas facilmente para o meu irmão. Eu nunca lhe pedira nada realmente importante. Ele enviou George até a escola daquela vez, mas durante anos eu implorei para que ele brincasse comigo, o que ele só fazia se minha mãe lhe oferecesse um livro novo de ciências como propina. A única vez que ele me abraçou espontaneamente foi naquele dia, há muitos anos, quando voltei para casa da emergência do hospital depois de ter aquele ataque quanto à minha boca. Nós não saíamos juntos nem comíamos juntos por opção, nem nos falávamos ao telefone. Às vezes eu tinha certeza de que ele não sabia nem meu nome. Mas apertei sua mão e, com os olhos baixos, apontados para o canto do travesseiro, acompanhando a borda da fronha, eu lhe contei sobre a linha que desenhara na cadeira. Eu lhe pedi para pegar aquela cadeira, no futuro. Não outra cadeira. Nem outra coisa. Aquela. De modo que, não importa o que acontecesse, eu pudesse saber.

– É só uma linha feita com uma caneta esferográfica. Mas é fácil de ver.

Aproximei-me. Seu coração, no marcador verde, subia e descia na tela próxima.

– Por favor – eu disse. Seus olhos ainda estavam amáveis, olhando para

mim. – Você me ouviu, Joe?

– Sim.

– Faz sentido?

– Faz.

– Você fará isso?

Ele apertou sua mão contra a minha.

– Sim.

...

A caminho de casa, passei pelo carro de meu pai. Ele estava sentado no lado do motorista, dormindo, a cabeça caída sobre o peito, pesada. Peguei uma camélia de um arbusto perto e a deixei no para-brisa.

Fui para casa, sozinha.

...

Houve uma reportagem numa revista. Sobre uma ilha no litoral central da Califórnia onde viviam umas poucas pessoas. Ao redor da ilha havia várias árvores com uma espécie de casca elástica e saborosa, mas os pássaros tomaram conta das árvores e poucas sobreviveram. Uma, em especial, caiu – um tipo de palmeira antiga e elegante, uma beleza. Ela crescia perto da borda da ilha e, apesar de suas raízes vorazes e seu tronco enorme, ela não foi páreo para o impacto constante dos bicos e das fezes, do tempo e das tocas de esquilos que arruinaram suas raízes embaixo. Ela caiu no oceano. Era uma reportagem sobre a ilha. Sobre os animais, as árvores e os festivais. Eu a li no dentista, enquanto esperava para fazer uma limpeza.

Muitas árvores no segundo anel, um pouco mais acima, também foram destruídas por animais, mas algumas sobreviveram. Lá havia um equilíbrio maior entre sol e sombra: as raízes podiam escavar mais fundo, os pássaros eram menos numerosos, e uma das árvores naquela área sobreviveu, estendendo-se para os lados com os galhos entrelaçados. Era uma árvore interessante, que despertava comentários entre os habitantes da ilha. Eles a consideravam um símbolo de sobrevivência, pelo modo como ela tombava drasticamente para um dos lados. O festival de verão era realizado sob os galhos daquela árvore, muitos casamentos também aconteciam sob o galho principal, os votos ensopados de lágrimas, com mensagens de graças.

Dezoito metros? As outras árvores cresciam retas. Havia espaço o bastante para as raízes se desenvolverem. Pássaros pousavam e voavam. Os buracos dos esquilos não causavam danos. As árvores eram fortes e úteis. Elas ofereciam sombra e oxigênio.

Era tão diferente assim, o modo como eu ainda gostava de comer comida industrializada e de máquinas automáticas? Como certa vez, no primário, eu fora pega realmente ajoelhada diante de uma máquina dessas, de joelhos mesmo, em posição de oração, com a cabeça baixa, sussurrando um obrigada para a gradinha metálica que recebia os saquinhos depois que caíam pela calha? O segurança, andando pela escola, riu de mim.

– Eu achava que *eu* é que gostava de Oreos – ele disse, rindo.

– Eu adoro – eu lhe disse solenemente, pegando a embalagem. – Estou apaixonada por isto.

Eu tinha uns doze anos na época. Não sei como sobreviveria sem aquela máquina na escola. Em oração, agradecia por ela, e por quem quer que a alimentasse e por quem quer que a tivesse comprado, todas as noites.

Era tão diferente da opção por uma cadeira dobrável, exceto que minha escolha significava que eu podia permanecer no mundo e a dele não?

Agradecimentos

Muito obrigada ao Centro Cardiológico da Imaculada Conceição e às empresas de Yaddo; pela sabedoria e grande ajuda de Bill Thomas, Henry Dunow, Melissa Danaczko, Alice Sebold, Glen Gold, Miranda Jung, Mike Jung, Suzanne Bender, Clifford Johnson, Harold Meltzer, Meri Bender e sua coreografia *Quarteto*, David Bender, Karen Bender, Brian Albert, Phil Hay, Julie Reed, Lori Yeghiayan, Helen Desmond e Mark Miller.

Sumário

Ficha Técnica	3
Parte um	6
Parte dois	59
Parte três	127
Parte quatro	145